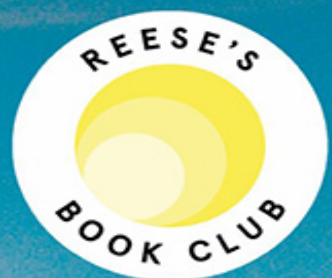


BESTSELLER DO NEW YORK TIMES



O CLUBE

ELLERY LLOYD

TOP
SEL
LER

«Inteligente, ousado e cheio de estilo;
vai direto à jugular.»

People



ELLERY LLOYD

O
CLUBE



os livros em primeiro lugar



Penguin
Random House
Grupo Editorial

Edição em formato digital: agosto de 2023

O CLUBE

Título original: *The Club*

Texto © 2022, Ellery Lloyd Limited

Publicado por Mantle,
uma chancela de Pan Macmillan, Londres
Todos os direitos reservados.

© desta edição:
2022, PRH Grupo Editorial Portugal, Lda.

Topseller é uma chancela de
Penguin Random House Grupo Editorial Unipessoal, Lda.
Rua Alexandre Herculano, 50, 3.º, 1250-011 Lisboa
correio@penguinrandomhouse.com

Penguin Random House Grupo Editorial Unipessoal, Lda. apoia a proteção do *copyright*. Sem a prévia autorização por escrito do editor, esta obra não pode ser reproduzida, no todo ou em parte, por meio de gravação ou por qualquer processo mecânico, fotográfico ou eletrónico, nem ser introduzida numa base de dados, difundida ou de qualquer forma copiada para uso público ou privado, além do uso legal como breve citação em artigos e críticas.

Tradução: José Remelhe
Revisão: Marta Poiares
Capa: Caroline Johnson
Fotografias da capa © Niall McDiarmid/Millennium Images,
Reino Unido (piscina); © Getty Images

ISBN: 978-989-787-381-2

Composição digital: leerendigital.com
Composição digital PRHGE: Luís Gomes

Site: penguinlivros.pt
Twitter: [@PenguinLivrosPT](https://twitter.com/PenguinLivrosPT)
Facebook: [topseller.editora](https://www.facebook.com/topseller.editora)
Instagram: [topseller.suma](https://www.instagram.com/topseller.suma)

Índice

O Clube

Créditos

Capítulo Um

Capítulo Dois

Capítulo Três

Capítulo Quatro

Capítulo Cinco

Capítulo Seis

Capítulo Sete

Capítulo Oito

Capítulo Nove

Epílogo

Agradecimentos

Sobre este livro

Sobre Ellery Lloyd

Já o Land Rover ia a meio do caminho, quando se tornou óbvio que nunca conseguiriam chegar ao outro lado. Não com a rapidez com que a maré estava a subir. Não com a distância que ainda faltava percorrer. Nesse momento, o que fazer? À exceção de um cruzamento, e mesmo nos sítios onde é mais largo, o caminho que liga a ilha ao continente só tem a largura de veículo e meio. Mesmo no ponto mais elevado, e com a maré no nível mais baixo, fica apenas a pouco menos de um metro acima dos lodaçais circundantes. Não há sequer um sítio onde se possa fazer inversão de marcha. É impossível voltar para a ilha em marcha-atrás a meio da noite, bêbedos que nem um cacho, e num carro emprestado com o qual não estamos familiarizados.

Lá atrás, na ilha, a festa continua a bombar, o fogo de artifício estala, silva pelo ar. A cerca de quilómetro e meio, consegue-se vislumbrar a aldeia recortada no horizonte — o brilho alaranjado da doca, uma ou duas luzes ainda acesas nas janelas do primeiro andar. Que decisão tomar? O primeiro instinto é seguir em frente, prego a fundo. Correr o risco de acelerar neste caminho desconhecido, sinuoso e escuro como breu, no qual os faróis iluminam apenas uma extensão de curvas imprevisíveis já a serem tapadas por ondas escuras, estreitando mais e mais o caminho, fazendo-o desaparecer. Podíamos buzinar, fazer sinais de luzes que nem doidos, mas mesmo que se conseguisse chamar a atenção de alguém, mesmo que alguém no continente nos visse ou ouvisse e chamasse a guarda costeira, o que poderiam eles fazer perante a rapidez com que as coisas estão a acontecer, perante as distâncias em causa?

É então que o terror ganha forma, não só devido ao que está a acontecer, mas também pela facilidade com que, por mais entorpecidos, confusos e

incapazes de nos concentrar que estejamos, conseguimos imaginar o que vai acontecer: a arrepiante tomada de consciência de que, dentro de minutos, a água chegará aos eixos do carro, aos faróis; de que, em determinado momento, e provavelmente mais cedo do que pensamos, o motor ficará alagado, e o carro, parado.

E durante todo este tempo, o passageiro do Land Rover grita connosco no lugar do pendura, diz-nos que a culpa é nossa, exige que façamos alguma coisa, esbraceja, entra em pânico.

É então que nos ocorre que deveríamos telefonar a alguém, a quem quer que seja, mas é claro que o nosso telemóvel ficou na ilha, e mesmo que não tivesse ficado, o mais provável é que aqui não haja rede.

E pomo-nos a pensar, a tentar perceber quanto tempo sobreviveríamos ali, na água fria, no escuro, caso tentássemos escapar da situação a nado, dada a época do ano em que estamos, a força das correntes e a distância a que estamos da costa.

Então, a certa altura, percebemos que, seja qual for a nossa opção, o resultado é inevitavelmente sempre o mesmo.

E sabemos que a imprensa vai adorar cada segundo desta história.

E talvez nesse instante — mas só talvez, e só por um instante —, percebemos que isto é, nem mais nem menos, o fim que merecemos.

Vanity Fair

HOMICÍDIO NA ILHA

Era o clube pelo qual qualquer pessoa seria capaz de matar para dele fazer parte; a inauguração que deixava a nata da sociedade em ânsias para ser convidada. O que ninguém seria capaz de adivinhar era o trágico fim que esperava tudo isso.

Numa investigação exclusiva, Ian Shields examina o caso que deixou o mundo em choque.

A festa na ilha durava há dias. Durante toda a manhã e tarde de sexta-feira, os helicópteros chegaram, partiram e sobrevoaram a ilha. As lanchas cruzaram as águas cintilantes para trás e para a frente. Um fluxo constante de SUV de vidros fumados abriu caminho pelas verdejantes estradas de Essex, passando por terrenos baldios e tristonhas árvores negras, atravessando as ruas estreitas da aldeia de Littlesea. Por volta do meio-dia, alguém viu passar uma comitiva composta por três *Tesla Model S*.

O casamento de alguém famoso, poder-se-ia pensar. O quinquagésimo aniversário de algum milionário.

Durante toda a tarde e final de dia de sábado, por vezes mais alto, por vezes mais baixo, vibrava sobre a água a batida grave e repetitiva da música. Durante o fim de semana, aqui e ali, ao final da manhã e durante a tarde, quem tivesse boa visão ou um par de binóculos conseguiria distinguir, desde o continente, grandes toalhas listradas azuis e brancas

estendidas no areal. Uma cabeça à tona de água; um cavalo a trotar pela areia e, em cima da sela, o seu cavaleiro, balouçando ao ritmo da corrida.

De noite, era possível distinguir, de vez em quando, o tremeluzir de archotes entre as árvores, assim como a fachada do The Manor, iluminada de amarelo, verde ou azul. Por vezes, se o vento soprasse na direção certa, era até possível imaginar que se ouvia a multidão: os aplausos, a algazarra, os risos. Os gritos.

Além de celebrar a grande inauguração do Island Home, a faustosa festa assinalava também os 30 anos desde que Ned Groom, o CEO — e um dos grandes visionários da indústria hoteleira —, herdara do avô o The Home Club, em Covent Garden, e corajosamente metera mãos à obra para transformar aquilo que outrora fora apenas um poeirento e pouco procurado antro de atores, artistas e outros profissionais das artes performativas, no Home — a discoteca mais exclusiva e badalada da década de 90 em Londres, saindo da qual as superestrelas iam logo parar às primeiras páginas dos tabloides do dia seguinte. Kate Moss celebrou lá o seu aniversário, vários anos seguidos. Kiefer Sutherland e o seu séquito viram negada a sua entrada, certa noite. Todo o terraço foi ocupado pelo elenco da série *Friends*, para a última ação de promoção junto da imprensa inglesa.

Haviam passado agora quase 25 anos desde que Ned e o seu irmão e braço-direito, Adam Groom, tinham cruzado o Atlântico para inaugurar o seu segundo projeto, o já icónico Manhattan Home.

Nos anos e décadas seguintes, o Home Group tornou-se uma verdadeira marca global, com um acervo de 11 clubes privados com acesso a suites de hotel anexadas, oferecendo qualquer um deles — por uma quota anual considerável — a mesma conjugação de comodidade e luxo, sofisticação sóbria e privacidade absoluta para os poucos escolhidos. Existiam o Santa Monica Home, o Highland Home, o Country Home, o Cannes Home, o Hamptons Home, o Venice Home, o Shanghai Home. Havia Homes em Malibu, Paris, no norte de Nova Iorque. Todos eles em localizações

espantosas: uma antiga embaixada (Xangai), um majestoso *palazzo* (Veneza), uma catedral secularizada (Cannes), um palacete restaurado (o Country Home, em Northamptonshire, ou o Highland Home, em Perthshire).

Não obstante, Ned Groom nunca tinha tentado nada à escala do Island Home. Uma ilha inteira, com mais de três quilómetros de largura e quatro de comprimento, a hora e meia de carro de Londres, na qual existia uma mansão *neopalladiana*, vastas extensões de terrenos e quilómetros de praias, 97 cabanas individuais, 5 restaurantes, 3 bares, vários ginásios, *courts* de ténis, salão de *spinning*, *spa*, sauna, heliporto, salas de cinema, estábulos e piscina natural exterior, aquecida. Uma gigantesca propriedade privada, acessível apenas durante a maré baixa, sendo para isso necessário percorrer um sinuoso trajeto de dois quilómetros e meio. Apesar do preço de 5 mil libras esterlinas por noite, e antes mesmo de qualquer membro ter posto sequer lá os pés, o Island Home já tinha reservas para um ano inteiro.

Considerando a dimensão da propriedade e a ambição de Ned Groom e da sua equipa, e colocando de parte o lendário perfeccionismo do primeiro, talvez fosse expectável que nem tudo estivesse concluído dentro dos prazos. A inauguração, prevista para o início da primavera, foi adiada para o fim da mesma, depois para o verão, e depois para o outono.

Durante meses, o Home contratou pessoal — cozinheiros, rececionistas, empregados de manutenção, empregados de mesa, camareiras, uma equipa de eventos formada por 30 pessoas e uma equipa de segurança de 80 efetivos — e preparou cada um dos elementos para as particularidades e peculiaridades do trabalho num dos conventículos mais exclusivos e reservados do mundo, dentro do qual estariam em contacto com algumas das pessoas mais notáveis e ricas do planeta.

Durante semanas, os colaboradores mantiveram-se a postos, inspecionando, ultrapassando obstáculos e imprevistos, e inspecionando novamente: assegurando que as cabanas espalhadas pela ilha — todas elas

construídas com madeira antiga, retirada de centenas de celeiros, cabanas e abrigos históricos que a equipa de design, após anos de procura, conseguira adquirir em locais tão remotos como a Bulgária, a Eslováquia e a Estónia — estavam preparadas para receber os primeiros hóspedes; garantindo que os fogões a lenha tinham a ventilação adequada e não iriam asfixiar ninguém durante o sono; que todas as luzes acendiam, que todos os autoclismos descarregavam, que todas as torneiras tinham a pressão correta, capazes de encher cada uma das requintadas banheiras de ferro fundido em menos de três minutos; confirmando que os caminhos de gravilha estavam limpos e transitáveis, a pé ou de bicicleta, de trotineta elétrica ou em carrinhos de golfe, conduzidos por um motorista; que quaisquer desníveis abruptos, águas profundas e outros perigos naturais estavam devidamente sinalizados; que, quando chegassem os primeiros membros, toda a tinta estava seca, todos os materiais de madeira, lixados e sem farpas, todos os cabos elétricos, escondidos, e que não haveria o mínimo risco de eletrocussão ou empalamento acidentais.

Em retrospectiva, todavia, talvez todas as tragédias adquiram um cunho de inevitabilidade.

«Queríamos que o momento final da inauguração, o *brunch* de domingo, fosse a grande surpresa do fim de semana», refere Josh MacDonald, um dos seis arquitetos principais que, sucessivamente, trabalharam no projeto Island Home ao longo dos oito anos da sua gestação. «O Ned tinha entrado numa dispendiosa competição contra si mesmo — cada novo clube Home tinha de superar o anterior, sendo obrigatório que possuísse pelo menos uma característica extraordinária que o tornasse único: a piscina no *rooftop*, com o fundo em *perspex*, em Xangai; o bar do Highland Home, um cubo de vidro no interior da capela em ruínas; e, desta vez, o restaurante subaquático, o Poseidon.»

Segundo MacDonald, Ned inspirara-se num restaurante onde jantara, nas Maldivas: «Há um bar e uma entrada ao nível da praia com vista até ao

continente. Quando chega a hora da refeição, as pessoas atravessam uma ponte de betão, passam por um túnel e descem alguns degraus, dando por si a emergir num enorme salão a fazer lembrar um aquário gigante. A meio do salão, estão situados a cozinha e o bar, rodeados de mesas e cadeiras, e pelas janelas só se vê o mar», explica MacDonald. «É possível ver cardumes de cavalas. Nuvens de alforrecas azuis. Os cascos dos barcos. A luz do sol refletida nas ondas, por cima das nossas cabeças. O Ned queria que isso fosse a última coisa que os hóspedes viam antes de se irem embora, para, assim, assegurar uma experiência realmente marcante no Island Home, algo de que todos fariam durante semanas.»

E conseguiu-o, não há dúvida.

Segundo os presentes, a pergunta da maioria dos membros, enquanto lutavam contra as suas ressacas na fila indiana para o pequeno-almoço, era: onde está Ned? Geralmente, numa inauguração como esta, Ned era onnipresente, contando anedotas, assegurando-se de que todos estavam a divertir-se. Com um metro e noventa e três, este corpulento advogado, ex-jogador de *rugby*, tinha uma voz tonitruante e um riso roufenho que se conseguia ouvir em qualquer parte. Agora, notando a sua ausência, os hóspedes tentavam perceber quando teria sido a última vez que tinham falado com ele. Deliciando-se com as suas omeletas de claras, sumos naturais e leite com açafrão-da-índia, especulavam sobre o paradeiro de Ned e partilhavam os últimos mexericos acerca das duas noites anteriores, procurando caras conhecidas na sala; só ao fim de algum tempo é que repararam que havia algo estranho na água, do outro lado das janelas curvas de vidro laminado.

Foi o sol, que rompia as nuvens pela primeira vez naquela sombria manhã de outono, que o permitiu, lançando um feixe de luz sobre a obscuridade do fundo do mar e iluminando aquilo que, de início, parecera apenas um conjunto indistinto de rochas.

«Foi nesse momento que as pessoas começaram a levantar-se e a ir até à

janela, apontando», relembra uma hóspede e membro do Home, que pediu para manter o anonimato. «Estavam a rir-se e a dizer piadas. Achámos que era só uma manobra publicitária da Land Rover. Aquilo que impressionava era o carro estar capotado e a cerca de sete metros debaixo de água, encaixado num rochedo. Que maneira de nos chamar a atenção! Toda a gente se perguntava como o teriam lá posto e há quanto tempo estaria assim.» Depois, diz ela, começaram a perceber o que estava dentro do carro. Depois, diz ela, alguém começou a chorar.

Quase de imediato, foi anunciado que tinha sido encontrado um cadáver na ilha.

E, nesse momento, a festa do ano transformou-se no mistério da década.

Capítulo Um

Tarde de Quinta-Feira

Jess

Ela tinha conseguido.

Era nisso que Jess não parava de pensar.

Chefe das camareiras do Island Home. Chamava-se Jess Wilson e era a nova chefe das camareiras do Island Home.

Nem queria acreditar.

A semana anterior fora quase como um sonho. Primeiro, o telefonema da sede do Home a convocá-la para uma entrevista, depois de tantos anos a candidatar-se. Todos aqueles anos de esperança. Todos aqueles anos a dizerem-lhe que tinham o seu currículo em arquivo.

Depois, a entrevista propriamente dita, em Londres, com Adam Groom, Diretor de Projetos Especiais do Home Group, a segunda pessoa mais importante de toda a empresa. O pânico repentino em relação ao que vestir, ao que dizer.

Não era segredo nenhum o quanto ela o desejara. Durante quanto tempo o tinha desejado. Tendo crescido onde crescera, em Northamptonshire, ao fundo da rua onde se encontrava o Country Home, lembrava-se de passar de carro, com os pais, pelo seu comprido muro de pedra e de, por entre as árvores, ver de relance as águas resplandecentes do lago privado. Lembrava-se de espreitar pelos portões para o comprido caminho de acesso

em linha reta até ao palacete isabelino, sentindo um pequeno arrepio sempre que tentava imaginar o seu interior. Lembrava-se de ouvir um helicóptero a passar e de imaginar quem iria lá dentro. Lembrava-se de, em adolescente, ler sobre o Home nas revistas e de imaginar como seria lá trabalhar, como seria fazer parte de uma coisa daquelas.

Ainda havia algo dentro de si que lhe dizia que, no último momento, tudo aquilo acabaria por não ser mais do que um engano terrível. Que iria chegar ao Island Home e ser informada de que tinham investigado as suas referências e chegado à conclusão de que ela era uma fraude. Que, assim que abrisse a boca, toda a gente perceberia — apesar do novo corte de cabelo e das novas roupas — que ela não era suficientemente sofisticada para trabalhar num lugar daqueles. Que nunca se iria integrar. Que, afinal de contas, não era aquilo que procuravam.

Fora essa a impressão com que saíra da entrevista.

Tinha sido no Covent Garden Home — Jess, ora inclinando-se para a frente, ora encostando-se para trás, num cadeirão um pouco baixo demais para a mesa, ciente de que o botão da blusa nova, em esforço, corria o sério risco de se abrir, tentando assumir uma posição que fosse simultaneamente descontraída e entusiasmada, sem saber onde pousar os cotovelos. Todos os conselhos que os amigos lhe tinham dado e todas as conversas de encorajamento que tivera consigo mesma durante o caminho pareceram-lhe subitamente irrelevantes e absurdas ao dar de caras com Adam Groom, inequivocamente resacado, a tomar um pequeno-almoço inglês completo.

Por entre goles tremidos de um *Bloody Mary*, passava os olhos pelo seu currículo, sem dúvida pela primeira vez, dizendo-lhe coisas fortuitas sobre si mesmo sempre que levantava os olhos do papel, e dirigindo-se ao peito dela ao longo da conversa. A única alusão à distância que ela percorrera desde Northamptonshire para se encontrar com ele em pessoa acontecera quando Adam fez notar que o hotel onde ela trabalhava na altura — o The Grange — se localizava ao fundo da rua do Country Home.

— Eu sei — dissera ela, com um sorriso. — Na verdade, candidatei-me por várias vezes a vagas que abriram lá... — Oito, para ser precisa. Ela teria dito mais sobre o porquê, talvez até dissesse algo sobre a admiração que sentia por tudo o que Adam e o irmão tinham feito com o Home, que trabalhar na inauguração de um dos seus clubes seria uma oportunidade única, mas, a meio da diatribe, Adam chamara a empregada (jovem, esbelta, bonita) para lhe pedir mais *ketchup*, e Jess perdera o fio à meada.

No comboio, durante o caminho de regresso a casa — uma longa e dispendiosa viagem de comboio sem reembolso —, repreendera-se por todas as coisas estúpidas que tinha dito, por todas as oportunidades de autopromoção perdidas, por tudo o que diria a Adam se estivesse novamente a ser entrevistada por ele. Por tudo o que não tinha dito. Ciente de que aquela fora a sua grande oportunidade e que a tinha desperdiçado.

Nessa noite, contudo, recebera um telefonema a perguntar se tinha disponibilidade para começar imediatamente.

— É claro — respondera, sem sequer ter tempo para pensar antes de desligar o telefone. Fora tudo tão repentino... Seria uma notícia inesperada para os seus atuais patrões, colegas, amigos. Só mais tarde lhe ocorreu que nunca chegara a perguntar qual tinha sido o motivo da partida tão súbita da sua antecessora — que tipo de planos, se é que existia algum, fora feito para a passagem de testemunho.

Era difícil acreditar que tudo isto tinha acontecido há apenas uma semana. Os últimos dias tinham sido frenéticos. Agitadas idas às compras, o corte de cabelo de última hora em relação ao qual ela não estava muito segura (um corte redondo pelos ombros que a cabeleireira garantira ser fácil de manter, mas que, na verdade, era impossível de pentear sozinha de maneira a que não parecesse ter um ninho na cabeça), e um momento de pânico na noite anterior, já tarde, ao parecer-lhe que não iria conseguir fechar a mala. Dois dias de formação na sede do Home em Londres. O tipo de noite inquieta que se tem sempre na véspera de um dia importante,

acordando antes do despertador.

E agora, aqui estava ela, depois de esperar no continente que o caminho ficasse transitável, a atravessá-lo num *Land Rover Defender* elétrico com motorista, na companhia de dois outros recém-chegados, ambos de Littlesea, os três intimidados, os três a fazerem um esforço enorme para não o demonstrarem. Jamais esqueceria o primeiro vislumbre do caminho a assomar debaixo de água, surpreendentemente sinuoso, assustadoramente estreito: o modo como as rochas apareceram num primeiro momento de ambos os lados do caminho e, minutos depois, a superfície da estrada propriamente dita, a reluzir sob a luz do início de tarde; molhos de algas ainda entrançadas, fazendo lembrar rabiscos numa folha de papel; a ilha como um colosso, recortada no horizonte.

Seria de espantar se não estivesse um pouco nervosa. Tudo isto era completamente diferente do The Grange, o hotel onde trabalhara durante tanto tempo, dos seus hectares de tapetes de tartã, da sala de jantar formal, dos empregados de mesa de laço ao pescoço, do bar com as gravuras de golfe, dos produtos de higiene pessoal em miniatura, *lily-of-the-valley*, do cheiro persistente a desinfetante nos corredores. Iria ser muito estranho mudar-se de um sítio tão familiar, onde conhecia toda a gente e toda a gente a conhecia, para um sítio completamente novo, completamente desconhecido.

Estava uma tarde de outono soalheira, com um céu azul sem nuvens, entrecortado pelos rastos de vapor deixados pelos aviões.

À medida que a ilha e os seus bosques se tornavam cada vez maiores, assomando à sua frente, tornando-se mais larga e mais sombria, Jess tentou distinguir todas as diferentes construções que lhe tinham sido descritas na formação. The Manor, ou pelo menos uma das suas torres, foi a primeira a ser avistada, espreitando através do topo das copas dos pinheiros. Depois, conforme se aproximaram, o seu destino: The Boathouse, um edifício de um andar feito de madeira desgastada, a 100 metros do fim do caminho,

com um enorme parque de estacionamento adjacente cheio de SUV pretos e cintilantes, junto de uma zona de receção com fachada de vidro, onde os membros levantavam as chaves das suas cabanas, depositavam os telemóveis para o resto da estadia, e bebiam champanhe defronte de uma lareira abrasadora, enquanto esperavam pelo carrinho de golfe que traria o carregador das malas. Ao lado do edifício, ao fundo de um areal ladeado por pinheiros, surgia um edifício térreo de betão e cedro que entrava pela água — este edifício, conjecturou Jesse, seria o restaurante subaquático, o Poseidon. Depois dessa construção, conseguiu lobrigar um caminho íngreme que desaparecia numa colina alcantilada no meio dos bosques.

Ela não crescera com esta paisagem, mas conseguia perceber a sua beleza, mesmo — ou até especialmente — nesta época do ano. Os troncos descorados e esguios das bétulas prateadas. O brilho intenso das faias. Os lampejos de amarelo do tojo e das giestas. As praias de seixos escuros. As extensões de areia branca. Matagais de espinheiro marítimo. Orlas de fetos ganhando um tom castanho. A luminosidade outonal a cintilar nas ondas.

Na sua maioria, e por razões óbvias, as cabanas e os respetivos terraços estavam dispostos de maneira a não serem fáceis de avistar da água. O *spa* e os *courts* de ténis ficavam na ponta mais afastada da ilha, perto do velho reservatório de água — um edifício de interesse histórico tornado agora num restaurante italiano giratório — das instalações de vela e outros desportos aquáticos, e do alojamento do pessoal (que também não era visível da água e onde cerca de metade dos funcionários da ilha — incluindo Jess — ficariam instalados, sendo que a outra metade chegava todas as manhãs do continente). Era engraçado pensar como agora tudo isto lhe parecia estranho e como tudo lhe seria familiar dentro de apenas alguns dias. A sua casa era o Home.

Teria também de se adaptar às pessoas. Como Annie Spark, diretora de associados, uma visão deslumbrante de cabelos ruivos que lhe davam pela

cintura, fazendo lembrar Jessica Rabbit, envergando um macacão rosa-choque, sapatilhas de cano subido e umas enormes argolas douradas, que a recebera no The Causeway Inn — um *pub* do século XVII situado ao lado do cais, com vista para o ponto exato onde o caminho chegava ao continente, comprado pelo Home Group (explicara Annie) para ser um sítio onde os membros se podiam sentar a desfrutar de um leque de 15 cervejas e cidras locais ou petiscar qualquer coisa enquanto esperavam que a maré baixasse e a travessia para a ilha se tornasse possível.

Num dos bares do piso de baixo — um salão com vista para o mar, cadeirões *vintage* baixos e desemparelhados, e dois toros a arder na lareira —, Annie fizera-lhes uma resenha dos planos para o fim de semana.

Naquela noite, quinta-feira, haveria um jantar intimista para cinco hóspedes seletos no The Manor, e o anfitrião seria Ned Groom. Annie revelara a identidade dos cinco membros convidados. Jess sentira o coração começar a bater mais depressa. À sua volta, os colegas novatos faziam um esforço para se manterem impassíveis. Já lhes fora dito na entrevista, assim como num aparte austero de Annie, que ninguém se aguentaria muito no Home se fosse uma pessoa que se deixasse fascinar com facilidade pelos famosos.

Também lhe fora deixado bem claro, ao aceitar o emprego, que era um privilégio um membro superior da equipa estar autorizado a ter um telemóvel durante o horário de trabalho. De facto, ao chegar à sede, tinham-lhe dado um *iPhone* por estrear e instruções para que o tivesse sempre com ela, carregado e ligado, para o caso de ser necessário. Também lhe tinham dito, com firmeza, que nunca deveria pegar nele na presença dos hóspedes — tal como todos os funcionários recém-chegados tinham recebido instruções para denunciarem qualquer membro que não entregasse o seu telemóvel à chegada.

— Este é um dos poucos sítios do mundo — relembra-lhes Annie — onde a maioria destas pessoas pode ter uma refeição, beber um copo ou

simplesmente estar sentada sem fazer nada, com a certeza absoluta de que ninguém lhe irá tirar uma fotografia. Tentem imaginar a sensação. Tentem imaginar a quantia que estariam dispostos a pagar por isso. É por este motivo que qualquer membro que seja visto com um telemóvel na mão (porque, acreditem ou não, eles não são imunes à vontade de o fazer) é imediatamente expulso da ilha, e o seu cartão de sócio, cancelado. E é por isso também que nenhum dos nossos empregados de mesa, funcionários de bar ou camareiros está autorizado a ter telemóvel.

Ela era capaz, disse a si mesma. Trabalhava na indústria hoteleira desde que concluía os estudos — antes até, se contasse com aquele primeiro emprego a fazer as camas num B&B local ao fim de semana. Passara uma década no The Grange, fazendo um percurso perseverante até chegar a chefe das camareiras. Sempre se dera bem com a sua equipa, sempre se orgulhara do seu trabalho. Ela era capaz. As pessoas eram todas iguais. Os hóspedes eram todos iguais.

Os restantes convidados — Annie revelara mais nomes, alguns conhecidos, outros, era óbvio, Annie assumia que fossem — chegariam em vagas minuciosamente coordenadas da manhã de sexta-feira em diante, havendo uma agenda repleta de atividades para os manter ocupados até à tarde de domingo: viagens de barco, passeios a cavalo, *brunches*, almoços, jantares, experiências cinematográficas. Todas as cabanas estariam ocupadas, todos os hóspedes eram dos membros mais prezados do Home. Nada — Annie falara num tom delicadamente enfático, de expressão encorajadora — seria um incómodo.

Enquanto falou, o telemóvel de Annie não parou de tocar. De vez em quando, olhava para o ecrã e sorria ou franzia o cenho. Assim que a apresentação terminou, encostou-o ao ouvido e começou a falar num tom elevado e animado, mesmo antes de sair da sala.

Jess invejava a confiança de Annie, o seu ar fleumático, o seu estilo arrojado. Todo aquele cabelo escarlate, apanhado numa trança por cima de

um ombro, a sombra nos olhos, emoldurados pela franja. Aquelas enormes unhas carmesins. Talvez fosse mais fácil ser confiante quando se era tudo aquilo que Annie era — mais de um metro e oitenta, à vontade. Jess desejava ter-se apresentado de forma um pouco mais convincente, ou de ter tido coragem para levantar a mão durante a palestra de Annie e feito apenas uma das centenas de perguntas que queria fazer sobre a ilha, sobre o fim de semana, sobre o emprego.

Ia precisar de toda a confiança e arrojo para enfrentar os próximos dias.

— Estamos quase a chegar — informou por cima do ombro o motorista, de polo azul justo e óculos espelhados. Buzinou uma vez ao aproximarem-se do fim do caminho. Alguém assomou à porta do Boathouse com um bloco de notas na mão e acenou.

Chegara o momento.

Jess gostaria que os pais a pudessem ver agora. Todas aquelas raparigas da escola.

Não havia dúvida de que era uma oportunidade única.

Agora, só tinha de cumprir o plano.

Annie

Este emprego podia ser brutal.

— Meu querido, meu anjo, *meu amor*. Sabes que, se houvesse espaço, punha-te aqui num abrir e fechar de olhos! Não, não, não chores...

Há meses que Annie Spark tanto andava a ter conversas como esta, como a tentar evitá-las. Durante a última semana, o seu telemóvel não parara, literalmente, de tocar — desde que se levantava, de manhã, até se enfiar na cama, à noite. As mensagens de texto. As mensagens no Instagram. As mensagens de voz. As mensagens de texto para saber se tinha recebido as mensagens no Instagram ou se já tinha tido oportunidade de ouvir a mensagem de voz. Os e-mails a saber se ainda tinham o número de telemóvel certo.

Da última vez que contara, havia 5750 membros do Home em todo o mundo. Numa inauguração, só podiam estar presentes 150, mais coisa, menos coisa. O convite para a festa de inauguração da Noite das Bruxas do Island Home fora enviado a 14 de agosto por via postal para os poucos escolhidos. Antes disso, e durante semanas, Annie estivera a acrescentar nomes, repensando, eliminando, dando os últimos retoques. Assim que os cobiçados cartões de rebordos dourados foram enviados, aconchegados dentro de roupões de banho com monogramas personalizados e pijamas de seda, preparou-se para o massacre. Annie ocupava um lugar estranho na mente dos membros — um misto de faz-tudo, melhor amiga contratada e assistente pessoal sobrecarregada. Uma pessoa com quem era possível ficar até às 2 da manhã a beber *espresso martinis*, alguém em cujo ombro era

possível chorar a meio de um divórcio complicado, mas também a pessoa a quem podiam reclamar se não conseguissem levar mais uns amigos ao Malibu Home para beber uns copos no Dia do Trabalhador. Ou com quem gritavam se as rosas no quarto estivessem murchas, ou se a mesa que lhes fora atribuída no *rooftop* do Venice Home ficasse junto a uma corrente de ar.

Quando as pessoas começaram a perceber que não constavam da lista de convidados, meteram mãos à obra: convites de jantar inesperados, solicitações insistentes para um copo rápido, perguntas sobre quando seria oportuno ligar para saber como estão as coisas. Começou a receber dez e-mails por dia de assistentes pessoais — ou membros do fundo da lista a fazerem-se passar por assistentes pessoais, visto que, sabia ela, não tinham capacidade para pagar esse serviço —, só para confirmar se não tinha havido algum erro administrativo, algum tipo de esquecimento.

Ela compadecia-se dessas pessoas. Não conseguiria fazer o seu trabalho se não se compadecesse. Por outro lado, também não conseguiria fazer o seu trabalho se se deixasse levar pela compaixão. A sua lealdade era para com Ned, e sabia que ele confiava implicitamente nela para tomar decisões nos melhores interesses do Home. Veja-se, por exemplo, o caso da atriz com quem Annie estava agora ao telefone, caminhando de cá para lá pelo empedrado do cais, à porta do The Causeway Inn, aconchegando-se no comprido casaco acolchoado verde-esmeralda para se proteger do ar frio de outubro e fumando um cigarro atrás do outro.

Quem estava do outro lado da linha? Ava Huxley. Atriz britânica, cabelos castanho-avermelhados, surpreendentemente magra, pequenina, chiquérrima. Outrora uma atriz promissora, participara num drama histórico muito apreciado que passava aos domingos à noite na BBC, seguido de dois *thrillers* britânicos sem grande sucesso de bilheteira, havendo representado, depois, o papel de *serial killer* numa série da HBO, na qual assassinara, entre outras coisas, um sotaque americano. Se Ava se tivesse candidatado

agora, provavelmente nem sequer teria sido aceite como membro do Home — se bem que qualquer candidato a membro nunca era realmente rejeitado. Aqueles que não se apuravam eram incluídos numa lista de espera permanente, passando para uma fila que nunca avançava, ficando assim presos no purgatório das celebridades (como Annie costumava pensar). E porquê? Porque se este emprego ensinara alguma coisa a Annie, era que nunca se sabia quando uma carreira poderia ser lançada ou reavivada, e não era boa ideia ter alguém a guardar rancor — e um Óscar.

Mesmo com tudo isto em mente, Ava Huxley estava longe de ter hoje o sucesso necessário para ser convidada. E isso não era Annie a ser mazinha, era tão-só a dura realidade da situação.

Embora nunca fosse capaz de se lembrar, ainda que isso pouco ajudasse a causa de Ava, fosse como fosse, ela fora a sua última entrevistada antes de deixar o seu emprego como colunista social e se juntar ao Home. Figura de capa da revista *OK!* — Ava a cumprir de má vontade uma obrigação contratual que tinha para com uma marca de perfumes pela qual dava a cara —, a atriz chegara atrasada e agitada para a entrevista de quinze minutos, respondera a todas as perguntas com monossílabos mal-humorados e fora-se embora de rompante, zangada, resmungando qualquer coisa sobre feminismo depois de Annie, tentando encontrar um tema que lhe interessasse, lhe perguntar onde tinha ela comprado os sapatos. Annie virase obrigada a arquitetar um artigo de perfil de 1200 palavras com precisamente 32 palavras proferidas pela artista, 23 das quais tinham sido «não».

— Não é o teu melhor trabalho, Spark — fora o veredicto imediato da sua editora, antes de reduzir o artigo a um único parágrafo e, em seu lugar, apresentar um especial de imagens intitulado «Ava Huxley em 100 Vestidos».

Ned oferecera a Annie o cargo de diretora de associados, do Home alguns dias antes do fiasco, e não é exagero afirmar que o motivo que a

tinha levado a aceitar fora Ava.

Annie sempre quisera deixar para trás a sua educação, tão banal e tão perfeitamente adequada, tão opressivamente suburbana, e ingressar no opulente mundo exclusivo dos bonitos, talentosos e famosos. Nunca se perguntara por que motivo lhe era tão apelativo estar próxima das celebridades — na verdade, a única coisa que a fazia questionar-se era perceber o motivo pelo qual alguém *não* haveria de querer estar rodeado de estrelas. Não possuindo aptidões evidentes nessa área — não sabia representar, dançar, cantar ou tocar qualquer instrumento, embora tenha dado o seu melhor —, decidira que estar perto dessas pessoas seria o suficiente. Sabia *agora* que havia uma série de empregos que o permitiam — agente, assistente, estilista, florista, massagista, vidente, *life coach*, passeadora de cães —, mas tendo sido criada à base de uma dieta de *Heat* e *Hello!*, o jornalismo fora a única maneira que lhe ocorrera de dar uso aos seus talentos. O que ninguém lhe tinha dito — e que não era, de todo, evidente para quem estava de fora — era que, embora os jornalistas *estivessem* perto das pessoas bonitas, as pessoas bonitas consideravam a imprensa uma imposição feia e irritante que, na melhor das hipóteses, teriam de suportar a contragosto.

Nos primeiros tempos, a crueldade que essas pessoas conseguiam revelar era algo que a deixava completamente desalentada. Isso e, ao invés de estar na passadeira vermelha a tratar os entrevistados pelo primeiro nome, estes tratarem-na com condescendência, ignorando-a, repreendendo-a e menosprezando-a, tratando-a como se fosse um pedaço de pastilha elástica na sola dos saltos altos, como se fosse *ela* quem os seguia e fotografava e remexia os seus caixotes do lixo e colocava escutas nos seus telefones. E todas aquelas ações de promoção a que tivera de ir em finais dos anos 90, no início da sua carreira, muitas vezes numa suite do Covent Garden Home, todas aquelas conversas horríveis, tão pouco naturais, tão desconfortáveis, sempre sob o olhar atento dos agentes e os assessores de imprensa («Oh,

não faça caso de mim, vou ficar aqui no portátil, nem estou a prestar atenção... Desculpe, mas NÃO!, esse assunto está fora de questão. E esse. E esse também.»). Também fora um choque perceber como eram desinteressantes, que pessoas com vidas tão espantosas fossem tão insípidas, com tão pouco para dizer, tão poucas opiniões, histórias curiosas ou particularidades engraçadas (sabia agora, é claro, que a pessoa ao encontro da qual fora enviada tinha tanto de inventado como a pessoa sabia que via no ecrã). Quando Ned lhe telefonou com a proposta de emprego, *este emprego*, já ela estava farta de tudo aquilo — a ideia de ser ela a mandar, de ser ela a quem *eles* tinham de lamber as botas, de ser ela quem não se dava ao trabalho de manter uma conversa era, no mínimo, muitíssimo tentadora. Ava claramente não se lembrava desse episódio que mudara por completo o percurso profissional de Annie. As voltas que a vida dá, pensou Annie ao ouvir a explicação de Ava, que, soluçando, lhe dizia ter almoçado com um grupo de outras atrizes e que, durante a conversa, surgira o tema da roupa a usar na inauguração do Island Home e que, de algum modo, ela, por lapso, dava-para-acreditar?, como-é-que-é-possível?, dera a entender que também iria estar presente.

— Quero dizer, não sei onde tinha a cabeça, não estava à espera de ser convidada, como é óbvio, porque é que *alguém* me iria convidar para uma coisa dessas, talvez até ficasse envergonhada por ser convidada, com medo de que tivesses cometido um erro gravíssimo, mas — sou tão idiota —, acho que, inadvertidamente, dei talvez a entender que iria estar presente. Por favor, por favor, *por favor*, não podes abrir uma exceção? Estou tão envergonhada.

Annie conteve um suspiro. Os americanos, pelo menos, eram sinceros. Os britânicos conseguiam ser uma verdadeira dor de cabeça. Seria esta autoflagelação teatral resultado de ter frequentado um colégio interno só para raparigas? Ou será que, para os atores e músicos britânicos, fazia parte do contrato com o público fingir que o sucesso era uma espécie de acidente

confrangedor?

Ava continuava a falar.

Ao passar por uma das janelas salientes do The Causeway Inn, Annie olhou de relance para o bar, onde três elementos da sua equipa estavam sentados em sofás, debruçados sobre os seus portáteis. Bateu no vidro. Levantaram as cabeças, viram-na e sorriram. Annie entortou os olhos, fez uma careta e apontou para o telemóvel. De seguida, aclarou a voz, resoluta.

— Lamento, Ava. Não posso fazer nada. Mas deixa-me levar-te a almoçar fora na próxima semana e juro que te conto *todos* os mexericos.

Não havia necessidade de ser mais indelicada do que a situação exigia. Afinal de contas, ainda havia uma remota possibilidade de, resultado de uma sequência de acontecimentos difíceis de imaginar, Ava Huxley conseguir reanimar a sua carreira e conseguir tornar-se um daqueles membros que Annie perseguia e bajulava, o exato oposto do que se passava naquele momento. Contudo, era recomendável que Ava se apressasse, pensou Annie. Se bem se lembrava, faria 40 anos no mês seguinte.

Assim que Annie desligou, o visor do telemóvel acendeu-se com outra chamada.

Que maçada. Era o assistente pessoal de Jackson Crane. A ligar — pela terceira vez naquele dia — para pôr Annie ao corrente da situação do seu cliente, muito famoso e muito importante, da hora a que estava previsto chegar, da hora a que ia jantar, e a reconfirmar, pela terceira vez, que Jackson e a mulher, Georgia, ficariam em cabanas separadas (sempre que iam ao Home, ficavam em quartos separados, sem questões ou comentários). Assim, tal como fizera no primeiro e segundo telefonemas, Annie afiançou ao assistente pessoal que os aposentos de Jackson e Georgia cumpririam com rigor as especificações pedidas, incluindo o número e o tipo exato de garrafas existentes na garrafeira de Jackson, e a marca exata de carvão ativado na mesa de cabeceira de Georgia.

Ela cumpriria todas estas exigências, como cumpria sempre, como o

Home sempre cumpria. Porém, uma festa de inauguração de sucesso não se limitava a convidar um grupo VIP e assegurar que tinham tudo o que precisavam. A operação dependia de uma certa alquimia, tal como acontecia relativamente às pessoas que eram aceites como membros do Home. Por um lado, era bastante complicado, por outro, bastante simples.

Nada de cabrões.

Fora essa a única diretiva de Ned, o único critério definido com Annie quando ela aceitara o cargo, relativamente à decisão de quem deveria ou não ser aceite como membro. *Nada de cabrões.* Toda a carreira de Annie dependera da confiança de Ned na capacidade dela em compreender essa instrução. Para Ned, *cabrões* englobava uma categoria vasta e variegada de pessoas. Para começar, incluía todos os banqueiros, consultores e advogados (apesar de o próprio ter uma carreira de vários anos em advocacia). Não queria ninguém a vociferar ao telemóvel que era o CEO de uma *app*, enquanto teclava aparatosamente no portátil. O mau comportamento nos clubes era aceitável, encorajado até — só não podia ser *parolo*. Não queria ver um oligarca a brandir um *American Express Platinum* enquanto mandava vir uma garrafa de *Chablis* do fundo da carta de vinhos e a pedir para deitarem lá uns cubos de gelo. Porque, apesar de isso, a curto prazo, encher as caixas registadoras, esse tipo de espeluncas da moda, com preços exorbitantes, tinha os dias contados. A reputação a longo prazo do Home subsistia ou perecia mediante uma sofisticação inefável e espontânea — e perante a qualidade dos seus membros.

Como é óbvio, era preciso ser dono de um determinado nível de riqueza para pensar em aderir, mas embora fosse bastante mais faustoso do que a sua poeirenta personificação original, o Home não deixava de ser um lugar para artistas, sonhadores, criadores e intérpretes. Assim era a visão de Ned. Basta olhar para os cinco membros que tinha convidado para o jantar daquela noite: uma importante estrela de Hollywood e a sua mulher, uma atriz de grande sucesso; um dos mais reconhecidos (e caros) artistas

britânicos; o apresentador de um *talk show* com transmissão do outro lado do oceano; e um jovem produtor cinematográfico da moda, filho de um dos realizadores mais famosos de sempre. Que se lixem Gandhi, Jesus e Oscar Wilde — *estes* eram os convidados de sonho de qualquer jantar. E ela, Annie, fora responsável por organizar tudo. Podia sentar-se com eles e fazer conversa de circunstância. Em vez de monossílabos pré-combinados, despejados em ações de promoção por celebridades que dariam tudo para estar *noutro* sítio, ela tinha a oportunidade de ouvir o que Jackson Crane pensava sobre trabalhar com Christopher Nolan. Ouvir em primeira mão como fora a participação de Georgia na passarela da Chanel Haute Couture. Saber como era difícil arrancar uma piada em direto a, por exemplo, um piloto de Fórmula 1. O que Elton exigira ter realmente no seu camarim. E todos os cinco, por muito famosos que fossem, também estariam um pouco entusiasmados. Porém, nenhum deles fazia ideia ou tinha sequer a mínima suspeita do que os esperava esta noite, do que Ned planeava.

Este emprego podia ser brutal. Annie adorava-o.

Nikki

Era evidente que Ned Groom estava a preparar-se para um acesso de fúria desde que chegara ao pequeno-almoço.

— Hoje é um dia importante! É bom que esta gente não foda isto tudo — vociferara, espetando o queixo na direção dos empregados de mesa que, de aventais de ganga engomados, andavam numa azáfama. — Percebido? — acrescentara, dirigindo-se ao que estava mais perto dele, brindando-o com um sorriso caloroso assim que o rapaz lhe respondeu com um aceno de cabeça, e dando-lhe uma palmadinha no braço para lhe mostrar que tinha a certeza de que *ele* não desiludiria ninguém.

A brincar. A brincar. A sério. A brincar. Com Ned, era assim. Era tudo a brincar até ser a sério. Era tudo a sério até ser a brincar.

A mesa deles — a mesa do costume — ficava ao lado da enorme janela panorâmica do edifício. Ned sentou-se. Por breves instantes, contemplou a paisagem, o prado de flores silvestres, a geada que era ainda visível nos sítios onde as árvores faziam sombra, a bruma a pairar nas concavidades do terreno. Ajeitou o guardanapo sobre as pernas.

— E então, Nikki, o que temos na agenda?

Enquanto bebericava chá verde, Nikki pôs o patrão ao corrente dos assuntos que tinha para tratar naquela manhã — reuniões finais com o *chef* principal, o chefe dos *barmen*, o chefe dos jardineiros, o responsável pelo *spa*, o diretor de design e a equipa de eventos, tudo antes de os membros chegarem. Aproveitando Ned ter voltado as atenções por instantes para o cardápio, redigiu discretamente um e-mail de três palavras com todos eles em CC: «Alerta! Mau humor».

— Preciso que toda a gente esteja no seu melhor. Esta será a maior inauguração da história do Home. A mais dispendiosa, isso é certo. Tem de ser perfeita — disse, terminando o primeiro de muitos cafés e passando um guardanapo dobrado pelos lábios, com pequenos toques. — O meu irmão já deu sinal de vida?

Nikki consultou o relógio. Eram 6h45m.

— Já a caminho, por esta altura. Pedi-lhe para me telefonar quando estivesse a chegar.

Adam *deveria* estar a caminho, mesmo que ainda não lhe tivesse enviado uma mensagem a dar conta disso mesmo. Também não tinha respondido às suas mensagens. Ela reservara-lhe um táxi, anotara a hora a que chegaria e o número do motorista na agenda dele, e enviara-lhe uma mensagem na noite anterior, e outra hoje de manhã, como lembrete. Ele só tinha de acordar, meter-se no táxi e voltar a adormecer. Conseguiria Adam fazer isso, num fim de semana importante como este?

Tal como acontecera todas as manhãs do último mês, Ned e Nikki eram os únicos clientes do The Barn — o restaurante mais descontraído e relaxado da ilha, decorado de forma rústica, mas luxuosa, cheio de sofás, com um menu de pequeno-almoço disponível todo o dia, permitindo pedir um pequeno-almoço inglês ao jantar, fosse esse o desejo do cliente. Nikki pedira *muesli* Bircher, Ned, ovos à Florentine. A julgar pela sua pouca firmeza, a fazerem lembrar muco nasal, Nikki percebeu a mais de três metros de distância que as gemas de Ned estavam malpassadas. Tentou fazer sinal à empregada que trazia o prato — com um esgar fugaz, um olhar de lado, um soerguer da sobrancelha pleno de significado — para ela abortar a missão, mas a empregada não percebeu e pousou o prato diante de Ned. Sem sequer se dar ao trabalho de mexer nos ovos com um garfo, quanto mais prová-los, e sem proferir palavra, Ned levantou o pequeno-almoço com as duas mãos, rodou o tronco e largou o prato no chão. Ned Groom era muito exigente com os ovos. Era muito exigente com muita

coisa, embora Nikki tivesse a certeza de que nunca *tanto*.

— Porque não vamos ao The Orangery? — sugeriu Nikki, enxotando com delicadeza a empregada em choque antes de Ned ter tempo de se levantar e começar o inevitável raspanete. — Tens uma reunião com o *chef* principal dentro de quinze minutos. Afinal de contas, ele faz os melhores ovos escalfados...

Na qualidade de assistente pessoal do CEO do Home Group há quase um quarto de século, Nikki Hayes era sempre capaz de perceber quando o seu chefe se preparava para libertar a sua fúria. Os movimentos dos músculos do pescoço, os espasmos involuntários no queixo, a forma como mexia no bisel do seu *Rolex* de platina. Quando, por fim, a *libertava*, conseguia mudar a pressão atmosférica de uma divisão tão depressa que era capaz de fazer ver estrelas.

No final, foi a equipa de design a sofrer as consequências.

A reunião das 9h *destinava-se* aos últimos retoques de Ned na mansão *neopalladiana* restaurada da ilha: este quebra-luz está solto, aquela almofada ficava melhor ali, troquem aqueles pontos do Damien Hirst por este floreio da Tracey Emin — coisas do género. Em vez disso, a reunião transformara-se numa defenestração cerimonial de antiguidades desinteressantes. Nikki estremeceu quando — como jogada inicial — Ned atirou um jarro *Art Déco* pela janela do primeiro andar, vendo-o depois, horrorizada, dar um pulo, agarrar-se e balançar-se no candelabro de cristal para demonstrar que estava seis centímetros demasiado abaixo.

— Onde foram buscar esta tralha toda? — exigiu saber Ned. — Vocês são preguiçosos e estúpidos, ou estão a só gozar comigo? *Vintage contemporâneo*, foi isso que combinámos. O que foi que arranjaram? Artigos de terceira do National Trust. Coisas saídas da sala de estar de um acumulador suburbano. Da casa da defunta da vossa avó. Quanto é que esta porcaria toda me custou e quem foi o idiota de merda que aprovou o gasto?

Nikki respirou fundo. Ele não estava à espera de uma resposta, claro, mas

os 17 pares de olhos suplicavam-lhe em silêncio para ela dizer alguma coisa, *qualquer coisa*.

— Bem, na realidade, Ned — retorquiu, percorrendo os e-mails no seu *iPad* —, diz aqui que foste *tu*... Há cerca de uma semana, tenho a certeza de que disseste que esta era a tua sala predileta da ilha... Será a luz que hoje está diferente? Acho que podemos pôr aquele cadeirão ali...

Não concluiu o raciocínio. Como era seu hábito, Ned continuou como se ninguém tivesse nada.

— Eu pedi peças que passassem uma mensagem. MEN-SA-GEM. Que mensagem é que esta merda passa, exatamente? — gritou Ned a plenos pulmões, arrancando da parede um retrato a óleo, numa moldura oval, dourada, segurando-o com os braços esticados para o inspecionar, ao mesmo tempo que imitava bastante bem a expressão carrancuda da velha dama retratada. Por fim, atirou-o pela janela com um floreado e um encolher de ombros.

A quantas cenas como esta assistira ela? A quantos destes pequenos espetáculos?

Ele queria livrar-se de tudo aquilo. daquelas bugigangas. Daquele lixo. Pôr ali esta mesa de centro de madeira *Louis Vuitton*. Tirar dali todas as peças de arte, pendurar um nu de Keith Little por cima da lareira. Pensar no efeito geral que estamos a tentar conseguir aqui, caraças! Não é preciso ser um génio! Tenho de ser eu a fazer tudo?

O diretor do departamento de design, um homem franzino com um rabo-de-cavalo grisalho e uma camisola de críquete amarrada aos ombros, esfregava discretamente a cara, no sítio onde, instantes antes, embatera um volume de Botânica, encadernado a couro. Nikki vira-o a apanhá-lo do chão em silêncio e a pousá-lo delicadamente em cima da mesa de centro, enquanto Ned continuava a arengar.

Tinha pena de todos os presentes na sala de estar do The Manor, há hora e meia à espera, entusiasmados e ansiosos, para mostrar a Ned o resultado

final — que era o trabalho deles, a sua carreira, aquilo para o qual tinham trabalhado durante anos, aquilo com que tinham sonhado —, e tudo para ele entrar de rompante, afogueado, e desatar aos berros, lançando pelo ar um mar de perdigotos. A gritar com pessoas que trabalhavam com ele há uma década. Designers cujo primeiro projeto fora no Home. Assistentes mal pagos que tinham trabalhado noites e fins de semana, ganhando úlceras enquanto tentavam acompanhar as suas exigências, as suas ideias luminosas, as suas repentinas mudanças de opinião. Dezassete profissionais que pareciam não ter a certeza se seria melhor fazer como ele e ajudá-lo naquele acesso de vandalismo fortuito ou ficar onde estavam e evitar olhá-lo nos olhos.

Nikki respeitava o chefe, mas tudo aquilo podia ser cansativo. Só porque os acessos de fúria de Ned eram frequentes, momentâneos e absolutamente indiscriminados — podendo ser desencadeados tanto por um ovo malpassado como por uma derrapagem orçamental de um milhão de libras —, isso não queria dizer que não incomodassem as pessoas. Não era o poder isso mesmo? Um minorca de meia-idade aos saltos, ofegante, a balançar-se num candelabro, sem que alguém se atrevesse a rir. Um homem crescido tão agastado com o retrato a óleo de uma velha que parecia na iminência de arrancar os botões da camisa, sem que alguém se atrevesse a sugerir que ele era capaz de estar a exagerar *só um bocadinho*.

Ao fundo da sala, uma pobre rapariga roía a pele das cutículas torturadas, puxando com os dentes um único fio de unha na ponta do dedo mindinho, ao mesmo tempo que tentava conter as lágrimas. Devia ser nova, pobrezinha, para levar tudo tão a peito. Quem trabalhava no Home há algum tempo, habituava-se aos acessos de fúria, sem se deixar perturbar, deixando de entender aquilo como um ataque pessoal. Os acessos de fúria, as arengas, as discussões? Tudo fazia parte da lenda, não era? Ned Groom, o picuinhas visionário. O génio volátil que construía um império a seu gosto. O homem que, se quisesse, era capaz de criar uma carreira (ou acabar

com ela por capricho). Nikki vira-o atirar um pisa-papéis decorativo por uma janela de vidro laminado, passando a menos de um metro da cabeça de uma empregada de limpeza (dias antes da inauguração do Country Home). Vira-o brandir uma faca de cozinha a poucos centímetros da cara de um porteiro (na noite de inauguração do Highland Home). No seu primeiro turno no Covent Garden Home, há muitos anos, era ela uma pequena e tímida empregada do bengaleiro, vira-o rugir para uma rececionista por pronunciar mal o apelido de um membro.

Embora a sua elocução precisasse de ser suavizada, era preciso admitir que, de uma forma geral, ele tinha razão. Se aqueles ovos fossem parar à mesa de um membro, seriam mandados para trás. Depois de os pormenores deste salão serem aprimorados de acordo com as suas indicações, não havia dúvida de que ficara um milhão de vezes melhor. E Nikki também sabia — todos sabiam, à exceção talvez da pobrezinha ao fundo da sala — que, depois de desabafar, Ned esqueceria o candelabro, a jarra e as obras de arte. Todos receberiam a sua palmadinha nas costas e o seu bónus, e seriam elogiados por serem uma equipa às direitas.

— Tu! — silvou Ned, agigantando-se sobre a assistente de metro e meio. — Dá-me a entender que tens bom gosto, *ao contrário deste bardamerdas*. — Apontou o dedo acusador ao chefe dela. — Não tiveste vontade, a certa altura, de fazer notar que isto parece o rescaldo de uma rixa numa loja de bugigangas? — Ela olhou suplicantemente para o seu superior, que se limitou a encolher os ombros como quem pede desculpa. Ned olhou de uma para o outro e depois para a mesma. Ninguém abriu a boca.

— Muito bem — disse Ned, abanando a cabeça, um sorriso dengoso nos lábios —, quem é que me vai mostrar a biblioteca, assim sendo?

Ninguém estava com muita vontade de mostrar a biblioteca a Ned.

Nesse instante, Nikki pediu licença para se ausentar, apontando para o telemóvel e fingindo estar a fazer um telefonema. O primeiro andar do The Manor consistia numa série de divisões de pé direito alto com vistas amplas

para o mar, englobando restaurantes, bares e um laranjal com telhado de vidro no piso inferior. Percorreu o corredor com paredes de carvalho, olhando para os vários cubículos opulentos que surgiam a cada lado, e depois desceu a larga escadaria central. No átrio majestoso, viam-se alguns elementos da equipa de Annie amontoados à volta da receção, percorrendo fotografias de membros nos seus *iPads* e rindo, enquanto os *barmen* atravessavam a sala com caixas de *Krug vintage*, tentando desviar-se das empregadas de limpeza que aspiravam entusiasticamente os tapetes persas e limpavam o pó aos dois flamingos empalhados que flanqueavam a entrada.

Estava um pouco mais fresco na rua do que a intensidade do sol da manhã sugeria. Nikki consultou o relógio. Seria cedo demais para enviar outra mensagem a Adam? Ou para lhe ligar? Ele é que era o irmão de Ned. Também deveria estar presente para tratar destes assuntos, para absorver tudo, para ajudar a acalmar os ânimos.

— Adam — suspirou para o atendedor de chamadas, naquela que era a terceira mensagem que lhe deixava durante a manhã. — Adam, podes dizer-me a que horas contas chegar, por favor? O Ned está à tua espera há uma hora e está... Não está de bom humor.

Virando-se para o The Manor, vendo as antiguidades desfeitas, espalhadas pelo relvado, em cima dos canteiros e pelo caminho de gravilha debaixo da janela, suspirou. Bem, pelo menos isso já era assunto arrumado — num dia como o de hoje, não se tratava de saber se Ned teria um acesso de fúria, mas *quando* o teria, e que estragos a explosão causaria. Exatamente como a sua mãe, pensava Nikki muitas vezes — motivo pelo qual talvez aquilo não a afetasse na maior parte das vezes.

Que revelação, que alívio fora compreender, por volta dos 12 anos, que o mau génio da mãe não era uma coisa que ela pudesse impedir. Que, por muito pouco barulho que fizesse a caminhar, por muito bem que limpasse tudo ou por muito que tentasse não chamar as atenções sobre si, ela conseguia sempre encontrar um motivo para perder as estribeiras. É claro

que isso não tornara mais agradável estar no olho do furacão, mas conseguira deixar de interiorizar tudo aquilo.

Ao ouvir um estrondo, levantou os olhos e viu a rapariga que estivera a tentar conter as lágrimas sair a correr pela porta da frente do The Manor, travando subitamente quando os seus olhares se cruzaram. Nikki sorriu e chamou-a.

— Desculpa, eu devia saber, mas há tanta gente nesta ilha... Como te chamas?

— Chloe — respondeu, quase num sussurro. — Lamento. Lamento mesmo muito. É apenas o meu primeiro mês aqui. Estava tão entusiasmada. Pensei que ia fazer um excelente trabalho. — Fungou. — Achas que ele me vai despedir? Devo pedir desculpa?

Nikki passou um braço pelos ombros trémulos de Chloe e deu-lhe um apertão. Não, pensou, está tudo bem. Ele não costuma despedir as raparigas bonitas. Até fez uma piada sobre isso, parafraseando um pretensioso e há muito despedido arquiteto do Home: «É como disse o William Morris, Nikki, certo? Não tenhas ninguém no teu Home que não saibas ser bonito ou que não acredites ser útil.»

Na realidade, Nikki estava bem ciente de que a sua beleza era um dos motivos pelos quais continuava a ser um acessório do Home há tanto tempo. Não se tratava de arrogância, mas da constatação de um facto. Porque se havia algo que uma carreira como modelo dava — mesmo uma tão curta como a de Nikki —, era uma confirmação exterior da nossa beleza, uma noção inequívoca das portas que isso abre e dos problemas que acarreta.

Além do mais, Nikki era extremamente eficiente. E também gostava daquilo que fazia, na maior parte das vezes.

Porque se Ned conseguia ser cruel, conseguia também ser incrivelmente generoso, extraordinariamente atencioso. Alguns dos presentes de aniversário e de Natal que lhe oferecera — «Desculpa por ter sido um idiota

nos últimos 12 meses» — tinham sido absurdos. O guarda-roupa na sua pequena casa vitoriana no sul de Londres estava atulhado de dispendiosos pedidos de desculpa: bolsas *Celine*, botas *Louis Vuitton*, pulseiras *Hermès*. Ned também podia ser divertido e carismático. As suas imitações. As suas expressões. Aquele tipo de pessoa a quem era preciso, literalmente, suplicar para que parasse, porque dava tanta vontade de rir que se ficava sem fôlego. Chloe acabaria por perceber tudo isso, caso continuasse no Home.

— Oh, querida, não chores. Fizeste um trabalho incrível, tu e a tua equipa. Olha para este lugar! É lindo. — Olharam as duas para a casa, de uma simetria perfeita, com as suas colunas coríntias, a pedra âmbar a deixar escorrer as glicínias que Ned exigira que fossem presas com grampos uma semana antes, o que tivera um custo assombroso.

— Agora, respira fundo e volta lá para dentro. Pede a um *barman* que te dê um brandy para te acalmares. O Ned nota se te ausentares muito tempo e não vai gostar. Ele quer que as pessoas que trabalham para ele sejam duras, capazes de aguentar uma piada. Estamos todos cansados e fervemos em pouca água. Não é nada pessoal. Ele é sempre assim antes da inauguração de um novo clube — afiançou a Chloe. Os lugares-comuns do costume, as desculpas conhecidas, saindo-lhe com facilidade pela boca.

Porém, mesmo ao dizer essas palavras, Nikki sabia que não eram bem verdade. Desta vez, Ned *estava* diferente. A sua fúria, menos focada. Aquilo que o irritaria, menos previsível. Os seus padrões de comportamento, os meandros da sua irritação, muito mais erráticos.

Talvez fosse por ter comprado uma ilha.

Talvez estivesse a sofrer mentalmente com a pressão dos custos deste espaço e do seu restauro, com os atrasos que tinham acontecido. Os infundáveis e-mails de empreiteiros a exigirem pagamentos, as cartas que tinham começado a receber dos advogados de alguns fornecedores. Ned, o perfeccionista, ignorara-as e gastara mais dinheiro do que o Home parecia ter para conseguir os pormenores *a seu gosto*.

Talvez.

De uma coisa Nikki tinha a certeza em relação a Ned: havia algo que começava a ficar fora de controlo.

Adam

Ou eu ou o emprego, fora esse o ultimato. Por outras palavras: ou Adam Groom dizia ao seu irmão, Ned, até ao final deste fim de semana, que iria apresentar a demissão — pretendendo vender a sua quota parte no Home Group e acabando, assim, com uma sociedade que durara um quarto de século — ou o seu casamento estaria acabado.

— Não estou a ser razoável? — perguntara-lhe Laura.

Ele respondera que sim. A mulher dele era uma pessoa razoável. Fora muito paciente. Lembrava-se de dizer a Laura, no seu primeiro encontro — jantar no The Ivy (no tempo em que ainda era *in* lá ir) e depois um copo no terraço do Covent Garden Home —, que estava inclinado para, eventualmente, lançar-se sozinho, sair debaixo da sombra de Ned, receber a sua participação na empresa e iniciar o seu próprio negócio, um pequeno *pub* com refeições de qualidade, talvez perto do rio. Quiçá uma pequena loja de vinhos local, com duas mesas à luz das velas para reservas à noite. Talvez melhorar a sua forma física. Jogar golfe ou ténis.

Isso fora a visão. Isso fora o sonho. Isso fora há 15 anos.

Lembrava-se de, há dez, durante uma noite quente de férias, ficar acordado até tarde com uma garrafa de vinho e fantasiar acerca do quanto a sua participação no negócio poderia valer agora — quais os potenciais compradores, o que poderiam fazer com esse dinheiro — e de ficar entusiasmado com as possibilidades. Ela salientara que uma das coisas boas do *life coaching* era poder ser exercido em qualquer lugar. O panorama dos restaurantes na sua terra natal, Melbourne, era fantástico. Ela ainda tinha contactos que a poderiam ajudar a estabelecer-se e a arranjar clientes.

Porque não começar um negócio em nome próprio, saindo debaixo da sombra de Ned — ou, se Adam pretendesse um sítio mais longe dos pais dela, talvez em Sydney?

Já se tinha passado uma década desde essa conversa, uma década em que o Home abrira clubes de forma consistente por todo o mundo e ele ainda não se livrara daquilo. Adam era capaz de compreender o motivo da impaciência de Laura. Era capaz de perceber porque estava chateada. Nessa manhã, também ela fora acordada às sete por um taxista rabugento a tocar à campainha.

— Adam Groom? — indagara o homem. Há meia hora que estava à espera lá fora. Estava farto de telefonar. O problema era que o número para o qual ele estivera a ligar era o do telemóvel de Adam, e o telemóvel de Adam estava no bolso do casaco de Adam, que estava pendurado nas costas de uma cadeira, numa suite a quinze quilómetros, em Covent Garden, onde Adam ainda estava ferrado a dormir.

— Onde estás? — perguntara Laura, zangada, quando Adam atendeu o telefone.

— Home^[1] — respondera, sem querer fazer um trocadilho. — Olha — dissera a Laura, consultando maquinalmente o relógio e estremecendo —, acabou por ficar tarde. Só me sentei para jantar às dez e meia e depois as pessoas quiseram mais um copo. Eu sei. Desculpa. Eu sei que prometi. Lamento mesmo muito.

Ele desiludira-a. Desiludira-se a si mesmo. Na realidade, não tinha desculpa ou, pelo menos, uma desculpa que não estivesse gasta há muito. Não podia ter telefonado? Não podia ter enviado um SMS? Imaginou Laura à espera, a ler na cama, a consultar o telemóvel, ora ansiosa, ora chateada. Provavelmente, a segunda opção.

— Lamento — repetiu Adam.

E lamentava realmente, mas ela já devia saber quão stressante era a véspera de uma inauguração.

Como Ned estava na ilha — tal como estivera sempre durante o último mês —, Adam estava encarregue não só de aprovar todos os aspetos do orçamento — que não parava de aumentar — para a maior festa da história do Home, como também de tomar decisões relacionadas com toda a empresa. Era muita responsabilidade, muita pressão. Já para não dizer que tivera apenas três dias para contratar uma nova chefe das camareiras para o Island Home, porque Ned se encarregara de despedir a anterior a dez dias da inauguração. Durante esse tempo, não parara de receber telefonemas, vindos de todo o mundo, a pedir a sua aprovação para determinada despesa ou determinado plano, assim como telefonemas de Nikki, que queria assegurar-se de que ele sabia onde teria de estar a seguir e de como lá chegar.

Uma das desvantagens de ocupar um cargo tão ambíguo como o de Diretor de Projetos Especiais era que nunca sabia exatamente que projeto especial lhe seria impingido pelo irmão ou quem estaria do outro lado da linha com um pedido, uma pergunta ou um problema. Quem apareceria na cidade sem se fazer anunciar e quereria ir jantar fora ou conversar acerca de algum assunto enquanto bebiam um copo.

Como ele adorara o seu emprego, nos primórdios. Como ficara feliz por trabalhar com Ned, o irmão mais velho que sempre adorara. Como se sentira privilegiado por ser a primeira pessoa, muitas vezes a única, com quem Ned partilhava os seus planos. Os seus esquemas, as suas ambições para o clube. Como costumava divertir-se nas festas, jantares e noitadas espontâneas a meio da semana. Comemorar com alguma banda o primeiro *single* chegar ao topo da tabela. Dançar em cima da mesa numa noite de terça-feira. Ser o primeiro a atirar-se para dentro da piscina no *rooftop*. Agora, era com uma nítida sensação de pavor que Adam se obrigava a vestir uma camisa engomada, a passar uma lâmina de barbear pela cara enrugada, a fazer uma expressão afável e a preparar-se para mais uma noite de gritos e copos, enfrentando com um sorriso nos lábios conversas das

quais só apanhava metade.

Laura tinha razão. As coisas não podiam continuar assim. *Ele* não podia continuar assim. Tinha 49 anos. O que dizia Laura aos seus clientes? Que, se uma pessoa quisesse mesmo muito, nunca era tarde para mudar de vida, para seguir sonhos, para ser uma pessoa melhor, para começar a tratar quem as rodeia como merecem ser tratadas. Era isso que Adam queria. Ser. Fazer. Todas essas coisas.

Quando Adam se apanhava de relance num espelho desconhecido, de um ângulo estranho, às vezes a altas horas da noite, ou numa manhã como esta, sentia um verdadeiro sobressalto de horror, compaixão, preocupação e repulsa. Tudo isso quando se apercebia da fragilidade do seu cabelo, do brilho do seu couro cabeludo sob uma luz direta. Quando se apercebia dos seus olhos pequenos e feios, consoante a noite avançava. Quando se apercebia do vazio da sua própria expressão, da curvatura da sua boca. Quando se apercebia de que tinha a braguilha aberta, a camisa desfraldada e que entornara várias ou a mesma bebida, algumas vezes, em cima de si. Quando pensava em todas as coisas que dissera e fizera ou que não fizera e não dissera. Quando se apercebia de como estava indisposto e infeliz, e de como se sentia tão dentro da meia-idade.

Um dia, aquele emprego acabaria, literalmente, por ser a sua morte.

Quando Laura lhe ligara, já o taxista se tinha ido embora, zangado, o que era uma pena, pois de contrário poderia levar o saco de fim de semana de Adam, que já estava quase preparado, e ir buscá-lo ao clube. Em vez disso, Adam teve de chamar outro táxi para o levar até Richmond (precisamente na direção oposta) e depois seguir com ele e o saco para a ilha, no meio de um trânsito terrível.

Quando chegou ao Island Home, despertando no banco de trás do carro com um solavanco, Adam tinha 32 chamadas não atendidas — a maioria de Nikki, algumas de Annie — e estava muito, muito atrasado. Enviou uma mensagem a Nikki a dizer: «Diz-lhe que a empresa dos táxis fez merda.

Diz-lhe que estou quase a chegar».

Também tinha uma mensagem de Laura que dizia apenas: «Boa sorte».

Bem iria precisar. Tinha sérias dúvidas de que esta conversa com Ned fosse agradável. Tinha boas razões — e a sua mulher não estava a par de todas — para adiá-la durante tanto tempo.

Sempre que Adam atravessava este caminho pelo meio da água, lembrava-se da primeira vez que tinha estado na ilha, numa gélida manhã de fevereiro, em inícios dos anos 2000, pensando então como era ridícula a ideia de comprar aquele sítio — como é que o Home Group o conseguira pagar? O que lá iriam fazer? Uma ilha enorme, bela, coberta de vegetação, praticamente desabitada, cheia de arvoredos cerrados na sua maior parte, com relva e ervas daninhas que davam pela cintura quando uma pessoa passava por um trilho de terreno descerrado, apenas uma estrada digna desse nome, uma paisagem pontilhada por construções rurais abandonadas, casamatas de betão, cobertas de musgo, voltadas para o mar, pequenas casas de campo sem telhado, estufas sem vidros, metade da mansão em ruínas, o resto habitado por um casal de idosos excêntricos, a maior parte dos móveis tapados por lençóis, todo aquele lugar uma abstração melancólica em tons castanhos e pardacentos. E era ver como estava agora. Podia dizer-se o que se quisesse de Ned, mas não era qualquer um que seria capaz de criar o que ele criara.

Adam estava a tirar o seu saco de fim de semana da bagageira do táxi, à porta do The Boathouse, quando ouviu o helicóptero a aproximar-se. Virou-se para perscrutar o horizonte à sua procura e viu um helicóptero particular a voar baixo — preocupantemente baixo — por cima do caminho que ligava ao continente. Quase depressa demais para ser real, deixou de ser um pontinho ao longe e transformou-se num colosso a trovejar por cima da sua cabeça, de pás a girar, fazendo o seu movimento descendente surgir rostos às janelas, levantando nuvens de poeira por cima da gravilha. Interrogou-se se seriam *paparazzi*, mas não. Alguém que quisesse tirar fotografias aos

hóspedes que estavam para chegar, dificilmente queria dar tanto nas vistas. Não, Adam percebeu que só havia um hóspede que poderia chegar tão cedo e com tanto aparato:

Freddie Hunter.

Porque é que a última pessoa que queremos ver é sempre a primeira a chegar a uma festa?

[1] Em português, «casa» [N. T.]

CONTINUAÇÃO DAQUI

Mesmo antes de o corpo ser oficialmente identificado, mesmo antes de os mergulhadores chegarem e se terem envidado tentativas de aproximação, resgatando o carro submerso e o seu macabro conteúdo, já a cobertura escaldante da imprensa havia começado.

Por todo o país, aliás, por todo o mundo, as pessoas assistiram e voltaram a assistir à cena, à medida que os canais noticiosos repetiam as mesmas imagens: fotografias desfocadas da tenda de resgate erguida no meio das árvores, conseguidas com recurso a *drones*; a equipa forense com os seus fantasmagóricos macacões de capuz; um clipe de vídeo de Ned Groom, repetido até à exaustão, cujas imagens tinham sido captadas alguns anos antes para os prémios Homem do Ano da revista *GQ*, a explicar como preparar o *Old Fashioned* perfeito («Isto é o que eu peço a todos os meus colaboradores que preparem antes de os contratar — o teste para *barman* do Home... Portanto, deitamos açúcar, *bitters*, *whisky* e uma rodela de laranja...»), falando para a câmara sobre o que era preciso para uma excelente festa («Trata-se de fazer as pessoas sentirem-me bem-vindas, criar um ambiente em que podemos relaxar e sermos nós mesmos — afinal de contas, o clube chama-se Home...»).

As imagens tremidas dos primeiros barcos a chegarem ao continente, dos primeiros convivas, aconchegados para se protegerem do borrifo das ondas,

das expressões chocadas dos hóspedes a serem ajudados a subir para o cais. Pessoas embrulhadas em mantas de folha de alumínio. Pessoas a chorar. A invulgaridade de se identificar, entre aqueles rostos manchados de lágrimas e ansiedade, um que era conhecido, alguém famoso, depois outro, e outro. Aquela atriz. Aquele cantor. E sermos obrigados a compreender que não se tratava de um filme, que estava realmente a acontecer, naquele preciso momento.

Por todo o mundo, pessoas que, dias antes, muito provavelmente nunca tinham ouvido falar do Home, agarravam-se aos telemóveis, estranhamente inquietas, inusitadamente excitadas, à espera da confirmação da identidade dos mortos.

Não tardou muito a entrarem em ação os detetives de bancada e a começar a espalhar-se toda a espécie de teorias da conspiração. No Reddit, surgiram, quase de imediato, alegações sobre quem estava na ilha. Circularam no 4chan asserções absurdas sobre os ocupantes do veículo submerso. No YouTube, fizeram-se circular relatórios de autópsias, passando a pente fino quaisquer novas imagens, nelas procurando provas de serem forjadas. Surgiram histórias absurdas sobre avistamentos de helicópteros não identificados a acercarem-se da ilha e dela partirem. Pessoas que viviam a milhares de quilómetros sentiam-se furiosas, afirmando haver encobrimento de provas. De repente, todos os utilizadores no Twitter eram versados nas especificidades de segurança do modelo elétrico de 2020 do *Land Rover Defender*, e todos os utilizadores do Facebook eram especialistas nas particularidades das correntes e marés do estuário de Blackwater. Foram vários os atores que se sentiram compelidos a anunciar nas redes sociais que ainda estavam vivos. Em vários casos, foram centenas as pessoas que lhes pediram que o provassem.

Ainda hoje, seis meses depois do sucedido, muitos dos convivas que, como se via nas primeiras imagens amadoras, tremiam no cais, ainda não conseguem fazer publicações — uma fotografia sua na passadeira vermelha

de alguma estreia ou uma caminhada nas Hollywood Hills — sem serem imediatamente bombardeados com perguntas acerca do que viram na ilha naquele fim de semana, do que disseram à polícia, bombardeados com mensagens a exigir esclarecimentos acerca de uma ou outra incongruência na versão oficial dos acontecimentos.

«Os comentários no Instagram podem ser um pouco incômodos. Publiquei uma fotografia da festa do oitavo aniversário da minha filha Lyra, na semana passada, e apareceu logo alguém a fazer comentários sobre redes de pedofilia, a exigir saber o que aconteceu no Island Home. Como se eu soubesse!», afirma Kyra Highway, abanando a cabeça com o ridículo da sugestão. «Acontece que», salienta, «eu nem sequer era para estar lá. Sou membro, sim, mas nunca faria parte da lista de convidados de uma inauguração como aquela. Não agora. Creio que a última a que fui foi no Venice Home, e quando foi isso? Em inícios de 2014?» A cantora encolhe os ombros.

Qualquer pessoa com boa memória para escândalos com celebridades estará recordada de que 2014 não foi um bom ano para a cantora Kyra Highway. Acabada de se casar com o futebolista Keiran James — a revista *Hello!* pagou na altura uma boa maquia para assegurar o exclusivo sobre o seu sumptuoso casamento, no qual a sua filha Lyra, então de 1 ano, fora uma adorável menina das alianças, com uma saia cor-de-rosa —, viu a sua vida familiar colapsar. O tabloide *News of the World* publicou uma notícia de primeira página sobre o caso de Kyra com Sean Nicholl, melhor amigo e colega de equipa de James, dando origem a um frenesim jornalístico de vários meses para os tabloides, cada um deles lançando manchetes mais sensacionalistas e intrusivas do que o anterior. O consequente divórcio desenrolou-se na praça pública, e a sua carreira musical no Reino Unido nunca recuperou totalmente das repercussões, como, aliás, se pôde ver com o resultado de *Free Again*^[2], o *single*, escrito acerca da separação, que se ficou pela 41.^a posição nas tabelas de venda britânicas (embora tenha sido

um sucesso na Alemanha, onde atingiu o top 10, e nas Filipinas, ocupando o primeiro lugar durante uma semana).

Highway está sentada de pernas cruzadas no sofá de canto da sua casa em Primrose Hill, com o cabelo encaracolado apanhado num puxo desleixado, e o seu rosto em forma de coração, como o de uma boneca, sem maquilhagem, mas radioso. Desculpando-se profusamente por não estar aperaltada, consegue manter a elegância num fato de treino de caxemira cinza-claro, exibindo os pés descalços arranjados na perfeição. «O que aconteceu foi que, noites antes da festa de inauguração, eu estava no Covent Garden Home e encontrei o Freddie. Fiquei muito contente por vê-lo, porque me esquecera completamente de que ele estava na cidade...»

Freddie, claro, é o angélico Freddie Hunter, antigo menino de coro e americano de gema que granjeou a fama precocemente nos Estados Unidos com o muito bem-sucedido trio *pop* Sideways (poderão lembrar-se dos conjuntos de ganga integral e dos cabelos espetados, cheios de gel), antes de abandonar o grupo, no auge do sucesso, e de se mudar para o Reino Unido, procurando fugir da ribalta. Freddie é agora mais conhecido como o apresentador do *talk show* noturno de maior sucesso nos EUA — trabalho conseguido após várias passagens por clínicas de reabilitação e alguns anos de um lado para o outro na sua terra adotiva, enquanto apresentador de programas de televisão em horário nobre no Reino Unido (daí a ocasional inflexão *cockney* no seu sotaque californiano). Notoriamente engraçado, irrepreensivelmente encantador e infalivelmente cortês para com os convidados do seu programa, fora Freddie quem imaginara o plano para a sua velha amiga entrar clandestinamente no Island Home, dentro do helicóptero que tem na sua mansão de Surrey (uma das várias propriedades palacianas de que é proprietário), igual em marca e modelo ao que tem na sua casa em Montecito e pilota (ou finge pilotar, por motivos de segurança) enquanto canta com os convidados em *Duetos nas Alturas*, um segmento do seu programa.

«Os clubes Home são assim», explica Kyra. «Mesmo que estejamos apenas a beber um copo numa noite de terça-feira, sentimo-nos numa festa privada, onde conhecemos toda a gente. De qualquer modo, eu e o Freddie já somos amigos há uma eternidade», continua, apontando para uma fotografia emoldurada que tem no aparador, na qual aparecem os dois, obviamente ainda adolescentes, num palco no Madison Square Garden. «Isso foi quando eu estava a tentar lançar-me nos EUA.» Ri-se e abana a cabeça. «Coisa que nunca aconteceu, pois não? Enfim, eu e o Freddie somos unha com carne desde que nos conhecemos, e quando ele saiu da banda e se mudou para aqui, pintámos a manta. Se calhar, até exagerámos...» Pisca o olho.

«Desde que ele voltou para os EUA, temos a tradição de ir uma vez por ano a algum sítio, só para estarmos juntos.» Deixa sair a sua típica gargalhada. «Ir a discotecas em Ibiza, uma semana nas Maldivas se nos sentirmos com vigor... Fomos a Las Vegas, a um retiro de *detox* no Havai — aguentámos duas noites com um jejum de sumos, mas depois fugimos para ir beber *piña coladas*...» Aponta para outra fotografia em que aparecem os dois a sorrir num bar de praia, segurando cocktails do tamanho de baldes, ruborizados do rum e do sol.

«Adiante, nessa noite, depois de uma ou duas bebidas, tocámos algumas canções ao piano, no bar do piso de cima, e bebemos mais uns copos. Ele disse que ia ao Island Home na quinta-feira, de helicóptero. Como ainda não tínhamos feito a nossa viagem anual e já estávamos em outubro, sugeri que também fosse.» Encolhe ligeiramente os ombros. «Como não tinha planos, concordei. Acho que não pesámos bem as consequências.»

Para alguém que — se este apartamento de cinco pisos no norte de Londres serve de exemplo — fez rios de dinheiro com a sua carreira de cantora, com três temas a chegar ao número 1 no Reino Unido, dois álbuns a chegarem ao top 10, e espetáculos esgotados em estádios por toda a Europa no currículo, Kyra Highway é extraordinariamente modesta. Tão

discreta que é fácil esquecermos a amplitude do seu sucesso, o grau de estrelato que atingiu no auge da carreira. Considerando a sua compostura, também é fácil esquecer o seu percurso — os obstáculos que teve de ultrapassar — para aqui chegar, algo que descreve com uma honestidade brutal na sua autobiografia, *bestseller*, *My Way, the Highway*. O namorado abusivo na adolescência. O *bullying* na escola. A súbita ascensão ao estrelato aos 14 anos. Todas as piadas no *Never Mind the Buzzcocks* sobre o seu sotaque de Birmingham. O assédio dos *paparazzi*. As ofensas nos tabloides. O divórcio. Quando pensamos nos anos que já passaram desde o seu primeiro sucesso, e em como, desde então, tem sido uma presença consistente na consciência do público, é difícil acreditar que a cantora ainda só está na casa dos 30.

«Perguntei se me iriam querer lá, mas o Freddie foi intransigente e disse que a Annie Spark ficaria encantada — ou que, mesmo que não ficasse, o saberia disfarçar», relembra Kyra. «E tinha razão. Mas havia de ter visto as caras deles quando atravessaram o relvado para receber o helicóptero e repararam que não era só o Freddie quem lá estava a acenar. Meu Deus. O pânico. Principalmente, quando a Lyra saltou do helicóptero atrás de mim e perceberam que eu também a tinha levado.» Esboça um sorriso ao recordar e abana a cabeça, ficando pensativa.

«Sabe», diz, serenamente, «quando penso no que aconteceu, a decisão de que mais me arrependo — e se leram as minhas memórias ou os jornais, saberão que já tomei algumas muito más — foi de ter levado a minha filha comigo. A segunda, de não me ter vindo embora mais cedo. Aquela manhã de domingo foi o caos. Mesmo assustador. *Drones* às voltas por cima das nossas cabeças. Toda a gente a tentar sair da ilha, a tentar perceber quem faltava, a abrir caminho pelo meio da turba para chegar ao The Boathouse, a empurrar, a gritar, a querer recuperar os telemóveis para telefonarem aos agentes, aos assistentes pessoais, aos agentes publicitários, às mães. Nunca me esquecerei desse dia. A vaguear pela ilha com a minha filha —

a única criança naquele sítio — agarrada à minha mão, a chorar. As duas a sermos empurradas pelas outras pessoas, à procura de alguém com um cargo de autoridade para lhe dizer aquilo que a Lyra me tinha dito. Aquilo que a Lyra tinha visto.»

[2] Em português, «Novamente Livre». [N. T.]

Capítulo Dois

Final de Tarde de Quinta-Feira

Jess

Não foi assim que Jess imaginara a sua primeira noite na ilha: a fazer de ama-seca de uma pequena penetra.

Tinha tanto que fazer. *Tanto que fazer.* Era essa a ideia assustadora que insistentemente lhe tomava a mente de assalto. Em circunstâncias normais, para preparar uma inauguração como esta, seria precisa uma pessoa há um ano no seu cargo, pronta para escolher a equipa e conhecer os seus pontos fracos, pronta a compreender a ilha e as suas subtilezas, como a maneira mais rápida de chegar de uma cabana a outra.

A sua visita ao Island Home consistira maioritariamente em breves e rápidas paragens intermitentes, tendo um Adam Groom acabado de chegar como anfitrião, de roupas engelhadas e um ar vagamente aborrecido, conduzindo o carrinho de golfe praticamente sem parar por caminhos sinuosos sobre aparas de madeira, chocalhando e abanando ao atravessar pequenas pontes de madeira sobre ribeiros e regatos, e desviando-se para cima dos arbustos ou do relvado sempre que se cruzavam com outro carrinho. Adam fazia pontaria aos intervalos entre as árvores, enquanto passavam a toda a brida pela piscina exterior, o pavilhão de ioga, o celeiro do pequeno-almoço, o lago, a pista de betão que levava ao centro de desportos náuticos (que ainda não estava concluído, mas dificilmente

alguém iria querer fazer *paddle* em finais de outubro, mesmo com o sol a brilhar), a curva que dava para a residência pessoal de Ned (o caminho que lá levava tinha uma indicação bem visível a indicar ser um acesso privado), o grande cais onde todos os suprimentos da ilha eram descarregados, a cantina do pessoal, e o seu alojamento (um comprido edifício de tijolo de rés-do-chão e primeiro andar com janelas minúsculas, ao lado de um gerador) — local onde ele a deixou, para que pudesse ver o seu quarto (cama de solteiro, guarda-vestidos, lavatório, espelho, vista para o telhado ondulado e coberto de pinhas do abrigo para as bicicletas do pessoal) e se refrescar (havia chuveiros ao fundo do corredor em cada piso), antes de conhecer a sua equipa.

Um documento de passagem de testemunho? Infelizmente, não, disse Adam enquanto consultava o relógio. Lamentava-o. A equipa dela informá-la-ia sobre tudo aquilo que ela não conseguisse perceber sozinha. Tinha a certeza de que ela se sairia muito bem. Esboçou um sorriso de encorajamento bastante convincente e, por instantes, parecera estar prestes a dizer algo, mas duas jovens empregadas de uniforme (uma ruiva e uma loura) saíram do bloco de alojamento e Adam chamou-as para saber se precisavam de boleia para algum sítio. Uma sentou-se ao lado dele, outra subiu para o banco de trás, enquanto Jess pegava no seu saco e Adam dizia algo que as fez rir; depois, despedindo-se fugazmente, arrancou.

Jess esperava ter causado boa impressão junto da sua equipa. Não fizera um grande discurso; apenas algumas palavras sobre estar entusiasmada por trabalhar com todos eles, explicando quem era e falando um pouco sobre a sua experiência. A sua tentativa de dizer uma piada conquistara algumas risadas e bastantes sorrisos. No fim, perguntara se alguém tinha alguma pergunta e — como seria de esperar — duas pessoas com dúvidas sobre as suas rotas levantaram logo a mão.

Muitas vezes, sentia-se desconfortável em dizer às pessoas o quanto da sua carreira se passara num hotel onde o seu pai fora diretor-geral — o The

Grange —, sem saber se deveria aludir à ligação familiar. Não era que não se orgulhasse de seguir os seus passos, mas, para quem não crescera numa cidade pequena como a dela, era difícil compreender como as opções de emprego eram limitadas para quem era responsável por outras pessoas (a menos que se tivesse a sorte, se fosse suficientemente bonita, de conseguir emprego no Country Home). E Jess era-o. Não podia simplesmente sair dali.

Dissera-lhes que era extraordinário estar ali — e não estava a exagerar. A dimensão do lugar, as distâncias entre as cabanas, não era fácil de assimilar. Aquele não era o tipo de sítios em que uma pessoa vai à varanda e dá de caras com o vizinho do lado a tomar o pequeno-almoço de roupão, e ambos têm de fazer o possível por se ignorar. Ali, na ilha, graças a um cuidadoso design, uma pessoa nunca daria pelo vizinho ou pelas outras cabanas. Os membros podiam sentir-se à vontade para tomar banho com os cortinados abertos, a ver o sol pôr-se no mar, de lareira acesa. Jess não esperara, contudo, sentir esse isolamento, sobretudo quando a maré estava cheia e a única maneira de sair dali durante as dez horas seguintes fosse de barco ou helicóptero. Os vizinhos mais próximos era uma pequena cidade, situada algures no horizonte de um dos lados (uma vaga impressão de construções distantes e pardacentas, e embarcações de cascos brancos, mesmo num dia soalheiro como o de hoje, e presumivelmente não mais do que um minúsculo aglomerado de distantes luzes alaranjadas à noite), e a reserva natural de aves no extremo mais afastado do estuário, do lado oposto.

Durante a visita guiada de Adam, Jess pensara no que, na prática, aquilo significaria para ela. Considerando a dimensão da sua equipa. Considerando aquilo que lhes estava a ser exigido. Considerando o tempo que demoraria para duas pessoas darem a volta a uma daquelas enormes cabanas. Esse sempre fora o aspeto do seu trabalho que mais apreciava: a logística. Descobrir maneiras de tornar tudo mais eficiente, de poupar tempo e esforço à equipa. Definir quem teria de estar onde, quando e como. Não só

cumprir as expectativas, mas também superá-las. Perceber o que teria de acontecer, e em que sequência exata, para garantir que tudo corria de feição. Era desse tipo de coisas — resolver problemas — que ela gostava. Era assim que gostaria de ter passado a primeira noite no Island Home.

Em vez disso, ali estava ela, presa a noite inteira a cuidar de uma miúda de 7 anos extremamente precoce.

Fora por voltas das 18h que Annie lhe telefonara — precisamente quando Jess ia preparar uma chávena de chá e sentar-se durante cinco minutos.

— Como te dás com crianças? — perguntara Annie.

É evidente que Jess hesitara demasiado tempo antes de responder — resposta que terá sido algo como «Para ser franca, não sei bem» —, porque antes de se dar conta do que estava a acontecer, Annie já lhe explicava em que cabana ela se deveria apresentar, e quando.

— Vai ser canja — jurara Annie. — Pede alguma coisa para comer ao serviço de quartos, vê uns filmes, lê uma ou duas histórias, mete-a na cama. Eu já estive com a Lyra algumas vezes, é um doce de menina, muito adulta. Não vai dar trabalho nenhum, dou-te a minha palavra.

Naturalmente, Jess lembrava-se de Kyra Highway, a mãe de Lyra. Em tempos, estivera na ribalta. Anúncios da *Pepsi*. Painéis de programas de televisão. Capas de revistas. A capa do *News of the World*...

Ainda que não o quisesse, Jess não conseguia evitar sentir-se nervosa ao dirigir-se para lá, sentindo todas as instruções que Annie lhe dera nessa tarde a zunir na cabeça.

Talvez só a caminho da entrada da frente da cabana — as luzes dos dois lados começavam a acender-se no lusco-fusco, um pombo arrulhava ali perto — é que percebeu mesmo onde estava, o que estava a fazer, e como, de súbito, tudo aquilo era real.

Talvez só ao preparar-se para bater à porta da cabana (pois não encontrara a campainha, se é que havia uma) é que ocorreu a Jess que poderia tirar proveito de toda a situação. Isto, caso se atrevesse.

Para espanto de Jess — do que é que estava à espera? De um mordomo? —, fora a própria Kyra Highway a abrir-lhe a porta. Ainda não totalmente pronta e vestida, fizera sinal para Jess entrar, chamara Lyra para se vir apresentar, dissera a Jess para tirar tudo o que estivesse em cima das cadeiras e se sentar, desculpando-se profusamente por colocar alguém naquela situação desconfortável. Na realidade, não poderia ser mais simpática, mais humilde, mais amável. Prometera a Jess que já vinha uma ama a caminho — o Home arranjava uma, que chegaria pela manhã.

— Nem sei o que fazia em relação à noite de hoje se não fosses tu, Jess — disse. — Isto foi tudo decidido de repente... — Não concluiu o raciocínio, absorta a remexer na mala.

Jess sentiu um entusiasmo inusitado ao ouvir o seu nome proferido por uma pessoa famosa. Também era inusitado, quase como que onírico, estar cara a cara com alguém que vira na galhofa com Freddie Hunter no seu célebre *talk show*. Alguém cujas fotografias de casamento tinha apreciado na sala de espera do médico, alguém sobre cujo divórcio lera no *Mail Online*. Especialmente quando essa pessoa ainda não estava toda vestida e deambulava pela casa de roupa interior, exibindo as tatuagens, durante grande parte da conversa.

Enquanto ouvia Kyra tagarelar sobre a aterragem do helicóptero, explicando como conhecera Freddie, Jess interrogou-se se ela faria a mais pálida ideia do caos e da consternação que a sua chegada inesperada causara. As discussões acerca da sua presença ou ausência no jantar dessa noite. As alterações ansiosas acerca de onde raio iriam ela e Lyra pernoitar, se efetivamente lá ficassem. Jesse sabia que a sorte de Kyra fora outro membro ter sido forçado a cancelar a sua presença à última hora, telefonando a meio da tarde de um hospital nos Pirenéus com uma perna partida.

— Não chego tarde — prometera Kyra ao sair, dando um forte abraço a Lyra e um beijo em cada bochecha de Jess. — Juro. Vou só ter com o

Freddie para beber um copo no bar e depois vamos todos jantar. Duvido que regresse muito depois das 22h.

Eram agora quase 22h30m. Mesmo que Kyra chegasse dentro dos próximos cinco minutos, Jess nunca se conseguiria deitar antes da meia-noite. Aquilo era um pouco indelicado. Uma falta de respeito.

Por outro lado, e sendo totalmente franca, Lyra Highway não dera trabalho algum, tal como lhe fora prometido.

A primeira coisa que perguntara a Jess fora em quantos Home ela já estivera. Jess respondera dois — se contássemos com este e o de Londres, onde fora à entrevista. Lyra estivera em todos. O Paris Home era aquele de que mais gostara. De seguida, começara a classificar todos os outros, ordenando-os.

— A minha piscina preferida é a do Malibu Home — dissera a Jess, com desenvoltura. — Mas a água é um pouco fria. — No Shanghai Home, deixam os hóspedes ver a preparação de *dim sum*. A vista das cabanas no Upstate Home, em Nova Iorque, era fabulosa, mas as cabanas da ilha eram um pouco maiores e muito mais fixes. — Já os hambúrgueres de lá são melhores — dissera ela, olhando para o seu pedido, que ainda não conseguira comer.

Jess tentara lembrar-se se tivera opiniões assim tão confiantes quando era da idade de Lyra. Sobre gelados, talvez. O seu membro predileto dos Sideways, talvez. Também era bastante inquietante estar a tomar conta de uma criança que era objetivamente muito mais fixe do que ela.

Depois de jogarem *Candy Crush* no *iPad* de Lyra durante quase uma hora, Jess tentara, mas não conseguira, ensinar-lhe xadrez no tabuleiro ornamentado que repousava na mesa de centro, percebendo no processo que ela própria não se lembrava muito bem das regras. Jess ligara para a receção a perguntar se havia material de desenho, mas visto que, tecnicamente, não eram permitidos menores de 18 anos na ilha, também não havia nada para os manter entretidos, pelo que foi enviado um balde de gelo cheio de

canetas prateadas de tinta permanente e algumas folhas de papel timbrado. Jess utilizara-as como acendalhas para a lareira que havia num dos cantos da cabana, deixando a sala tão quente que tiveram de abrir as portas da varanda.

Lyra pedira um hambúrguer de *Wagyu* e uma garrafa de *Badoit* para o jantar; Jess não percebera se era suposto pedir alguma coisa também para si, por isso decidira não pedir nada. Com o passar das horas, arrepender-se-ia de tal decisão.

Depois de passar algum tempo às apalpadelas a tentar abrir o armário da televisão, embutido na parede em frente à enorme cama com a cabeceira de veludo rendilhado cor de ferrugem, Lyra explicara-lhe finalmente como se fazia. Percorrera cerca de 80 canais — filmes, noticiários, uma série de canais de *lifestyle* e viagens — sem encontrar nada apropriado para uma criança de 7 anos. Acabaram por ficar a ver um filme informativo sobre a ilha, repetido incessantemente ao longo do dia — os diferentes sítios onde comer, os horários do *spa*, a arte existente no local, uma entrevista a Keith Little.

— Conheces o Keith? — perguntou Lyra, deitada de queixo apoiado nas mãos, cabelo ondulado, olhos cor de avelã e cara em forma de coração. Uma cópia exata da mãe, mas em miniatura. A pergunta parecia genuína. Talvez não lhe ocorresse, simplesmente, que houvesse outros círculos sociais além do dela.

Sentada no cadeirão, Jess abanou a cabeça. Conhecia o nome, claro, e reconhecia vagamente o rosto que surgia no ecrã — a barba curta hirsuta, o brinco, o cabelo preto-azeviche apanhado num rabo de cavalo, os surpreendentes olhos azuis-claros. Havia uma filmagem dele, dos anos 90, num *talk show* noturno da BBC, embriagado, a escorregar lentamente pela cadeira, tornando-se cada vez mais resmungão, até acabar por arrancar o microfone da camisa e sair de rompante de cena para ir «beber uma *Guinness*».

— Já estive com ele umas *dez* vezes — disse Lyra, contando pelos dedos e acenando com a cabeça, enquanto confirmava mentalmente as ocasiões. — Mas, mesmo assim, ele nunca se lembra do meu nome. Dá-me sempre dois beijos e a barba dele arranha. E tresanda a tabaco.

Jess verificou outra vez as horas.

Era quase meia-noite.

Sugerira, por diversas vezes, que se calhar eram horas de Lyra escovar os dentes e ir para a cama.

— Não vale a pena — disse Lyra. — A mamã vai acordar-me quando acender as luzes ou tropeçar nalguma coisa. Não tenhas medo, que não arranjas problemas. Eu não tenho hora de ir para a cama.

Não obstante, Jess insistiu que Lyra tentasse pelo menos fechar os olhos.

Resmungando e bocejando, Lyra obedeceu.

Só depois de ter a certeza de que Lyra tinha adormecido, é que Jess apagou as luzes de cabeceira e foi à casa de banho. Demorou algum tempo a encontrar o interruptor — ou melhor, um aglomerado de reguladores de intensidade de luz acobreados, que foi experimentando (primeiro as luzes por debaixo do lavatório, depois a luz de cima do enorme chuveiro de vidro fosco, depois uma luz sombreada sobre a banheira de pés) até acender, finalmente, a que pretendia. Havia peças de roupa espalhadas pelo chão de betão polido, tiradas de várias malas. Numa parede de mosaicos antigos de Delft, havia um lavatório duplo e, ao lado, um kit de higiene de viagem para crianças e um saco de maquilhagem do tamanho indicado para uma sessão fotográfica profissional.

Não demorou muito a encontrar aquilo que procurava, enfiado a um canto da mala com o monograma de Kyra. Considerando o tempo que Kyra Highway deveria permanecer na ilha, era extraordinária a quantidade de comprimidos que levava. Se encontrasse aquele saco na rua, iria julgar que fora largado por alguém acabado de assaltar uma farmácia.

Aqui está, pensou Jess.

Soporíferos. E comprimidos fortes, a julgar pelo aspeto, e de vários tipos.

Deu por si a tentar perceber quantos conseguiria meter ao bolso sem que Kyra percebesse. Dez? Vinte? Havia três grandes frascos. Decidiu-se por quinze. Contou-os, embrulhou-os em papel higiénico e enfiou-os num bolso. Depois, fazendo um novo cálculo mental, voltou atrás e meteu mais meia dúzia na palma da mão.

Na outra divisão, Lyra Highway dormia profundamente, com a boca entreaberta. Jess deitou-se no sofá e decidiu passar também pelas brasas.

Não precisou de muito tempo para adormecer. A cabana era quente. Fora um longo dia.

O sonho começa sempre da mesma maneira.

Tem 6 anos, não é muito mais nova do que Lyra. Está deitada debaixo de um cobertor no banco de trás do carro dos pais. É de noite e seguem por uma estrada rural. Os faróis iluminam as sebes dos dois lados, os ramos das árvores por cima da estrada. O pai vai ao volante. A mãe está à procura de alguma coisa no porta-luvas — outro CD, talvez? Ao ouvir Jess mexer-se no banco de trás, o pai murmura algo para a mãe, olha para Jess por cima do ombro, e sorri. E, mesmo no sonho, ela sabe que é um sonho que já teve muitas vezes.

Por vezes, apesar de saber que não é assim que os sonhos ou as memórias funcionam, ela repara em alguma coisa, nalgum pormenor — o padrão do cobertor, a forma como a mãe pousa delicadamente a mão nas costas da mão do pai e a aperta, apenas por um momento —, e pensa: «Oh, nunca tinha reparado nisto.» Outras vezes, há falhas, incongruências, pequenas lacunas de lógica que, mesmo no sonho, lhe são óbvias e a incomodam, como, por exemplo, o modo como está subitamente sentada de costas direitas com o cinto de segurança posto, sem se conseguir lembrar de como ou porquê; ou como o rádio está muitas vezes a tocar outra música, não aquela que ela se recorda de ter tocado, mas a que passou no funeral do pai;

ou como sabe exatamente o que vai acontecer de seguida. E continua a tentar avisar os pais, continua a tentar chamar a sua atenção, mas a mãe continua a procurar algo no porta-luvas e o pai continua a conduzir e nunca é o momento do impacto que acorda Jess com um sobressalto, mas aquele em que percebe que, por muito alto que grite, ele não a consegue ouvir. Nunca a ouvirá.

Eram quase 2 da manhã quando Kyra chegou a cambalear à porta da cabana, dizendo a si mesma para fazer pouco barulho, e depois, sem querer, acendeu todas as luzes no máximo.

Nikki

— **U**m brinde ao aniversariante! — disse Annie Spark, fazendo sinal aos convivas para levantarem os copos.

Como o vestido que estava a usar era muito justo, e os chumaços dos ombros eram bicudos, parecendo prender-lhe os braços ao corpo, Annie não conseguiu levantar a sua própria taça de champanhe muito acima da cintura, algo que não passou despercebido nem a Ned, nem a Jackson Crane. Apesar de cada um deles estar sentado ao seu lado, Nikki não precisou de virar a cabeça para perceber os sorrisos matreiros que tinham no rosto.

— Percebi mal o código de vestuário, Sparky? — exclamara Ned com uma gargalhada, ao chegar ao salão antes do jantar, mirando-a dos pés à cabeça. — Deixa-me adivinhar... Pirata do espaço? Enfim, o que percebo eu de moda? Tu é que és a especialista do Home.

Annie dera uma risadinha como se tivesse gostado da piada, mas Nikki conseguira perceber que, se os ombros dela não estivessem presos pelo vestido, teriam descaído uns bons centímetros com o embaraço. Porém, não fora uma graça completamente descabida. Até Nikki fora apanhada de surpresa pelo vestido, questionando por instantes a sua sóbria escolha de indumentária — um macacão preto sem costas *Stella McCartney* (com 80% de desconto, o último tamanho 38 que havia, comprado com um vale de 5000 libras da Net-a-Porter que Ned lhe oferecera há dois natais, e que ela vinha a utilizar em compras desde então).

Não era de admirar. Como estes fins de semana de inauguração se tinham tornado mais pomposos, o mesmo acontecera aos conjuntos que Annie

usava. Todavia, este era exagerado até para ela: um vestido plissado, dourado e justo ao corpo, comprido até aos tornozelos, tão retro como futurista. Com o seu bronzeado artificial, cabelo pintado de vermelho-bombeiro e extensões que lhe chegavam ao rabo, o quadro geral estava pintado (Nikki mal conseguia lembrar-se de todas as cores e penteados de Annie, diferentes a cada mês — do louro curto, ao médio castanho, aos caracóis rosa-claros). O que não dava para entender era que Annie nem *precisava* de se esforçar tanto. Quando começara a trabalhar no Home, era uma morena esbelta, com pele lisa e delicada, e cabelos lisos até à cintura, tão vistosa que era muitas vezes confundida com uma atriz. Os membros do clube estavam sempre a convidá-la para sair. Nikki não se lembrava exatamente do momento em que Annie Spark começara a vestir-se como se fosse uma *drag queen*, mas há já muito tempo que não a via simplesmente de calças de ganga e *sweater*. Devia ser cansativo ser Annie Spark. Trabalhar com ela era-o, certamente. Os gritos, a ostentação, a necessidade patológica de dar nas vistas, como se julgasse correr o risco de evaporar-se caso a ignorassem durante 30 segundos. Apesar de serem colegas há quase duas décadas, Nikki nunca a compreendera. Tão-pouco a quisera compreender. A verdade é que não gostava muito dela. Os membros? *Todos* a adoravam. No início da noite, vira Annie andar discretamente em redor da mesa, compondo o vestido quando se acorava atrás das cadeiras, pousando o queixo nas costas das mesmas, elogiando as madeixas de Georgia enquanto enrolava uma madeixa de cabelo da atriz no dedo, rindo enquanto Jackson lhe sussurrava alguma coisa ao ouvido, passando vigorosamente os dedos pelo aparatoso casaco de veludo do *smoking* com cornucópias de Freddie.

Nikki perguntava-se se seria a única a, secretamente, achar a sua colega assim tão irritante, tão instável. A maneira como tratava todos os que a rodeavam por querido, adorável, fofo, deslumbrante, lindo. Os gritinhos. O brilho exagerado do seu batom (um laranja ácido da *Chanel*, reaplicado

ostensiva e frequentemente). Por um lado, era impossível imaginar o Home sem ela — ela assegurava-se de que o clube estava sempre cheio com as pessoas certas, possuindo uma habilidade extraordinária para saber quem seria a próxima grande estrela (algo que Ned valorizava mais do que tudo). Parecia conseguir farejar a ténue ameaça de pólvora que antecipava a explosão de uma carreira, quer fosse um ator na iminência de receber um papel invejável numa produção de peso, um cantor com um tema que seria um *hit* garantido ou uma modelo a namorar em segredo um membro da realeza de Hollywood (ou realeza-realeza). E quando o fazia, assumia para si a missão de saber tudo acerca dessa pessoa, como uma espécie de *stalker* bem-intencionada.

Por muito valiosa que Annie fosse, pensava Nikki, devia ter muito cuidado com o sítio onde punha os pés naquele momento, estando Ned tão nervoso. Porque se havia uma coisa que Ned Groom não suportava, era ser relegado para segundo plano.

Esta noite, era como se Annie se tivesse propositadamente vestido para ofuscar não só os hóspedes, mas também todos os tecidos existentes. Os pesados cortinados de seda, os tapetes *kilim* franjeados, o papel de parede *Gournay* pintado à mão e as cadeiras de veludo amarelo-mostarda, que faziam desta uma das salas mais opulentas do The Manor. Crepitavam e estalavam toros na lareira de pedra, quando Annie apagou as luzes e mergulhou a sala num brilho quente, fazendo um brinde.

— Ao Kurt! Ao aniversariante! — repetiram vozes em redor da mesa, acompanhando o tilintar de cristal lapidado.

Ao sinal de Annie, um quase impercetível aceno na direção da porta, duas empregadas de avental entraram com um bolo de chocolate enfeitado com *sparklers* e velas — demasiado grande para nove hóspedes, parecendo quase um bolo de casamento —, pousando-o no centro da mesa. Freddie Hunter e Kyra Highway, abraçados um ao outro, salpicando a mesa com os copos de vinho erguidos, desataram a entoar, com uma competência

surpreendente, uma cantilena a duas vozes, incentivando os presentes a participar. Até agora, tinham passado a noite a rir de piadas privadas disparatadas e a travar amizade com os empregados, que se asseguravam de que eles tinham sempre os copos cheios. Nikki sabia que, para conhecer mesmo bem um membro, bastava ver a maneira como este falava com os empregados. Ao fim de cinco minutos, Kyra e Freddie já tratavam todos os empregados pelo nome próprio.

O aniversariante — Kurt Cox, o produtor-prodígio — parecia um pouco corado, um pouco envergonhado com as atenções. Graças à pueril trunfa de caracóis escuros e às feições delicadas e pastosas, era difícil adivinhar a sua idade exata. Quem o visse nas ruas de Nova Iorque ou Londres com a sua habitual *parka* e botas sem atacadores pensaria tratar-se de um estudante de Cinema. Quem o visse concentrado, debruçado sobre o seu portátil em qualquer café do mundo ocidental, pensaria tratar-se de um aspirante a argumentista. Parecia o tipo de jovem que é costume ver-se nas festas a explicar entusiasmadamente o filme que quer fazer a uma rapariga não muito interessada, obstruindo a passagem a toda a gente que tenta ir buscar uma cerveja ao frigorífico.

Na realidade, Kurt Cox produzira — em *Swipe Right* — um dos *thrillers* psicológicos de baixo orçamento de maior sucesso da década até ao momento, tanto comercial como aos olhos da crítica. A sua produção seguinte, *The Roommate*, fora a inesperada comédia de sucesso do ano anterior. Há apenas uma ou duas semanas, anunciara um acordo com a Netflix de somas tão avultadas que Nikki lera a notícia no *Financial Times*.

Apesar de o seu sucesso se dever apenas ao si próprio, Hollywood terá dado um empurrãozinho a Kurt Cox — filho de uma atriz de cinema e de um realizador cinematográfico, não chegara à indústria sem preparação. Nikki reparou que havia inequívocas semelhanças entre pai e filho. Observando o jovem com atenção, percebiam-se pequenos maneirismos. O sacudir das mãos ao dizer algo autodepreciativo. A ligeira inclinação da

cabeça para enfatizar alguma coisa. O sorriso cordial e cheio que começava sempre com um espasmo ligeiro no canto superior direito da boca.

— Oh, não se deveriam ter dado ao trabalho, mas obrigado. Lá em casa não era costume celebrar os aniversários com muita pompa, por isso, na maior parte das vezes, nem me lembro do meu. Mas para mim, é muito importante que se tenham lembrado. Ned, Jackson, principalmente vocês, pois sei como eram chegados ao meu pai. São, acho que ainda são... — Kurt perdeu o fio à meada e pestanejou. Seria impressão de Nikki ou os olhos estavam a brilhar ligeiramente à luz das velas?

— O teu pai é um bom homem — disse Jackson com solenidade, levantando o copo e fazendo *aquele* sorriso assimétrico. — O melhor com quem alguma vez trabalhei. Na realidade, um dos maiores.

Sempre que se deparava acidentalmente com um dos filmes de Jackson na televisão ou num avião — fosse uma das suas comédias da década de 80 (aquela sobre uma viagem no tempo, sobre uma festa particular numa mansão emprestada), os filmes de ação dos anos 90, ou os mais recentes e sérios —, Nikki não conseguia evitar sentir alguma estranheza ao perceber quantos dos seus maneirismos pessoais passavam para o ecrã. Ou seria o contrário? Aquele sorriso, aquele esgar afetado que era a sua imagem de marca, por exemplo. Tê-lo-ia ele sempre exibido na vida real, ao jantar, ou seria sugestão antiga de algum realizador?

— Tu és muito importante para ele, Jackson. Tu também, Ned. O Home é como uma casa para mim, pois o meu pai passou muito tempo nos clubes. Lembro-me de ficar a ver desenhos animados na sala de cinema do Manhattan Home quando era um miúdo. E do gelado de chocolate do Santa Monica Home. — Kurt esboçou um sorriso.

Nikki também se lembrava daquele rapazinho gorducho com uma t-shirt do Rato Mickey, a ler banda desenhada na biblioteca. Parecia impossível que uma pessoa nascida nos anos 90 pudesse ser agora um adulto feito, uma pessoa com casa e carta de condução, quanto mais alguém que acabara de

assinar um contrato de produção no valor de centenas de milhões. Como era estranho pensar que Ned, amigo do pai de Kurt desde os primórdios do Home — embora, é claro, raramente se tivessem encontrado desde que a demência de Ron se agravara —, conhecesse este jovem absolutamente durante toda a sua vida.

Nikki não conseguia imaginar o que faria ao nosso sentido de realidade ser um dos Coxes. Ser Ron Cox, uma pessoa cujos filmes todas as crianças e adolescente nascidos entre 1979 e 1993 cresceram a citar e a imitar. Ser Marianne, quiçá a atriz de comédia mais engraçada e bela da sua geração, que, no espaço de poucos anos, abandonara o papel de uma das estrelas do sexo feminino mais rentáveis de finais dos anos 80 para se tornar mãe de seis a tempo inteiro, num rancho isolado, no Novo México, com cerca de um milhão de metros quadrados. Ser uma dessas crianças.

— Vá lá, faz-nos todos sentir uns velhos: quantos anos tens? — perguntou Kyra a rir.

— Sou um *vintage* de 1996, minha senhora. Tenho 25 anos — disse, com embaraço.

— E é mesmo hoje o teu aniversário? — quis saber Georgia Crane, na sua estranha pronúncia *cockney* com sotaque de Los Angeles.

Kurt Cox abanou a cabeça.

— Não propriamente. Foi há alguns dias, a 25 de outubro — explicou, enquanto Annie cortava o bolo com pompa e circunstância, antes de fazer sinal à empregada para acabar o seu trabalho mal-alinhavado.

— Parabéns por te lembrares, Annie. E Kurt, muitos parabéns, jovem, de todos nós! — disse Ned. — No ano que vem, avisa a Nikki e nós reservamos um fim de semana no Home para festejares. No teu clube de eleição! Não é, Nikki? Toma nota na tua agenda para não te esqueceres: 25 de outubro.

Nikki assentiu inexpressivamente e pegou no telemóvel com a mão um pouco trémula, embora, na verdade, não precisasse de tomar nota. Era uma

data que nunca viria a ter dificuldade em lembrar ou que nunca conseguiria esquecer.

Adam

Ele estava votado ao fracasso, é claro. A catástrofe já era de esperar. Em momento algum, enquanto Ned explicava a tarefa que precisava que Adam fizesse naquela noite — com Annie na sua habitual maquilhagem, digna de um palhaço, e o seu bizarro vestido dourado, a lançar expressões de falsa comiseração em segundo plano —, alguém pensara que isto era outra coisa senão um castigo por chegar atrasado. Contudo, mesmo que tivesse chegado a horas à ilha, teria de fazer o trabalho; seria sempre castigo por qualquer transgressão, real ou imaginada.

Depois deste fim de semana, iria ser estranho para Ned não ter o irmão mais novo por perto para lhe impingir todas as tarefas de treta.

— Ouve — dissera a Adam —, não te pedia isto se não fosse importante. Tu já os conheces, sabes como eles são. Só preciso que passes pelo The Causeway Inn, bebas uns copos, digas umas piadas, respondas a umas perguntas. Eu próprio faria isso, mas sabes como é...

Adam sabia como era.

Ned estaria a jantar com os seletos, a mostrar-lhes a ilha, a regozijar-se com a admiração deles, a demonstrar generosidade. Entretanto, Adam estaria a lidar com uma conferência de emergência de última hora, a enfrentar a última ronda de reclamações e protestos dos vizinhos no continente.

— É claro, Ned — dissera ao irmão. — Deixa isso comigo.

Os suspeitos do costume estariam lá, isso era certo. Não apenas os malucos locais, como aquele tipo sempre com flocos de aveia na barba que, durante meses, passara a maioria das tardes diante dos portões do Highland

Home, meneando sob a chuva um cartaz salpicado em defesa dos tritões. Estas pessoas tinham *mesmo* alguma influência, e algumas tinham até algum dinheiro. O homem furioso que criara a *newsletter* da aldeia. O senhorio rabugento do outro *pub*, o da empregada barulhenta e mamalhuda que usava sempre t-shirts decotadas. Um bando de velhos excêntricos do conselho paroquial. As mesmas pessoas que tinham tentado arrasar todas as candidaturas que eles tinham feito, desde as primeiras tentativas para melhorar o The Causeway Inn. Caminhantes. Observadores de aves. Aquele tipo de pessoas que chama as autoridades ambientais sempre que um caminhão passa pela povoação e a autoridade da aviação civil sempre que um helicóptero a sobrevoa, e que tinham fotocópias a dizer «Volta para casa, Home» coladas nos vidros das suas montras. Nenhuma dessas pessoas estava satisfeita com a ideia de uma festa de três dias para a qual não tinham sido convidadas. Algumas tinham até ameaçado com uma manifestação para impedir a passagem na manhã seguinte, precisamente quando era suposto os convidados chegarem. Nenhuma delas — filhos da mãe, ingratos — ficou apaziguada com a subida do valor dos imóveis em Littlesea em 25% desde que o Home adquirira a ilha. Todas elas ficariam imediatamente agastadas por, em vez de Ned, lhes sair na rifa o seu irmão mais novo.

— Não te atrases — lembrara-lhe Nikki pelo menos cinco vezes durante a tarde.

— Dá cabo deles. És o maior — dissera Annie com uma gargalhada breve enquanto se despedia com um aceno à porta do The Boathouse e o vento lhe chicoteava a cara com a sua própria e horrível peruca escarlate.

A coisa correu ainda pior do que Adam esperara.

Quando chegaram ao The Causeway Inn, as pessoas tinham sido levadas para a The Boot Room e convidadas a pedir uma bebida no bar, por cima do qual havia uma peça de néon da autoria de Keith Little: *I Love You, Now Fuck Off*^[3] nuns rabiscos iluminados com quase um metro de altura. Um

excelente ponto de partida? Nem por isso. Tão-pouco fora bom presságio, em retrospectiva, terem chegado todos ao mesmo tempo, às 19h30 em ponto, ostentando a mesma expressão de despeito.

Ned fizera ao proprietário anterior uma proposta irrecusável, ainda o The Causeway Inn era, como tantos outros, um *pub* degradado que vendia cerveja e torresmos, repleto de velhotes de nariz rubicundo sozinhos ao balcão, alcatifa pegajosa e portas dos sanitários sem trinco, o género de coisa que os londrinos sonham em comprar, dar uns retoques com umas latas de «Peido de Texugo» da Farrow & Ball e servir vieiras e funcho-marítimo. Os alicerces do edifício, as suas vigas de madeira e os revestimentos de carvalho, o telhado de colmo, e as janelas de chumbo, eram, todavia, sólidos — e depois, é claro, tinha aquela vista para a água: a ilha como um vulto misterioso na lonjura, e o caminho até ela, um rabisco sinuoso de prata em primeiro plano, tudo isso emoldurado pelo delicado tilintar dos mastros e velas dos barcos ancorados no velho cais. A primeira tarefa da equipa de design fora remodelar o The Causeway Inn ao estilo do Home, pelo que, agora, com os seus bancos de couro castanho de encostos abotoados, apliques de cobre, espelhos ornamentados com gravações a água-forte e chão em parquet, se assemelhava ao tipo de estaminé britânico que um bem-sucedido ator imigrado poderia construir para beber uns copos ao fundo do seu jardim em Los Angeles. Uma imitação grotesca, dispendiosa e ostensiva do original.

Os locais não tinham ficado impressionados. Nem pela remodelação, nem ao perceberem que, doravante, a entrada no The Causeway Inn era limitada a membros do Home e respetivos convidados.

Além disso, não era fácil encontrar um exemplo de algo que ele, Ned e o Home Group tivessem feito, desde a sua chegada, que tivesse granjeado a aprovação de qualquer elemento deste grupo.

Era evidente que tinham debatido qual a abordagem a ser tomada relativamente aos assuntos da noite, quem iria dizer o quê, que temas

deveriam expor de forma inequívoca. Eram um mar de cenhos franzidos e desconfiados, e de braços cruzados. Ainda Adam acabava de se apresentar e já alguém da primeira fila, que parecia exigir-lhe que soubesse quem ela era — coisa que, é claro, Adam não sabia, já que, bem, por que raio é que *haveria* de se lembrar de todas as mulheres desmazeladas de meia-idade que conhecia? —, queria saber onde estava o seu irmão.

— O Ned Groom não tenciona estar presente? Ou não somos suficientemente famosos para sermos agraciados com a sua presença? — resmungou alguém mais atrás.

Adam desculpou-se, tentou explicar. A mulher permaneceu sentada, franzindo os lábios, cruzando ainda mais os braços e abanando a cabeça intermitentemente. Atrás dela, duas outras pessoas abanavam a cabeça, e, na última fila, um homem levantava constantemente a mão para intervir, sem o conseguir fazer.

Adam fingiu não o ver, escolhendo ouvir o que tinha para dizer alguém do outro lado da sala.

E isso provou ser um erro enorme, porque a senhora que ele escolheu — «Sim, a senhora, sim, por favor, com aquele, com aquilo, o coiso roxo... o casaco de malha, sim, o que ia dizer?» — passou-lhe um raspanete tremendo, indo desde todo o impacto do Island Home no trânsito até ao modo como uma rececionista se dirigira a ela quando telefonara a reclamar.

Adam franziu o cenho, anuiu, mostrou-se compreensivo. Por diversas vezes, a meio de mais uma repreensão, tentara responder a uma das questões levantadas — «Bem, se me permitir...» —, mas fora fulminado com o olhar pela interrupção. Por diversas vezes, tirou notas numa folha de papel — notas que não tencionava ler, planeando deitá-las ao lixo assim que a reunião terminasse. Disse consistentemente às pessoas que lamentava muito saber que era aquela a opinião que tinham, que estava desiludido com aquilo que lhe diziam. Sobre o cão e sobre o incómodo que as obras tinham causado. Sobre os danos provocados por um veículo da construção na

berma da sua rua. Sobre o impacto que tudo aquilo teria na personalidade da aldeia.

Adam consultou o relógio e ficou horrorizado. Já tinham ultrapassado a hora originalmente acordada. Sempre que alguém acabava de falar ou fazia uma pausa para respirar, erguia-se uma súbita floresta de mãos insistentes e indignadas. Sempre que alguém expunha um argumento, outra pessoa dizia «Exatamente!» ou virava-se para quem tinha a palavra e concordava vigorosamente com a cabeça. Sempre que Adam dizia alguma coisa, alguém anunciava «Isso não chega» ou exigia saber porque deveriam acreditar nele.

Tinham razão. Littlesea era uma localidade bonita. Bons espaços verdes, um bom *pub* (aquele que ainda não vedara o acesso aos locais), uma boa igreja, uma boa loja de chás. Se ele tivesse vivido aqui toda a vida, se se tivesse reformado e mudado para lá para se dedicar à jardinagem, era provável que estivesse ressentido precisamente pelas mesmas razões.

— O que devo dizer-lhes? — perguntara ao irmão.

— Uma merda qualquer — fora a resposta.

A questão era que, noutros tempos, Adam encararia este tipo de missão, esta espécie de projeto especial da treta, como uma oportunidade para impressionar o irmão, para lhe demonstrar a sua utilidade. E ele *fora* de uma utilidade constante — assim o esperava, pelo menos. Recordava-se de várias situações em que fora de muita utilidade, mas depois algo mudara e, em vez de lhe serem atribuídas tarefas e responsabilidades cada vez maiores, estas tinham começado a tornar-se mais insignificantes, mais degradantes. Era um assunto difícil de abordar, mesmo com Laura. Não sabia se o próprio Ned tinha consciência do que estava a suceder. Ultimamente, as tarefas sensíveis, os assuntos delicados, eram sempre atribuídos a outra pessoa. Muitas vezes, as tarefas que lhe calhavam eram aquelas em que ninguém poderia meter água ou, mesmo que se metesse, pouco importava.

Diz-lhes uma merda qualquer.

Noutros tempos, poderia encarar as palavras de Ned como um voto de confiança, uma oferta para o apoiar em quaisquer termos que quisesse propor, um gesto de fé na sua capacidade de dar resposta à situação em causa. Afinal de contas, Adam era acionista, um diretor da empresa, mesmo que ninguém, incluindo o próprio, fosse capaz de explicar em concreto aquilo que geria.

Hoje em dia? Bem, o objetivo de se mandar Adam — tal como metade destas pessoas certamente desconfiava — prendia-se com a liberdade de dizer fosse o que fosse, pois nada que dissesse tinha qualquer peso. Não estava ali na qualidade de negociador. Estava ali para ser saco de pancada. Estava ali para servir de *piñata*.

Adam Groom não queria continuar a ser a porra de uma *piñata*.

— Tive uma ideia... — deu por si a dizer. E repetiu, mais alto e com a voz mais firme, o que levou mais algumas pessoas a parar de falar.

Ned iria odiar a ideia. A única coisa com que Ned sempre fora obcecado era não permitir que pessoas da povoação aparecessem, por que motivo fosse, na ilha — nem para assistirem a um pacato filme de domingo, nem para um passeio mensal, mesmo que por caminhos predefinidos, nem para contar salamandras no lago. Porém, antes sequer de Adam ter hipótese de pensar no assunto, antes sequer de terminar o raciocínio, convidava os presentes para assistirem ao fogo-presos no sábado à noite no The Boathouse.

— É claro — apressou-se a acrescentar, ao ver pelo menos cinco mãos já a levantar-se —, se houver alguma coisa que ainda não tenha sido dita hoje à noite, *por favor*, enviem um e-mail...

É certo que iriam à ilha e, sendo o tipo de pessoas que eram, fariam questão de não se mostrar impressionadas ou intimidadas com o que quer que fosse que vissem no Island Home. Mas se estivessem a ver o fogo de artifício no The Boathouse com um copo de champanhe na mão, bem, pelo

menos não estariam a chamar a polícia para reclamar do barulho ou a incomodar os bombeiros. Pelo menos não estariam a bloquear a passagem ou a fazer manifestações no cais ou a andar à volta da ilha em barcos e de megafones em riste. No dia seguinte, a primeira coisa que Adam iria fazer era saber se havia protetores auriculares para cães.

No final de contas, dadas as circunstâncias, Adam estava orgulhoso do modo como se desenvencilhara do problema. A solução poderia não agradar ou impressionar Ned, mas talvez isso não fosse sempre a coisa mais importante do mundo.

Foi precisamente nesse momento que o tijolo entrou pela janela.

[3] Em português: «Amo-te, Agora Desaparece». [N. T.]

Annie

Era agora, de certeza. Quase 2 da manhã. Teria de ser em breve. Já só restavam quatro membros, ainda a beber, ainda a conversar — a maioria a arrastar a fala, na verdade —, enterrados nos sofás, esparramados nos cadeirões defronte da abrasadora lareira da biblioteca. Annie, como sempre, arranjava desculpas para não estar sempre no mesmo sítio — Ned não gostava que ela estivesse a conversar com um membro durante muito tempo, a dar-lhe um tratamento especial, por isso ela empoleirava-se no braço de um sofá num minuto, levantava-se de um pulo para ir buscar uma bebida no outro, e depois acocorava-se (a custo, por causa do vestido) para atirar um toro para o lume.

Jackson e Freddie estavam a emborcar os famosos e potentíssimos *Old Fashioned* de Ned, Keith estava a deslizar lentamente do cadeirão com o seu copo de cristal pousado no peito, e Kurt bebia água gaseificada. Nenhum deles fazia ideia do que iria acontecer a seguir, o rumo que a noite estava prestes a levar.

Ned estava a falar dos quadros que tinham sido adquiridos com a casa, os alegados Stubbs, o disputado Gainsborough. Keith apoiara-se por breves instantes nos cotovelos para anunciar que «toda a grande arte é sobre sexo ou morte, não é?» e depois, não tendo isso produzido uma resposta enérgica, deixou-se afundar novamente no cadeirão.

— Odeio a merda do Gainsborough — murmurou de seguida para o peito.

De certeza que iria acontecer em breve.

Nikki e Georgia estariam provavelmente ferradas a dormir, aconchegadas

nas suas camas *king size* preparadas com os lençóis de mil fios, tendo começado a bocejar e a pedir licença para se irem embora quase imediatamente após o final do jantar.

Já passara quase meia hora desde que Kyra — que estivera sentada, fitando o lume em silêncio, durante algum tempo — despertara de repente do seu devaneio, anunciara que eram horas de ir para a cama e cambaleara pelo corredor para render a *babysitter*.

Seria por causa da dificuldade em respirar, graças ao vestido, que se estava a sentir zozza ou seria da ansiedade? Do que é que Ned estava à espera, exatamente?

Passara a noite inteira a lançar as bases para este momento. A reforçar a ideia de que eram todos amigos muito especiais do Home — evitando encarar Kyra quando o dizia —, que eram pessoas extraordinárias e importantes para os clubes, e para Ned, pessoalmente, como era importante para ele poderem estar todos presentes esta noite...

Nesse ponto, Keith deixara escapar uma espécie de exclamação, como se alguém fosse capaz de recusar um convite como aquele. Como se fosse concebível que alguém que tivesse a oportunidade de estar naquela sala pudesse escolher estar com qualquer outra pessoa no mundo naquela noite.

Annie sorria consigo mesma.

Fora um dos seus antigos editores, nos seus tempos de jornalista, que lhe resumira a sua teoria das cinco salas da fama, algo que ela tinha sempre adorado explicar às pessoas e, depois, revelar o nome de quem a inventara, até que ele publicou as memórias e toda a gente a passou a conhecer. A teoria rezava assim: para o público, o público em geral, ser famoso é como estar dentro de uma grande sala — os Óscares ou os Grammys ou o que seja —, cheia de rostos conhecidos e adorados, todos juntos para as *selfies*, todos a sorrir, todos melhores amigos. Contudo, na realidade, explicara o editor de Annie, se a observarmos mais atentamente, a fama assemelha-se mais a uma série de salas separadas por cordas, cada uma mais exclusiva do

que a anterior, e tudo com uma hierarquia a fazer lembrar o ensino secundário.

Imagine-se um clube noturno, dissera-lhe ele. Quem está na fila, a tentar entrar, vê dentro do clube apenas um grupo de pessoas que parecem estar a divertir-se. E depois a pessoa entra. Por instantes, pensa que conseguiu. Só que depois percebe que o clube tem uma zona VIP, para lá de outra corda de veludo, e que, na realidade, é onde estão as pessoas realmente interessantes. E a pessoa talvez consiga acabar por lá entrar. Bebe um copo, vê quem está por ali, e fica toda contente. Mas depois percebe que há outra corda de veludo, e outra porta, e que por detrás dela fica a zona VIP especial e que o seu nome não consta da lista. E mesmo que consiga entrar lá, percebe...

— Já estás a perceber a ideia — concluía, com um menear da mão.

Ela percebera a ideia. Tratara-se também de uma explicação bastante rigorosa do funcionamento do Home, com a diferença de que as cordas de veludo eram invisíveis. A maioria dos comuns mortais nem sequer ouviram falar disso. E os poucos que tinham ouvido nem sequer sonhavam em candidatar-se. A maioria dos que o fizessem não seria aceite. Os poucos que seriam nunca sonhariam ser convidados para uma festa de inauguração. Nenhum dos entusiasmados convidados que chegaria mais tarde, naquela manhã, suspeitaria que tinha havido um jantar na noite anterior. E fora isso que Ned lhes estivera a dizer — a Jackson, Keith, Freddie e Kurt — com diferentes graus de subtilidade, a noite inteira. Que eles tinham conseguido. Que era *isto*. Neste preciso momento. Tinham passado a última corda de veludo, estavam na última sala, aquela que as pessoas, durante toda a vida, toda a carreira, tentam alcançar, e pela qual sacrificam tudo, casamentos, amizades, a sanidade, para entrar.

Durante os últimos vinte minutos Keith estivera a explicar a Jackson Crane a sua filosofia acerca da arte e como esta se refletia na sua própria prática criativa.

— Eu diria que não tenho um *medium* predileto, sabes? Pintura,

fotografia, poesia, escultura, domino-os todos. Não me cabe a mim dizer que sou uma espécie de homem da Renascença, mas — encolheu os ombros — já houve quem o tenha dito. Porém, se tivesse de *descrever* a minha arte, diria que é uma celebração da forma feminina, assim como uma ruminação sobre a contemplação. É por isso que só utilizo o corpo, e não a cabeça, para que eles não nos devolvam o olhar. Existe nisso uma pureza, sabes? *No olhar*. Poder no anonimato. Quero confrontar o espectador, mas, ao mesmo tempo, estou a fazer perguntas. Tem de ser o próprio espectador a encontrar as respostas...

Jackson Crane, a cabeça apoiada numa almofada e bebida ainda na mão, parecia estar a descansar os olhos durante um momento.

De pé, junto da lareira, com os botões da camisa sob tensão, revelando pequenos tufo grisalhos no peito, Ned estava a explicar como tinha ouvido falar da ilha pela primeira vez, como se tinha apaixonado pela ideia de a comprar. Freddie — Annie sabia como ele estaria entusiasmado e espantado por se encontrar neste grupo, por poder dizer às pessoas que ali estivera — estava sentado na sua cadeira, muito direito, a concordar.

— Uau — não parava de dizer. — Meu Deus.

Kurt, depois de vaguear pela biblioteca e de inspecionar alguns livros decorativos, estava agora empoleirado no extremo de um sofá a ouvir Ned, questionando ocasionalmente sobre a antiguidade de alguma coisa.

Ao fundo da biblioteca, um relógio de pé zumbiu e rangeu, recompôs-se e deu duas badaladas.

— Esta casa data de 1723 — continuou Ned. — Tem por base a Chiswick House, mas sem a cúpula, mandada construir pela família que já foi proprietária da ilha.

— A ilha foi propriedade de uma família? — indagou Freddie. — Uau.

— Sim. Embora, entre 1941 e 1991, metade tenha sido arrendada ao Ministério da Defesa. Haviam de ter visto o estado em que se encontrava quando aqui chegámos. O The Boathouse era mesmo um hangar, um

barracão cheio de cascos de barcos podres e remos partidos. Este lugar estava entaipado. Creio que os Bouchers (escreve-se B-o-u-c-h-e-r, pronuncia-se «Butcher»). Oficialmente, a ilha chama-se Boucher's Island) usavam cerca de três divisões. Era um gelo, claro. Húmido, com buracos no telhado. Mostraram-nos umas fotografias de quando isto era um hospital, durante a Primeira Guerra Mundial, e de bailes de máscaras, nos anos 20. A mulher serviu-nos uns gins tónicos incrivelmente fortes, metade gin, metade água tônica, daquele de supermercado, sem gelo ou limão. A determinada altura, o Adam foi à procura de uma sanita e eu pensei que ele não iria ser capaz de dar com o caminho de volta. E depois demos um passeio pela ilha num velho *Range Rover*. Na época, só havia um caminho, claro. Veados a correr pelos bosques. Corvos a levantar voo. Ora, se gostas de História, Kurt, isto poderá interessar-te...

Enquanto Ned levou Kurt para fora da sala por instantes, Annie sugeriu energicamente que tomassem alguma coisa para arrebitar um pouco.

— Eu não quero, obrigado — anunciou Keith, que, não obstante, se chegou à frente no seu lugar, tal como Jackson Crane. Ávido, Freddie puxou o seu cadeirão para a beira da mesa.

— Não queremos toda a gente a adormecer, pois não? — observou Annie, tirando da bolsa um molho de curtas palhas prateadas, um pequeno frasco de vidro e um cartão de membro do Home, dourado com acabamento mate.

Quando Kurt e Ned regressaram, estavam todos bastante mais animados. Annie chamara o empregado — que se tinha lembrado de que tinha uma coisa muito importante para fazer ao fundo do salão quando os pequenos tubos de prata foram distribuídos, e aí permanecera discretamente até ser chamado — para mandar vir outra rodada. Freddie estava a contar a mesma história sinuosa sobre si mesmo pela segunda vez, Keith estava com um sorriso dengoso, e Jackson a rir às gargalhadas antes do remate final.

Aparentemente, ninguém tinha reparado na expressão de Kurt, no modo

como simplesmente se deixara afundar na sua cadeira, em silêncio.

E, ao longo dos seguintes três quartos de hora, Annie reparou no modo como, de diferentes maneiras, sempre discretas, Ned conseguiu chamar à parte, um a um, cada um dos restantes três homens, até ao outro extremo da biblioteca para ver um quadro, até ao fundo das escadas para admirar um brasão, até à janela ao fundo do salão para ver o luar espalhado pelo relvado abaixo até ao mar.

E, um a um, Annie viu-os regressar. Freddie Hunter passara a noite inteira a dizer piadas, a fazer caretas, palhaçadas. Agora, não dizia o que fosse, nem fazia caretas. Parecia estar prestes a chorar.

Keith regressou com um ar absolutamente furioso.

Jackson foi o último a ser chamado de parte e foi ele quem pareceu levar mais a peito o que Ned lhe dissera. Parecia ignorar o que o rodeava ao regressar para o salão, batendo com a anca na esquina de uma mesa, tropeçando na beira da alcatifa, olhando de relance para Annie e assustando-se como se visse um fantasma.

Nenhum deles parecia ter muita vontade de falar. Nenhum deles parecia inclinado a olhar os outros nos olhos.

Para alguém que afirmava que isto era tudo uma necessidade da qual não retirava qualquer prazer, Ned parecia divertidíssimo. Quando dissera a Annie em quanto planeava aumentar as taxas de membro deste grupo, ela pensara que ele estava a brincar. É claro que sabia quanto o Island Home tinha custado à empresa, mas até mesmo pessoas com o sucesso de Jackson Crane, Keith Little ou Kurt Cox não tinham esse tipo de montante à mão de semear — e já no caso de Freddie Hunter...

— Acho que vou vomitar — disse Freddie, correndo para o corredor, rumo aos sanitários.

Keith esmagou um cubo de gelo com os dentes e, furioso, olhou para o lume.

Kurt Cox pareceu na iminência de dizer alguma coisa, mas depois mudou

de ideias.

— Quando regressarem aos vossos quartos — informou Annie —, encontrarão nas cómodas uma carta relativa ao vosso novo estatuto de membro, um extrato das taxas e um contrato para assinar.

Jackson bateu com o copo vazio na mesinha a seu lado com força suficiente para fazer os outros tilintarem. Kurt deu um salto. Keith estremeceu. Ninguém sabia bem o olhar de quem procurar.

Não havia motivo algum — percebeu ela — para Ned estar a fazer aquilo por etapas, a chamar de parte os hóspedes especiais para lhes atirar com aquela primeira surpresa, deixando-os a perguntarem-se se iriam ser todos extorquidos no mesmo valor, lançando as sementes da suspeita e da desconfiança mútua. Depois de fazer isso, poderia juntar toda a gente, como o *entertainer* que sempre fora, para a surpresa seguinte.

— A propósito — disse-lhes Ned, com o rosto iluminado pelo tremular das chamas —, caso algum de vós esteja a pensar em deixar a ilha mais cedo ou a planear recusar esta oferta, devo referir mais um pormenor sobre este fim de semana. Em determinado momento, ao longos dos próximos três dias, cada um de vós receberá um pacote na vossa cabana...

CONTINUAÇÃO DAQUI

«Eu fui convidada, *claro*», explica Ava Huxley, a atriz britânica mais conhecida do público americano pelo seu papel como Lexi Glass, psiquiatra de dia e assassina em série à noite na série *Seven Bullets*, da HBO, e como Lady Daphne, no aclamado drama de época de domingo à noite, *Mannersby*, da BBC. «A verdade é que tive, desde o início, o pressentimento de que não devia ir. E, graças a Deus, segui esse instinto. Não iria ser capaz de processar aquilo, de estar tão perto de...» Não conclui o raciocínio, abana a cabeça e estremece, bebendo um pouco do seu chá preto com sabor a laranja. «Compadeço-me dos meus amigos que foram. Lembro-me de falarmos com entusiasmo sobre as roupas que iríamos usar. Mas, mesmo então, já tinha uma sensação terrível relativamente a tudo aquilo. Quando soube do sucedido, rescindi do estatuto de associada. Agora, aqueles clubes têm mau *karma*. Nunca mais entrei num. Embora, na verdade», diz em tom cúmplice, «na minha opinião, há já algum tempo que alguma coisa não andava bem no Home.» É com certeza um sentimento partilhado por antigos membros dos primórdios do Home. Alguns são inclusivamente capazes de apontar a origem desta decadência sentida — uma sensação de que, por entre todo o glamour e opulência, se perdera algo de valioso e se instalara a decadência — ao início da era Ned Groom.

Ninguém poderá acusar Ned de ter um respeito exagerado pelo passado,

certamente.

Fundado em 1887, batizado em homenagem ao grande ator-empresário vitoriano Henry Home, destinado a ser um lugar onde os profissionais da área do teatro (atores e não só) se poderiam encontrar, beber, ler a correspondência, jogar cartas e jantar, o The Home Club (como foi conhecido até 1994) é proprietário e ocupa a mesma casa de cinco pisos na Bedford Street, em Covent Garden, Londres, quase ininterruptamente há 135 anos. Durante todo esse tempo, o edifício e o clube pertenceram à mesma família, Groom, tendo passado de pai para filho, à exceção da ocasional geração que não assumiu o controlo.

Menos convencional e menos prestigiado do que o Garrick (do qual o próprio Home fora rejeitado em 1874), o número de membros do The Home Club atingiu o seu apogeu na década de 1920, com quase 1500 pessoas. Nessa década, e também na seguinte, foi o predileto dos atores que apareciam no West End para beber um copo depois das atuações. O tipo de lugar onde se poderia dar de caras com Ivor Novello ao piano ou cruzar-se com o jovem Olivier, o jovem Gielgud, nas escadas sombrias, íngremes e estreitas. Durante toda a guerra, ao longo do *Blitz*, esteve sempre aberto, ainda que com as cortinas fechadas. Na década de 1950, John Osborne foi convidado a jantar lá alguns meses depois da estreia de *Dá Raiva Olhar Para Trás* e chamou fósseis e múmias a todos os presentes. Na década de 1970, Oliver Reed foi lá beber, tendo ficado famoso por urinar na lareira a meio de uma anedota, de copo de brandy na mão. Em 1992, quando Ned Groom herdou o clube que pertencera ao pai, o número de membros caíra para 71 membros, correndo a piada de que esse número também era a média de idades dos mesmos.

Parte do encanto do The Home Club para os membros de longa data fora sempre as suas idiossincrasias. O primeiro chefe dos *barmen*, por exemplo, dos idos anos de 1880, chamava-se George, pelo que os membros do clube começaram a tratar, por convenção, todos os subsequentes chefes dos

barmen por George: na escadaria central, havia fotografias de todos os Georges, numerados de I a XI. George III ficara famoso por ser indelicado para com os americanos. George IV ficara famoso por ser indelicado para com as mulheres. George VII ficara famoso por ser indelicado para com toda a gente. As paredes da biblioteca estavam decoradas com litografias, desenhos e gravuras de Henry Home a representar os papéis que o tornaram famoso — Shylock, Otelo, o Hamlet mais velho de sempre, tendo ele assumido o papel aos 55 anos. As refeições, conhecidas por serem más, confeccionadas numa cozinha na cave, só eram servidas até às 20h. De tarde, não eram servidas bebidas alcoólicas. Aqueles que não dominavam a manha para chamar a atenção de George tinham muitas vezes dificuldade em que lhes servissem alguma coisa.

«O The Home Club», disse Groom a um jornalista do *Daily Telegraph* em 2004, por ocasião do décimo aniversário da grande reabertura do clube sob a sua gestão, «era o tipo de sítio em relação ao qual todos têm um sentimento nostálgico, mas ficariam menos saudosos se lá tivessem estado na época. Eu estive muitas vezes no andar de cima, a altas horas da noite, de cortinas fechadas e com uma vela em cima da mesa, a beber um copo com o meu avô enquanto ele me contava histórias e, de súbito, ouvia-se um rangido e uma coisa peluda passava a correr pelos nossos pés. Também é bom lembrar que eu via aquele sítio à luz do dia. O pó nos copos de vinho. As nódoas na alcatifa. E o meu avô adorava aquilo, tal como eu adorava, e tal como o adorava a ele, mas ele nunca teve os recursos ou a energia para dar a volta às coisas. Sabe, tem piada, e eu conto sempre esta história, mas quando fizemos aquela grande remodelação, a grande reinauguração, todos os jornalistas presentes — do *Times*, do *Observer* — escreveram os artigos sobre aquela noite mágica no The Home Club, a noite em que um contador de histórias com um grão na asa lhes narrou os mais incríveis episódios sobre Sir Ralph Richardson (ou fosse quem fosse) durante toda a noite, e sobre como aquilo fora uma maravilhosa recordação do West End de

antigamente. Eu só digo: se tivessem aqui estado na noite seguinte, o mesmo tipo estaria a contar as mesmas histórias a quem quer que estivesse sentado naquele mesmo banco. E sempre que eu tentava fazer alguma coisa para conseguir a inscrição de alguém com menos de 80 anos, todos os outros membros ficavam zangadíssimos. Além disso, não podia fazer nada em relação ao edifício, pois estava registado como edifício protegido. E todos os meses, depois de todas as horas que passei no escritório ou no tribunal, tive de manter a calma e depois regatear com fornecedores, negociar com credores. Era impossível continuar a geri-lo da mesma forma — estaríamos fechados em menos de um ano, vendidos a um maldito banqueiro como um refúgio londrino. Simplesmente, não era financeiramente sustentável.»

O escritório a que Groom se refere é o One Knight's Court, em Lincoln's Inn, um escritório de advocacia privado, especializado em divórcios notórios, onde exerceu advocacia até pouco antes de herdar o clube, aos 29 anos. Aquando do falecimento do avô, em 1992, Ned e o irmão mais novo, Adam, herdaram — em ações não igualitárias — o negócio e a escritura do edifício. Alegadamente, um litígio familiar de longa data terá estado na origem de o herdeiro não ser o seu pai, Richard Groom. Houve quem sugerisse que isto foi um grande choque para o pai de Ned.

Há quem diga que foi um choque para Ned.

«Acho que, na altura, ficámos todos um pouco espantados quando ele decidiu deixar a advocacia», diz Sebastian Shaw QC, advogado de litígio comercial de Blackwell Row, um escritório de advocacia vizinho. «Ele adorava a lei e era muito bom nisso. Muito bom. O número de casos que Ned Groom venceu antes de deixar de exercer — celebridades, CEO, oligarcas — era quase inaudito com a sua idade. Somas avultadas, nada como os contratos sem interesse que a maioria de nós trata», diz. «A memória dele, a vivacidade de espírito, a determinação... Todas as pessoas que tiveram uma discussão com ele sabem que é como um cão raivoso.

Mesmo nos dias em que era um tremendo fanfarrão. Ele adorava ir a tribunal, ser o centro das atenções. Dizem que a política é o mundo do espetáculo para as pessoas feias — pode, pois, juntar-se a isso também o mundo da advocacia profissional.» Dá uma risadinha. «Recordo-me de muita gente ficar completamente abismada por ele prescindir de tudo isso e ocupar-se daquilo que, à época, era um sítio bastante sombrio e pouco interessante.»

Ned não demorou a tentar agitar as coisas. Reescreveu os cardápios, fez uma limpeza profunda aos velhos lugares poeirentos e encerrou os quartos de hóspedes depois de uma praga de percevejos. Abordou bancos para obter empréstimos, candidatou-se a autorizações para esventrar e remodelar o velho edifício, num plano que previa os três andares superiores ocupados por luxuosas suítes, desenhadas para atrair o tipo certo de clientela. Decidiu mudar o nome para Home: simples, elegante, moderno. Teve repetidos conflitos com a English Heritage, tentando convencê-los a autorizar a sua visão: um clube do século XXI num invólucro de finais do século XVIII. Os preços das bebidas subiram em flecha, as taxas mensais aumentaram. Os membros existentes tiveram dificuldade em pagar e alguns sentiram-se forçados a sair. Sempre que alguém começava a contar uma história sobre o antigamente, consta que Ned insistia para que o *barman* aumentasse o volume da música.

Depois, na madrugada de 16 de setembro de 1993, começaram a vir a público as primeiras notícias de um incêndio em Covent Garden. Escuras colunas de fumo erguiam-se acima da Bedford Street, num incêndio que, aparentemente, tivera origem na cozinha na cave do The Home Club (mais tarde, apurar-se-ia que a culpa fora de uma caixa de fusíveis), depressa se alastrando ao primeiro, ao segundo e ao terceiro andares, e obrigando à evacuação de grande parte da rua. Ao longo das horas seguintes, não obstante os melhores esforços de várias equipas de bombeiros, o incêndio alastrou-se e consumiu todo o edifício, deixando apenas a fachada.

Houve quem tivesse achado o incêndio um pouco conveniente. Houve quem — entre eles, Piloti da *Private Eye* — achasse os planos de Ned para a reestruturação do imóvel igualmente horrorosos.

Muitos foram aqueles que consideraram a atitude de Ned para com a herança natural e arquitetônica da Boucher's Island um ato de vandalismo. A demolição do velho edifício vitoriano. Hectares de bosques arrasados para a construção de cabanas. A destruição de habitats naturais. Poluição sonora. Poluição luminosa. E até aqueles que trabalhavam para ele consideraram os seus métodos questionáveis. Volvido um ano da inauguração do Island Home, ainda há empreiteiros locais — canalizadores, construtores, eletricitas — que alegam não ter recebido qualquer pagamento. No seguimento dos terríveis acontecimentos que se desenrolaram na ilha, naquele domingo, antigos colaboradores começaram a fazer publicações nas redes sociais com o *hashtag* #HomeTruths, partilhando relatos sobre o comportamento que haviam testemunhado ou aquilo a que tinham sido sujeitos. Os acessos de fúria. As tiradas empoladas. A intimidação. Pelo menos uma pessoa, que se identificou no *Twitter* como antigo membro da equipa da recepção do Manhattan Home, alegou que, olhando ao temperamento de Ned e ao que tinha assistido do seu comportamento, sempre suspeitara de que, um dia, ele acabaria por provocar a morte de alguém.

Depois, chegaram as notícias do desaparecimento de Ned Groom.

Capítulo Três

Manhã de Sexta-feira

Nikki

Quando meteu pés ao caminho, a bruma das 6 da manhã era uma amálgama cor-de-rosa, púrpura e dourada, como uma nódoa negra a alastrar-se lentamente pelo céu. Era sempre a sua hora preferida, antes de o telemóvel começar a receber mensagens e a lista de tarefas diárias começar a absorver toda a sua atenção. Como era seu hábito, depois de acordar, Nikki — madrugadora natural, muito condicionada por um padrão que, em média, dormia quatro horas por noite — vestira o fato-de-treino e fora dar uma corrida rápida à volta da ilha, com a sua circunferência arenosa de cerca de nove quilómetros e meio. Geralmente, era esta a hora que definira para conseguir enfrentar as outras 23. Normalmente — com o vento a assobiar-lhe aos ouvidos e os trilhos de atletismo praticamente por sua conta —, era quando o dia que a esperava se formava à sua frente, a hora em que, consoante os seus pés batiam contra o chão debaixo de si e os arbustos ficavam para trás, indistintos, o seu cérebro começava a numerar e a ordenar as tarefas que tinha pela frente, as coisas que deveriam ser evitadas ou não podiam ser esquecidas. Esta manhã, ao invés de se sentir mais vigilante, continuava a sentir-se confusa e zozna, como se tivesse absorvido a neblina matinal e esta estivesse agora a enfunar-se dentro da sua cabeça.

As cabanas estavam iluminadas pelo brilho quente das luzes dos alpendres, com as quais se pretendia conferir um ar acolhedor e pitoresco, mas que hoje parecia fantasmagórico e pouco convidativo, especialmente por a maioria ainda estar sem convidados. Durante as últimas semanas, a equipa dedicara-se à operação como se estivessem com a lotação máxima, de maneira a que, quando os hóspedes chegassem, o Island Home fosse um mecanismo bem oleado. A esta hora da manhã — quando os únicos membros acordados seriam aqueles que nem sequer se tinham deitado — ocorria toda a atividade invisível. As pessoas que faziam as coisas acontecer — o exército de carregadores, empregados de limpeza, empregadas de quarto e ajudantes de cozinha — cruzavam os caminhos. Depois de passar pelo bloco do pessoal, avistou uma colaboradora nova a hesitar junto à porta, e, a julgar pela ausência de um avental e pelo telemóvel na mão, calculou que ocuparia um cargo mais elevado.

— Deves ser a Jess. Eu sou a Nikki, a assistente pessoal do Ned. Muito prazer. Ouvi dizer que foste destacada para fazer de ama ontem à noite — disse, como que se desculpando, a correr sem sair do lugar. — Desculpa. Se eu soubesse que era esse o plano da Annie, tentaria impedi-lo. Deves estar exausta.

— Oh, não faz mal. De qualquer forma, não teria dormido, nunca durmo. — Jess riu alto, depois enrugou a testa como se tivesse dito alguma coisa que não era suposto dizer. — Desculpa, não precisas dessa informação.

— Eu também dormi muito mal, se isso te serve de consolo. Olha, se precisares de alguma coisa ou se tiveres dúvidas, tenta falar comigo. É melhor não incomodar ou Ned ou o Adam durante o fim de semana. O mesmo se aplica à Annie. Ela tem muito em que pensar, por isso não te admires se a vires um pouco brusca e irritável. Deves imaginar como é. Eu, na verdade, só tenho de organizar as coisas de uma pessoa num fim de semana como este. A Annie tem de cuidar de centenas! Não sei como consegue. — *Nem percebo porque o que quer fazer*, pensou Nikki com os

seus botões.

Ainda assim, cair de paraquedas no cargo de chefe das camareiras num fim de semana de inauguração deveria ser bastante assustador.

Outrora, Nikki poderia ter-se oferecido para dar algumas dicas a Jess, de modo a facilitar-lhe a vida nestes primeiros dias. A quem perguntar isto. A quem evitar perguntar aquilo. Mas agora já não se incomodava. Afinal de contas, no fim, não fazia diferença alguma. Ou uma pessoa percebia intuitiva e rapidamente como as coisas funcionavam ou seria despedida em menos de um mês. Ou antes, se conseguisse chamar a atenção de Ned da maneira errada.

— Obrigada, agradeço a oferta, é muito simpático da tua parte. — Jess sorriu. Nikki reparou que ela tinha as mãos a tremer do frio. — Mas eu sei o que tenho de fazer e não há nada como dependermos de nós mesmos. Olha, ali vem a minha boleia! — Apontou para a carrinha dos serviços de arrumos, que acabara de estacionar. — Vou acompanhar duas das minhas colaboradoras esta manhã. Ainda tenho de aprender muito sobre este sítio!

Miúda simpática, pensou Nikki, enquanto a carrinha se afastou, e, mentalmente, desejou boa sorte a Jess.

O mais certo seria não aguentar sequer cinco minutos no cargo.

Um pouco atrasada por causa do encontro, Nikki fez um *sprint* pelos últimos cem metros até ao *spa* do Island Home, chegando lá a suar e batendo energicamente na enorme porta de carvalho para informar a terapeuta sonolenta da sua presença. Para um momento de descontração antes de a ilha ficar atulhada de membros, Ned sugerira que Nikki tirasse algum tempo esta manhã para um tratamento no *spa*. Ela escolhera uma sessão de vitaminas por via intravenosa com a esperança de ganhar energia para aguentar o dia.

Foi até aos vestiários e despiu-se, colocando as sapatilhas numa posição perfeitamente paralela ao fundo do cacifo e pousando a roupa de ginástica húmida bem dobrada na prateleira. Depois de um duche quente, vestiu uma

camisola de caxemira cinzenta, umas sabrinas e umas calças de ganga pretas e justas. Demorou cerca de seis minutos a secar os cabelos louros platinados — cortados à escovinha para esconder os caracóis acastanhados — e, como sempre, aplicou uma fina camada de hidratante e um pouco de rímel. Contemplou o seu reflexo ao espelho, puxando a linha do maxilar e os cantos dos olhos, inspecionando a pele à procura de sinais dos seus 41 anos e vestígios da rapariga que começara a trabalhar no bengaleiro do Home há já tantos anos. Não encontrou nenhuma dessas coisas.

Pelas 6h30m, Nikki estava sentada num cadeirão na receção do *spa* e, tal como todas as manhãs desde que se conseguia lembrar, percorria as notícias mais recentes sobre o Home, atenta a tudo o que devesse ser apresentado à atenção de Ned. Muitas coisas que lhe iam parar ao e-mail todos os dias não passavam de frivolidades. Um artigo de mexericos de 50 palavras na *People* sobre quem fora visto a acariciar quem na piscina no *rooftop* do Malibu Home. Um artigo na revista *Style* do *Sunday Times* sobre como a equipa de design do Home oferecera um toque de requinte informal à aglomeração de edifícios rurais protegidos que uma estrela rock e a mulher estavam em vias de transformar na sua casa de sonho, nas Cotswolds. Era extraordinário verificar como a cobertura jornalística sobre o Home Group era, na sua grande maioria, amável — ou talvez não fosse nada extraordinário, considerando o número de editores que eram membros.

Esta manhã, como seria de esperar, havia substancialmente mais material do que era habitual para passar no crivo, estando a imprensa a salivar em relação a cada pormenor divulgado sobre a festa de inauguração — as suas fontes haviam revelado quem estaria presente (Jackson e Georgia, naturalmente, os quais nunca tinham falhado a nenhuma inauguração), bem como algumas pessoas que ela sabia *não* virem a estar presentes na ilha (Nikki só poderia imaginar quantas teriam dado os seus próprios nomes à imprensa, expondo a própria privacidade apenas para conseguirem um parágrafo na *Heat*). Havia também uma série de pormenores sobre a ilha

propriamente dita, descrições efusivas sobre as cabanas e os seus *Agas* esmaltados, salamandras a madeira, tapetes de pele de ovelha, banheiras de pés e chuveiros a fazer lembrar uma cascata, acompanhados de algumas fotografias cheias de grão, presumivelmente divulgadas por um empreiteiro. Isto enfureceria Ned, visto que a filosofia subjacente ao Home era a distância da imprensa — as suas suites, bares e *spas* eram para usufruto exclusivo dos olhos dos membros —, mas não foram as fotografias que a deixaram atónita.

Foi a entrevista que Annie Spark dera à *ES Magazine* do *Evening Standard*.

— Oh, Annie. Annie, Annie, Annie... — murmurou Nikki, abanando a cabeça.

Se Ned lesse aquilo, a explosão de fúria do dia anterior pareceria uma brincadeira. Na realidade, seria uma sorte se ele não tentasse atirar a própria Annie pela janela. Quando chegou ao fim do artigo, Nikki voltou ao início e recomeçou a ler. Franzindo o cenho. Estremecendo. Deixando-lhe escapar pela garganta um grunhido que assustou a rececionista vestida de branco.

— Está tudo bem? Quer um chá de gengibre? — perguntou.

— Está tudo bem, mas, sim, vinha mesmo a calhar. Obrigada. — Nikki sorriu.

Um simples artigo elogioso, fora isso que Ned autorizara. Ela lera o e-mail. Ele estava demasiado ocupado, por isso seria Annie a oferecer-lhes algumas citações para juntar ao artigo sobre o trigésimo aniversário desde que herdara o clube de Covent Garden, alguma coisa para assinalar a inauguração do Island Home. Em vez disso, ali estava Annie a falar sobre aquilo que *ela* achava que um membro ideal tinha de ter, sobre a *sua* visão para o futuro do Home. Ali estava Annie a falar sobre o que *ela* planeara para o fim de semana da inauguração, as muitas surpresas que *ela* preparara para os convidados. Ali estava Annie, completa e absolutamente a sobrestimar o seu lugar na hierarquia do Home (que, na realidade, era muito

fácil de compreender: Ned no topo, todos os outros abaixo), vestida com o requinte de um Marreta numa saída de sexta-feira à noite, resultante da sua série de vestidos espampanantes e extravagantes casacos de pele falsa.

Nikki já assistira a este filme muitas outras vezes com muitos funcionários do Home. Pessoas com quem simpatizara, que Ned adorara de início — chefes dos *barmen*, arquitetos, diretores financeiros —, que se tinham sentido protegidas, que pensavam que os seus cargos estavam garantidos, e as suas opiniões, suficientemente respeitadas, para poderem pisarem o risco, dizerem aquilo que realmente pensavam, mesmo que isso contradissesse diretamente a opinião de Ned, ou, pior, reivindicassem os créditos por algo que Ned sentia ser ideia sua. E Ned sentia que todas as boas ideias eram ideias suas.

A coisa nunca acabava bem.

Dantes, ela costumava tentar avisar as pessoas quando achava que estavam a ficar demasiado presunçosas, mas era extraordinária a pouca consideração que algumas tinham por uma assistente pessoal, tanto que nem sempre lhes ocorria que ela pudesse ter uma opinião válida. Os elementos do círculo íntimo — ela, Annie, Adam — eram os únicos que subsistiam ao fim de um quarto de século naquele infinito tapete rolante.

O que era completamente surpreendente nesta entrevista era que a própria Annie assistira ao mesmo filme diversas vezes.

Porém, o pior não era o artigo propriamente dito.

Na capa — na própria capa —, surgia Annie de pé, à porta do clube de Covent Garden original, de cabeça atirada para trás numa gargalhada, a tirar fotografias, como um *paparazzo*, fazendo o *flash* refletir na tinta lustrosa.

A estrondosa manchete? «Querido, eu sou o Home!»

Passou-lhe pela ideia eliminar a mensagem, mas Ned acabaria por saber e, nesse momento, o problema passaria a ser dela. Começou a escrever um e-mail a informá-lo, antes que ele desse de caras com o artigo. Parou. Recomeçou. Não havia nada que pudesse dizer capaz de salvar a situação.

Nikki respirou fundo e encaminhou a mensagem, depois pousou o portátil na mesa de apoio, pegou na chávena e segurou-a com as duas mãos, olhando pela janela para a paisagem serena.

Quem trabalhava para Ned, sabendo que iria haver uma cena, tinha de seguir com a sua vida como se não soubesse. Tão-só, tinha de tirar o melhor partido de todos os momentos de paz, tranquilidade e serenidade que existissem. Este era o lugar ideal para isso — para começar, era um dos poucos locais na ilha onde não havia qualquer hipótese de esbarrar com Ned. Ele não gostava de transpirar ou de nadar; ainda tinha menos interesse em perder tempo deitado para desfrutar de uma massagem com pedras quentes ou de uma terapêutica facial com quartzo.

Era uma pena, na verdade, pois era um sítio muito bonito para se estar, mesmo para quem tinha fobia a passadeiras. Instalado num conjunto de anexos em forma de U, numa depressão da ilha, possuía um lago de água doce ao centro, transformado numa piscina natural aquecida que libertava nuvens de vapor no ar frio. Metade da piscina estava coberta por uma estufa de ferro forjado dos anos 20 do século passado, reaproveitada de outra parte da ilha, com clematites a trepar, ainda a florescer em outubro, juncos oscilantes a envolver as margens e salgueiros-chorões a deixarem cair os seus ramos até à água. À volta da piscina, aquilo que outrora tinham sido celeiros de pedra e barracões de ferro ondulado eram agora um ginásio, num estúdio de ioga, um salão de manicura e pedicura, uma câmara de crioterapia, uma sala de meditação, um cabeleireiro e salas de tratamento com janelas panorâmicas espelhadas, voltadas para uma plataforma sobre a água.

— Está tudo pronto — murmurou a terapeuta enquanto acompanhava Nikki até uma dessas salas, que dava a sensação de estar a flutuar por cima da piscina. — Não é doloroso — disse, retirando a agulha da proteção, dando umas palmadinhas na dobra do braço de Nikki e espetando-a. — Esta perfusão demora meia hora. Durante isso, faço-lhe uma massagem à cabeça

e aos ombros.

Nikki abrandou a respiração e concentrou-se no que existia para lá da janela — o vidro espelhado protegia a privacidade de quem estava a ser mimado, e a sua moldura em bronze fazia com que a paisagem parecesse uma gravura a óleo. Amanhã, a piscina estaria apinhada de membros a exibirem-se nas suas licras e a nadarem para matar as ressacas, mas, por agora, parecia um espelho.

A terapeuta fez conversa sobre o quão empolgada estava com a chegada dos convidados, perguntou como correra o jantar da noite anterior, se Nikki lá estivera, expressando o seu entusiasmo com a notícia de Jackson Crane — *Jackson Crane!* — estar na ilha. Nikki tinha-o conhecido? Como era ele? Nikki pensou em muitas respostas, mas decidiu-se por um sorriso enigmático.

À medida que o cocktail de vitaminas entrava na sua corrente sanguínea, Nikki começou a deixar a visão desfocar. Depois do jantar, não tinha dormido bem. Talvez fosse por causa da comida pesada tão perto da hora de ir para a cama. Talvez fosse por saber como o fim de semana seria intenso. Mas passara a noite inteira a pensar no passado, a pensar em Ned, pensamentos terríveis e impossíveis, sentindo que o seu cérebro estava prestes a resolver um problema, de juntar as peças, mas sempre que tinha a sensação de ir consegui-lo, as peças espalhavam-se ou mudavam de forma.

Estava toda a gente com os nervos em franja. Tinha de fazer um esforço para se lembrar disso. Era apenas stress. De olhos semicerrados, com as pestanas a ofuscarem-lhe a visão, Nikki reparou que havia movimento do lado de fora.

Kurt Cox deambulava até à plataforma e, sem saber que estava a ser observado, parara, largara a toalha, despira o roupão e descalçara os chinelos de pele de carneiro exclusivos do Home, revelando uns calções de banho horríveis que lhe davam pelos joelhos. Com cuidado, Kurt arrumou os chinelos com os pés, de modo a ficarem perfeitamente alinhados.

Depois, dobrou cuidadosamente a toalha e o roupão, e pousou-os num banco de madeira.

Nikki permitiu-se um sorriso brando.

Foi então que reparou na tatuagem de Kurt na omoplata — apenas uma, invulgar para uma pessoa da idade dele a trabalhar no seu ramo: as iniciais dos pais, RC e MC, numa caligrafia bonita. Imediatamente por debaixo, uma grande porção mais escura de pele que as letras envolviam. O mesmo tipo de pele castanho-escura envolvia-lhe a canela esquerda.

— Está tudo bem? — perguntou a terapeuta. — Estou a fazer pressão demais?

— Não, não. Continue, está tudo bem — respondeu Nikki.

Não fora a pressão da massagem que a fizera suspirar e lhe deixara os olhos marejados de lágrimas.

Jess

Quando se trabalhou em hotéis durante tanto tempo como Jess trabalhara, uma pessoa habitua-se ao modo como certas pessoas podem ser descuidadas. Podem ser estranhas. Podem ser nojentas. Assistir, manhã após manhã, ao tipo de comportamento de alguns hóspedes, que, com toda a naturalidade, acham ser obrigação de outra pessoa limpar toda a espécie de porcaria por eles feita, não é grande material para se desenvolver uma opinião particularmente positiva acerca da natureza humana.

Ela nunca vira nada assim.

Pouco depois de todos terem partido num passeio de iate à volta da ilha — o primeiro evento oficial da festa de inauguração —, recebera o telefonema: qualquer coisa sobre um incidente na cabana número 10.

— Um incidente? — indagara.

— Tem de ver com os próprios olhos — tinham-lhe dito.

Não estavam a brincar.

Quando ela chegou à cabina 10, dois elementos da sua equipa estavam à porta, no alpendre de madeira, ao lado do imaculado suporte de galochas azul-marinho, com um ar chocado. Uma delas, Bex, era uma rapariga local, de Littlesea. Tinham conversado no dia anterior, na sala de pessoal, e Bex dissera qualquer coisa sobre a vontade que o namorado tinha de lá arranjar emprego (continuar a candidatar-se; trabalhava na cozinha, no outro *pub*). A outra, Ella, era uma antiga funcionária do Home que passara três anos no Highland Home, e depois um ano com a empresa em Londres. Fora uma das raparigas que fizera uma pergunta sobre mudar a sua rota. Quanto mais

Jess se aproximava, mas incomodadas elas lhe pareciam. Bex estava a assoar o nariz num pequeno lenço de pano. Ella abanava a cabeça e resmungava, andando de um lado para o outro.

— Está tudo bem? — quis saber.

Nenhuma delas pareceu saber bem como responder.

Depois de inspecionar o interior da cabina, Jess percebeu porquê. Parecia o local de um crime.

— Está tudo bem, meninas — disse Jess. — Fizeram bem em telefonar-me. Vamos tratar disto.

Avançando cuidadosamente, de modo a desviar-se do vidro partido espalhado pelo vestíbulo, avançou para a sala de estar.

As roupas de cama estavam na banheira, completamente encharcadas. O colchão, também ensopado, estava no terraço das traseiras. Metade dos livros antigos, que tinham estado na estante, encontravam-se agora no chão, em retalhos; os restantes estavam dentro da salamandra, queimados e destruídos. Os interruptores não funcionavam. Isto porque todas as lâmpadas estavam no chão da casa de banho, desfeitas.

— Meu Deus — exclamou.

Apesar de os hóspedes talvez não se aperceberem disso, nem todas as cabanas do Island Home eram iguais. Havia uma distinta diferença não só no que diz respeito à dimensão — a número 5 tinha cerca de metade do tamanho da cabana que fora atribuída a Kyra e Lyra, com dois quartos extra e uma varanda com pelo menos o dobro do tamanho —, mas também no que concerne às comodidades privadas que lhes estavam associadas. Por exemplo, a cabina 10 tinha uma lareira exterior, um espaço de convívio desnivelado e banheira de cobre, bem como o seu próprio roseiral cercado de sebes com um acesso privado à praia privada. Era, de longe e em todos os aspetos, o mais admirável de todos os alojamentos da ilha.

Não era de admirar a quem esta cabana em particular fora atribuída para o fim de semana de inauguração.

A Jackson Crane.

Havia pessoas tão famosas que era difícil imaginar uma época em que não sabíamos quem eram. O tipo de homem que é a *estrela* dos filmes e não propriamente um *ator*. Jess ainda nem era nascida quando Jackson Crane começou a sua carreira, nos anos 80, representando o papel de *bad boy* em todas aquelas comédias de adolescentes. Tão-pouco tinha idade suficiente nos anos 90 para o ver em filmes de ação como *Velocidade Máxima*, ou a fazer o papel de um super-herói com consciência ecológica, como em *Capitão Aquático*. Mesmo assim, Jess teria dificuldade em lembrar-se de um período da sua vida em que o rosto de Jackson Crane — num cartaz, na televisão, na capa de uma revista, na lateral de um autocarro — não tenha desencadeado um pequeno sobressalto de reconhecimento. Mesmo com a máscara e os óculos (ou lá o que eram) do Capitão Aquático. Mesmo com os cabelos pintados de louro que usara naquele filme — ela conseguia lembrar-se de ver pósteres por toda a parte —, um daqueles filmes que, de algum modo, se entranham na nossa consciência em criança sem que nunca o tenhamos visto. Um daqueles rostos.

Perguntava-se muitas vezes como seria ter um rosto como aquele, propriedade pública global, e, num passeio durante umas férias, ver subitamente a nossa cara a olhar-nos de volta, por exemplo, da lateral de um autocarro em Istambul, de um cartaz no Dubai ou pintada de forma assimétrica nas estruturas de um parque de diversões em Praga. A nossa cara. Saber que, por todo o mundo, as pessoas estavam a comparar as suas próprias caras à nossa, a fantasiar connosco, a imaginar o que nós ou alguma personagem por nós representada há 20 anos pensaria sobre uma decisão importante que estávamos a pensar tomar, perguntando: o que é que Jackson Crane faria? Vaguear pelos corredores de um hotel em Tóquio à procura do nosso quarto e dar de caras com nós próprios, iluminados na parte da frente de uma máquina de venda de latas de café gelado. Pensar no número de vezes que um GIF da nossa personagem a encolher os ombros

fora partilhada no Twitter em 24 horas. Sorrir de forma afável num *talk show* — irlandês? Belga? Italiano? —, enquanto o apresentador tirava uma caixa de plástico detrás do sofá com um boneco de uma das nossas personagens de ação, fazendo piadas acerca da grossura do pescoço, do absurdo do tronco com que nos tinham representado, as nossas calças de plástico que não podem ser tiradas, e nos perguntava o que achávamos que o boneco ia dizer quando se premisse o botão que existia nas suas costas. Anuir, semicerrando sensualmente os olhos com a piada, numa expressão que devia ter sido experimentada pelo menos uma centena de vezes antes, enquanto alguém como Freddie Hunter expressava o seu divertimento pelo nome da nossa personagem em *Velocidade Máxima* ser, literalmente, Velocidade Máxima.

Bastava pensar apenas nas particularidades específicas de se ser assim tão famoso, de ser impossível fugir a isso diante de todas as coisas mundanas do quotidiano — por exemplo, uma refeição tranquila num restaurante, ir à lavandaria ou ao dentista —, coisas que nunca mais poderiam ser feitas. Ser impossível fazer alguma asneira sem sofrer as consequências, a menos que estivéssemos num sítio como o Home. Nikki tinha a impressão de que, ao fim de algum tempo, isso iria dar cabo da cabeça de uma pessoa. Jackson Crane era uma estrela dessa magnitude há quase 30 anos. Por vezes, deveria sentir-se um pouco como um brinquedo de plástico dentro de uma caixa.

Mas isso não lhe dava o direito de fazer o que bem lhe apetecesse. Uma hora — fora esse o tempo que a sua equipa programara para arrumar as cabanas ocupadas, o tempo que o iate, já com os convidados a bordo, de champanhe na mão, demoraria a regressar ao cais.

Demoraria uma hora só a planear por onde começar a tratar da cabana número 10.

As almofadas dos sofás estavam no chuveiro, no final de um rasto de penas pelos ladrilhos. Todos os vidros *Crittall* do chuveiro estavam

rachados ou estilhaçados. A tampa da sanita tinha sido arrancada. A enorme televisão de parede por cima da lareira estava pendurada por um fio. Parecia que alguém tinha andado aos saltos em cima do rádio, pisado o telecomando e depois dado uns pontapés na máquina de café. Tudo o que era fio elétrico à vista tinha sido arrancado, puxado. O candelabro de ferro já não estava preso à trave no teto. Conseguia ver-se uma amolgadela na parede, no sítio onde tinha aterrado o candeeiro de cristal da mesa de cabeceira, agora despedaçado. Todos os copos da garrafeira, todas as garrafas, tinham sido partidos no chão. Havia nódoas e salpicos de vinho tinto no teto. Pelo menos, assim esperava ela, que fosse vinho tinto. Era como se Jackson Crane tivesse chegado na noite anterior e, deliberadamente, sistematicamente e presumivelmente sozinho, começado a arrasar o interior da sua cabana.

No chão, ao lado de um envelope rasgado, estava uma carta amarrotada, impressa em papel do Home. Jess baixou-se para a apanhar do chão e virou-a para ver se era importante. *Santo Deus*, pensou. A carta era do Home Group a dar-lhe as boas-vindas a um novo nível, exclusivo e de topo. Ao fundo da missiva, em letras bastante mais pequenas, dizia quanto é que isso custaria anualmente, para sempre.

Não era de admirar que Jackson Crane estivesse chateado.

Se ela recebesse uma fatura naquele montante, provavelmente também se sentiria tentada a começar a destruir coisas.

Jess baixou-se novamente para verificar se uma coisa escura na alcatifa ao pé da garrafeira era uma nódoa ou apenas molhado, e foi então que viu a *pen*.

Adam

Não posso continuar a fazer isto, pensou Adam com os seus botões, olhando para as águas encapeladas pela proa do iate. *Simplesmente, não posso.*

Eram quase 23h quando a polícia saía do The Causeway Inn e passava da meia-noite quando ele regressara à ilha, quase 1h quando se deitara, e só uma hora e meia depois — a sua mente não parava de remoar os acontecimentos do dia, o seu corpo não conseguia arranjar uma posição confortável durante mais de três minutos — é que conseguira finalmente adormecer.

Tinha sido uma sorte do caraças aquele tijolo não acertar em alguém. Ele tinha tido uma sorte do caraças por não ter sido atingido pelo tijolo. Aquilo tinha atravessado a janela mesmo ao lado de Adam, exatamente no sítio onde a sua cabeça estaria se ele recuasse um passo. O tijolo ressaltara três vezes em cima da mesa, partindo os copos, até se imobilizar aos pés de uma velhota assustada com um casaco de *tweed* verde.

Depois, em uníssono, as pessoas tinham começado a gritar, a berrar, a agacharem-se no chão ou a empurrarem os outros para ver o que tinha acontecido.

Do lado de fora, na ruela que acompanhava a extensão do jardim da estalagem, Adam conseguiu ouvir risos, passos, um motor a arrancar, uma mota a partir a alta velocidade.

Por algum motivo, um homem que estava na fila da frente fulminava-o com o olhar, furioso, como se aquilo tivesse sido planeado por si.

Uma das mulheres da segunda fila estava a segurar o estilhaço de vidro

que acabara de encontrar espetado na lapela do casaco.

Quando acabou por aparecer, a polícia disse que provavelmente tinham sido adolescentes. Adam foi informado de que era costume os jovens irem até ao cais beber e fumar, passando por aquela ruela. É claro que a polícia iria averiguar se o circuito fechado de segurança tinha apanhado alguma coisa ou se havia testemunhas do incidente.

— Adolescentes? — dissera Adam. — Está a falar a sério?

Os agentes da polícia — eram dois, um com a barba muito bem aparada, o outro com cabelos louros apanhados atrás num puxo, ambos de aparência bastante jovem — perguntaram-lhe se se lembrava de alguém que pudesse não gostar ou estar ressentido com a presença do Home, ou tivesse algum rancor contra ele ou o irmão.

— Está com tempo? — retorquira Adam.

Além de todos os locais descontentes de Littlesea, havia muitas pessoas das redondezas que Ned contratara e despedira, e muitas outras que não quisera contratar. Eletricistas, carpinteiros, canalizadores, jardineiros, montadores de andaimes, assentadores de telhas, a lista era infindável. A chefe das camareiras fora despedida por pedir um dia de folga na semana da inauguração — para ir ao funeral da irmã, ficara-se a saber durante a algazarra que se seguira, mas, é claro, nem assim Ned voltara atrás com a decisão. Na verdade, não era de admirar que a inauguração do Island Home fosse acontecer bastante mais tarde do que o previsto e que tivesse ultrapassado em muito o orçamento inicial. Mais do que uma vez, Adam tentara calcular quanto teria custado no total à empresa o perfeccionismo de Ned, a sua imprevisibilidade. Em diversas ocasiões, ele próprio se sentira tentando a mandar uma pedrada ao irmão.

O tijolo fora embrulhado num daqueles folhetos fotocopiados que as pessoas da zona tinham nas montras, aqueles que diziam «Volta para casa, Home», e preso com elásticos. Sem saber se lhe deveria mexer, sem saber se seria uma prova, Adam baixara-se para agarrá-lo com o polegar e o

indicador e só depois reparara na espessa mancha castanha no tapete, ao lado do tijolo no tapete, e noutra mancha de uma substância castanha semelhante no próprio folheto.

Fora esse pormenor da história que Ned insistira em contar repetidas vezes a toda a gente. A Annie. A Nikki. Na realidade, a todos os elementos do pessoal do Home com quem se cruzara toda a manhã.

— Só tu — passara a manhã a dizer, com dificuldade para articular as palavras, arfando de tanto rir e apontando na direção de Adam. — Só mesmo o meu irmão para pegar num tijolo cheio de merda!

E é claro que todos tinham rido com ele, Annie, Nikki, o empregado que lhes servira o pequeno-almoço, apesar de aquilo não ter propriamente piada, como teria tido se ele tivesse literalmente pegado numa batata quente que alguém lhe tivesse atirado para o colo, apesar de metade do pessoal a quem Ned insistira em repetir a história nunca tivesse sequer falado com Adam.

Tudo fazia parte do padrão, é claro. Um padrão que se estabelecera com o passar do tempo.

E ele merecia um pouco de gozo. Por vezes, depois de beber demasiado ao jantar ou ao almoço, fora ressecado para uma reunião matinal, dissera alguma coisa estúpida, fizera alguma parvoíce, passara pelas brasas. O problema de Ned era que nunca deixava uma pessoa esquecer. Nunca deixava *a pessoa em questão* esquecer o sucedido, quanto mais os outros. Esperava-se que ele ficasse sentado, a acenar com a cabeça, a sorrir, a aceitar. E, em determinado momento, sem dar conta, deixara de algum modo de ser uma pessoa, transformando-se apenas num motivo de chacota. Em determinado momento, habituara-se tanto a que gritassem com ele, a que lhe atribuíssem sempre a culpa, a ser insultado, chamado de imprestável, habituara-se de tal forma a ficar de braços cruzados enquanto o irmão dizia às outras pessoas que ele era um inútil, que, na maior parte das vezes, nem dava por isso.

E depois, de vez quando, dependendo do modo como algum comentário

lhe caía, do estado de espírito nesse dia, ele *dava* por isso. E dar por esse comentário significava que, de súbito, também se lembrava de todos os outros comentários feitos ao longo dos anos. Ou então, dias mais tarde, semanas até, quando de repente lhe vinha à mente alguma observação sarcástica e ele, respirando com dificuldade, se sentia acometido por uma verdadeira fúria.

E o argumento que Laura lhe apresentava sempre que ele tinha um desses momentos, quando começava a cismar e a franzir o cenho e a vingar-se nela, era que ele não tinha de aturar aquilo. Ele não tinha de confrontar Ned, não tinha de perder as estribeiras ou sequer discutir. Tudo o que Adam tinha de fazer era informar calmamente Ned acerca da decisão que tomara e deixar bem claro que estava a falar a sério.

«Eu sei que é assustador», escrevera-lhe Laura numa mensagem essa manhã. «Mas eu confio em ti e sei que és capaz.»

Ele não tinha respondido. Não servia de nada, não enquanto não fizesse o que prometera. Ele conhecia Laura. Estavam casados há muito tempo. No dia anterior, ao telefone, ela deixara a sua posição bem clara. Ela amava-o, amá-lo-ia sempre, mas o que não conseguia fazer era ficar de braços cruzados a vê-lo autodestruir-se, ficar naquele casamento a vê-lo permanentemente tão infeliz. Dissera que, tal como os clientes a quem ela *dava coaching*, assim que ele tomasse a decisão de fazer uma mudança, ela poderia ajudá-lo. Estaria ao seu lado durante todo o processo, mas o primeiro passo teria de ser tomado sozinho.

Era assustador. Fora desde sempre e ao longo da sua vida, aonde quer que fosse, o irmão mais novo de Ned Groom. Na escola, ano após ano, a primeira pergunta que todos os professores lhe faziam no momento da primeira chamada era se eles eram familiares. Em adolescente, ao reparar que o comportamento das pessoas mudava assim que sabiam quem ele era, ou melhor, de quem era irmão mais novo. Era difícil explicar a quem não tinha estado lá, a Laura, como Ned fora importante, mesmo enquanto

estavam a crescer. O seu irmão sempre fora carismático, uma daquelas pessoas que toda a gente parecia conhecer, que toda a gente *queria* conhecer. E não apenas na escola. Em todas as festas onde Adam ia, alguém acabaria por reconhecer feições do irmão. Quando entrava num autocarro, o motorista dava-lhe uma mensagem para transmitir a Ned. O fulano da loja da esquina perguntava como estava o seu irmão. Aonde quer que fosse, com quem quer que falasse, Ned parecia arranjar maneira de criar um vínculo com as pessoas, recordando alguma coisa sobre elas, causando uma impressão duradoura.

Adam teria cerca de 12 anos quando alguém lhe perguntara pela primeira vez se não era estranho para ele.

— Para dizer a verdade, não sei — respondera.

Não era só que a sua vida pudesse ter sido diferente, caso não fosse irmão de Ned. *Ele próprio* teria sido diferente. Desde criança, fora em parte através dos olhos e ouvidos de Ned que ele vira e ouvira o mundo. Ned não gostava de cenouras? Adam também não as comia. Ned detestava nadar? Durante anos, Adam também se recusara a aprender. Em adolescente, idolatrara completamente Ned. Ainda se lembrava de como ficava entusiasmado quando alguém comentava como ele era parecido com o irmão — era então mais elogioso do que seria hoje. Quando Ned foi estudar Direito para a universidade, Adam mudou-se para o quarto dele e começou a usar as suas roupas. Fosse com música, literatura, até com as pessoas, o gosto de Ned era a sua referência, a opinião imaginada de Ned, aquela pela qual ele pautava a sua própria. Talvez esse fosse um dos motivos pelo qual se revelara continuamente útil para o irmão: aquela capacidade de prever o que ele pensaria de alguma coisa, o que o iria empolgar ou irritar.

Na universidade, uma das coisas que mais ansiara não fora a oportunidade de se reinventar, mas, antes, de conhecer pessoas que não percebessem que muitos dos seus maneirismos, interesses e até mesmo expressões tinham sido copiados de outra pessoa.

Era o tipo de coisa que ele nunca contara a ninguém, até conhecer Laura.

Sempre lamentara que a sua mulher e o seu irmão não se entendessem melhor. Supunha que o problema era ambos terem perceções muito diferentes em relação a si, àquilo que poderia ser, àquilo de que era capaz.

Adam sabia exatamente qual seria a reação de Ned perante a notícia da sua saída. Quanto à ideia de querer que Ned lhe pagasse para se poder libertar completamente da empresa? Era a parte da conversa que Adam temia. Ele era dos poucos a conhecer o funcionamento da operação, porque era um dos poucos que estava com Ned desde o início. Obter a sua quota-parte seria o mesmo que fazer uma omeleta voltar para dentro do ovo.

O mais importante era escolher o momento mais oportuno.

Começar o dia de sexta-feira com um tranquilo passeio à volta da ilha num iate a motor dos anos 30, comprado e restaurado por uma maquia assombrosa, sempre fora o plano de Ned para este fim de semana. Era uma oportunidade incomparável para exibir a dimensão da ilha, sublinhar a amplitude da sua proeza. Tinha para mostrar a velha torre de água, no topo da qual havia agora um restaurante italiano, o Torre dell'Acqua. Tinha para mostrar a pequena baía, situada no lado protegido da ilha, na qual, quando viesse o verão, se poderia praticar *paddleboard*. Tinha para mostrar o cais privado perto do The Manor, reservado para o próprio Ned.

Pareceu-lhe a melhor oportunidade que teria durante o fim de semana para apanhar Ned sozinho.

Tão-pouco o apanharia de melhor humor.

— Conseguimos — não parava de murmurar para Adam sempre que não havia ninguém por perto. — Caraças, conseguimos mesmo.

Por instantes, parecia que eram outra vez uma equipa, como nos bons velhos tempos.

— O que acham da minha ilha? — perguntava incessantemente às pessoas, enquanto circulava com Adam. — Nada mau, não é?

O barco dele. A ilha dele. A festa dele. A dar palmadinhas nas costas dos

convidados, a dizer piadas, a trocar acenos de reconhecimento com os presentes, a engolir sofregamente mãos-cheias de canapés, a ser o centro das atenções — isto era Ned Groom no seu elemento, quando era mais feliz. Triunfante, era provavelmente essa a melhor palavra para descrever o irmão neste momento.

Foi então que Ned consultou o e-mail.

Annie

Até agora, parecia estar a correr bem.

Depois de chegarem em lanchas, vindos do The Causeway Inn, e fazerem o *check-in* no The Boathouse, Annie dera as boas-vindas aos recém-chegados à prancha de embarque e ao iate do Island Home. Quanto aos hóspedes que já estavam na ilha — Jackson e Georgia, Freddie e Keith, Kurt, Kyra e a filha Lyra —, Ned insistira em acompanhá-los pessoalmente no carrinho de golfe que os fora buscar às respetivas cabanas, não fossem eles tentar escapulir-se ao cruzeiro.

Tinham demorado quase uma hora a dar a volta à ilha da primeira vez. Estava previsto darem duas voltas antes de desembarcarem para almoçar.

Enquanto os hóspedes confraternizavam, cavaqueavam, tentavam perceber quem estava e quem não estava ali, Annie andava às voltas pelo terraço a fazer apresentações, largando, como era seu hábito, fragmentos lisonjeadores de informação que passara semanas a investigar e a memorizar sobre cada hóspede («Tens de conhecer a Alicia. Sabias que este *ser humano angelical* acabou de regressar de uma missão humanitária na Síria?» ou «Johnny, constou-me que tu agora tens uma alimentação 95% à base de plantas. Se queres que te diga, estás com um aspeto formidável!«).

Os membros do Home levavam-se a si mesmos e à sua fama muito a sério, e esperavam que toda a gente em seu redor fizesse o mesmo. Isso era uma coisa que não podia ser esquecida neste trabalho. Afinal de contas, eram pessoas que, muito sérias, passavam meses inteiros à frente de telas verdes a fingir que lutavam com extraterrestres. Multimilionários de 30 anos que entoavam perante multidões de milhares de pessoas as cantigas de

amor que tinham composto nos seus quartos de adolescentes. E talvez fosse preciso acreditar em nós mesmos, para que tudo isto acontecesse, para que as outras pessoas nos levassem a sério.

Do sítio onde estava agora, encostada à amurada do convés superior do iate, Annie — de taça de champanhe na mão, envergando um cafetã diáfano com padrão de leopardo e o decote incrustado de pedras preciosas (colete térmico e *leggings* por baixo, é claro) — conseguia olhar para baixo e, com um simples relance, ter uma panorâmica do grupo quase todo.

Jake Price, um ator de sobrelhas extravagantes e absurdamente musculado, com cabelos escuros e fartos, penteados para trás e apanhados numa comprida trança — sem dúvida usado assim para o papel que representava numa sanguinária série sobre *vikings* da HBO, cujas filmagens tinham começado recentemente —, já fizera o grupo inteiro ofegar de encanto ao despir-se até ficar apenas com uns minúsculos *Speedo* rosá-claros, executando depois um mergulho acrobático para o mar. Ouviram-se risadinhas à socapa quando, depois de se debater com as ondas durante alguns minutos, começou a gritar por ajuda e foi puxado de volta para o barco, visivelmente engelhado e friorento, sendo-lhe dado um roupão com o monograma do Home. Annie conseguiu ouvir o comandante, a apenas alguns metros dela, dizer entredentes:

— Herói, o caraças. Aquela corrente puxa qualquer um para o fundo num segundo!

Os empregados ignoraram o drama tal como Annie os ensinara a fazer, circulando com as suas bandejas, sempre discretos, sempre atentos a quem quer que tentasse chamar a sua atenção. Ao passar os olhos pelos presentes, só viu caras conhecidas, e algumas, ao vê-la, sorriram e acenaram. Para onde quer que olhasse, os membros, talvez uns 50 no total, estavam a sondar — sem dar muito nas vistas — quem mais fora convidado, quem estava presente.

— Champanhe?

Annie assustou-se quando uma empregada apareceu subitamente atrás de si com uma garrafa de gargalo bem embrulhado num guardanapo branco e engomado.

— Obrigada, minha querida. Bom trabalho, veres-me aqui em cima. Levas uma estrela dourada — disse, sorridente, oferecendo-lhe o copo. A rapariga inclinou a garrafa, mas ficou horrorizada ao ver, assim como Annie, apenas algumas gotas a entrar no copo, enchendo-o menos de quatro centímetros. Annie soergueu uma sobrancelha.

— Isto não correu lá muito bem, pois não, querida? — disse, aborrecida. — Não te ensinámos nada? Nunca, mas *nunca* sirvas de uma garrafa praticamente vazia. Parecem-te o género de pessoas que gostam de beber borra? — Gesticulou a indicar o grupo. — Diz a alguém que saiba o que está a fazer para trazer outra garrafa para cima, por favor. Acho que agora devias ir ao porão ver se há copos para lavar, sim?

Rígida? Talvez um pouco. Porém, o *trabalho* de Annie era assegurar que todas as interações com os membros eram perfeitas, algo que, implicitamente, Ned lhe confiara. Os membros tinham de sentir que as quotas mensais lhes conferiam alguma coisa especial, caso contrário, o Home não passava de um *pub* chique no qual era preciso pagar para entrar. Por outras palavras: ela era uma besta para que os membros não tivessem de o ser.

Com um suspiro propositadamente sonoro, Annie virou-se novamente para a amurada.

Uma ilustração visual perfeita da hierarquia no Home, era o que ela conseguia deste pronto privilegiado. Consequia observar quem caminhava em linha reta na direção de quem, reparar em quem ficava no mesmo sítio e esperava que os outros orbitassem em seu redor. Consequia perceber quem dissertava, a alto e bom som, sobre o seu último projeto filantrópico, sem reparar no tédio que lentamente se instalava no olhar de quem escutava (já passara meia hora, e Georgia Crane, agitando as suas mãos esguias e bem

cuidadas para dar ênfase, praticamente não se calara). Conseguia ver os membros que hesitavam na zona periférica de um grupo, mudando desajeitadamente o peso de um pé para o outro, rindo um pouco alto demais (nesse aspeto, Freddie Hunter era um dos principais transgressores). Sabendo que todos eles consumiam os mesmos meios de comunicação social que o resto do mundo, e compreendendo o embaraço que isso causava — felicitar Jennifer pelo seu noivado reportado no *BuzzFeed*, Monica, pela gravidez anunciada pelo *The Times*, ou fingir piedosamente que não lia os jornais? Era uma dança que Annie tinha de fazer. Ela conseguia sentir o entusiasmo destas pessoas, compreender a sua ansiedade; graças a anos de observação, percebeu que a fama de uma pessoa não a protege da celebridade das outras.

Na verdade, ela não gostava dessa palavra. *Celebridade*. Irritava-a quando as pessoas descreviam o Home como *um clube de celebridades*, ou os seus eventos como *festas de celebridades*. Aquele jornalista da *ES Magazine* usara a palavra reiteradamente e, no seu íntimo, Annie contorcera-se sempre. Toda a experiência fora inusitada — ela não estava habituada a ser a entrevistada. A esse respeito, corrigira-o — preferia pensar nos seus membros como *pessoas celebradas*. Nos seus tempos de jornalista, Annie lera que fora esse o significado original. No século XVIII, a palavra «celebridade» era utilizada apenas para descrever uma pessoa reconhecida na sua área. Charles Darwin fora uma celebridade, Florence Nightingale fora uma celebridade, George Eliot, tanto quanto uma atriz como Ellen Terry ou um ator como Henry Home. Só bastante tarde no século XX é que a palavra assumira conotações negativas, denotando uma sugestão de superficialidade, associada cada vez mais a fama não merecida, a alguém que a sociedade conferia uma atenção injustificada. Tudo isso acontecera exatamente ao mesmo tempo que a palavra começara a ser utilizada para descrever jovens mulheres que chamavam a atenção do público. Claro, pensara Annie. Que coincidência.

«Celebridade» não era a palavra que as pessoas utilizavam para descrever Jackson Crane, pois não? *Olhem para ele*, pensou Annie, a sorrir, a acenar e a soerguer a sobancelha, o centro das atenções, como se tivesse sido iluminado por um diretor de fotografia um pouco mais generoso do que todos os outros. Ele era uma *estrela de cinema*. Tão-pouco, e isto era interessante, era uma palavra que as pessoas utilizavam para aludir à mulher dele. Dever-se-ia isso, talvez, à idade dela — ela deve ter agora 40 e poucos, embora ainda uma boa década mais nova do que o marido. Seria por causa — nenhuma entrevista começava de outra maneira — da universidade onde estudara? *Atriz formada em Cambridge e ativista*. Ou seria do seu tipo de beleza muito peculiar — o cabelo escuro, os maxilares bem delineados, os deslumbrantes olhos verdes —, o tipo de beleza que lhe valia sempre papéis em filmes passados durante a guerra ou como a musa de algum poeta? O género de aparência elegante e fácil, dispendiosa, algo que uma pessoa como Annie — da mesma idade, igualmente alta, também de cabelos escuros naturais — nunca teria tempo, dinheiro, autocontrolo ou acesso às pessoas certas com as agulhas certas para conseguir manter.

Contudo, «celebridade» era a palavra que as pessoas usavam para descrever Kyra Highway — atualmente a jogar uma espécie de jogo da macaca com a filha, ambas rindo a bandeiras despregadas, nas linhas pintadas na ponta do convés principal, destinado aos passageiros que quisessem jogar *shuffleboard*. «Artista-celebridade», era o que as pessoas chamavam a Keith Little, naquele preciso momento a fazer beicinho numa espreguiçadeira, esticado, de óculos de sol e camisa aberta a mostrar os abdominais bem definidos, como de costume, alguma coisa de prata a brilhar por entre os pelos do peito, a observar descaradamente toda a gente. Mas também isso evidenciava um forte sinal de desaprovação, não era? Que ele era um pouco famoso *demais* e que apreciava a sua fama um pouco demais.

Não parecia estar particularmente divertido esta manhã. Sempre que um

empregado se aproximava, ele franzia o cenho, afastando-o com um menear da mão.

Fazia parte do plano de Ned mantê-los todos em suspense daquela maneira. Não avançar para a fase seguinte, adiar a segunda volta do parafuso, mantê-los em desvantagem. Afinal de contas, não se podia dar ao luxo de ter os quatro homens a explodir ao mesmo tempo, a estragar a festa. A julgar pelas aparências, Keith estava naquele momento preso entre encarar toda a situação como uma excêntrica piada de mau gosto, convencendo-se de que não pagaria ao Home nem mais um centimo, e sentir-se preocupado com o que haveria no pacote misterioso a ser entregue em breve, nunca esquecendo a oferta de Ned, uma que ele não deveria, não *poderia* recusar.

Bastava olhar para Freddie Hunter para se tornar evidente que ainda não recebera o seu pacote. Nesta festa em particular, parecia estar a dar bastante nas vistas — na palhaçada com a pequena Lyra, a gritar de entusiasmo sempre que se cruzava com algum conhecido, o que acontecia constantemente, a caminhar decididamente na direção de pessoas que ainda não tinham ido ao seu *talk show* para as bajular, assegurando-se de que todos os presentes sabiam que também ele estava presente. Era bastante notório que ele se comportava de modo mais frenético do que era habitual, que estava um pouco mais pálido e transpirado — mas a noite anterior tinha terminado tarde e fora bem regada. Quiçá, com um pouco mais de tempo para processar, ele chegasse à conclusão de que tudo aquilo não passava de uma partida.

Sim, pensou Annie, podia-se dizer com toda a certeza que Freddie Hunter ainda não tinha recebido o seu pacote.

Quanto a Jackson Crane, não era possível ter qualquer certeza.

Afinal de contas, Jackson era ator — e não era um ator qualquer. Certa vez, Annie fora no mesmo elevador que Jackson e Georgia no Manhattan Home, desde o átrio até ao bar no *rooftop*. O casal discutiu durante todo o

percurso. Ele tresandava a álcool. Ela era uma chata dos diabos. Foram o caminho todo naquilo. A certa altura, Georgia acertou-lhe na cara com a bolsa; ele tocou delicadamente com o indicador no lábio, inspecionou-o ao espelho e pareceu ficar a pensar se deveria ou não retaliar. Era como se se tivessem esquecido de que Annie estava ao pé deles — ou talvez a ideia fosse mesmo essa e tudo aquilo também fizesse parte de uma representação. E depois as portas abriram-se e, sem hesitar, Jackson pegou na mão de Georgia e lá foram os dois, sorridentes, para se juntarem aos amigos para jantar. Ela sentia mais compaixão por Kurt Cox, atualmente de pé, sozinho, perto da proa do barco. Não obstante, ele era um homem de 25 anos com um contrato de vários milhões de dólares com a Netflix, além de uma herança que iria receber e cuja quantia, certamente, seria bem superior. Não iria passar fome, por muito que Ned o espremesse. Faria um escarcéu, passaria por todas as fases, e depois — tal como os outros — aceitaria o inevitável.

Por outras palavras, parecia estar a correr tudo de feição. Foi então que se foi juntar à turba. O convés tinha ligação ao de baixo através de uma escada em caracol. Conseguiu ver Ned e Adam a conversar, Ned a mostrar o telemóvel a Adam, Adam com um ar sério. Por instantes, pensou em fazer-lhes uma partida, fazer algo para os assustar. Ned adorava essas pequenas provocações.

Depois reparou na expressão de Ned.

Depois viu o que ele mostrava a Adam no visor do seu *iPhone*.

— Quem diabos é que ela pensa que é? «Eu sou o Home»? *EU* sou o Home? Eu digo-te o que ela é: é o passado. Está lixada. Foda-se! Acabando este fim de semana, acabando esta festa, a Annie Spark passou à história nesta empresa...

CONTINUAÇÃO **DAQUI**

Foi a antiga jornalista e há muito diretora de associados do Home, Annie Spark — ela própria uma espécie de celebridade entre a clientela habitual do Home, com o seu sentido de moda extravagante e constantes mudanças de cor de cabelo (verde-mar uma semana, branqueado com peróxido na outra) — a primeira a alertar para o desaparecimento de Ned Groom, domingo de manhã. «Ela começou a perguntar a toda a gente quando o víamos pela última vez, ou quando tivéramos notícias dele, e ninguém soube dizer ao certo. E uma pessoa lembra-se sempre de uma interação com Ned», diz um antigo empregado do Island Home, que pediu para manter o anonimato. «Estávamos a tentar perceber o que aquilo significava, o que estava a acontecer. Mas ela estava tão calma que ninguém entrou em pânico. Antes disso, eu não a levava a sério, por causa das roupas, provavelmente, ou dos beijos sem encostar a cara às pessoas, mas ela assumiu as rédeas da situação. Alguém teria de o fazer. Foi o caos. Não eram só as pessoas que estavam na ilha a entrar em pânico. Estávamos também a receber telefonemas da imprensa, de todos os outros Homes. Foi a Annie quem nos disse o que dizer, a quem desligar o telefone, a quem passar-lhe a chamada. Ela manteve-se completamente em controlo — era como se nada a pudesse surpreender nesse dia.» De facto, a resposta metódica de Annie é algo sobre o qual todos aqueles que

experienciaram o pânico e a confusão daquele domingo parecem concordar. Freddie Hunter chegou mesmo a agradecer pessoalmente a Annie no monólogo que fez no início do seu primeiro *Freddie Hunter Show* depois da tragédia.

«De início, durante o pequeno-almoço no restaurante subaquático, parecia que nenhum dos empregados sabia o que se estava a passar, se tinha havido um problema de segurança na ilha, se estávamos em perigo. Convém não esquecer que, geralmente, a maioria de nós tem seguranças, mas isso nunca é a cena do Home. Costumamos deixar o guarda-costas e o telemóvel à entrada», relembra um convidado da festa. «Quando a polícia apareceu, parecia não saber bem quem abordar ou o que fazer. Mas a Annie dizia a toda a gente o que fazer, explicando o que acontecera e o que iria acontecer, assegurando aos membros que estavam em segurança, que seríamos escoltados até ao continente em breve.»

Só quando os hóspedes abandonaram a ilha — 36 horas depois do último avistamento confirmado — é que a polícia começou a procurar Ned Groom. Foi determinado que, na eventualidade de ele ter saído do Island Home, nenhuma testemunha o vira a fazer isso. Não havia quaisquer imagens suas nas câmaras de vigilância a percorrer o caminho até ao continente. Não foi visto qualquer barco não identificado a aproximar-se ou a partir da orla costeira. Tanto quanto era possível apurar, o seu telemóvel fora desligado na manhã de domingo. Dadas as circunstâncias, era evidente que o seu desaparecimento tinha de ser tratado como suspeito.

É preciso muito tempo e muitos meios para fazer uma busca numa ilha de um milhão e meio de metros quadrados, mesmo com a ajuda de voluntários locais e dos colaboradores do Home que optaram por ficar, entre os quais se incluía a própria Annie Spark. Seriam dias a calcorrear os bosques debaixo de chuva, a atravessar campos alagados, a inspecionar cabanas e a espreitar debaixo das mesmas. Foi na zona mais agreste e mais inacessível da ilha, onde se localizava a casa de campo privada de Ned — o lado que fora

arrendado durante décadas pelo Ministério da Defesa — que a polícia decidiu concentrar os seus esforços de busca. Os agentes da polícia e os voluntários tinham visto uma fotografia de Ned e sabiam que roupa ele usava da última vez que fora visto — uma camisa branca, calças azuis, mocassins *Gucci*, uma espécie de uniforme. Sabiam a marca e o modelo do seu telemóvel. Tinham-lhes dito, caso encontrassem alguma coisa, para não fazerem nada que pudesse perturbar ou contaminar uma potencial cena de crime.

Procuraram debaixo de chuva intensa, acompanhada por uma ventania furiosa. Percorreram clareiras de fetos encharcados. Vasculharam valas cobertas de espinheiros. Arrastaram-se, de cabeças baixas, por praias de seixos. Precipitaram-se por matas íngremes, subiram ravinas lamacentas, escorregando e deslizando e praguejando. Procuraram a manhã inteira, a tarde inteira e, mesmo depois de escurecer, continuaram a procurar, com o auxílio de lanternas.

Não encontraram coisa alguma.

Capítulo Quatro

Tarde de Sexta-feira

Annie

— **M**ais algumas garrafas daquele Vermentino! — berrou Ned para o empregado, olhando de relance para o copo vazio à frente de Jackson Crane. — Então, o que achas da ilha até agora, Georgia? Sei que estamos em outubro, mas se fizermos de conta, numa tarde soalheira como esta, até parece que estamos no Med.

Annie não ouviu a resposta. Estava sentada na outra ponta da mesa, ao lado de Nikki, e Georgia Crane falava baixo na maior parte das vezes.

— E *tu*? O que achas, Freddie? — indagou Ned.

Freddie, que estava a meio de uma espécie de truque de magia para Lyra Highway, envolvendo um copo e um guardanapo, deu um pequeno salto no seu lugar.

— Tenho a certeza de que a vista daqui é fantástica, Ned.

Jackson resmungou alguma coisa a que ninguém no extremo da mesa respondeu.

A vista *era* magnífica, a quinze metros de altura, desde um dos pontos mais altos da ilha, sem nenhum obstáculo em todas as direções. Era possível ficar com uma ideia exata da sua dimensão e forma — um diamante alongado, com o caminho ainda submerso a serpentear desde a ponta; de como se tornava mais selvagem e arborizada num extremo, onde

se localizava a casa de campo de Ned, e de como a outra ponta era mais plana e baixa, mais protegida, entrecortada pela rede de caminhos para bicicletas e pistas para correr, local onde ficavam o *spa* e as salas de cinema e os vários restaurantes; de como o The Manor, com os seus relvados formais e roseiral, se erguia orgulhosamente no centro de tudo. Talvez não fosse o Med, mas era certamente uma proeza.

Talvez o mais impressionante fosse que praticamente tudo no Island Home — à exceção do esplendor *neopalladiano* um pouco absurdo do The Manor propriamente dito, com o seu pórtico altíssimo e as colunas *kitsch* — tivesse sido construído de raiz ou restaurado a partir de barracões ou celeiros degradados. A torre de água, mais parecida com um carbúnculo, em particular, uma estrutura inexplicavelmente protegida por lei, fora o maior desafio para a equipa de design, dado que os planos para a sua utilização mudaram até à última hora. Primeiro, pensara-se criar um espaço SoulCycle, depois transformá-lo numa parede de escalada, depois numa suite de *spa* com jacúzi elevado. Acabaram por se decidir por um restaurante panorâmico ao estilo industrial, com forno de lenha, ao qual se acederia através de um elevador ao centro da torre.

Depois Ned anunciara que queria que todo o espaço fosse giratório, o que fora a gota de água para o quarto restante do total de sete arquitetos envolvidos no projeto. Disseram que a ideia era ridícula. Impossível de concretizar. Porém, de algum modo, com muito esforço e ainda mais fundos (já para não falar de um novo arquiteto), Ned levou a sua avante.

Quando o restaurante começou a girar lentamente, os convivas arrulharam de excitação, a pequena Lyra desatou aos saltos, algumas pessoas bateram palmas, uma gritou. A brisa do mar era aromatizada com o carvalho que ardia no forno e o alho dos faustosos pratos de lagostas a lagostins. Por instantes, Jackson Crane, ignorando a comida e já com um copito a mais, pareceu tão desorientado por a sala começar a girar que se agarrou com as duas mãos à mesa, feita com madeira que dera à costa.

Annie conhecia a sensação. Também ela se sentia bastante tentada a emborcar uns copos. Mexeu nas pedras brilhantes do decote do seu cafetã, desejando que estes eventos de inauguração não se tivessem tornado a sua Met Gala pessoal, com toda a gente a perguntar-lhe com meses de antecedência o que levaria vestido, recordando roupas de outras ocasiões. Se ao menos ela conseguisse ficar bem com o vestido de gola alta azul-marinho chique que, como sempre, assentava que nem uma luva a Nikki...

Além do mais — e apesar da roupa térmica —, Annie estava cheia de frio. Passou as mãos bem arranjadas pelas estrias macias do cobertor de malha que tinha sobre as pernas, igual aos cobertores que colocara na cadeira de cada membro, um marcador com o qual os convivas se podiam pôr mais confortáveis. Nesta época do ano, a ilha podia ser bonita e até suficientemente quente para andar sem casaco ao sol, mas quando uma pessoa estava à sombra...

Isto era uma verdadeira metáfora para o modo como este fim de semana estava a correr para ela.

Não era apenas o que Ned dissera no barco, era a forma como o dissera. A forma como o cuspira, o silvara, com convicção. *A Annie Spark passou à história nesta empresa.* Porquê? Por causa de uma entrevista em que se atrevera a sugerir que poderia haver mais no grupo Home do que um homem de 59 anos e a sua visão singular?

Ned ignorara-a durante o resto da viagem de iate e no caminho até ao restaurante, excetuando o revirar de olhos apontado ao seu vestido quando ia a descer do carrinho de golfe e o suspiro de desdém quando ela enterrou os tacões na gravilha enquanto estavam à espera do elevador.

— Annie, o Ned está a tentar chamar a tua atenção — disse Nikki, dando-lhe uma cotovelada e gesticulando na direção dele. — Acho que o Jackson pode estar a precisar de... ajuda, ali.

Para bem de Nikki, Annie esboçou um sorriso amarelo na direção de Ned.

— Verei o que posso fazer para tirar o Jackson daqui quando todos acabarem de comer. No estado em que está, faz uma cena se eu tentar agora.
— Annie chamou o empregado. — Não o sirva demais, está bem? — sussurrou, indicando com subtileza o ator extravagantemente embriagado.

Depois, virou-se de frente para Nikki.

— Enviaste-lhe o artigo, não enviaste?

— Teve de ser, Annie. O meu trabalho é precisamente mantê-lo informado. Tu já devias calcular que ele o iria ver este fim de semana. Caramba, não há melhor maneira de irritar o Ned... Reclamar os louros na capa de uma revista? A *tua* festa de inauguração? Os *teus* membros? «Querido, *eu sou o Home?*» Que raio te passou pela cabeça?

O que lhe *passara* pela cabeça? Pensando bem, talvez o raro interesse demonstrado pela sua opinião. Sobre o que, para ela, tornava o Home tão especial. Sobre como era lá trabalhar e o que passava os dias a fazer. A delicada diplomacia implícita, as dinâmicas de poder, os aspetos técnicos. As coisas que, com toda a atenção e com muito esforço, ela planeara para este fim de semana. Não tinha sido uma questão de querer ficar com os louros. Annie já trabalhava no Home há tempo suficiente para saber que ganhar demasiada preponderância era um crime punível com despedimento. Sentia-se estúpida e envergonhada por ter feito uma asneira semelhante, principalmente por ter começado a sua carreira a fazer as mesmas perguntas para as mesmas revistas. Porém, fora a primeira vez em muito tempo — se calhar, desde sempre — que alguém lhe fizera uma pergunta e *ouvira a sua resposta*.

— Queres saber porque disse eu ao jornalista em que consiste o meu trabalho, Nikki? Como dou no duro? Tanto que não tenho um namorado há uma década porque sou casada com, bem, desde a última vez que contei, 5761 membros do Home? Como é vital eu estar disponível sete dias por semana, 24 horas por dia, para o funcionamento básico deste negócio? Este negócio que também paga o *teu* salário? Como, se eu não soubesse as

coisas que sei, se não me lembrasse das coisas de que me lembro sobre todas estas pessoas — sussurrou com raiva, fazendo um gesto a abarcar o salão —, toda a operação teria há muito ido por água abaixo? Só para eu perceber: estás a perguntar-me porque disse eu ao *Evening Standard* que, na realidade, sou um pouco mais importante para o Home do que uma empregada do bengaleiro que foi promovida sem o merecer?

Reparou que Nikki se encolheu e percebeu que fora longe demais.

— Ninguém acha que não és importante, Annie — disse Nikki baixinho, sem a olhar nos olhos. — Mas ele não vai deixar isto passar sem consequências.

Em certos aspetos, e principalmente para uma mulher, era um erro ser eficiente durante um longo período. Porque se se dava a entender que as coisas eram fáceis, fazendo com que as pessoas não tivessem a experiência do que era algo não correr bem, dava a sensação de que qualquer pessoa seria capaz de fazer esse trabalho. Especialmente sendo uma pessoa tão sociável como Annie, se o nosso riso fosse, como o dela, uma espécie de guincho (era útil para quem precisava de saber onde ela estava — e havia sempre alguém a precisar dela para alguma coisa) e se nos vestíssemos de forma a causar o máximo impacto (também para sermos fáceis de avistar, embora, de certa forma, as elaboradas roupas, quase fantasias, fossem também um manto de invisibilidade que permitia à mulher que era desaparecer debaixo de um mar de lantejoulas e sapatos extravagantes).

Tinha sacrificado tanto... Eram tantas as histórias que podia contar. Só que não podia realmente contá-las, e Ned sabia disso, e não apenas por causa do acordo que a isso a obrigava legalmente, assinado há já tantos anos.

O seu pensamento vagueou para Jackson Crane. E nesse preciso momento, ouviu um grito vindo da outra ponta da mesa. Jackson atirava o guardanapo para cima do prato, abanando um dedo na cara de Ned. Keith Little revirava os olhos por cima do seu *Aperol Spritz*. Lyra chegava-se a

Kyra. Freddie, Georgia e Adam tentavam acalmar Jackson, tentando convencê-lo a sentar-se. Mortos de curiosidade, os outros membros faziam um esforço para não olhar.

Jackson não queria sentar-se outra vez. Não se iria acalmar. Georgia murmurou-lhe qualquer coisa ao ouvido — ele gesticulou, dando explicitamente a entender que se estava *a cagar* para que as pessoas estivessem a olhar.

Ned acabara de olhar novamente para a outra ponta da mesa, onde Annie estava sentada, para ver como ela iria intervir e resolver a situação. Bem podia tirar o cavalinho da chuva. Porque o faria? *Annie passou à história.* Ela ouvira a frieza daquelas palavras. Vira a expressão de Ned. Não era o tipo de coisa em relação à qual ele mudasse de ideias. *Vocês que se arranjem sozinhos*, pensou.

Bolas, Jackson estava mesmo bêbedo. Nem se lhe viam os olhos. Perdera completamente o equilíbrio. Em sua defesa, estar num restaurante giratório não ajudava.

Ao virar-se para se ir embora, afastando a mão de Georgia do seu braço, Jackson conseguiu encaixar a biqueira do sapato na perna da cadeira, arrastá-la pelo chão e dar-lhe um pontapé, lançando-a pelos ladrilhos mourescos enquanto se dirigia furiosamente para o elevador. Ou o que ele pensava ser a direção do elevador. Por duas ou três vezes contornou o poço central da torre de água, resmungando com os seus botões, colidindo com as cadeiras das outras pessoas, atores e realizadores com os quais trabalhava, sempre de cenho franzido e olhar ameaçador, enquanto o restaurante continuava a girar. Mesmo depois de encontrar as portas do elevador, não conseguiu dar com os botões. Não havia botões. O elevador tinha um sensor e subia automaticamente. Depois de entrar, ficou vários minutos a cambalear enquanto todo o restaurante girava, até perceber que *havia* um botão que era preciso premir para fechar as portas e descer.

Annie consultou as horas. Eram 14h30.

Pelo menos agora já sabia qual dos comensais da noite anterior fora o primeiro a receber o pacote.

Jess

Tinham precisado de três horas. Não só ela e a sua equipa — embora Bex e Ella tivessem sido incríveis, completamente imperturbáveis, sempre a dizerem piadas depois de ultrapassarem o choque inicial de verem a cabana destruída —, mas também o esquadrão de faz-tudo, envergando macacões azuis com o emblema do Home e bonés de *baseball*, que tinha chegado numa carrinha azul do clube e dedicado a substituir cada um dos vidros partidos da cabana. Os sujeitos — que ela nem sequer se lembrava de ter chamado — que chegaram com três televisões novas e as instalaram imediatamente nas paredes. A equipa com a pick-up cheia de móveis, que começara a retirar e a substituir tudo o que não tinha arranjo. O fulano do *Land Rover*, que trouxe um par de cortinados novos e lavados. Era extraordinário. Tudo tão bem ensaiado. Era como assistir a um ballet. A rapidez, a eficiência, a organização, o nível de preparação. A notável ausência de conversa fiada. Seria de esperar que, no mínimo, um dos sujeitos perguntasse quem lá estava alojado ou se alguém sabia o que tinha acontecido. Uma pessoa ficava a pensar quantas vezes aconteciam coisas destas no Home.

Será que Jackson Crane ficaria tão impressionado com tudo aquilo como ela? À entrada da cabana — mandara as raparigas almoçar, dissera-lhes que iria ter com elas depois de uma última inspeção —, parecia-lhe que alguém brandira uma varinha mágica e deixara as coisas exatamente como estavam antes de ele ter o seu acesso de fúria. Até o livro que havia na mesa de cabeceira — cujo original ela encontrara a boiar, sem lombada, no jacúzi — fora substituído. Quando ele visse isso, quando pensasse no esforço e no

tempo que várias pessoas teriam dedicado àquilo, numa ilha, em três horas, sentir-se-ia envergonhado, arrependido, um pouco encabulado? Jess duvidava.

Era evidente que, para uma pessoa rica e bem-sucedida como Jackson Crane, as coisas eram mesmo assim. Havia sempre alguém para garantir que elas tinham tudo aquilo que desejavam à mão, assim que o desejassem. Havia sempre alguém a postos para arrumar aquilo que elas desarrumavam.

As últimas três horas não tinham sido meramente uma questão de devolver a cabana ao seu estado original, por assim dizer. Tal como acontecia com todos os outros hóspedes da ilha, os registos do Home para Jackson Crane incluíam instruções pormenorizadas sobre a preparação dos aposentos para a sua chegada. Para cada membro, havia notas a especificar a respetiva temperatura ambiente pretendida, qual a sua flor preferida, qual a sua marca predileta de sabonete, champô, creme hidratante e desinfetante das mãos. Todos os seus requisitos, todos os seus pedidos, tudo, desde velas aromáticas a telas de escurecimento, candeeiros de sal a cristais com carga (o que quer que isso fosse). Algumas dessas listas prolongavam-se durante páginas.

A de Jackson e Georgia Crane fora a primeira que Jess lera.

O apontamento sobre Jackson Crane indicava que todos os quartos onde ficasse alojado teriam de incluir: uma garrafa de *Midleton Very Rare Irish*, decantado para cristal pesado, uma garrafa de *Rhum Clément*, duas garrafas de *Dom Perignon Vintage 2008*, meia dúzia de *Colas* de dieta. Indicava ainda que o quarto deveria estar sempre a uma temperatura de 13 graus Celsius, que a sua almofada deveria ser dura como uma pedra, que deveria haver uma cópia da obra *À Espera no Canteiro* na mesa de cabeceira, e que, a menos que ele desse instruções em contrário, não deveria ser incomodado em circunstância alguma.

De acordo com os apontamentos referentes a Georgia, ela apreciava uma massagem de intensidade média, detestava flores no quarto (por causa do

pólen) e exigia ter sempre no frigorífico 12 garrafas de água mineral *Tasmanian Rain*. Deveria ser deixada no toucador uma venda em caxemira com peso e as fronhas deveriam ser de seda. No guarda-vestidos, deveria haver três conjuntos de equipamento de desporto *Lululemon* tamanho 32, bem como um tapete de ioga almofadado. Os apontamentos referiam ainda que ela deveria ficar num quarto separado do marido — e que nunca se deveria perguntar-lhe onde ele estava.

Jess já estava a contar com isso.

Tendo trabalhado no The Grange todos estes anos e vivido ao fundo da rua do Country Home, ouvira todos os tipos de rumores sobre Jackson e Georgia Crane. Sobre os hábitos alcoólicos dele. Sobre o seu casamento. Há alguns anos, enquanto a sua casa em Londres estava a ser restaurada — pelo mesmo designer que renovara o Venice Home, naturalmente —, o casal vivera no Country Home.

— Estávamos tão empolgados — lembrava-se Jess de ouvir uma empregada do bar dizer-lhe (uma miúda gira que conhecera vagamente na primária e com quem se cruzara no supermercado, convidando-a para um copo para porem a conversa em dia) enquanto bebiam uma garrafa de vinho certa noite. — Quero dizer, nós já estávamos habituados a ter membros famosos, mas os dois ao mesmo tempo, hospedados durante meses? Aí o caso era diferente.

— E como é que eles são, na realidade? — perguntara Jess.

Aparentemente, Georgia era ainda mais bonita do que parecia no ecrã, muito terra a terra, espantosamente afável.

— E o Jackson?

A rapariga mostrara-se indecisa.

— Também é encantador, da primeira vez que o vemos. Depois, na segunda vez, é encantador exatamente da mesma maneira. E na terceira. As mesmas piadas. As mesmas perguntas. Quero dizer, eu percebo. Sei que ele conhece muitas pessoas. Não obstante, ao terceiro dia, aquilo tornou-se...

um pouco esquisito.

Jess enchera os copos de ambas e pedira mais pormenores. Então e os Cranes enquanto casal, perguntara. Pareciam felizes? Era verdade que nunca ficavam no mesmo quarto?

— Quero dizer, não é invulgar membros casados terem suítes separadas. Acho que muitas pessoas fariam o mesmo, se tivessem posses para isso. Eu fá-lo-ia. Porém, ficámos com a impressão de que eles estavam a atravessar uma fase difícil. Praticamente não passavam tempo juntos. Ela ia dar uma corrida à volta do lago todas as manhãs e ele ia correr no ginásio. Ela ia dar um mergulho e memorizar mais diálogos à beira da piscina, de tarde, e ele ia andar a cavalo ou metia-se numa sala de reuniões para fazer telefonemas.

Fora a mesma conhecida de infância que falara a Jess sobre a precisão e a minúcia com que todas as preferências pessoais dos hóspedes eram tratadas no Home. Sobre o *whisky*, o champanhe e as *Colas* de dieta, que tinham de ser mudados todos os dias. A garrafa de rum que tinha de ser mudada de dois em dois dias. Tudo isto além do vinho que Jackson entornava ao jantar, às vezes na companhia de Georgia, mas a maior parte das vezes sozinho, assim como as bebidas que consumia no bar depois disso, sentado a um canto do salão com o seu boné de *baseball* e de óculos escuros, noite após noite.

Era estranho pensar que essa conversa — há quantos anos já fora? — plantara na sua mente a semente que estava prestes a germinar.

Jess consultou as horas no relógio de pulso. Era a última pessoa na cabana, agora imaculada. Se tudo estivesse a correr conforme planeado, estariam agora todos a almoçar. Inspeccionou a garrafeira. Verificou o frigorífico. Experimentou as almofadas com a mão, alisou os vincos no tecido engomado. Fez um ligeiro ajuste à iluminação, voltou a verificar a temperatura do quarto e permitiu-se um ligeiro acesso de excitação. Era difícil não se sentir empolgada, ao pensar na maneira como as coisas pareciam estar a correr de feição.

De um bolso, tirou a saqueta de plástico para dentro da qual, nessa manhã, triturara não só os soporíferos que subtraíra do quarto de Kyra Highway, mas também os vários — e diversos — comprimidos e cápsulas que obtivera antes de vir para a ilha. Juntos, tinham resultado num surpreendente volume de pó branco, mas tratava-se de uma garrafa nova de *Midleton* e havia *whisky* mais do que suficiente para dissolver tudo.

Só quando os últimos grumos cristalinos desapareceram no vórtice do fundo da garrafa de vidro lapidado e a sua visão começou a ficar desfocada é que Jess reparou que estivera a sustentar a respiração.

Oh, Deus, deu por si a pensar, sentindo o seu estado de espírito a esmorecer subitamente, *isto não vai resultar*, isto nunca irá resultar. Não na vida real. Nem pensar. Mesmo com toda a pesquisa que fizera, com todo o trabalho que tivera para arranjar tudo, com todo este planeamento. Ao primeiro trago, Jackson perceberia que o sabor não estava bem. Esta noite, poderia estar mais virado para o rum ou o champanhe. Levantaria muitas suspeitas colocar um copo de *whisky* ao lado da garrafa? Colocar as duas coisas numa pequena bandeja ao lado da cama?

Ao ouvir passos no alpendre da cabana, Jess assustou-se tanto que deu um pulo. Ele estava de volta. Jackson Crane estava ali, a arranhar a porta da cabana com a chave, a resmungar e a murmurar consigo mesmo, como era seu hábito, respirando tão pesadamente pelo nariz que ela conseguia ouvi-lo do sítio onde estava.

Por fim, depois de vários minutos, ele conseguiu meter a chave na fechadura e rodá-la, e, aparentemente surpreendido com a facilidade com que a porta se abriu, avançou para o quarto a cambalear. Se ficou chocado ao ver a sua cabana reposta no seu estado imaculado, não se notou. Se ficou espantado ao ver uma empregada de pé ao canto do quarto com um sorriso nervoso, não o demonstrou.

A primeira coisa que Jackson Crane fez foi tentar acender as luzes, apesar de já estarem acesas. Só quando estava à procura do interruptor é

que percebeu que deixara a porta da frente aberta com a chave na fechadura. Só depois de conseguir bater a porta com estrondo — à segunda tentativa, depois de alguma dificuldade para tirar a chave — e atirá-la para dentro de uma taça que havia em cima da mesa, falhando por cerca de um metro, tropeçar na ponta da carpete e deslocar a mesa de centro com uma canelada sem sequer se dar conta disso, é que finalmente reconheceu a presença de Jess.

— Hum — disse.

Mesmo àquela distância, Jess conseguia sentir o hálito dele. Era ele. Era ele. Era ele.

Jackson Crane olhou-a, semicerrando os olhos, esboçou um sorriso, deu dois passos inesperados para o lado e depois voltou a recuperar o equilíbrio. E, por um segundo, o tempo recuou e Jess deu por si a fitá-lo e vice-versa, ele sempre franzindo o cenho, e Jess a questionar-se se ele a reconheceria.

Baixando o olhar para as mãos, que, de algum modo, pareciam muito distantes, Jess apercebeu-se de que ainda estava a segurar o copo e o *whisky*.

— O senhor desculpe — disse roucamente, baixando a cabeça de repente. — Posso oferecer-lhe...?

Ele escolheu a garrafa de vidro lapidado. Agarrou-a, desenroscou a rolha, atirou-a para cima do sofá e emborcou pelo menos um quinto do líquido antes mesmo de fazer uma pausa para respirar. Depois, limpou os lábios com os dedos, como que os beliscando.

E por instantes, por breves instantes, ao passar por ela, Jess conseguiu sentir o olhar dele a avaliá-la, parando rapidamente no peito dela, conseguiu sentir o interesse dele a vacilar fugazmente, mas, logo depois, o desinteresse a instalar-se uma vez mais, quando o seu cérebro excluiu a possibilidade, quando ela deixou de ser uma pessoa de potencial interesse e voltou a ser outra coisa, uma peça de mobiliário.

Ainda com a garrafa na mão, Jackson Crane deixou-se cair de costas na

cama com um gesto teatral da mão livre. Jess pousou o copo e dirigiu-se para a porta. Quando lá chegou, parou e olhou novamente para ele.

Encostado à cabeceira da cama, ainda calçado, embora o casaco estivesse agora todo amarfanhado no chão, com vários botões da sua camisa desapertados e as fraldas de fora de um lado, Jackson Crane olhou-a ameaçadoramente e depois, com um ar de provocação, levou a garrafa à boca.

Gluglu. Gluglu. Gluglu.

Quando afastou a garrafa da boca, estava quase a meio.

Ao sair, conseguiu ouvi-lo a resmungar qualquer coisa com os seus botões acerca de «foder». Era difícil perceber se estava a referir-se a ela, a ele mesmo ou a alguma pessoa.

Gluglu. Gluglu.

Ela já acrescentara um comentário para a equipa de limpeza da cabana número 10, deixando bem claro que Jackson Crane não deveria ser incomodado até novas ordens, em circunstância alguma. Nada nisso lhe parecia ser um homicídio. Porém, de certo modo, até era. De certo modo, colocar um visto nessa caixa fora um homicídio tão grave como triturar os comprimidos, misturá-los no *whisky*, passar-lho para a mão.

Esperava que os produtores do filme que Jackson Crane estivesse agora a rodar tivessem o seguro em dia.

Era provável que só os soporíferos fossem o suficiente para acabar com ele, a julgar pelo número que ela triturara, o volume que ele acabara de ingerir. Todavia, pensando em tudo o mais que havia naquela saqueta de plástico — tudo o que ela trouxera para a ilha, todas as outras coisas que surripiara das cabanas —, metade do conteúdo daquela garrafa seria o suficiente para matar um elefante. Bastaria um copo de tamanho decente para acabar com um humano.

Ela tinha conseguido. Tinha mesmo. Nem era capaz de acreditar.

Só a meio caminho do bloco do pessoal é que se lembrou que ainda tinha

a *pen* de Jackson Crane no bolso.

Nikki

A enorme lareira a céu aberto das traseiras não fora negociável. Era outra daquelas ideias de Ned, coisas que ele estava determinado em fazer acontecer mesmo que todos os outros lhe dissessem que era uma loucura, impossível ou extremamente perigoso. Até Annie, cujo entusiasmo pelos planos de Ned era geralmente imediato e absoluto, tentara dissuadi-lo.

— Ned — dissera quando ele lançara a ideia pela primeira vez —, será sensato? Será que queremos *mesmo* uma fogueira permanente dentro de uma taça gigantesca, a cuspir labaredas de um metro em cima do bar? Na melhor das hipóteses, um membro tenta acender lá um cigarro e fica sem sobrancelhas.

— Ou pega fogo ao cabelo — acrescentara Adam.

Era mesmo típico de Adam, repetir ou parafrasear a intervenção da pessoa anterior. A intervenção da *mulher* anterior, regra geral, como se estivesse a tentar traduzir a partir do estrogénio original. Nikki vira-o fazer isso anos a fio, geralmente tirando a piada à coisa, não a percebendo e evidenciando que não compreendera o problema ou a solução proposta. E, anos a fio, Nikki ficava sem saber o que se passava na cabeça dele nesses momentos. Porque ela estava sempre a escrever as atas, a transcrever as palavras dele e, assim, a dar-lhes um peso que nem sempre mereciam. Era capaz de contar pelos dedos de uma mão o número de vezes, nos 25 anos que estava na empresa, que ele fizera um comentário perspicaz ou uma sugestão útil. Ela não desgostava de Adam Groom — não especialmente —, mas era difícil perceber a finalidade daquele homem, profissionalmente falando. Também não era de admirar, no que diz respeito à carreira, que ele

nunca tivesse deixado o Home.

— E tu, o que achas? — perguntara-lhe Ned.

Nikki consultara a ata que estivera a redigir em modo automático para perceber aquilo que ele estava realmente a propor, e depois fizera uma pausa. Disse-lhe que adorava a ideia. E agora, aqui sentada numa tarde de outubro soalheira, num dos sofás em redor da fogueira, segura a ver as faíscas numa ascensão espiralada, os enormes toros a crepitar, incandescentes, a uma distância segura, teve de admitir que, quando Ned tinha razão em relação a alguma coisa, tinha mesmo razão. E ela sempre se considerara uma felizarda por beneficiar disso, dessa proximidade. Mal poderia imaginar, quando arranjava emprego no bengaleiro do Covent Garden Home, onde chegaria, qual seria o desenrolar dos acontecimentos.

Nikki notou movimento pelo canto do olho e percebeu que não era a única pessoa a ter desembocado no relvado nesta breve acalmia das atividades da tarde. Havia mais alguém já lá sentado quando ela chegara, fitando as chamas, tapado com um cobertor, como um xaile. Só agora que o vulto tossira e levara a mão fechada à boca para a tapar, deixando o cobertor deslizar, é que Nikki percebeu tratar-se de Kurt Cox.

Pareceu tão assustado por ver Nikki como ela por vê-lo. Evidentemente, a primeira reação dele foi pôr-se de pé, afastar-se, mas quando ela esboçou o movimento de se levantar exatamente ao mesmo tempo, ele sentou-se outra vez — e ela fez exatamente o mesmo.

— Desculpe — disse ele.

— Não, não, eu é que peço desculpa.

Ela levantou-se para se ir embora e gesticulou com a mão para ele continuar sentado. Afinal de contas, ele é que era o hóspede.

Nikki dobrou muito bem o seu cobertor e pousou-o onde o encontrara.

Kurt olhou para ela.

— Estava a pensar noutra coisa. Foi má educação da minha parte. — Abanou a cabeça como que para despertar de um devaneio e brindou-a com

um olhar de quem pede desculpa. — Eu não estava a ignorá-la. Nikki, não é?

— Sim, mas não se preocupe! Desculpe a intrusão. Nestes fins de semana, é difícil termos um segundo para nós mesmos. Sei do que falo. Estive em todos. Desculpe a pergunta, mas deve ter sido duro, ouvir as pessoas a falar do seu pai a noite passada, e agora o senhor parece... é que... sente-se bem? — perguntou.

— Para ser franco, estava a pensar na minha mãe — disse ele.

— Oh, desculpe — repetiu. — Eu não devia...

— Não faz mal — disse ele gentilmente. — Foi, sabe... Ela foi... — Passou a manga pelo nariz e fitou a fogueira. — Bastante extraordinária, na verdade. — Kurt inspirou fundo. — Às vezes, é complicado.

Uma das coisas que Nikki sempre achara encantadora nas pessoas que tinham passado a vida inteira sob o escrutínio do público era como pareciam abertas, a facilidade com que uma pessoa como Kurt se punha a falar da mãe, a falar sobre os seus sentimentos. Fora uma coisa que a impressionara também quando conhecera o pai de Kurt, o modo como as suas histórias eram salpicadas de referências a coisas que Robin lhe dissera, ou o seu amigo Jack, como se nós também conhecêssemos Robin Williams e Jack Nicholson. E é claro que, em certo sentido, conhecíamos. Seria desonesto, cansativo e um pouco sinistro fazer de conta que *não* sabíamos quem era a mulher de Ron, a mãe de Kurt. Que não tínhamos visto os filmes dela e assistido a entrevistas. Conhecíamos toda a história, como ela desistira de tudo para criar os filhos, os seis, naquele rancho. A recusa em confirmar à imprensa — segundo algumas pessoas, até aos próprios filhos — quais eram e quais não eram Cox biológicos, a recusa em admitir que isso era importante. E que dívida eles tinham sido, olhando aos desafios e pressões associados a ter esses pais, essa vida: normais, terra a terra, talvez porque terem crescido longe da ribalta.

Não era que Marianne alguma vez tivesse sido uma reclusa; era uma

ideia errada comum. Ela continuara a dar entrevistas sobre temas relacionados com a defesa do ambiente, a falar sobre a vida no rancho. Nikki ainda se lembrava de uma capa da revista *TIME*: Marianne montada a cavalo, a luz da manhã a incidir-lhe na cara, nos cabelos dourados. As fotografias maravilhosas dos filhos sentados à volta de uma fogueira sob as estrelas, Kurt e os irmãos e as irmãs a atirarem água uns aos outros num riacho, todos juntos a verem um filme numa tela debaixo das estrelas, vários cães peludos, enormes, a vadiar por perto. E, é claro, Nikki também sabia — não valia a pena fingir que não — como Marianne morrera, tão jovem, o exato tipo de cancro, a rapidez do seu declínio.

— A senhora chegou a conhecer a minha mãe? — perguntou Kurt a Nikki. Ela abanou a cabeça.

— Era sobretudo o meu pai quem frequentava os clubes, não era? — Nikki sentiu-se um pouco constrangida.

— Sim, nos primórdios, ele foi um grande apoiante do Home. Toda a gente o adorava, ao seu pai.

Não era mentira. Não apenas membro, mas também investidor do Home, Ron Cox era um tipo de superestrela raro, que sabia o nosso nome, o nome dos nossos animais de estimação, que tinha piadas privadas com os rececionistas, que perguntava sempre por alguém quando não o via durante uma visita. Era horrível pensar nessa pessoa e saber — a julgar pelo que Kurt dissera ao jantar, pelas entrevistas com os outros filhos — o quão diminuído estava, como a sua demência evoluíra. Pensar nessa sombra que era ele agora, nas notícias, numa cerimónia de entrega de prémios, frágil e hesitante dentro do seu smoking, a bater palmas, a acenar e a sorrir, levantando-se como todos os outros, aparentemente sem perceber que era ele o homenageado.

— O que está no pacote, Nikki? — perguntou, circunspecto. — Não sei que jogo é este e estou a ficar mesmo muito ansioso.

Pela primeira vez durante a conversa, Kurt desviou o olhar das chamas e

fitou-a.

Nikki fez uma expressão confusa.

— O pacote — repetiu Kurt. — Ontem à noite, depois de a senhora se ir embora, o Ned chamou-me de parte e disse-me que vai aumentar a minha taxa de membro. Atirou um número tão inconcebível que eu pensei que estava a ouvir mal. A minha primeira reação foi rir, como se isto fosse uma espécie de iniciação, uma partida inventada por ele. Porque, é evidente, este sítio é fantástico, mas eu não pagaria *tanto dinheiro* anualmente para ser membro. Ninguém o faria, certo? Mas o Ned não se estava a rir. Mais ninguém se estava a rir. E ele disse-nos que iríamos receber um pacote, uma espécie de entrega. E eu senti que todos os outros que lá estavam, o Freddie, o Jackson, o Keith, a Annie, estavam a perceber qualquer coisa que me estava a escapar. Então, hoje de manhã, quando cheguei ao quarto depois de ir nadar, lá estava, em cima da minha cama. E houve qualquer coisa me deixou com medo de o abrir, como se fosse o envelope almofadado de Pandora, percebe? Como que se, no momento em que o abrisse, as coisas, não sei, mudassem de alguma maneira. Se calhar estou a exagerar, mas... Só quero saber o que está lá dentro, Nikki. Pode dizer-me?

O seu olhar tinha algo de suplicante.

— Não sei — respondeu, baixinho.

Kurt soergueu as sobrancelhas ao ouvir a resposta e Nikki esboçou um débil sorriso. Ela não sabia, mas tinha a sensação horripilante de que seria capaz de adivinhar.

— Sinceramente, não faço ideia do que está dentro do pacote, mas vou descobrir. — Olhou para o relógio. — Vou encontrar-me com o Ned dentro de dez minutos. Eu falo com ele. Desculpe, mas tenho de ir.

Nikki começou a caminhar para o The Manor e marcou um número no telemóvel.

Tocou duas vezes e depois atendeu uma telefonista com a voz de quem estava um pouco desocupada.

— Blackwell Row Chambers, com quem deseja falar?

— Sebastian Shaw QC, por favor — disse Nikki.

Seguiu-se um momento de silêncio e depois o secretário atendeu.

— Está lá? Olá, daqui fala a Nikki Hayes, do escritório do Ned Groom, do Home Group. Desculpe ligar à sexta-feira à tarde, mas só preciso que procure um contrato para ele. Já é bastante antigo. O que ele pretende é o investimento do Manhattan Home, do Ron Cox? Desculpe, mas sabe como ele é. Só me pediu isto. Só dá uma ordem e espera que eu adivinhe o resto. Posso esperar enquanto o senhor procura.

Deu duas voltas ao The Manor enquanto ouvia as gavetas do arquivo a abrir e a fechar do outro lado da linha, e os seus próprios sapatos a ranger na gravilha.

— Refere-se ao contrato de empréstimo de 11 milhões de dólares, de 7 de agosto de 1996? Ou à cessação do empréstimo com data de 31 de outubro de 1996? — perguntou ele. Ela parou de caminhar, sentindo de repente os pés como chumbo.

— Oh, meu Deus, não sei bem qual é que ele quer, mas se lhe for perguntar ficará furioso. O que significa concretamente uma cessação de empréstimo?

— Eu não sou perito e receio que o Sebastian esteja num julgamento — explicou o secretário. — Mas, essencialmente, significa que, apesar de os fundos do empréstimo terem sido recebidos, qualquer reembolso é, de facto, cancelado. Geralmente, é bastante invulgar, mas é uma coisa que o Ned faz com regularidade, e é com certeza o caso de todos os contratos com o Ron Cox. — Ela conseguiu ouvir o secretário a folhear os papéis. — Tenho aqui cinco ou seis, praticamente idênticos.

— Sabe que mais? Acha que os pode enviar todos, por favor, para jogar pelo seguro? — questionou ela. — Terei de lhe perguntar.

Adam

Já as palavras lhe saíam da boca quando Adam percebeu que tinha metido o pé na argola.

Passara a tarde inteira a tentar encurralar Ned, apanhá-lo sozinho, engendrar uma situação em que fosse possível ter a atenção completa do irmão, um momento em que Ned não estivesse a cumprimentar alguém, a rugir amigavelmente pelo relvado ao encontro de um recém-chegado, a exigir saber por que motivo alguém não tinha um copo na mão, a bramir com a piada de alguma pessoa ou a rir convulsivamente com uma da sua própria autoria. Adam passara a tarde inteira a ignorar as mensagens de texto e os telefonemas de Laura. Seria este o momento oportuno para largar a bomba que estava prestes a largar nas mãos de Ned? A primeira tarde da maior festa de inauguração que jamais tinham realizado no clube mais caro que jamais tinham aberto? Quase de certeza que não. Alguma vez haveria um momento mais oportuno? Adam também não tinha a certeza. Afinal de contas, passara anos à espera do momento perfeito para fazer isto.

A determinada altura, dera a sensação de que Ned iria aceitar a ideia surpreendentemente bem.

Só depois do jantar, quando os hóspedes começaram a recolher às suas cabanas, é que Adam conseguira, por fim, roubar cinco minutos ao irmão, e só depois de se oferecer para conduzir Ned até à sua própria casa para também ele se refrescar. Mesmo assim, Ned passara metade da viagem ao telefone, olhando fixamente pela janela e dando instruções para as atividades noturnas.

Tinha piada, pensava Adam. Quando as revistas e os jornais escreviam

sobre o Home, concentravam-se sempre na estúpida querela entre o avô e o pai, desencadeada por algumas ideias deste último sobre a modernização do clube e alterações à política referente aos membros, querela essa temporariamente resolvida e, mais tarde, novamente reacendida durante meio século durante um encontro de família. Quando escreviam sobre Ned, davam sempre importância às semelhanças da visão do pai com as do filho — e diziam *filho*, no singular; o quanto Ned herdara do pai, a aparência, a ambição, a vivacidade de espírito, o temperamento. Como se o avô não tivesse deixado também a Adam uma quota do clube, ainda que muito mais pequena do que a de Ned. Como se o pai deles tivesse passado a vida furioso por ser retirado do testamento do próprio pai relativamente a esta questão em particular, não tendo seguido durante décadas uma carreira em advocacia de grande sucesso e lucrativa.

Tal como acontece com a maioria das coisas sobre as quais se lê na imprensa, era completamente inconsistente, é claro, sendo a maior parte baseada numa única entrevista feita a um dos primos distantes do pai — Ned disse que se encontrara com ele uma ou duas vezes quando eram crianças, mas Adam nem sequer se lembrava dele — há cerca de 20 anos, repetida como um facto em todas as peças de perfil desde então.

Teria o seu pai esperado herdar o clube? Sim, é provável, quem sabe. Mas terá sido uma tolice ficar a depender disso. Toda a existência do avô de Adam girara em torno de acabar com uma relação, enquanto reatava outra. Insinuando o que o seu testamento poderia reservar para um, ou para outro, quem poderia ficar com determinada quota do clube, a quem poderia deixar o imóvel: se alguém quisesse saber de quem Ned herdara o seu gosto pelo jogo, o seu regozijo em levar as pessoas a fazer aquilo que ele queria, havia um candidato evidente.

Mas este feitio embirante, esta presunção da parte de Ned de que, se não fosse ele a fazer alguma coisa, outra pessoa que o fizesse só faria merda? Esse traço em particular ele herdara da mãe. O modo como ela fazia

barulho por tudo e por nada. O modo como rondava uma pessoa. O modo como, na tarde da reinauguração do Covent Garden Home, Ned, orgulhoso, lhe fizera uma visita guiada, e durante a qual, durante cada merda de minuto que durara, o olhar dela saltava de uma coisa para outra, daqui para ali, à procura de algo fora do sítio que pudesse ser comentado, alguma coisa ligeiramente torta que pudesse ser salientada, algo, fosse o que fosse, qualquer coisa que mostrasse ao filho que ela não estava demasiado deslumbrada.

— Aquilo deve ter custado uma fortuna — diria, apontando com o queixo para a carpete, ou para os cortinados, ou para um dos espelhos com moldura dourada no átrio, deixando bem claro quem achava ter sido prejudicado.

Só depois de sair de casa, dissera certa vez a Laura, é que Adam percebera como fora um período intenso, como estivera sujeito a pressão durante o seu crescimento, naquela casa com o pai, a mãe e Ned. As querelas. Os silêncios. A tensão constante, sem nunca saber quando as coisas iriam dar para o torto.

Pararam num cruzamento para deixar passar um *Land Rover* em sentido contrário.

— Vou-me embora — disse a Ned, sem mais.

Ned virou-se para ele de cenho franzido.

— O que eu quero dizer — continuou Adam, mantendo a voz calma e sem qualquer agressividade, e os olhos fixos na estrada — é que quero apresentar a demissão. Quero deixar a empresa.

— Compreendo — disse Ned. — E há quanto tempo é que já pensas nisto?

— Há muito tempo.

— Há muito tempo.

Seguiu-se uma pausa.

— E falaste sobre isto com a tua mulher?

— Falei.

Outro silêncio. Adam olhou de relance para Ned, que tinha agora também os olhos postos na estrada, pensativo. Encontravam-se na área mais agreste e menos tratada da ilha. Em certos sítios, as árvores estavam suspensas por cima do caminho, os ramos de arbustos batiam nos espelhos laterais do *Land Rover* consoante passavam. E durante todo esse tempo, enquanto seguiam em silêncio, ao virarem para o caminho secundário que levava à casa de Ned, ao passarem pelo letreiro a dizer «Privado», ao começar a desviar-se dos buracos que ainda existiam naquela extensão do caminho, Adam esperava que Ned comesse subitamente a gritar com ele ou a bater no painel de instrumentos e a exigir que ele parasse o carro, que o mandasse ir foder-se e fizesse o resto do caminho a pé.

Nada disso aconteceu. Pelo contrário, Ned perguntou-lhe com toda a calma qual o motivo de tal decisão. Queria ter mais responsabilidades? Menos responsabilidades? Um cargo diferente? Projetos um pouco mais *especiais*? Adam abanou a cabeça.

— Então, o que é que queres? — perguntou Ned.

E Adam disse-lhe: um negócio próprio, algures. Talvez em Melbourne (Ned registou isto e anuiu), talvez noutro sítio. Ned fez perguntas sobre a ementa, o conceito, fez alguns comentários de aprovação, algumas sugestões. Ned perguntou como é que ele iria financiar tudo isso. Adam explicou que queria receber a sua parte. Afinal de contas, tinha 10% das ações. Fizera uns cálculos por alto.

Ainda estava à espera de uma explosão, mas isso não aconteceu.

Pelo contrário, Ned perguntou a Adam que cálculo fizera ele em relação à sua quota-parte no Home Group naquele preciso momento, qual a lógica subjacente aos números, que tipo de disposições e prazo consideraria, se pensara em algum comprador em particular. Ouviu com aparente ponderação enquanto Adam tentou explicar o quanto aprendera a trabalhar com o irmão todos estes anos:

— E é claro, também gostei destes anos, é evidente, foi fantástico, não me arrependo de nada nem guardo ressentimentos.

Ao ouvir isto, Ned teve um pequeno espasmo num canto da boca.

— Simplesmente, tenho de saber do que sou capaz de fazer sozinho, compreendes? Aquilo que sou capaz de criar, de fazer. Se não o fizer agora, acho que nunca o farei. Acho que a verdade é que preciso apenas de descobrir quem realmente sou.

Ao ouvir isto, Ned aclarou a voz, olhou para o lado para verificar o espelho, desviou o rosto um pouco do irmão.

E, de imediato, Adam desejou poder voltar atrás com as palavras. Que coisa mais estúpida e fraca de dizer. Como se fosse fazer um ano sabático. Como se fosse um dos malditos clientes de Laura, cheios de confusões. Que oferta para Ned, desatar a manifestar-se efusivamente daquela maneira, a tornar tudo aquilo em que pensara secretamente, planeara e sonhara durante anos, soar a algo tão frívolo e patético.

Ned não teve de dizer muito, praticamente não teve de dizer coisa alguma, para deixar claro quem pensava estar por detrás daquilo, quem achava ter sido responsável pelo surgir dessa ideia e o que achava sobre isso. E como não disse nada diretamente, não havia como contradizê-lo, a não ser insistir que ele, Adam, não estava a mando de Laura. Como poderia tentar, nesta fase, transmitir a Ned como era estar numa relação, uma relação séria e duradoura; como é que poderia explicar a necessidade de, por vezes, se ceder, e como isso poderia ser um sinal de maturidade e não de fraqueza?

Estavam quase a chegar. Pelo meio das árvores, mais à frente, Adam conseguia já distinguir as telhas, a chaminé de tijolo, as paredes de pedra pintadas e branco. The Cottage, como toda a gente lhe chamava, ou a Casa de Campo de Ned, ainda que se assemelhasse mais a uma casa de habitação de uma herdade, com um alpendre à frente, uma cerca de sebe alta, um pátio de lajes murado. E no momento em que começavam a virar para

entrar pelo portão, Adam — ansioso por ficar de novo por cima na conversa — disse aquilo de que, e soube-o imediatamente, se arrependeria para sempre.

— Quero dizer, não acho que aquilo que estou a pedir seja irrazoável, se pensarmos no que fiz por esta empresa.

A atmosfera no carro mudou tão depressa que Adam praticamente sentiu os ouvidos a estalar.

Os pneus derraparam na gravilha com a travagem súbita. Alguma coisa debaixo do capô, ao arrefecer, tiniu.

Ned desapertou o cinto de segurança, abriu a porta do *Land Rover*, apeou-se e bateu a porta com estrondo. Depois regressou, como que para verificar se não se teria esquecido de alguém. Depois, bateu no vidro e fez sinal para Adam o baixar. Adam baixou-o. Ned debruçou-se. Adam inclinou-se para ele.

— Isso é uma ameaça, Adam?

Adam já estava a abanar a cabeça, com o sorriso mais largo que conseguiu, levantando as mãos. A sério que não o dissera com esse sentido. A sério que não.

A expressão de Ned não se temperou. Tinha as feições tensas de fúria.

— E o que foi que fizeste por esta empresa? É sobre isso que queres falar?

Adam não reagiu.

— Quem realmente és? É isso que queres saber?

— Olha, Ned, eu não queria dizer...

— Eu posso dizer quem realmente és — disse Ned. — Também posso dizê-lo à Laura, se quiseres. Se tens a certeza de que é isso que queres. É decididamente aquilo que os dois querem, não é? Descobrir quem *tu* realmente és. Queres que eu te diga? Queres que eu *lhe* diga?

Adam não respondeu. Algures ao longe ouviram-se os pneus de outro carro a passar noutro caminho.

— Dizer-lhe o quê? — indagou Adam, sem rodeios, embora, é claro, soubesse.

— Dizer-lhe como tu és, é claro, Adam. Como tu és realmente. Tem piada, não tem, o modo como passamos pela vida, supervisionando a versão de nós mesmos que mostramos ao mundo, editando-a com muito cuidado, aquela versão de nós mesmos que partilhamos com os nossos amigos, a nossa família? Talvez até connosco próprios. Na verdade, talvez isso seja o mais importante. Sabes ao que me refiro, Adam?

— Ned, tu não...

Ned simulou premir o botão de chamada do seu telemóvel. Adam levou a mão ao cinto de segurança para o soltar. Ned riu-se. Recuou um passo. Esboçou um sorriso.

— Vou fazê-lo, Adam. Tu sabes que sim. Não me interessa se te fores embora. Força. Não hesites. Podes seguir o teu caminho. Abre a merda de um bar de vinhos em Melbourne. Gere um *gastropub* miserável em Richmond. Passa o resto da vida a bater sobremesas de caramelo pegajosas e a pensar em promoções para atrair pessoas nas noites de quinta-feira, a preocupar-te com as críticas no Tripadvisor. Faz o que te der na real gana. Somos adultos. Continuaremos a ser irmãos. Encontrar-nos-emos no Natal. De certeza que o Home sobrevive.

O sorriso de Ned, que já esmorecera, desapareceu por completo.

— Mas se começares outra vez a mandar indiretas sobre o que pensas que fizeste por esta empresa, o que isso vale, quanto do meu dinheiro tu pensas que eu te devo... eu não me vou limitar a indiretas, Adam. Eu digo-lhe. À Laura. A tua mulher. Digo-lhe como tu és. Digo-lhe exatamente como tu realmente és. E sabes o que mais farei? Foda-se, até lho mostro.

Ned recuou um passo e começou a caminhar pela gravilha. Marcou o código na porta com um indicador raivoso, esperou pelo registo do código, consultou as horas no relógio de pulso, abriu a porta, depois virou-se para trás no vão da porta. Estava outra vez a esboçar um sorriso.

— Eu *mostro-lhe*, Adam. Eu *mostro-lhe*!

CONTINUAÇÃO **DAQUI**

Horas depois do anúncio, a Internet foi inundada de rumores e contrarrumores, acusações e teorias sobre o paradeiro de Ned Groom. Que estava morto. Que estava escondido. Andava a monte. Fora raptado. Que simulara o seu próprio rapto. Que, por algum motivo desconhecido, Freddie Hunter atirara Ned do seu helicóptero para o Mar do Norte.

Freddie Hunter abana a cabeça, esfrega a nuca. «Eu acho que às vezes as pessoas esquecem-se de que nós conseguimos ler as coisas que elas escrevem online. Esquecem-se de que somos seres humanos — pessoas de luto pelos amigos, pessoas de carne e osso a processar um trauma, capazes de, contra o nosso melhor julgamento, pesquisar o nosso próprio nome do Google», diz ele no habitual sotaque que vacila entre o londrino e o californiano notoriamente enfreado. «Se calhar, não. Se calhar, não se esquecem. Se calhar, o objetivo é mesmo nós lermos e ficarmos magoados... Percebe o que eu quero dizer?»

Para quem esperava a lengalenga sardónica dos seus monólogos de abertura, o sicofantismo apatetado das suas entrevistas às celebridades, Hunter é surpreendentemente delicado e atencioso durante uma conversa entre duas pessoas. Dá a sensação de ser alguém que escolhe as palavras com cuidado, muito ciente de que aquilo que diz será minuciosamente

esmiuçado pelos vampiros que descreve, compreendendo que esta tragédia não lhe pertence.

Por outro lado, recebendo a entrevista na sua elegante casa em Montecito, exibindo a sua camisa de linho aberta ao peito e o seu bronzeado dourado, Freddie parece-se exatamente com o gracioso apresentador do *talk show*. Há muito que já lá vão os modos desajeitados, a fisionomia juvenil e os cabelos caídos dos tempos da sua *boy band*. Igualmente distantes vão os tempos em que usava uma barba hirsuta, de complexão forte, período durante o qual se descreveu a si mesmo como um hóspede praticamente permanente do Covent Garden Home, tendo-se mudado para Londres numa tentativa de fugir ao brilho da ribalta dos EUA, de aprender a aceitar tudo aquilo pelo qual tinha passado durante o seu árduo percurso nos Sideways, lutando com a sua sexualidade («muitas vezes de forma muito agradável»), frequentando aulas de representação e fazendo audições, segundo o próprio, «para papéis horríveis em filmes terríveis, e nunca os conseguindo». Tudo isto é pontuado por várias estadias no The Priory devido a problemas relacionados com consumos excessivos, tema em relação ao qual sempre foi franco («Olhe, os viciados são viciados», explicara certa vez. «É uma coisa com que tenho de ter sempre cuidado. Quando saí dos Sideways, substituí a adoração pelas drogas, as drogas pela bebida, a bebida pela comida, e depois a comida pela aquisição de coisas absurdamente caras de que não precisava.»)

Hoje em dia, é um elemento bem remunerado e adorado do *establishment* de Hollywood, muitas vezes fotografado a fazer compras no Fred Segal com uma amiga supermodelo, a ir ao *Starbucks* e a confraternizar com a mais recente jovem escaldante com pretensões ao estrelado. O que as pessoas esquecem, sugere, é o tempo que tudo isso levou, o afinco com que teve de trabalhar e a resiliência que teve de ter para chegar onde chegou. «Uma das coisas que eu e a Kyra dizemos sempre é que, graças a Deus, ficámos famosos antes de toda a gente ter *smartphones*. Se bem que, se eu

estivesse no Instagram, talvez alguém me tivesse feito o favor de dizer que aqueles fulanos de couro em palco eram má ideia...» Sorri, para mostrar que está a brincar.

«Olhe, passei cinco anos em digressão quase constante com os Sideways, com fãs a gritar todas as noites que me amavam, a abrir as cortinas do hotel pela manhã e a vê-las ainda na rua, com faixas cheias de corações feitas à mão. Acontece que, certo dia, acordei e percebi que não podia continuar a fazer aquilo. Estava exausto, não conseguia dormir, os ataques de pânico eram constantes. Nunca estava com a minha família. Não tinha outros amigos que não os outros tipos da banda. Por isso, desisti e despedi os meus *managers*. Não sei se pensei bem nas implicações — não ter alguém de confiança para me ajudar ou aconselhar, que me tornaria de imediato uma pessoa que *costumava* ser famosa, um zé-ninguém. Mas, pelo menos, naquela época era preciso fazer algum esforço para ficar a saber o que as pessoas diziam sobre nós. Os comentários cruéis. As piadas. Hoje em dia? São uma constante. Se pensamos alguma coisa má sobre nós mesmos, dez segundos depois já alguém o disse online, só que dez vezes pior.»

Faz uma pausa para beber um gole de água, virando os olhos para a esquerda como se alguém — talvez, olhando à dimensão da casa imaculada que se espraiava atrás dele, uma governanta — tivesse entrado na sala.

«Pensei que o pior momento», continua, «seria logo depois de conseguir o programa aqui — o meu próprio programa, aquilo para que eu trabalhara com tanto afinho. Todas aquelas pessoas — na sua maioria, com quatro seguidores e um Mumin como fotografia de perfil — a especularem sobre as minhas capacidades mesmo antes de termos gravado o primeiro episódio. Aquilo doeu e afetou-me, porque eu não tinha a certeza se seria capaz. Eu estava a tentar fazer uma coisa positiva e havia uma parte do meu cérebro obcecada com todas essas pessoas, pessoas que nunca conheci, pessoas que nunca iria conhecer, mas que me odiavam, que desejavam a minha desgraça. E quando passei por isso, pensei mesmo que a coisa nunca

poderia voltar a ser tão má.»

Freddie faz outro compasso de espera, bebe mais um pouco de água.

«Não fazia ideia», diz, abanando a cabeça.

A notícia de que tinham sido retirados dois corpos do *Land Rover* debaixo de água já circulava online 48 horas antes de a polícia confirmar a sua identidade. Até àquele momento, o rumor persistente fora que um desses corpos era o de Freddie Hunter.

«Devia ter ido logo para as redes sociais dizer a verdade, mas senti-me paralisado», explica. «Na realidade, foi sempre algo que imaginei. Assistir ao meu próprio funeral, ver as pessoas muito tristes, o quanto se arrependiam de todas as coisas pouco simpáticas que me tinham feito, ouvir todas as coisas boas que tinham para dizer. Em vez disso, vou às redes sociais e está toda a gente a rir. A contar anedotas sobre o Freddie Hunter. A cortar e a colar a minha cara no poster do À Procura de *Nemo*.»

No fim, foi a sua agente que publicou o anúncio.

«Eu pedi-lhe para dizer às pessoas que não estava morto. Que partira de helicóptero muito antes de alguém sequer falar em desaparecimentos. Ela diz que foi uma das coisas mais esquisitas que jamais teve de escrever.» A Internet não tardou a reagir à confirmação. «Cerca de 800 pessoas *twitaram* logo qualquer coisa como: “Tu não morreste, mas a tua carreira, sim”. E depois foi de mal a pior, porque quando se soube que o Ned Groom também tinha desaparecido, começaram todas as teorias da conspiração: que eu tinha matado o Ned e me tinha livrado do cadáver no mar, ou que o Ned tinha matado outra pessoa e que eu o ajudara a levar o corpo da ilha. As pessoas começaram a publicar *memes* comigo atrás das grades.» Abre muito os olhos ao pensar em tal ideia.

Nesta fase, explica, estava na sua mansão, em Surrey, sem saber sequer se teria emprego quando regressasse aos EUA.

«Lembro-me de estar sentado na cozinha, com voo de regresso para Los Angeles marcado para dentro de seis horas, com uma entrevista na televisão

à Jennifer Lopez na noite seguinte, e pensar no que diabos a administração iria pensar de tudo isto, sempre à espera de receber um telefonema a dizer que não valia a pena voltar, que eu era impuro, não podia ser a cara de um programa em horário nobre. É depois que ligo o noticiário e fico a saber que encontraram outro corpo na ilha.»

Freddie faz uma breve pausa, desvia novamente o olhar e ajusta a bainha da camisa.

«Três pessoas mortas, três pessoas que eu conhecia, três pessoas com amigos, família e pessoas que as amavam», diz ele, abanando a cabeça. «E outra pessoa que eu conheço está desaparecida. E estes detetives de trazer por casa estão a tratar o assunto como se fosse o raio de um jogo de *Cluedo*.»

Capítulo Cinco

Noite de Sexta-feira

Jess

Era uma daquelas tardes em que o tempo parece não só passar mais depressa do que é habitual, mas também desaparecer em grandes e inexplicáveis pulos e saltos.

Quando Jess regressara ao bloco do pessoal depois de sair da cabana de Jackson Crane, Bex e Ella ainda estavam lá, no exterior, à espera de que uma carrinha da manutenção as fosse buscar para a ronda seguinte de limpeza e mudas de roupa.

— Está tudo bem? — perguntara Ella.

Jess levantara os dois polegares, mostrando o sorriso mais rasgado. Não sabia bem se seria capaz de falar.

Talvez ainda o pudesse salvar, provavelmente. Podia pegar no telefone, ligar para a receção e dizer que estava um pouco preocupada com Jackson Crane, ou então mandar lá uma rapariga bater à porta e verificar se ele precisava de alguma coisa. Mesmo que ele tivesse conseguido acabar aquela garrafa de *whisky*, talvez ainda houvesse tempo — partindo do princípio de que o caminho estava transitável — para mandar chamar uma ambulância e fazer-lhe uma lavagem ao estômago. Ainda ia a tempo de mudar de ideias. Ainda podia ser que isto não resultasse.

Fora isso que ela dissera a si mesma em todas as etapas, é claro. Desde

aquela noite, há alguns anos, em que ouvira a sua antiga colega de escola a falar sobre Jackson Crane e contar-lhe coisas sobre o Country Home, quando tudo aquilo lhe ocorrera pela primeira vez — e o seu cérebro horrorizado pusera imediatamente a ideia de parte como sendo impossível. Todas as vezes que ela pensara nisso desde então, ponderando os aspetos práticos, dizendo a si mesma que tudo não passava de uma espécie de exercício mental bizarro que ela estava a fazer, uma forma de lidar com a sua dor, a sua raiva, o seu trauma. O número de empregos aos quais se candidatara no Home, com a certeza quase absoluta de que nunca receberia uma resposta, que o universo a asseguraria de que ela nunca poria à prova a sua determinação. Passara toda esta semana num ligeiro estado de choque, tal como estivera ao preparar tudo à pressa para a ilha. Mesmo quando triturara aqueles comprimidos esta manhã, aqueles que trouxera e aqueles que roubara. Mesmo agora.

Jess consultara as horas. Ainda o poderia salvar, talvez.

Em vez disso, despedira-se de Bex e de Ella com um aceno e fora para dentro para se assegurar de que o aviso rigoroso de «Não Incomodar» nas instruções do pessoal para a cabana de Jackson Crane ainda se mantinha.

Interrogara-se muitas vezes sobre qual seria a sensação de se saber que se tinha matado uma pessoa. Questionara-se muitas vezes sobre qual seria a sensação de ter a vida de uma pessoa nas mãos.

A sensação não era nada daquilo que esperara.

Nenhuma das palavras que as pessoas utilizam para falar da morte, da vingança ou do arrependimento lhe parecia especialmente pertinente para o que estava a sentir agora. Na realidade, se alguma coisa, pareciam-lhe todas abstratas e artificiais. Se calhar, pensou, era por ainda ninguém saber o que acontecera que tornava tudo tão difícil de processar, de levar a sério. Talvez fosse a invulgaridade da própria situação, o não saber, sempre que olhava para o relógio, o que estaria a acontecer na cabana, ciente de que, em determinado momento, teria de se encher de coragem para voltar lá e

confirmar, para fechar as cortinas, para limpar todas as superfícies, para se assegurar de que estava tudo no sítio certo.

Talvez tivesse feito diferença se tivesse havido um único momento nas últimas horas em que ela não tivesse tentado fazer uma coisa enquanto tinha em simultâneo uma conversa com alguém — por SMS, através de um *walkie-talkie*, em pessoa — sobre outro assunto. O Island Home estava agora com a ocupação máxima e, toda a tarde, as reclamações e as perguntas tinham sido uma constante. Havia uma modista na ilha, um acupunctur? A que horas abria o *spa*? Seria possível falar com alguém sobre a dureza das almofadas, a falta de dureza dos colchões, a pressão da água? Quando a pessoa que fazia a pergunta era um membro do Home, e a ocasião era um fim de semana com as características deste, fora deixado bem claro a Jess que a resposta era sempre sim.

A mulher da cabana número 23 — Jess tinha dois álbuns dela — já telefonara para a receção para se queixar de que havia agulhas de pinheiro na sua varanda. O homem da cabana número 46 telefonara a reclamar do barulho que os pássaros faziam. O casal da cabana número 80, ele realizador e ela produtora, segundo as notas de Jess, queriam saber se a ilha contava com serviço de lavandaria a seco — se sim, queriam combinar a recolha de dois sacos de roupa e dois cortinados que tinham trazido com eles. Nesses três casos, Jess prometera ver o que poderia fazer.

O casal da cabana número 78 fizeram um escarcéu por a sua cabana ser demasiado sombria. Jess fora lá pessoalmente para lhes mostrar como utilizar o regulador de intensidade da luz. Um, reconhecera da capa de uma revista, o outro de um anúncio da Evian no metro de Londres. Apesar de a cabana número 84 estar com a temperatura precisa que constava das notas de Jess, o inquilino estivera lá dentro cinco minutos antes de reclamar que estava frio demais. Jess inspecionara o termostato e salientara que a temperatura era exatamente a que ele pedira. Ele dissera que isso não poderia estar certo e pedira para ela regressar com um termómetro.

A meio de cada conversa, toda a tarde, ela lembrar-se-ia de outra coisa que precisava de fazer ou confirmar que fora feita. As revistas na mesa de centro da cabana número 14 tinham sido verificadas três vezes de modo a garantir que nenhuma delas incluía fotografias da mulher de cujo ocupante estava a passar por um divórcio complicado e que andava nas bocas do mundo? Tinham retirado todo o álcool de acordo com as instruções da cabana número 63?

Depois lembrava-se da cabana número 10. Lembrava-se da expressão — primeiro curiosa e libidinosa, depois desafiadora e desdenhosa — no rosto de Jackson ao emborcar o *whisky*. E Jess consultara as horas outra vez, e interrogara-se como é que três quartos de hora tinham passado tão depressa, e pusera-se a pensar: já terá morrido? Já teremos passado o ponto em que não há volta a dar? E ficara à espera de uma pontada de culpa, um espasmo de remorsos, um impulso que a levasse a salvar a vida do ser humano deitado naquela cama. Porque ele *era* um ser humano, independentemente de qualquer outra coisa que fosse, independentemente dos crimes que cometera e escapara incólume, e ele estava a morrer, e a responsável era ela. Jess sabia que deveria estar a sentir alguma coisa, a sentir-se mal, mas não. Não conseguia.

Afinal de contas, Jackson e Georgia Crane tinham-lhe feito exatamente a mesma coisa.

Annie

Estava uma noite amena para a época do ano e uma grande parte do telhado de vidro do The Orangery tinha sido recolhida, criando uma sala de fumo aberta para as estrelas. Nuvens de fumo de tabaco e de vapor adocicado provenientes dos *Juul* ascendiam e misturavam-se com o ar de outubro. Desde os degraus de pedra onde se encontrava, Annie conseguia ver para o outro lado da sala, para o bar onde Kyra Highway (a fumar um cigarro) estava em amena cavaqueira com um produtor de música (que tirava baforadas de um charuto), enquanto Freddie Hunter pairava sociavelmente por perto, sem tirar os olhos de um piano ali perto. Quantas noites é que Kyra, Freddie, e quem quer que estivesse para aí virado, se teriam juntado para interpretar temas do teatro e clássicos do jazz no piano de cauda do The Drawing Room no Country Home? Ou no exausto, mas insubstituível velho piano no terceiro andar do Covent Garden Home, com as suas teclas pegajosas, os pedais manhosos; aquele no qual, correm rumores, Bowie terá tocado certa vez, aquele sobre o qual Jamie Cullum fora tão indelicado?

Alguém acenou para Annie. Ela sorriu e, absorta, acenou também.

Talvez pudesse falar com Ned, pensou, cobiçando o champanhe enquanto sorvia de má vontade o seu segundo *Skinny Bitch* (ninguém *gosta* realmente de *vodka*, água com gás e lima, mas eram necessários se queria encaixar no guarda-roupa deste fim de semana) e começava o seu terceiro circuito da hora. A cada passo, parava, fazia apresentações, ria em jeito conspiratório de piadas que mal conseguia ouvir por causa da música, perguntando a si mesma durante todo esse tempo se, caso verbalizasse o que queria dizer

com o cuidado necessário, elogiasse Ned o suficiente, seria possível corrigir a situação. Sabia que só pensar nisso era um sintoma do seu desespero. Não obstante, tinha de tentar.

— Excelente festa, Annie — alguém comentou ao passar.

— Estavam à espera de outra coisa? — perguntou, com um sorriso. — Quando é a Annie que manda, é tudo perfeito, querida.

Isto não era apenas um emprego para Annie. Ela não se estivera a gabar quando falara com o jornalista do *Evening Standard*. Tão-só, irrefletidamente, tentara transmitir uma noção da dedicação que era votada a fazer de cada clube Home aquilo que era. Annie era diretora de associados há tanto tempo que não sabia se seria capaz de fazer outra coisa, de *ser* outra coisa. Fora convidada para despedidas de solteira de membros do clube, para os seus casamentos, para os batizados dos seus filhos, estreias de filmes, visualizações privadas. Em qualquer Home em que entrasse, os membros iam cumprimentá-la, saber como tinha passado, para deixar bem claro a todos os outros que eles e ela eram unha com carne. As flores que lhe enviavam nos aniversários, os cabazes, os presentes. O infindável fluxo de subornos de aspirantes a membros.

Ora bem, isso agora tinha acabado, não é? Ela não era estúpida — assim que deixasse de estar ligada a um clube com uma lista de espera de 100 mil pessoas, sabia muito bem que isso acabaria de um momento para o outro.

Já assistira a situações semelhantes, quando era escritora do mundo do espetáculo, e a editora de uma revista de luxo para a qual trabalhara fora despedida do seu emprego glamoroso. Sem mais nem menos, a torneira fechara-se — acabaram-se as ofertas de bolsas de mão, as suítes cheias de flores no Ritz para a Paris Fashion Week, as mesas no círculo íntimo do The Wolseley. Primeiro, a sua antiga editora não percebera o que estava a acontecer (porque é que a Kathy Lette não responde aos meus telefonemas? Porque é que o Karl Lagerfeld não responde ao meu *tweet*? Onde está o meu convite para a Met Gala?), depois ficara furiosa (como é que a Hermès

se atreve a não me dar os meus 40% de desconto!?), depois perdera as estribeiras. A série de amargurados artigos de opinião em jornais de grande formato, nos quais, encolerizada, afirmara que a sua sucessora não estava à altura da tarefa, depois o romance *Última Fila*, um autorretrato ficcional mal dissimulado sobre uma editora excluída só porque ganhara peso e algumas rugas. A última vez que Annie tivera notícias dela, era responsável por um *podcast* sobre jejum intermitente.

Iria acontecer-lhe o mesmo. O mesmo aconteceria a Annie. Alguém de quem os antigos colegas riam, reviravam os olhos ao pensar nela, e, por fim, esqueceriam. Será que Ned a deixaria sequer continuar a ser membro do Home? Era pouco provável. Com um choque repulsivo, percebeu que se tornaria de pronto uma pessoa abjeta: a porteira a quem já não deixavam passar pela porta.

Este macacão com as cores do arco-íris, que Annie escolhera com tanto cuidado, fez-lhe comichão e pareceu-lhe apertado. As lantejoulas refletiram salpicos tremeluzentes de luz colorida na parede quando o tentou ajustar. Já sentia os calcanhares apertados e a ficar com bolhas.

Talvez aquilo que seria mais doloroso não fosse não poder continuar a fazer isto, mas ser outra pessoa a fazê-lo. E embora tivesse a certeza de que essa pessoa não faria um trabalho que lhe chegasse aos calcanhares, e nem por tanto tempo, o triste é que isso era irrelevante. Tudo o que importava no Home não era a nossa eficácia, era o quanto Ned nos queria ter por perto. E o que era óbvio era que Ned já não a queria ter por perto. Por um instante, todas as luzes do salão tremeluziram. Annie pestanejou uma e outra vez, fungou.

Passando pelas portas duplas, o salão de baile do The Manor fora transformado, com elaborados arranjos de rosas e heras, aglomerados de sofás de veludo *bordeaux* nos quatro cantos, enormes candelabros dourados a lançar uma luz quente sobre as bandejas de taças de champanhe de cristal.

Numa banquetta de couro ao longo de uma parede, Keith Little

posicionara-se debaixo de uma das suas famosas peças de colagem: uma gigantesca fotografia a preto e branco de um nu sem cabeça, os mamilos tapados com tarântulas, como se fossem um biquíni, a zona púbica decorada com uma resplandecente teia de aranha *Swarovski*, insetos de pedras preciosas multicoloridas presos nos seus fios. Reconheceu Annie, fez uma pequena continência irónica, e continuou a explicar com entusiasmo a obra a um grupo de jovens mulheres que estavam à volta dele, constantemente a encher os copos de uma garrafa que ele deveria ter pedido a um empregado, despejando de vez em quando o seu próprio copo meio cheio no balde do gelo quando ninguém estava a ver. Apesar da algazarra, apesar da distância, Annie sabia exatamente o que Keith estava a dizer, precisamente o que ele estava a dizer-lhes sobre a sua arte, levantando, enquanto o fazia, as duas mãos e afagando um par de seios imaginários.

Parou e, sondando a sala, avistou um membro da sua equipa também a fazer a ronda.

— Querido, podes manter o Keith debaixo de olho esta noite? Se o vires a sair com alguém — gesticulou para a turba de mulheres à volta do artista —, vai procurar-me e informa-me imediatamente, está bem?

O seu colega, Andre, olhou na direção de Keith, avaliou a situação e anuiu.

Mesmo do outro lado do salão, conseguiu apanhar fragmentos da história (já a ouvira muitas vezes antes) que Keith estava a contar.

— E então eu disse ao Damien, e podem perguntar-lhe, ele confirmará, disse-lhe simplesmente não há *sinergia* suficiente para colaborarmos, sabem?

Meu Deus, que aspeto é que ele pensava que tinha hoje em dia? Aquilo fazia tudo parte da rotina, é claro, mas mesmo assim. A camisa *Dolce & Gabbana* de seda desabotoada quase até ao umbigo. Os pelos do peito pretos como azeviche que, era evidente, pintava. A pele enrugada e encarquilhada com a qual ele passara demasiados verões a preguiçar no iate

de um ou outro colecionador de arte. Esgalgado, mas com músculos como os do Popeye. As calças de couro pretas que formavam um chumaço entrepernas. Talvez a questão fosse mesmo essa: que em determinado nível, certamente no caso dos homens, isso se tornava uma expressão literal do seu poder — vadiar por aí com aquele aspeto e as pessoas continuarem a beber todas as suas palavras.

Apesar das aparências, Keith não era parvo nenhum. Sórdido, sim, mas parvo não. A sua arte não era melhor nem pior daquela que é possível encontrar em qualquer exposição de recém-licenciados. Porém, ele tivera a inteligência suficiente, desde cedo, para perceber que emprestar as suas obras a Ned, para que este as pendurasse nas paredes do Home, era a melhor publicidade que poderia ter, e as querelas com os amigos famosos ajudariam a alicerçar a sua imagem de marca de debochado. O sucesso crescera como uma bola de neve. Quanto é que ele valeria na atualidade? Dezenas de milhões, de certeza. Mais, sem dúvida, depois da grande retrospectiva da sua obra que iria estar patente no MoMA na próxima primavera.

Ned calibrava estas coisas na perfeição, e o seu sentido de oportunidade era perfeito. Quanto é que ele estaria a extorquir a Keith? Annie não sabia. A julgar pelo estado de espírito geral de Keith hoje, o suficiente para ele o sentir na pele. Há dois anos, ela perguntara a Ned qual era a política dele em relação a este tipo de coisas, e ele dissera que, inicialmente, costumava pensar num valor que não lhes fizesse diferença e pedia-o. Contudo, como nunca ninguém se recusava, percebera que poderia duplicar esse valor, que mesmo que lhes doesse na conta bancária, abririam, ainda assim, os cordões à bolsa. Annie percebera então que aquilo que começara como uma forma de sustentar as finanças do Home era atualmente uma coisa que tinha tanto que ver com controlo como com dinheiro (apesar de, por causa do Island Home, certamente estar a precisar disso neste momento). Tornara-se um jogo — ver em que medida era capaz de pressionar os membros até ao

ponto de rutura. Era por isso que, este fim de semana, a sua grandiosa ideia era deixar a farsa desenrolar-se durante dias, e com público a assistir. Queria que compreendessem, um a um, que eles estavam totalmente à sua mercê — que compreendessem que estavam todos no mesmo barco.

Keith concluiu a história e as raparigas riram em uníssono, atirando as cabeças para trás, meneando os cabelos lustrosos. Depois deste fim de semana, ela nunca mais o iria ver. A verdade era essa. Nenhuma destas pessoas. Claro que, uma ou outra vez, responderiam a uma mensagem, demonstrariam espanto pela sua saída, desejar-lhe-iam vagamente tudo de bom, uma semana, uma quinzena ou um mês depois de ela a enviar. Mas agora que ela não tinha nada para lhes oferecer, será que *algum* dos presentes nesta sala se daria ao trabalho de manter o contacto? É claro que não.

Ned estava junto do bar no salão de baile, com uma bebida na mão. Annie caminhou diretamente para ele. Na cabina do DJ, forrada a veludo, totalmente feita de madeira reaproveitada do púlpito da decrépita capela da ilha, alguém — era o Calvin Harris ou ele atuaria mais tarde? — estava a tentar entusiasmar a anémica pista de dança. Com os membros do Home, acontecia sempre a mesma coisa — é difícil *dançar como se ninguém estivesse a olhar* quando toda a gente está sempre a olhar. Quem sabe se chegasse ao pé de Ned e pedisse desculpa, conseguisse acalmar as coisas? Ao fim de quatro bebidas e meia — onde é que fora buscar esta que tinha agora na mão, e há quanto tempo já a estava a segurar, e o que era feito da outra metade? —, a ideia começara a parecer-lhe plausível. Então, conforme estava a aproximar-se e o tacaõ ficou ligeiramente preso na beira do tapete persa, esticando a mão para se equilibrar, Ned olhou para ela.

E ela viu a maneira como ele registou o seu tropeção, um acidente que poderia acontecer a qualquer um. O fugaz olhar de relance. O cruel bruxulear de um sorriso de desdém. Foi então que ela percebeu que não importava, que um fim sempre fora inevitável, que ela poderia ser mais

nova, mais velha, mais discreta, mas espalhafatosa, poderia revelar demais à imprensa, não revelar o suficiente à imprensa, haveria sempre um motivo para ele acabar por se livrar dela.

Foi nesse momento que compreendeu que só poderia fazer uma coisa.

Nikki

Era quase meia-noite e as elegantes *toilettes*, com um espaço dedicado para aplicar pó no nariz — painéis de carvalho nas paredes, chão axadrezado, espelhos com molduras douradas e lavatórios de mármore de Carrara com nervuras —, estavam a fazer jus ao seu nome. A toda a sua volta, havia membros sentadas em sofás cor-de-rosa claro, a retocar o batom ou a dar toquezinhos nas narinas ao espelho, a endireitar os vestidos. Havia bolsas de senhora de designer espalhadas por toda a parte — detritos abandonados por raparigas ébrias tão habituadas a terem alguém a arrumar aquilo que desarrumam que nem conseguem tomar conta de um acessório uma noite inteira.

Três atrizes saíram a cambalear de um cubículo e Nikki meteu-se nele.

Para ser franca, por todo o seu glamour, estas festas de inauguração podiam ser insuportáveis. Todos aqueles beijos sem tocarem as caras. Todos os lambe-botas. Todo o deboche enfadonho e performativo. Homens a gritar. Mulheres a casquinar. Annie vestida como uma bola de cristal. Adam a comer com os olhos todas as mulheres com menos de 30 anos.

Cinco minutos de paz, era tudo o que ela precisava. Cinco minutos longe de Ned, da sua voz, da sua cara, de fingir que estava tudo bem, de passar cada segundo com vontade de se atirar a ele e exigir saber a verdade. O que fizera. Porque o fizera. Como é que conseguia olhar-se ao espelho. Sempre que ele lhe sorrisse, sempre que pousara delicadamente a mão no seu braço para a afastar do caminho de alguma coisa, sempre que, durante uma conversa, dissesse a alguém para reparar em como ela estava fantástica esta noite — «A supermodelo do pessoal do Home!» —, Nikki sentira um

formigueiro no corpo.

Depois de trancar a porta do cubículo, despiu o casaco e pendurou-o no enorme gancho de bronze. Sentia-se afogueada, trémula. Demasiado quente mesmo só com o diáfano vestido de seda azul-claro que trazia vestido. Sem dúvida que Ned teria alguma coisa para dizer sobre a maneira como se ausentara, a forma peculiar como se escapulira quando Ned chamara Kurt para se juntar a eles. Ainda por cima quando Georgia Crane ia a meio de um infundável relato, e uma das regras tácitas do Home era que nunca podíamos interromper, virar costas ou dar o mais pequeno sinal de não estarmos a prestar atenção quando um membro estava a falar. Mesmo que fosse uma história que já tivéssemos ouvido palavra por palavra, repetida do jeito enfadonho e distante de uma atriz em representação há dois anos no West End que há muito se tornara demasiado grande para o papel.

Georgia ia a meio da história sobre como ela e Jackson tinham ficado juntos: a sensação de subir ao palco na noite de estreia no seu primeiro papel profissional depois de concluir a licenciatura (Cassandra, numa versão modernizada da peça *Oresteia*, no Almeida), olhar para baixo e ver alguém que admirava tanto e há tanto tempo ali sentado a olhar para ela na primeira fila. Sobre as flores que ele lhe enviara aos bastidores, o bilhete. Sobre o primeiro encontro, no The River Café, e como ela estava nervosa, o pânico por não saber o que usar. Nikki não sabia se fora muito grosseira ao virar costas e afastar-se enquanto Georgia ainda estava a falar.

Geralmente, não bebia, mas a primeira coisa que fizera esta noite fora ir direta ao bar, pedir um brandy duplo e bebê-lo de um trago. Também não consumia drogas há décadas — quando começara a trabalhar no Home, a rapariga com quem fazia os turnos no bengaleiro oferecia-lhe um pouco de quetamina para a ajudar a manter-se desperta, mas não havia nada que ela desejasse tanto no mundo neste instante como uma boa linha de coca para aguçar os sentidos.

Sabia que não conseguiria ficar ali a noite inteira. Respirou fundo,

expirou lentamente, pôs-se de pé e pegou no casaco.

Estava prestes a abrir a porta quando ouviu a voz de Lily McAlister do lado de fora.

Oh, Deus. De todas as pessoas.

É claro que Nikki soubera que ela estaria lá. Lily McAlister estava sempre nas festas do Home, fazia sempre aquela coisa de franzir o cenho e, no início, fazer de conta que tinha de pensar de onde conhecia Nikki. Depois — se estivesse presente alguém importante —, contava sempre a história de como ela e Nikki se tinham conhecido como se isso fosse, por si só, naturalmente cómico, que uma delas acabara como assistente pessoal e a outra... bem, a outra era a Lily McAlister.

Quantas vezes, nos anos 90, quando eram as duas adolescentes (Nikki tinha a certeza de que, outrora, fora um ou dois anos mais nova do que Lily, apesar de a página da *Wikipédia* de Lily agora referir o contrário), se tinham cruzado, ambas com um portefólio debaixo do braço, nas mesmas audições para modelos? Não era que tivessem exatamente criado uma ligação, mesmo naquela época. O trabalho de modelo era solitário, pelo que raramente havia muita conversa de circunstância, mas mesmo pelos padrões das modelos, Lily era fria — mal acenava com a cabeça a cumprimentar nas escadas de redações de revistas sem elevador, ocasionalmente condescendendo a cravar um *Marlboro Light* enquanto esperavam à porta do estúdio de algum designer deliberadamente irritável de Clerkenwell, quiçá perguntando quem Nikki vira naquela semana enquanto trabalhava no Covent Garden Home. Tinham sido as duas recrutadas para a mesma agência pelo mesmo gajo (Nikki, no MacDonald's da Oxford Street, Lily, enquanto fazia compras com a mãe na Fenwick), ambas altas (embora apenas Lily fosse suficientemente alta para uma carreira na passarela), de seios pequenos e anca estreita, ambas de cabelos escuros, ambas igualmente de lábios carnudos e maçãs do rosto salientes, não era de admirar que os seus caminhos se tivessem cruzado tantas vezes, que tivessem competido

diretamente pelos mesmos trabalhos. *Essa* era uma ideia estranha. Fora quase sempre Lily quem conseguira os trabalhos. Quem acabara de regressar de uma rodagem em Budapeste, Tóquio ou Berlim. Quem, logo após a audição, ia aparecer num videoclipe.

Também era verdade que, desde então, as suas vidas tinham seguido caminhos muito diferentes. A questão era que, o que quer que Lily ou qualquer outra pessoa presumisse, Nikki nunca sentira o mais ínfimo resquício de inveja dela — ou de qualquer um deles, para dizer a verdade, destes membros, os famosos. Que prova mais evidente poderia haver de que a vida sob o escrutínio do público era horrível, como ficavam felizes ao evitar aquele olhar desapiedado, do que a própria existência de um sítio como o Home? Não, ela nunca invejara nada disso a Lily. As escutas telefónicas. Os acessos ilícitos à nuvem. O gajo que subira o muro da sua casa em Brooklyn e saltara para o pátio das traseiras dela com uma mochila cheia de fita adesiva e abraçadeiras de plástico.

Olhando a todos os pulhas, vigaristas e bandalhos com os quais Lily convivera ao longo da sua carreira — os fotógrafos, managers, agentes, todos aqueles homens de meia-idade que lhe causavam arrepios e de que cuja aprovação dependiam as carreiras de raparigas jovens, desejosas e esperançadas —, Nikki sempre se achara uma felizarda, pois só tinha de aturar Ned. Certamente fora uma felizarda por ele arriscar numa adolescente sem qualificações cuja única habilidade profissional comprovada era dependurar casacos em cabides e devolvê-los aos respetivos donos — sempre se questionara sobre o que a fizera parecer perfeita para o cargo.

Muitas vezes, as pessoas gracejavam sobre Ned ser casado com o clube e era surpreendente como poucas pessoas do seu círculo íntimo tinham parceiros ou filhos. Mas também tinha algum significado ter assistido ao crescimento do Home de um clube para dois, de dois para dez, cada projeto melhor e mais ambicioso do que o anterior. Além disso, ter trabalhado

durante tanto tempo, a uma tal intensidade, com estas pessoas. Nunca ninguém seria piroso ao ponto de comparar o Home a uma família, mas havia semelhanças. Não semelhanças com a sua própria família, é claro, a mãe com quem não falava desde que fora posta fora de casa aos 14 anos por se atrever, finalmente, a reagir às agressões, as suas trouxas ebriamente embaladas e furiosamente atiradas para a sacada do apartamento no décimo andar em Margate com a despedida «Vai-te foder, Nicola. Quero ver se consegues fazer melhor do eu na vida.» Não, a família dela era daquelas em que ninguém se importava se uma pessoa fugia e pernoitava no sofá de pessoas que mal conhecia, se passava os dias a roubar na Topshop só para ter o que vestir. Em comparação, o Home parecia aquele tipo de família numerosa e complicada das séries de televisão, e isso sempre tivera algo de reconfortante. A estranha intimidade, as piadas partilhadas, o vaivém de cordialidade e ressentimento. O modo como pensava saber como funcionava o cérebro de toda a gente — mesmo que acabasse por chegar à conclusão de estar muito enganada em relação a isso.

Nikki destrancou o ferrolho e, inadvertidamente, abriu a porta do cubículo com tanta força que esta bateu na parede e, com um estremeção, fechou-se outra vez.

Segurou-a com a mão.

— Olá, Lily — disse, do outro lado da sala, quiçá um pouco alto demais. Ao pé dos lavatórios, Lily interrompeu a conversa que estava a ter com um ligeiro menear da mão e olhou para Nikki. Esboçou o mais ínfimo dos sorrisos.

— Lily, querida — disse Nikki, deixando bem clara a familiaridade, um sorriso mais largo do que geralmente permitiria a si mesma. — Por acaso não tens um pouco de... — Deu uma palmadinha no nariz. — Tens?

Porque precisaria de alguma coisa que a ajudasse a passar esta noite.

Porque precisaria de alguma coisa para falar com Ned, para o confrontar. Alguma coisa para lhe transmitir confiança, a intrepidez de perguntar a Ned

aquilo que lhe queria perguntar, e ouvir as respostas.

Mas também porque *que se foda*.

Não é todos os dias que uma pessoa descobre que toda a nossa vida de adulto se alicerçou em torno de uma elaborada anedota.

Adam

Mesmo antes da meia-noite, Adam saiu discretamente.

Passou por Nikki no corredor, cumprimentaram-se com acenos de cabeça e, logo depois de se cruzarem, pareceu-lhe que ela gritou alguma coisa, mas não percebeu o quê. Quando se virou, ela não olhou para trás, continuando a caminhar.

No piso de cima, nas suas costas, conseguiu ouvir Ned a pregar — a voz trovejante do irmão era inconfundível, bem audível mesmo no meio da algazarra generalizada, do estardalhaço de tacões no mármore, do tilintar de copos, de explosões de riso e gritinhos de regozijo.

Foi um alívio sair para o ar fresco. Desceu os degraus da frente do The Manor de par em par, abriu as portas do seu *Land Rover* pressionando um botão da chave — *pi pi* — e corrigiu a direção em que seguia para o terceiro dos três veículos idênticos enfileirados.

Eu mostro-lhe, Adam. Porra.

Durante todo o caminho até à casa de Ned essas palavras repetiram-se na sua mente. Quando virou para o caminho privado. Quando estacionou junto do portão. Quando introduziu o código de Ned e esperou pela abertura da porta.

O interior da casa não era o que, quem a visse de fora, estaria a contar. Mesmo em comparação com a sua suite no andar recuado no Manhattan Home, mesmo em comparação com a sua cabana com piscina no *rooftop* do clube em Santa Monica, Ned orgulhava-se deste lugar. Se a estética do Home era um certo chique com aspeto habitado e acolhedor, esta era o verdadeiro luxo extremo. Três equipas de construtores diferentes, já para

não falar de todos os arquitetos que foram necessários para concretizar aquilo que ele pretendia, para transformar a casa num estúdio de minimalismo frio, em parte galeria de arte, em parte átrio de hotel, com todas as paredes brancas e mármore com nervuras, um interior em plano aberto em vários níveis semelhante a algo que poderia ter sido criado por M. C. Escher depois de consumir demasiados exemplares do *Architectural Digest*, completa com sala de cinema privada (um cubo recoberto de cedro suspenso do telhado e ao qual se acedia através de uma escada em aço inoxidável), uma cozinha que não deixaria ficar mal um restaurante profissional (e na qual Adam tinha a certeza de que Ned nunca tentara algo mais ambiciosa do que uma torrada), e uma enorme casa de banho bem iluminada no andar de cima, com um chuveiro que era quase do tamanho da casa de banho da casa onde cresceram.

Depois de entrar, Adam fechou a porta da frente e foi à sala de estar.

Outrora, esta fora uma casa rústica simples na costa, habitada por inquilinos dos Bouchers. Durante o período em que a ilha fora ocupada pelo Ministério da Defesa, até inícios dos anos 90, segundo parece, fora a messe de oficiais. Quando ele e Ned inspecionaram o lugar pela primeira vez, os vidros estavam todos partidos, todos os caixilhos estavam podres, via-se a luz do dia através das fissuras nas telhas, e tudo isto coberto por uma camada de merda de pombo.

Adam deu por si a pensar outra vez naquela primeira visita à ilha há mais de um quarto de século, logo depois de restaurarem o clube Covent Garden. Tinham ido lá juntos de carro, Ned ao volante do seu *Bentley*, numa tarde de fevereiro debaixo de chuviscos. Ned passara o caminho todo a falar daquela ilha, da sua história, do respetivo valor e de quanto estava disposto a pagar. Não obstante, Adam não soubera bem se deveria levar aquilo a sério, como Ned achava que conseguiria juntar os montantes de que falara de forma tão descontraída, mesmo que os atuais proprietários estivessem interessados em vender, o que, segundo parecia, não estavam.

— Talvez conseguíssemos pagar este sítio, à justa — gracejara Adam, enquanto bebiam uma cerveja no bar do The Causeway Inn e esperavam a descida da maré. Ned sondara o salão, pensativo.

Adam não se lembrava de muitas ocasiões em que Ned tratara alguém com tanta deferência — nenhum membro, nenhuma estrela, nenhum potencial investidor — como tratara os Bouchers naquela tarde, o velho com o seu casaco *Barbour* e a velha com a camisola roxa de lã, à espera deles num *Range Rover* muito velho do outro lado da água. O modo como ouvira as suas histórias, afagara e falara com os seus Labradores fedorentos, se sentara pelo que pareceram horas na casa gelada nos seus sofás frouxos no meio e cheios de pelos de cão a ver fotografias antigas da ilha. Álbum atrás de álbum de fotografias que Norman Boucher desenterrara para lhes mostrar, enquanto Veronica Boucher, empurrando um carrinho, lhes servira sanduíches de pepino sem côdea num pão resseco, a acompanhar os seus gin-tónicos muito fortes. Adam ainda tinha vagas recordações de uma demorada caminhada por vários corredores sombrios, subindo e descendo vários lanços de escada, até à casa de banho, onde estivera sentado bastante tempo, que posteriormente receou dar demasiado nas vistas, a cambalear um pouco, suficientemente bêbedo para perceber quão bêbedo estava, um pouco ansioso sem saber como iria dar com o caminho de volta.

Depois de Adam acabar por se juntar aos demais, durante a hora e meia (ou uma hora e vinte, para jogar pelo seguro) que lhes restava, tinham-se metido todos no *Range Rover* — «Atire os cobertores dos cães para o chão», dissera-lhe Norman — para fazerem a visita guiada, aos solavancos, sacudidelas e encontrões pelo caminho de terra em redor do perímetro da ilha, Norman a indicar onde a sua parte da ilha terminava e começava a secção que fora arrendada ao Ministério da Defesa, salientando áreas onde era possível ver os vários postes de telecomunicações. Depois, numa encruzilhada sem qualquer indicação, consultando o relógio de pulso, parara o veículo e virara-se para trás.

— Ora bem — dissera. — Acho que ainda temos tempo, se quiserem ver o *bunker*.

O *bunker*, é claro, era o verdadeiro motivo por que Ned estava tão obcecado com este sítio, por que decidira comprar uma ilha nesta zona chuvosa e transformá-la num Home, por que Ned sempre sorria com desdém quando Adam perguntava se não seria melhor ideia comprar uma ilha e construir um clube num sítio um pouco mais soalheiro, como por exemplo nas Caraíbas, nas Maldivas ou nas Baleares.

Adam ainda se lembrava da sensação arrepiante que tivera ao descer, lanternas elétricas em punho, uma estreita escada em caracol até ao fundo, ao esperar enquanto Norman se debatia com as tranquetas metálicas, abrindo depois a porta de aço blindado. Adam lembrava-se de pensar: «Que sítio vem a ser este?» Norman achava que fora construído em finais dos anos 40 ou em inícios dos anos 50. Algures no início da Guerra Fria e debaixo de tanto secretismo que os próprios Bouchers só souberam da sua existência quando se tornaram proprietários das terras em 1991.

O que mais espantara Adam fora o tamanho. Havia uma camarata, ainda com camas de metal pintadas de verde, ainda com uma mesa e cadeiras a um canto. Havia as latrinas, uma sala cheia do que parecia ser equipamento antigo de telecomunicações, uma cozinha, um armazém. Havia uma sala com caldeiras, uma sala com lavatórios e cabinas de chuveiros, uma sala com uma mesa de pingue-pongue. Havia outro dormitório um pouco maior com duas camas de solteiro. Talvez o mais assustador fosse que, além de Veronica, que ficara à espera deles no *Range Rover*, mais ninguém soubesse que eles estavam ali ou que aquele sítio existia.

— Então, o que achas? — perguntara Adam a Ned. — Transformamos isto num clube noturno. Pomos umas plataformas ali, vemos o que se pode fazer quanto à ventilação?

Ned fitara-o com um olhar que denotava uma compaixão genuína.

Agora, ao passar defronte da lareira aberta em direção ao extremo da sala

de estar, Adam pressionou uma vez uma porta estreita sem puxador, pintada de forma a passar completamente despercebida a menos que se estivesse à procura dela. Quando a abriu, viu um espaço exíguo onde havia uma única vassoura. Uma vez lá dentro, passou pela vassoura e pressionou uma segunda porta ao fundo.

Introduziu o código que abria as trancas e rodou o puxador. Tal como vira Norman Boucher fazer há tantos anos, tal como vira Ned fazer tantas vezes nos últimos meses. A porta abriu-se e deixou antever uma sala conhecida com servidores a zumbir e luzes intermitentes. Fios e cabos serpenteavam pelas paredes, pelo teto, ao longo de vários corredores que se estendiam desde a sala central em todas as direções. Ao centro da sala, havia um enorme sofá de couro — em cima do qual, reparou Adam, estava o computador portátil de Ned, aberto. Ao lado do sofá, numa ponta, havia uma garrafeira bem recheada, à frente da qual havia um comprido banquinho para os pés em couro.

«Cinema em Casa», era assim que Ned lhe chamava. Todos os clubes tinham um, num sítio acessível apenas através dos aposentos privados de Ned, mas este era o maior, o mais ambicioso até à data. Na realidade, não era preciso acender as luzes aqui graças ao brilho constante do aglomerado de ecrãs — vinte por vinte ecrãs, cada um deles pelo menos tão grande como a televisão da sala de estar —, uma televisão que ocupava a parede inteira. Como tinham evoluído tecnologicamente, desde os primórdios, desde os tempos em que a ideia de pôr escutas nas suites ocorrera pela primeira vez a Ned, nos tempos em que o Covent Garden fora o seu único clube, antes do restauro, quando havia apenas um único microfone em cada quarto, escondido atrás de um enorme espelho ou atrás de um pesado guarda-fatos; quando tudo aquilo parecera mais uma inusitada partida voyeurista para divertimento pessoal de Ned do que qualquer outra coisa, quando, ao fim da semana, ele e Ned se sentavam a ouvir excertos enquanto bebiam um copo e descobriam horas e horas de Keith Little a consumir

cocaína, a peidar-se, a contar a alguém de uma banda de *Britpop* de segunda, a mesma história, uma e outra vez, até a fita acabar.

Agora, uma pessoa podia sentar-se ali com um pequeno telecomando, ver o que se passava em qualquer quarto, em qualquer suite, em qualquer clube Home, em qualquer sítio do mundo, e ampliar a imagem, se quisesse, ou puxar atrás, escolher o ângulo a partir de várias opções, todas estrategicamente posicionadas. Isso causava sempre uma excitação estranha, uma sensação peculiar. Ser capaz de verificar instantaneamente no sistema de reservas quem estava lá alojado, onde estava hospedado, quem fizera o *check-in* no clube nessa noite e a que horas, até o que pedira no bar, e depois fazer uma visita à suite quando se quisesse. Ser capaz de percorrer os acontecimentos do dia e ver Freddie Hunter, por exemplo, a esfregar uma cuidadosamente com uma toalha húmida, piscar o olho a si mesmo ao espelho da casa de banho e depois saltar às arrecuas para o chuveiro. Ser capaz de aumentar o som da cabana número 20 e ouvir o rressonar áspero de Kyra Highway. Na cabana 79 — o nome do único ocupante aparecia no canto inferior esquerdo do ecrã —, viam-se movimentos debaixo dos cobertores e, logo de seguida, no mesmo canto do ecrã, o mesmo pequeno indicador acendia-se a informar que estava a ser sinalizado e arquivado, de forma automática, porque o sistema identificara uma das palavras-chave ou detetara determinado padrão de atividade. Essas filmagens seguiriam de algum modo caminho por estes feixes de fios até um dos bancos e bancos de servidores que ocupavam as outras salas do *bunker* de temperatura controlada; imagens que se juntariam, nos anais do Home, a décadas de *pens* e discos cuidadosamente rotulados, guardados nas outras divisões ali em baixo, todas essas outras divisões, ao longo de todos aqueles compridos corredores.

Na totalidade, quantas horas de filmagens haveria ali? Provavelmente, milhares. Filmagens suficientes para acabar com centenas de carreiras, no mínimo. Para arruinar centenas de vidas, acabar com centenas de

casamentos.

Entre eles, segundo Ned, o próprio casamento de Adam.

CONTINUAÇÃO DAQUI

Como é que a segurança do Home permitira que isso acontecesse? Essa era a pergunta que toda a gente não parava de fazer — membros em choque, a imprensa. Como é que a equipa de 80 elementos encarregada da proteção dos hóspedes permitira a passagem de um automóvel pelo caminho alagado? Como não conseguira evitar um homicídio? Não ter explicação para o desaparecimento de um homem, aparentemente sem deixar rasto?

A explicação, de acordo com John McBride, antigo chefe de segurança do Island Home, é simples: «Estávamos muito mais preocupados com as pessoas que poderiam querer entrar na ilha do que sair. Houvera um incidente na noite de quinta-feira, no continente, pelo que tínhamos lá mais homens do que era habitual e estávamos preparados para responder caso alguém causasse mais problemas». Interrogado sobre se acha que alguém conseguiu passar pela sua equipa nessa direção, McBride diz que o considera extremamente improvável. «Extremamente improvável, mesmo. Tínhamos patrulhas de segurança a fazer a ronda a pé e dois barcos a contornar a ilha com regularidade. Porém, simplesmente não é possível estar em todos os sítios ao mesmo tempo, por muitos homens que tenhamos.» Dadas as circunstâncias, acredita que a sua equipa fez tudo o que era possível.

«Os membros esperam sentir-se seguros, mas também pretendem discrição», diz. «Não querem ver um monte de gajos corpulentos com casacos de penas por toda a parte a murmurar para *walkie-talkies*. Isso dificulta a nossa operação. E para que conste, quando vemos os membros a ser entrevistados, a dizer que ficaram muito incomodados naquele domingo? Na realidade, todas aquelas pessoas, aquelas mesmas pessoas, ficaram furiosas por serem privadas do seu fim de semana. Constantemente a telefonar para a receção para pedir o serviço de quartos, furiosas por ninguém atender. A bater à porta do *spa* para terem a massagem que tinham agendado, indignadas por a sessão de tiro ao disco ter sido cancelada. A esperar, a fazer um escarcéu. Os membros do Home estão habituados a obter aquilo que desejam, no preciso instante em que o desejam.»

McBride coça a patilha encanecida. «Olhe, no final de contas, aqueles carros destinavam-se ao pessoal, não a membros embriagados. Sim, talvez as chaves não devessem ter ficado na ignição, mas estavam todos num parque de estacionamento reservado ao pessoal e os membros do Home não são famosos ladrões de carros, pois não?» Soergue uma sobrancelha farfalhada. «E o caminho para o continente? Havia um enorme letreiro a indicar as horas das marés. Estava bem iluminado. O único mistério é saber onde diabos pensavam que iam e porquê tanta urgência.» Quanto a Ned Groom? Abana a cabeça. «Faço a mesma pergunta. Somente o perímetro da ilha tem videovigilância — propositadamente, para assegurar a privacidade dos membros do Home —, bem como o átrio do The Boathouse e a zona da receção do The Causeway Inn. Não se viu nada de suspeito.» Quanto ao helicóptero de Freddie Hunter? «Bem, a equipa forense fez mais do que uma investigação minuciosa e não encontrou nada que sugira que Ned alguma vez tenha estado lá dentro. Além disso, já conheceu o homem? Ser agredido pelo Freddie seria o mesmo que ser atacado por um gatinho, por isso.... A última vez que o Ned foi visto por várias pessoas foi logo depois da meia-noite de sexta-feira. Um tipo no absoluto auge da sua carreira, a dar

um pezinho de dança com a Georgia Crane na pista, talvez um pouco tocado, um pouco corado. Depois sai, a tatear os bolsos do casaco à procura do isqueiro, quiçá, quem sabe um charuto ou um corta-charutos. E depois desaparece. Pura e simplesmente», faz um gesto com os dedos, «desaparece.»

Capítulo Seis

Manhã de Sábado

Adam

-Não vem? Como assim, não vem?

Eram 6h30 e Adam e Nikki eram as únicas pessoas no The Barn, à exceção dos cerca de 30 colaboradores do Home a polir copos, a pôr as mesas, a fofocar em segredo aos cantos, atentos à menor sugestão de ele ou Nikki quererem alguma coisa. Os membros começariam a chegar em breve — a maioria deles para o seu primeiro pequeno-almoço na ilha —, a curar as primeiras ressacas do fim de semana. Durante parte do caminho desde a sua cabana, Adam tivera a sensação de estar a vaguear pelos despojos de um festival de música. Um carrinho de golfe abandonado, tombado de lado no caminho, garrafas de champanhe vazias e estilhaços de copos de vinho, o pé ainda preso, conspurcavam a gravilha, um único salto alto enterrado na vertical na lama. Não havia dúvida de que quando os membros comessem a aparecer para o pequeno-almoço, alguns também estariam com ar de quem passou um fim de semana difícil no festival de Glastonbury.

De momento, porém, vivia-se um sossego neste restaurante cavernoso com o seu chão de lajes rústicas e enormes candelabros de corda, enquanto Adam enfrentava uns ovos Benedict e engolia o seu segundo *Bloody Mary*, e Nikki se entretinha com uma chávena de chá verde. Um pequeno-almoço

de trabalho, apenas eles os três, Ned, Nikki e Adam, era o que deveria estar a acontecer, uma oportunidade de debater alguns tópicos e garantir que estava tudo a postos para o dia que se avizinhava. Só que Ned não aparecera, o que, olhando à hora a que marcara a reunião, na opinião de Adam, era um pouco indelicado.

— Como sabes que não vem? — quis saber Adam, exasperado.

— Mandou-me um e-mail às 2h30. — Encolheu os ombros, desinteressada, tocou no *iPad* duas ou três vezes e passou-lho por cima da mesa. Adam fitou-o, semicerrando os olhos.

— O e-mail típico do Ned — disse. — Lacónico. Misterioso. Direto ao assunto.

Constava de três palavras: «Fui a Londres». Adam verificou o carimbo de data/hora, leu outra vez e devolveu o *iPad* a Nikki.

— E foi só isto? Não enviou mais mensagens?

Nikki deixou bem claro que consultava o telemóvel, abanando depois a cabeça.

— Sabes que ele não me diz tudo. Metade do tempo, eu tenho de me deitar a adivinhar o que está a acontecer com base na caixa de correio dele.

— Seria impressão de Adam ou ela estava um pouco nervosa?

— Foi a Londres — disse Adam. — Foi a Londres. Bem, isso é conveniente como a merda, não é? Em pleno fim de semana de inauguração. Isso é... bestial. Bem, não digas a ninguém, está bem? Sobretudo à Annie. Ela já anda por aí a vaguear como se fosse a dona disto, como já é seu hábito. De qualquer modo, duvido que ela repare sequer, ocupada que está a bajular os membros. Se alguém precisar de falar com o Ned com urgência, manda-os falar comigo. Não quero esta malta — gesticulou, abarcando o restaurante — a mandriar, sobretudo hoje.

É claro que cagar nos outros era típico de Ned. Na realidade, era uma manobra de demonstração de poder que ele usava desde a adolescência: concordar em encontrar-se com pessoas e depois não comparecer ao

encontro.

Quando pensava nisso, tudo o que Ned fazia era uma espécie de jogo de poder.

Duas horas e meia. Fora o tempo que Adam passara naquele *bunker* na noite anterior, a percorrer listas de ficheiros, tentando palavras-passe diferentes, sem obter qualquer resultado. A virar aquilo do avesso. Uma dor de garganta. Os olhos vermelhos. A amaldiçoar-se por ser um idiota.

Tantas vezes constataria como as pessoas que viam de perto o comportamento de Ned, como ele fodia as pessoas, como as deixava penduradas, como gozava com elas — e como adorava fazer todas essas coisas —, como essas pessoas presumiam que Ned, tendo-as deixado ver tudo isso, não lhes faria exatamente a mesma coisa.

A jogada era essa, a jogada clássica. E Adam também caíra completamente na esparrela.

Adam estava a cagar-se para a filmagem que remontava a antes do seu casamento, pois Laura faria o mesmo. Quando era solteiro, não era difícil acabar como que por acidente a dormir com duas mulheres diferentes por semana, já que passava praticamente todas as noites no Home, já que qualquer mesa onde estivesse sentado tinha automaticamente a conta saldada e tudo o que tinha de fazer para conseguir uma suite era pedir uma chave. Nunca abusara da sua posição — isso era uma coisa que podia afirmar de consciência tranquila. Ainda era um homem bastante atraente e já fora bastante mais; certamente nunca fora um predador, nunca fora um importunador. Se alguma coisa, fora geralmente a parte mais embriagada, às vezes muito mais, por vezes quicá ao ponto de isso ter um impacto negativo no seu desempenho. Tinham sido muitas as ocasiões em que estava apenas a beber um copo sozinho no bar e sentira os olhos de uma rapariga em cima dele, percebendo que estava a ser avaliado. Muitas as vezes em que suspirara, levantara o olhar e este se cruzara com o da rapariga do outro lado da sala.

Mas vai-se a ver e ter duas mulheres por semana não é um hábito fácil de deixar. Ele tentara. Tentara mesmo muito. E é claro que se sentia culpado. *De todas as vezes*, sentiu-se culpado. Depois do ato, sempre. Durante, às vezes. Antes até, ocasionalmente. Sentiu-se culpado quando pensou que Laura suspeitava de alguma coisa, e sentiu-se ainda pior quando percebeu que ela não suspeitava.

Tentara convencer-se pela razão a deixar-se disso, a livrar-se da compulsão. Certamente, uma grande parte da atração era aquela sensação de antecipação, de possibilidade. De ver outra pessoa nua pela primeira vez, todas as surpresas, todos os pequenos pormenores. A suave marca de um sutiã acabado de despir no ombro sardento de outra pessoa. A peculiar intimidade de dar por si a olhar para os olhos de uma pessoa tão de perto, as caras quase a tocar, e ser uma pessoa cujo apelido desconhecia. Todas aquelas coisas que uma pessoa tomava como um dado adquirido durante a juventude — fazia parte do atrativo, e ninguém que ainda é jovem pode imaginar o quanto sentia a falta disso.

Colocadas as coisas nestes termos, era evidente que tudo isto estava relacionado com a sua própria juventude, que estava a desaparecer e ele tentava recuperar, que tentava recapturar através da traição, mas que não passava de uma tentativa condenada à partida. Algum sentido perdido de liberdade.

Também era possível que ele fosse tão-só incapaz de exercer qualquer tipo de controlo dos impulsos quando bebia um ou dois copos.

Tinha havido longos períodos em que se portara bem. *Mesmo bem*. Quando passara todas as noites em casa ou, quando estava fora, na sua suite e a ver um filme às dez da noite. Mesmo quando se portara menos bem, telefonara sempre a Laura, ouvira-a contar-lhe como fora o seu dia, dera conselhos, compreensão. Sempre fora absolutamente escrupuloso em relação aos preservativos e realizara análises quando correria algum risco.

Mas agora estava mesmo fodido.

Ned deixara-o numa situação impossível. Adam chegara a essa conclusão quando estava no *bunker*. Se não abandonasse o Home, perderia Laura. Se o abandonasse, Ned cumpriria a sua promessa e o casamento de Adam estaria acabado na mesma. E Ned *cumpriria* a promessa. Disso Adam não tinha dúvida.

E consoante os minutos e as horas passaram — ele sabia que tinha até às 2 da manhã, que Ned não sairia da festa pelo menos antes dessa hora e que, provavelmente, arranjaria um canto sossegado dos jardins a caminho de casa para parar e fumar um charuto —, tornara-se cada vez mais evidente que era um caso perdido, que o que quer que ele andasse ali à procura, estaria arquivado de alguma maneira especial que apenas Ned conhecia. Além da agência de detetives privados, muito cara, muito discreta e bastante obscura, com sede nas Ilhas Caimão, que instalara as câmaras e o servidor em todos os clubes e lhes prestava assistência, apenas três pessoas (Ned, ele próprio e Annie) estavam a par do lucrativo negócio paralelo do Home — e apenas o irmão vira a maior parte daquelas imagens. Adam sentia-se bastante inteligente por ter anotado mentalmente o código da combinação da porta do *bunker*. Como estava agradado consigo mesmo por ter percebido que, se saísse da festa pela porta do cavalo, teria uma janela temporal bastante boa para identificar e localizar aquilo que procurava.

O problema era que havia muito daquilo. Salas e salas. Corredores e corredores. Aquelas gravações de áudio dos primórdios dos dispositivos que Ned instalara nos quartos do The Home Club, ainda antes da remodelação, antes da reinauguração. As imagens com grão dos primeiros anos no Covent Garden Home. As filmagens um pouco mais nítidas e gravações de som das várias câmaras no Manhattan Home, a primeira vez que esbanjara para o equipamento de vigilância de vídeo e áudio ser instalado por profissionais.

Seria Adam um idiota por, sabendo que todo aquele equipamento estava instalado, ciente de que muitas das suas suites tinham microfones e

câmaras, ter feito, mesmo assim, aquilo que fizera? Pois, é claro que sim. Para começar, era um idiota por andar a foder no local de trabalho. Era mais do que idiota por trair a mulher, a mulher que tanto adorava. Porém, no calor do momento, de algum modo, era fácil esquecer as câmaras, o equipamento de gravação, especialmente depois de dois copos, especialmente naqueles primeiros anos em que a tecnologia era menos sofisticada, não havia o *software* de ativação automática de agora, demorava muito mais tempo a visionar todo o material de que dispunham, as imagens tinham muito mais grão e o áudio era de qualidade muito pior. Nunca num milhão de anos sonhara que Ned fosse guardar essas filmagens. Não do seu próprio irmão.

A finalidade das câmaras era espiar os hóspedes; o plano de Ned — de início, apenas sugerido, fora algo revelado a Adam por etapas — era criar um arquivo, adquirir aos poucos material suficiente sobre determinado membro (não apenas das estrelas estabelecidas, mas também das grandes promessas, dos grandes nomes cuidadosamente selecionados que viriam a ter sucesso e que Annie tinha tanto jeito para identificar), que bastaria escolher o momento certo para revelar a sua existência, sugerir a dimensão daquilo que estava nas suas mãos, e dizer-lhes quanto — ou o quê — pretendia para manter tudo em segredo. E, é claro, a beleza de todo o plano, como acontece com todas as formas de chantagem, era que as vítimas não poderiam recorrer a ninguém sem lhes revelar exatamente o que era que elas desejavam manter em segredo à partida.

As datas é que o tramariam. A rudeza das datas, e das horas, é que tornaria as indiscrições imperdoáveis. Laura consultaria o seu diário e ficaria a saber que na noite do dia em que tiveram aquele adorável almoço no Claridge, um presente de aniversário atrasado, ele comera uma atriz de telenovela no Covent Garden Home. Ficaria a saber que, cinco minutos depois de falar com Laura ao telefone quando estava em Los Angeles — uma conversa séria sobre o diagnóstico da sua mãe —, ele snifara um risco

no vidro da mesa de apoio e andara a bufar e a resfolegar como um touro nu, e a fazer corninhos com os dedos enquanto fingia perseguir uma mulher de 21 anos pela sua suite. Mesmo que *ele* soubesse que aquilo não tivera significado algum, seria muito difícil convencer Laura disso.

Tão-pouco, imaginava, serviria de consolo à sua mulher o facto de, por muito condenável que fosse o seu comportamento, haver membros que tinham feito muito pior. Ron Cox, por exemplo, que se atirara a raparigas com idade para serem suas filhas — meu Deus, com idade para serem suas netas. Um gajo que era famoso pelo seu casamento com a mesma mulher há décadas, que cuidara dela quando estava a morrer de cancro, dera entrevistas de partir o coração sobre o que sentira ao ver alguém que amava definhar diante dos seus olhos. Um marido devoto. Um pai adorado. Realizador das comédias familiares mais populares da sua época. A sua frase de engate? «Qual é o teu filme sobre o Natal predileto?» Sabia que metade das raparigas a quem perguntava, na faixa etária pretendida, refeririam de imediato o nome de um realizado por ele. Aquele fulano que as pessoas viam com o braço à volta da mulher — a mesma mulher todos aqueles anos —, em todas as estreias, todos os filhos a reboque com camisas de flanela e calças de ganga a condizer. Aquele fulano que insistia em atribuir a si mesmo um papel pateta em todos os seus filmes — um homem que, desnorteado, fazia as compras de Natal, um homem que dava entrevistas em canais locais sobre ser salvo pelo Capitão Aquático. Um dos realizadores mais reconhecidos da América. Um dos homens mais simpáticos de Hollywood...

Laura também iria fazer perguntas. «Há quanto tempo sabes disto tudo?», perguntaria. «Há quanto tempo já fazem isto?» E ele dir-lhe-ia. Praticamente desde que começara. Antes sequer de a conhecer. Ela exigiria saber como ele se deixara levar por aquilo, se alguma vez o tentara impedir. E nenhuma das suas respostas lhe agradariam. E ele veria o olhar de repulsa no semblante dela aumentar de intensidade a cada resposta sua às perguntas

dela.

Porque a verdade era que nunca houvera uma oportunidade de pôr cobro àquilo, porque Ned nunca o informara dos seus passos seguintes, nem pedira a sua opinião, nem lhe dera ouvidos quando ele a oferecera. Com Ned, era sempre tudo um *fait accompli*. E, antes do incêndio, o clube não estivera todo sob escuta. Tanto quanto Adam sabia, tinham sido duas suites. Só depois da remodelação é que Ned lhe dissera alguma coisa sobre um dos seus membros e Adam lhe perguntara como é que ele poderia saber isso, e o sorriso pretensioso de Ned o denunciara. Adam percebera então que, agora, além de gravar, ele também estava a filmar as pessoas e que todas as suites estavam a ser vigiadas. Talvez devesse ter levantado mais entraves então, e ameaçado virar-lhe costas, ou informar as autoridades, mas a verdade era que não se conseguia imaginar a fazer qualquer uma dessas coisas, destruir a sua vida dessa maneira, naquela época. E Ned sabia disso. E Adam sabia que Ned sabia.

Certa noite, no Manhattan Home, quando Ned o arreliara por causa de qualquer coisa, Adam dissera qualquer coisa sobre como aquilo era sinistro e o irmão fizera um gesto a abarcar o espaço em seu redor, indicara com um varrer da mão o clube no qual estavam sentados, e perguntara a Adam de onde ele achava que viera o dinheiro para construir aquele lugar. Adam demorara algum tempo a compreender. E, de algum modo, quanto mais aquilo crescera, quanto maiores passaram a ser os montantes em causa, quanto maiores os nomes, mais fácil se tornara convencer-se a si mesmo de que ele e Ned estavam do lado dos bons, de que estas pessoas estavam a pagar o preço por comportamentos que, de outro modo, teriam saído impunes, dando por si num beco sem saída criado por elas próprias. Que havia uma certa medida de justiça em ver algumas destas pessoas — estes seres humanos horríveis, estes *homens* horríveis — suplicar, prostrar-se, enfrentar pela primeira vez as consequências das suas ações.

Agora, ao que parecia, o próprio Adam encontrava-se nessa mesma

posição.

Era como Ned dissera, não era? Todos nós temos versões de nós mesmos para as quais mal conseguimos olhar, versões que preparamos para consumo do mundo, que esperamos que nos tornem amados, nos permitam sermos perdoados. Versões dos nossos verdadeiros *eus* que nos permitem viver com os atos que cometemos. Adam fizera-o. Ron fizera-o. Keith. Pessoas que fizeram as coisas mais horríveis diziam a si mesmas o que quer que tinham de dizer a si mesmas para prosseguirem as suas vidas como dantes.

Jackson Crane? Ele matara duas pessoas, porra.

Jess

Poderia não ser a maior, mas de todas as cabanas em que Jess estivera este fim de semana, a vista da número 42 era de longe a mais bonita, em especial a esta hora da manhã, com uma bruma ainda sobre a superfície do espelho de água do mar, um rosa alaranjado sem brilho a começar a espalhar-se pelo horizonte, toda a ilha tão silenciosa que se conseguia ouvir o delicado bater das ondas na praia de seixos mesmo por debaixo da varanda. De todas as cabanas, era também a mais remota, a que passava mais despercebida, rodeada por uma cerca de madeira e, ao fim desta, o seu próprio pequeno trilho, ladeado por áceres de folhas vermelhas. Não era coincidência que, de todas as cabanas do Island Home, esta fosse a que ficava mais afastada da de Jackson Crane.

Jess abriu o frigorífico, confirmou que havia uma dúzia de garrafas de água mineral *Tasmanian Rain* e fechou a porta. Já verificara que a venda em caxemira com pesos estava no devido lugar, que haveria um conjunto lavado de equipamento de desporto *Lululemon* do tamanho certo à disposição de Georgia no guarda-vestidos quando esta regressasse ao quarto — de momento, estava a fazer uma sessão de ioga de hora e meia, da qual já tinham passado quinze minutos, no pavilhão no outro extremo da ilha —, bem como um par limpo de sapatilhas *Allbirds* para o caso de ter rompido as que estava a usar.

Do que Jess estava bastante convicta era que Georgia, quando regressasse para um duche — quando se sentasse no seu quarto para o pequeno-almoço de papas de aveia com leite de aveia, açafrão-da-índia, pasta de baunilha, avelãs e bagas góji, acompanhadas de um pó proteico vegano e uma

chávena de *PG Tips* que pedira para as 9h —, não veria os diversos *outros* artigos que Jess passara os últimos vinte minutos a espalhar pelas divisões. O pilão e o almofariz, retirados da cozinha pouco depois de Jess chegar à ilha, estavam agora muito bem escondidos em cima do guarda-vestidos do quarto. Os vários frascos de comprimidos vazios ou meio vazios, escondera pela casa de banho: embrulhados na última toalha de uma enorme pilha de toalhas num dos armários da casa de banho, por exemplo, ou enterrados num vaso da varanda.

O segredo, é claro, era esconder os objetos suficientemente bem, de maneira a que Georgia, ou quem fosse arrumar os aposentos antes do jantar, também não reparasse neles, mas não ao ponto de iludir uma minuciosa investigação policial.

Iria resultar? Devia resultar. Não via motivos para não resultar.

Tão-pouco conseguia pensar num castigo mais apropriado para o casal Jackson e Georgia Crane.

Uma das coisas mais tristes de perder os pais tão nova era as poucas memórias que Jess guardava dos três juntos. Quanto não daria para ter só mais uma fotografia dela com os pais, a sorrir. Como desejava só mais uma memória dos dois a segurar-lhe as mãos e a fazer um baloiço — *um, dois, três, iupi!* — ao longo de toda a avenida principal. Da mãe a fazer-lhe tranças antes de ir para a escola. Do pai a abraçá-la, do roçar da sua barba na cara dela quando lhe dava um beijo de boas-noites. Como sonhava em ter apenas uma conversa em adulta com eles.

O que daria para não ter assistido, para não estar acordada no momento do impacto naquela noite, para não ter visto aquele enorme carro uma fração de segundo antes do pai, aquela espécie de todo-o-terreno preto a vir na direção deles do meio das trevas, para não ter visto a forma como o corpo do pai sacudiu, preso pelo cinto de segurança, a forma como a sua cabeça se virou para trás com um estalido, a forma como o seu carro se amarfanhou à volta dele, a forma como a sua cara embateu no guiador não

uma, não duas, mas três vezes, enquanto rodopiavam.

O jornal local anunciara uma «HORRÍVEL COLISÃO SEGUIDA DE FUGA». A culpa fora do outro veículo, que, olhando aos danos, deverá ter surgido de uma rua lateral a uma velocidade bem acima da permitida por lei, e que, sem fazer qualquer tentativa de abrandar antes de colidir com eles, esmagara o seu carro como uma lata de *Cola* com Jess, a mãe e o pai lá dentro. Os serviços de emergência demoraram cinco horas e meia a desencarcerar o corpo da mãe daquilo que restava do seu pequeno *Peugeot*. O outro veículo? Tanto quanto Jess se conseguia lembrar (ou alguém conseguira determinar desde então), seguira o seu caminho — ela conseguia lembrar-se do ranger dos pneus em cima dos vidros ao fazer marcha-atrás e depois arrancar a toda a velocidade — praticamente sem uma moça no para-choques.

Com um sentimento de culpa, Jess pensara muitas vezes que talvez tivesse sido melhor se a mãe tivesse morrido também naquela noite. Se tivesse morte imediata, tal como o pai. Então, pelo menos, ela teria sido poupada àquelas semanas, àqueles meses, àqueles anos de espera para a mãe despertar, sair do coma, abrir os olhos e dizer alguma coisa, abrir os olhos e sorrir. Então, pelo menos, ela teria sido poupada a todas aquelas semanas, todos aqueles meses, todos aqueles anos de falsa esperança. De a mãe ser em simultâneo a mulher divertida, vibrante e entusiasta que ainda habitava na cabeça de Jess, e o invólucro ceroso, mirrado, intubado e debaixo de cobertores que era agora. Todos os dias, ela costumava ir — com a tia, depois da escola — visitar a mãe, falando com ela, contando-lhe tudo o que acontecera naquele dia, segurando-lhe a mão, apertando-a. E ela e a tia escovavam o cabelo da mãe, ou punham a música dela a tocar, ou arranjavam-lhe as unhas, e a tia contava a Jess como a sua mãe fora quando era pequena, e como ela se sentiria orgulhosa da sua filha ser tão boa na escola, ser uma rapariga tão adorável. E, todos os dias, era preciso afastar com delicadeza os dedos de Jess dos da mãe no fim da hora da visita, e

prometer-lhe que regressariam no dia seguinte e, todos os dias, ela suplicaria por apenas mais cinco minutos, porque esses poderiam ser os cinco minutos em que estaria ali para ver as pálpebras da mãe tremer de forma significativa, detetar um espasmo importante nos seus lábios.

Continua a falar. Consigo ouvir-te. Não consigo responder, mas estou a ouvir. Continua a falar. Estou aqui, consigo ouvir-te e amo-te.

Era disso que se tentava convencer que a mãe estaria a pensar, ali deitada. E, todos os dias, Jess escrevera no seu diário tudo o que acontecera na escola, tudo o que acontecera no mundo, para o entregar à mãe quando esta despertasse, para que, mesmo que ela não tivesse ouvido, mesmo que não se lembrasse de nada do que Jess lhe dissera, pudesse ler tudo, ficar a par de tudo aquilo que perdera. Ocasionalmente, muito ocasionalmente, a mãe de Jess soltara uma lágrima, e nunca fora claro se tinha algum significado ou se fora apenas uma emanção dos seus olhos. Ocasionalmente, a mão dela apertara a de Jess e Jess ficara convencida de que isso era importante. E nunca lhe passara pela cabeça, enquanto a mãe fosse viva — ou o que quer que isto fosse — virar-lhe costas. Nunca lhe passara pela cabeça viver a mais de cerca de uma hora de distância do hospital.

E todos esses anos, Jackson e Georgia Crane tinham continuado com as suas vidas como se nada tivesse acontecido. A fazer filmes. A ganhar dinheiro. A desfilarem em passadeiras vermelhas. A emprestar o seu poder de estrelas a causas humanitárias merecedoras. A dizer piadas no Twitter, a partilhar fotografias fofas do outro a dormir ou enroscado com um dos seus cães no Instagram. A apreciar o carinho do mundo. Como toda a gente achara adorável quando apareceram em pessoa nos VMA para receber o prémio de casal mais sexy do mundo. Como fora romântico quando foram fotografados a patinar no gelo em Nova Iorque, no Natal, ou de mãos dadas em Roma.

E afinal de contas, todo o tempo, tudo não passara de fachada.

Por fim, a polícia anunciara que estavam a dar o caso por encerrado, ou

antes, que deixariam de investigar de forma ativa o acidente que matara instantaneamente o seu pai. Apesar de vários pedidos públicos a eventuais testemunhas, apesar de repetidos pedidos a alguém com quaisquer informações que pudessem ser relevantes, alguém que estivesse nas redondezas naquela noite, que tivesse visto um veículo idêntico ao muito peculiar que ela lhes descrevera, informaram Jess de que não estavam mais perto de identificar o condutor, a passageira que ela alegava ter visto, ou o próprio veículo. Prometeram que, se surgissem novas provas, teriam todo o gosto em reconsiderar a decisão, mas enquanto isso...

Jess nunca dissera isso à mãe. Nunca conseguira proferir as palavras.

Porque eles *tinham* uma testemunha, a polícia. A polícia tinha uma testemunha do incidente daquela noite, e sempre a tinham tido. E ela dissera-lhes, Jess dissera à polícia o que acontecera. Descrevera-lhes o veículo. A cor, o tamanho, até fizera um desenho com um marcador. E dissera-lhes o que acontecera depois da colisão, sobre o barulho que o enorme carro preto fizera ao fazer marcha-atrás, sobre as vozes aos gritos que ouvira, uma voz de homem e uma voz de mulher, a gritar um com o outro. Ela descrevera a voz da mulher e revelara-lhes tudo o que se lembrava da mulher propriamente dita — uma mulher bonita, de cabelos pretos, lívida como um espectro. Também lhes falara do homem, de como se apeara do carro e se abeirara do deles — o barulho do vidro a ser esmagado pelas solas dos sapatos — e o modo como ele espreitara pelo para-brisas partido do carro e depois contornara o veículo, que mais parecia um acordeão, se agachara e olhara de olhos semicerrados para os seus pais, passara uma mão pela cara, e cambaleara um pouco. E que ele olhara para o pai dela, e que olhara para a mãe dela, mas não a vira ali, no banco traseiro. Porém, ela estivera ali, a sustar a respiração, pois não queria que ele a visse, aterrorizada com o que poderia fazer, absolutamente paralisada pelo medo e pelo choque. E ouvira-o praguejar entredentes. E vira-o voltar para o seu carro e dizer alguma coisa à mulher. E depois ligara o motor do carro.

E depois o carro dera meia-volta e afastara-se.

Eles tinham uma testemunha e essa testemunha poderia não lhes ter conseguido dar uma matrícula ou dizer-lhes a marca do veículo envolvido na colisão, mas conseguira dizer-lhes quem era o condutor.

O Capitão Aquático. Era o que Jess não parara de repetir, o homem que, insistia, era o condutor do veículo que matara o seu pai. Já não tinha o cabelo pintado de louro. Não estava a usar o fato, obviamente, mas ela conhecia aquela cara. O homem que espreitara para dentro do carro e olhara de relance para a mãe dela no lugar do passageiro, suspensa pelo cinto de segurança e com uma hemorragia cerebral que a condenaria a um coma de 17 anos do qual nunca sairia, era o Capitão Aquático. O Capitão Aquático? O Capitão Aquático, insistira. O Capitão Aquático, dissera-lhes, e eles ouviram e ela vira-os pelo menos a fingir tomar nota. E depois, apostava, quando a sua tia — chorosa, em choque, ainda com o pijama por baixo do enorme casaco de lã — aparecera para a ir buscar e levar para casa, eles tinham-se sentado todos na esquadra a coçar o queixo e a revirar os olhos e, se calhar, a rir dela.

Annie

O cavalo de Annie relinchou e estremeceu quando um membro passou aos ziguezagues numa *scooter* motorizada.

— De certeza que está tudo bem aí atrás? — perguntou o instrutor a Annie, Keith e Freddie, que pararam numa clareira.

Freddie levantou um braço e esticou o polegar.

— Tudo bem — respondeu Annie. — Pode continuar, nós já vamos. — Isto não estava mesmo a correr como planeara.

Annie esperara apanhar os dois homens — e fazer-lhes a proposta — a caminho do *spa* para um mergulho, talvez, ou a fumar um cigarro junto da lareira ao ar livre depois do pequeno-almoço. A própria Annie já estava a pé há horas — acordara sobressaltada e com uma tremenda dor de cabeça pelas cinco e meia, o céu ainda sombrio do lado de fora das cortinas entreabertas — e pedira aos serviços de limpeza para a informar quando os homens saíssem das respetivas cabanas. Infelizmente para ela, os dois pediram o serviço de quartos e não saíram antes do meio-dia. Inclinação a evitar Ned tanto quanto fosse humanamente possível, enfiara-se na cama outra vez e fizera o mesmo.

Como tal, vira-se forçada a juntar-se à atividade na qual sabia estarem inscritos, e andar pela ilha a trote montada num cavalo, a barriga a revirar a cada balanço da sela debaixo dela. Já para não falar das dores de cabeça, que este capacete (o tamanho dela, mas demasiado apertado hoje — será que as extensões de cabelo tinham aumentado dois centímetros e meio a circunferência da sua cabeça?) não ajudava nada, e a indumentária (*leggings* de couro preto, botas de tacão alto com padrão de leopardo e uma

capa vermelha), que neste contexto lhe dava o ar de uma animadora de circo demente, e este cavalo — um animal escanzelado de aparência estranha com pelos cinzentos às pintas e um olho azul — que era tão excitável que, pensava ela, poderia desatar em debandada a qualquer momento.

Keith e Freddie também não pareciam muito interessados em estar aqui, embora Keith parecesse surpreendentemente confortável na sela. Não obstante, o que mais iriam fazer? Ficar amuados nas cabanas como Jackson Crane? Presumivelmente, estavam os dois à espera de uma oportunidade de falar com Ned em determinada atura, para lhe implorar, para explicar que era mesmo impossível pagar regularmente o valor que ele estava a pedir. Mesmo para um homem tão abastado como Keith. Mesmo para alguém com o salário de Freddie Hunter. Annie tentou imaginá-los a receber os seus pacotes, a abri-los e a dar de caras com uma *pen* sem qualquer identificação... O que é que *ela* faria se estivesse na pele deles? Perceberia de imediato do que se tratava, o que estava a acontecer, o significado daquilo? Precipitar-se-ia a detonar a minúscula bomba de verdade, ligando-a à entrada da televisão para ver exatamente aquilo com que estava a lidar? Tentaria perceber se havia uma maneira de simplesmente deixar o filme vir a público e, de algum modo, escapar às repercussões? Ou ignorá-la-ia o máximo de tempo que conseguisse, marcaria um tratamento facial, iria tomar o pequeno-almoço, recusando-se a puxar a cavilha da granada?

E quando vissem as imagens, quando se obrigassem a isso, durante quanto tempo teriam de assistir até perceberem exatamente aquilo que estavam a ver? Quanto tempo demorariam a perceber que estavam feitos ao bife — que, fosse qual fosse o valor que Ned lhes exigisse, teriam de arranjar maneira de o desembolsar? Se davam valor à sua reputação, à família, aos amigos, à liberdade.

O imposto da idiotice; era assim que Ned lhe chamava.

Seria de esperar que os próprios membros fossem o elo mais fraco da

operação — que arranjariam maneira de avisar os outros, que chamariam de parte os seus colegas idiotas para lhes dar uma palavrinha, para que *eles* não caíssem na mesma esparrela. Mas o que diriam — e, mais importante, a quem o diriam? «A propósito, pessoa com quem contracenei, sabes *aquela coisa* que a maquilhadora me confidenciou que tu gostas de fazer, aquilo que não podes fazer na tua *penthouse*, aquilo que tem de ser feito num quarto de hotel e alguém ir limpar depois de acabares? Bem, no teu lugar, não o faria mais, não no Home...» Não era uma conversa que ela pudesse imaginar os membros ansiosos por ter — não poderiam dizer coisa alguma sem se incriminarem a si mesmos: eu também tenho um hábito feio, um segredo obsceno, uma pequena mania capaz de acabar com uma carreira que tenho de esconder a todo o custo, por isso sei que o Home não é o sítio certo para fazer coisas que não faria em casa...

Interrogou-se se Freddie ou Keith fariam ideia do motivo pelo qual estavam metidos numa alhada.

Freddie, agarrado com força às rédeas, as costas rígidas, a cara esverdeada, parecia estar prestes a vomitar. Ou a chorar. Não era para menos.

Talvez fosse complicado para Keith conseguir aquela soma avultada todos os anos, para sempre. Provavelmente, envolveria uma reorganização completa do modo como trabalhava, do modo como vendia o seu trabalho e a quem o fazia, mas *era* possível. Simplesmente, não havia maneira de Freddie Hunter conseguir pagar aquela quantia de dinheiro. Não com as suas dívidas. Não com os seus hábitos de consumo. As hipotecas. A merda dos helicópteros. Ele sabia-o. Ned também.

Na verdade, a finalidade era mesmo essa.

Ned escolhera propositadamente alguém que não podia pagar, que não tinha a opção de pagar, só para deixar bem claro aos outros que não estava na tanga. Para lhes mostrar exatamente o que aconteceria se as imagens que tinha deles fossem tornadas públicas. Seria rápido e apocalíptico. Freddie

Hunter seria o dano colateral deste fim de semana.

A parte triste era que — Ned nunca lhe mostrara as imagens, mas ela juntara as peças a partir das pistas que ele dera —, no grandioso esquema das coisas, o vídeo da vergonha de Freddie não era nada de grave. Porém, seria o suficiente para acabar instantaneamente com a sua carreira nos EUA. A forma como falava das estrelas que tinham ido ao seu programa, as indiscrições, as cruéis imitações que gostava de fazer, a altas horas da noite, na sua suite, na companhia de amigos íntimos (a própria Annie muitas vezes presente, a uivar de riso). A chamar-lhes acabados, alcoólicos, drogados, cretinos. A descrever Georgia Crane como a pessoa mais entediante do planeta, a comparar a entrevista que lhe fizera a tentar ter uma conversa com um cisne? Tinha piada, talvez; era verdade, claro — mas não caía bem a alguém cujo trabalho era ser um entrevistador pretensiosamente entusiástico, um lisonjeador, um amigo das estrelas.

O que Annie não conseguia compreender — o que tivera dificuldade sequer em imaginar, quando Ned lhe falara sobre isso pela primeira vez — eram as outras coisas. Os encontros obscuros em suites do Home para vender histórias sobre os seus *verdadeiros amigos* ao jornalista de um tabloide eram tão patéticos, que era impossível compreender porque é que um nome conhecido do público o faria. É claro que ela sabia que era assim que, muitas vezes, se conseguiam os furos jornalísticos de primeira página — Ned tinha o seu próprio círculo de jornalistazitos a quem fazia chegar os seus filmezinhos nas raras situações em que os membros não pagavam. Mas Freddie? Não poderia ser apenas pelo dinheiro — o risco para a sua carreira, para a sua léria de tipo às direitas, seria simplesmente grande demais.

Perguntou-se se Kyra Highway já suspeitava de que modo o caso que destruíra toda a sua vida tinha chegado às primeiras páginas dos jornais, e se perdoaria a Freddie quando se soubesse a verdade. Será que Ned se deixaria daquilo ou revelaria pequenos excertos a vários meios de

comunicação sob anonimato? Além disso, quando os vídeos chegassem à comunicação social e à Internet, o que aconteceria a Freddie? Ela conseguia imaginar o regozijo que algumas pessoas sentiriam por terem um motivo para justificar a sua aversão, o prazer que as pessoas teriam com a sua queda em desgraça. E é claro que, além disso, também havia a questão de como Jackson, Keith e Kurt se sentiriam, cientes de que aquilo que se via nos seus filmes era muito mais grave.

Muito mais grave, pensou, estremecendo.

— Então o que desejas, Annie? — perguntou Keith, protegendo os olhos do sol com a mão. — O Ned mandou-te dizer-nos que quer mais dinheiro? Ou só te vieste regozijar com aquilo que ele tem sobre nós?

— Nem uma coisa nem outra — respondeu. — Isso é o negócio paralelo do Ned. Só ele tem acesso a todo o... material. Eu não tenho, nem mesmo o irmão dele. A propósito, isto também não é fácil para mim. Vocês são meus amigos, a minha família. — Respirou fundo e fechou os olhos. — Achem que eu *gosto* de estar envolvida de alguma maneira nisto?

— Isto não é um clube de membros, pois não? É a porra de uma extorsão com uma receção à entrada. — Na verdade, era bastante impressionante, a indignação virtuosa que transparecia na voz de Keith, quando se pensava no que havia na *pen* dele.

Quando Freddie Hunter fosse envergonhado em público, a vida que conhecia implodiria. Se o despudor de Keith viesse a público, seria uma sorte se não fosse parar à prisão. Embora Ned não fosse um anjo vingador, havia algo de deleitoso em ser capaz de reequilibrar um pouco as coisas, pensou Annie, e castigar alguém como Keith pelos crimes que o Home possibilitara.

— Presumo que saibas aquilo que o Ned tem sobre nós. Presumo que saibas que eu não tenho qualquer hipótese de pagar o que ele está a pedir — disse Freddie, baixinho.

— E isto nunca vai acabar, pois não? — salientou Keith. — Sempre que

o Ned gostar de um dos meus quadros ou achar que eu posso pagar um pouco mais este ano, pimba, quem é que o vai impedir? Ninguém. Estamos nas mãos dele. Ele faz o que quer de nós, porra! E não há nada que possamos dizer, nada que possamos fazer em relação a isso. E *tu* — disse com desprezo —, a fazeres-te boazinha todos estes anos, a dares-nos graxa. Sabes que, na verdade, ninguém *gosta* de ti, não sabes? Sabes que nos rimos dessa tua mania de dar beijos sem encostar a cara, dos elogios constantes? Sabes que não és *uma de nós*, não sabes? Que todos nós achamos que tu não passas de *uma criada de merda* com um vestido chique?

O cavalo de Keith relinchou, abanou a crina, deu uns passos para o lado na direção de um arbusto de tojo. Era imaginação de Annie ou ele estava com hálito a *whisky*? Sentiu as lágrimas a arderem-lhe nos olhos e pestanejou para as afastar.

— Mais vale dar um tiro nos cornos — disse Freddie. — Prefiro dar um tiro nos cornos do que passar o resto da vida assim.

— Tenho um plano melhor do que esse — disse Annie com os dentes cerrados, resoluta.

Keith fitou-a, curioso. Freddie levantou a cabeça, expectante.

— É bom que não estejas a dar tanga — disse Keith.

Não estava a dar tanga, jurou Annie. Não havia nenhum truque. Pelo contrário, tinha uma proposta para lhes fazer.

A expressão de esperança desamparada no semblante de Freddie quase meteu dó.

— E o que ganhas *tu* com isso? — indagou Keith, ainda de cenho franzido.

— Digamos que eu também estou perante um dilema.

— Não me digas.

— Digo.

Keith fungou, coçou o interior do nariz, inspecionou a ponta do polegar.

— Então, desembucha.

— Vocês os dois — disse Annie —, vão matar o Ned Groom esta noite. E eu vou dizer-vos como não sofrer as consequências.

Nikki

Quando ela o conheceu, Ron Cox tinha já mais dez anos do que a Nikki tinha agora. Naquela época, ele parecera não só mais velho, mas saído de outra era. Se não fosse o Home, ela nunca teria conhecido um homem como aquele.

Nikki nem conseguia acreditar na sorte de lá ter arranjado o emprego.

Era costume as pessoas ficarem impressionadas quando lhes dizia que era modelo — fora um aspeto positivo na entrevista com Ned, disso tinha a certeza —, mas apesar do que o caça-talentos dissera, do que a agência lhe prometera, mesmo depois de gastar as solas dos seus *Converse* a calcorrear Londres para ir a *castings*, ainda estava longe de ganhar dinheiro com isso. Na realidade, era o oposto: ainda tinha uma dívida à agência pela criação do portefólio e das fotografias de teste, dormia nos sofás de amigos dos seus amigos, pedia dinheiro emprestado aqui e acolá, pedia à agência para financiar o seu passe do metro. E, como era óbvio, não iria voltar para casa com o rabo entre as pernas e pedir dinheiro à mãe, até porque ela não o teria.

Foi então que, no metro, viu o anúncio acerca de um emprego no Home, na última página de um exemplar amachucado do *Evening Standard* — alguns turnos semanais no bengaleiro, 2 libras por hora mais gorjetas; naquele tempo não havia salário mínimo, é claro. Telefonou para obter mais informações e foi convidada a comparecer numa reunião, nessa tarde. A conversa foi breve. Ned olhou-a da cabeça aos pés, decidiu que ela era o que ele pretendia e disse-lhe para começar às 17h.

Nessa primeira noite, fez 70 libras em gorjetas. Houve quem deixasse

uma nota de 5, até mesmo de 10. Na segunda noite de trabalho, um homem deixou uma nota de 20, com o número de telefone rabiscado na parte de trás. Nikki utilizou esse dinheiro para comprar flores e um maço de *Marlboro Lights* para o dono do sofá onde estava a pernoitar. Nesse sábado à noite, alguém tinha deixado uma nota de 50. Nunca tivera tanto dinheiro na carteira.

— Se alguém for demasiado atrevido ou se alguém te assustar, é importante que me digas — dissera-lhe Ned. — Eu trato do assunto.

O que mais a espantava era a simpatia de toda a gente. A paciência dos membros durante as primeiras noites, durante as quais ainda estava a conhecer os cantos à casa, e quando lhes pedia para descreverem pela segunda ou terceira vez o casaco ou a bolsa. Além disso, era empolgante. Ver uma banda de cuja música era fã a subir as escadas com os seus chapéus de abas reviradas, as suas parkas, as suas t-shirts com a gola em V. Ver um ator da televisão. Falar com as pessoas e receber os seus sorrisos, em vez de ser somente uma modelo que fica a um canto da sala em roupa interior enquanto as pessoas falavam sobre *nós*, sem se preocuparem se estávamos a ouvir.

Da primeira vez que viu Ron, Nikki trabalhava no Home há duas semanas. As colegas já lhe tinham dito que ele era um cliente habitual e que ficava numa suite do Home sempre que estava sozinho na cidade (a mulher dele preferia o Claridge quando viajavam juntos). Ele era... inesperado. Encantador. «Cintilante», talvez fosse essa a palavra que ela utilizaria agora. Ela aludiu ao boné dos Yankees que ele usava, o que lhe passara para a mão. Disse que gostava de poder ir a Nova Iorque, que tinha a esperança de ser contratada para uma sessão fotográfica ou para um espetáculo lá. Riu-se ao dizer que teria de pedir uns dias de folga a Ned. Ele disse-lhe que tinha ido jantar ao The Ivy com a sua mulher, Marianne, e que ela já tinha regressado ao hotel. Iria agora beber um copo com Ned, que o tinha convidado.

Aproximou-se dela e, pleno de intenção, falara num tom baixo.

— Se queres que seja honesto, acho que ele quer que eu invista num sítio como este em Manhattan. O que te parece? Achas boa ideia?

Atrapalhada, Nikki confessou nunca ter comido ou bebido no Home.

— Meu Deus! — exclamara Ron, só lhe faltando levar as mãos à cabeça. — Querem ver que esta bela jovem passa a noite presa dentro de um armário, como a Cinderela, sem se alimentar? Que tipo de monstro é o Ned? Diz-me uma coisa, jovem, a que horas sais hoje? Quero oferecer-te o jantar e quero que me digas o que achas da ideia do Ned. Quero que me digas *com franqueza*, sim?

E foi assim que, ainda um pouco atrapalhada, no fim do seu turno de oito horas, Nikki deu por si sentada a um canto no The Dining Room com Ron Cox e o seu patrão. Ron embalava um copo de cristal com *whisky* e ela bebia uma *Archers* com limonada — Nikki estremeceu ao recordar-se disso, mas, na altura, não fazia ideia do que pedir para beber —, e Rox falava da sua vida, encadeando histórias, todas elas hilariantes, todas elas (em retrospectiva) extremamente bem polidas e ensaiadas. Fora uma daquelas ocasiões em que ninguém consegue perceber porque *somos* a pessoa a ter o tratamento especial.

Ela escolheu coisa qualquer a meio do cardápio — não a coisa mais barata, decididamente não a mais cara —, comendo educadamente o bife bem passado e elogiando-o entusiasmadamente. Com um piscar de olho, Ron anunciou que, nesse caso, devia pensar em investir nesse tal de Manhattan Home. Ned viu alguém do outro lado da sala que precisava da sua atenção, brindou-a com um olhar insondável e pediu licença para se levantar.

Nessa primeira noite, acabou por ficar a conversar com Ron até às 3 da manhã. Ele falava num tom jovial e o seu charme parecia genuíno. Era lisonjeiro, inebriante até, pensar que um homem que realizava filmes — ainda para mais, filmes que *toda a gente* tinha visto, que até a mãe dela

tinha ouvido falar — era o homem que estava sentado à sua frente, que a tinha convidado para estar ali, que dava valor àquilo que ela pensava. Ela dizia constantemente que devia ir-se embora, e ele não parava de lhe perguntar para o que — ou para quem — precisava ela de regressar. Ela perguntou se a mulher dele não estava à sua espera e se não ficaria zangada por ele regressar tão tarde.

— Oh, querida — redarguiu ele —, a minha cena com a Marianne não é *nada* desse género.

Ele voltou na noite seguinte, tendo-se esquivado ao segundo ato de uma peça qualquer e, preparando-se Nikki para sair, viu-o outra vez à espera dela no bar, a comer sozinho. Ela sorriu-lhe do outro lado da sala. Deu uma palmadinha na banquetta de couro a seu lado. Ela hesitou. Ele fez uma cara feia. Ela levantou um dedo.

«Uma bebida», disse, formando as palavras com a boca sem produzir som.

Acabou por beber várias. Passou o tempo todo a rir. Na realidade, a maioria das piadas de Ron não tinha graça. Referira várias vezes a sua idade, imitara o barulho que os seus joelhos faziam ao subir as escadas. No fim da noite, com um suspiro teatral, disse-lhe que, no dia seguinte, iria partir para os Estados Unidos. Disse-lhe que tinha passado uns tempos especiais em Londres. Que tinha sido maravilhoso conhecê-la. Desejou-lhe felicidades na carreira de modelo, disse que ela o devia procurar se alguma vez fosse a Nova Iorque (embora ela não fizesse ideia de como poderia sequer começar a pensar em ter possibilidades financeiras para isso). Quando se despediram no átrio, ele puxou-a para si num abraço que durou mais do que ela esperara.

Durante semanas, aonde quer que fosse, disse a toda a gente quão encantador e normal era Ron Cox, exatamente aquilo que seria de esperar. Aquilo que se via, aquando das suas entrevistas na televisão — um homem terra a terra, autodepreciativo, galhofeiro —, era exatamente o que se

encontrava em pessoa.

O seu romance (fora nesses termos que o encarara, então) começou seis meses depois.

Aproveitando as filmagens nos Pinewood Studios, tendo deixado Marianne e os filhos — três se bem se lembrava, apesar de ele nunca falar deles — no rancho, Ron reservara a melhor suite por uns bons seis meses.

— Sabes porque escolhi este sítio, não sabes? — perguntou-lhe na primeira noite, enquanto descalçava as luvas e as dobrava, antes de despir também o casaco, guardando as luvas num dos bolsos, e de lho entregar com um sorriso. — É o nosso pequeno segredo, miúda.

Com as filmagens durante o dia, passava a maioria das noites no bar, na cavaqueira com Ned, a beber com outros membros, a espalhar charme pelos funcionários, a contar-lhes as histórias mais indiscretas das filmagens do dia. Nas noites em que Nikki estava a trabalhar, antes de regressar à sua suite, passava por ela, entregava-lhe um bilhete, piscava-lhe o olho.

Ele tinha deixado bem claro que ela teria de compreender que, apesar de ele e Marianne terem uma relação aberta, esta acarretava certas expectativas, certos pressupostos. Não podiam esfregar na cara dos outros o que andavam a fazer. Tinham de ser discretos. Tinha de haver respeito. Sobretudo porque tinham filhos. Era a atitude mais madura a ter.

A noite em que fizeram amor — palavras dele — pela primeira vez, foi a noite em que ela perdeu a virgindade. Depois, ele perguntou-lhe como tinha sido.

— Gostaste? — perguntou ele. — Gostaste?

Ele tinha usado preservativo, mas disse que talvez fosse mais divertido se ela tomasse a pílula, se não tivessem de usar proteção da vez seguinte.

— Desculpa se me excedi um pouco — disse ele no quarto, quando ela estava na casa de banho. — Estás bem?

Ele respondeu que sim, estava bem, fazendo um esforço para manter a voz normal, tentando ignorar a sensação de ardor entre as pernas.

Depois, disse-lhe que, como tinha de filmar uma grande sequência de ação na manhã seguinte, o melhor seria dormir sozinho para ter a certeza de que estava descansado, já que vinha um táxi buscá-lo às 4h30, por isso...

Ainda um pouco aturdida, ela demorou demasiado a perceber que devia ir-se embora.

E ainda hoje conseguia lembrar-se bem da viagem de elevador até ao rés-do-chão, sorrindo para o seu reflexo no espelho, ainda que, por algum motivo, com vontade de chorar, sentindo a cara a começar a enrugar e a sentir-se orgulhosa do modo como mantivera a postura quando foi buscar o casaco e a mala à sala do pessoal.

Durante esses seis meses, ela regressou uma e outra vez, sentou-se com ele e bebeu com ele — ele deixava-a escolher o vinho e ela sentia-se tão sofisticada, apesar de raramente apreciar o sabor — e viu filmes na televisão com ele. E riu com ele. E disse piadas com ele. E deleitou-se com a forma como ele parecia estudá-la, reparando em pormenores — nas pintas azuis-claras dos olhos dela, nas suas marcas de nascença, na maneira como ela mordia o interior do lábio antes de responder a uma pergunta ou enrolava no dedo uma madeixa de cabelo quando estava nervosa — como nunca ninguém fizera.

— É o que eu faço, querida — diria ele. — Ganho a vida a observar pessoas. — E formava um pequeno quadrado com os polegares e os indicadores das duas mãos, fechava um olho e espreitava com o outro. — Embora não haja ninguém tão bonito como tu, é claro.

Ela sorria no seu íntimo quando as pessoas lhe perguntavam se tinha namorado. E percebia quando a pressão nas filmagens o deixava rabugento, quando agia como um idiota chapado porque Jackson Crane tinha sido uma besta o dia inteiro. E às vezes ele apanhava-a com uma expressão de tristeza e afagava-lhe o queixo e perguntava-lhe o que se passava e ela respondia que era por saber que aquilo só podia durar seis meses e depois ele ia embora, voltaria para junto da sua família, para Marianne. Então ele sorria e

dizia-lhe que ela tinha a vida inteira pela frente, que não se devia agarrar a um velho como ele.

E durante todo esse tempo, o seu pavor, aquilo de que mais tinha medo, era do modo como ele iria ficar zangado, do modo como Ned iria ficar zangado quando Ron lhe dissesse, se alguma vez descobrissem que ela lhes tinha mentido.

Se alguma vez descobrissem que ela só tinha 15 anos.

CONTINUAÇÃO DAQUI

Sempre foi tradição do Home apresentar um grandioso espetáculo na noite de sábado dos fins de semana de inauguração. Um concerto surpresa num lugar inesperado.

Um banquete sobre o qual acrobatas fazem o seu número envergando sedas adejantes, acompanhados de um coro de gospel. Um solo interpretado pela bailarina principal do Bolshoi. Para a inauguração do Island Home, a ideia era criar uma experiência teatral imersiva em que o palco era toda a ilha.

«Na realidade, foi a Annie Spark quem nos contactou», explica Ian Underwood, fundador da companhia de teatro itinerante Coup de Théâtre. «Alguém» — a Coup de Théâtre tem apoiantes famosos muito entusiásticos, talvez um dos motivos por que os seus espetáculos esgotam sempre tão depressa — «a tinha levado a ver o *Pintor da Morte*, uma peça que criámos para as Catacumbas de Camden, baseada na vida do artista Walter Sickert, as suas ligações à zona e a sua obsessão com Jack, o *Estripador*. A ideia de ele poder ser Jack, o *Estripador*. Ela simplesmente adorou. A nossa vontade é mesmo essa, sabe, incentivar o público a interagir com um local, usar o teatro para explorar um lugar e o seu passado.»

Porém, Underwood admite que não ficou totalmente convencido quando

Spark inicialmente sugeriu que ele e a sua companhia fizessem alguma coisa para a inauguração do Island Home.

«Era muito trabalho e, francamente, se fosse outra pessoa, talvez tivéssemos recusado, mas a Annie é muito convincente. Pedimos dois meses para investigar e um mês na ilha. Eu disse-lhe logo de início que se o Coup de Théâtre ia fazer isto, fá-lo-ia como deve ser. Não iríamos embelezar o que descobríssemos nos arquivos, ou aquilo que escolhêssemos como base do nosso trabalho. Porque estou mesmo convicto», diz ele, com o seu subtil sotaque do norte britânico, «de que os panfletos da sociedade histórica local embelezam as coisas, fazem com que a vida na Boucher's Island pareça mais romântica do que foi realmente. Não transmitem a noção do que terá sido viver, trabalhar e passar a vida inteira numa ilha isolada como esta, numa daquelas pequenas casas rurais. Sobretudo no inverno. E, é claro, essa foi a única história a que tivemos acesso. Os registos do Ministério da Defesa referentes a metade da ilha continuam sob confidencialidade. Tudo o que se sabe é que tiveram aqui muito equipamento de telecomunicações potente, evidentemente relacionado com as operações realizadas durante a Guerra Fria, a monitorizar transmissões. Nós aludimos a isso na peça — havia uma cena num velho barracão Nissen abandonado. Uma pessoa à procura de sinal, mas, em vez disso, capta vozes fantasmagóricas do passado.»

Quem assistiu, descreveu a noite como uma experiência inesquecível. Duas horas com um grupo de atores, trajados a rigor, a conduzir o público pela ilha, a transmitir-lhes urgência, a sussurrar-lhes segredos aos ouvidos, sugestões tenebrosas. Uma noite de momentos estranhos durante os quais, de súbito, um espectador se apercebia de ser a única pessoa a testemunhar um espetáculo extraordinário, quer fossem dançarinos a assomar das traseiras de uma cabana para executar um *pas de deux* ou um cantor de aspeto espectral a interpretar uma ária melancólica desde um barco coberto de heras no meio da piscina. Uma noite que se desenrolou segundo a lógica

de um sonho.

A ideia de vestir o público da mesma maneira, de os fazer esconder a identidade, surgiu numa fase precoce do processo criativo. «Eu sabia, porque já tivemos este problema noutros espetáculos, olhando ao calibre dos nossos fãs, que tínhamos de arranjar maneira de impedir que os nossos atores fossem ofuscados pelo público.» A solução? Fornecer ao público uma fantasia igual. «Apesar de ser Halloween, não queríamos fazer nada de mau gosto. As capas com capuz eram assustadoramente belas — de um veludo sedoso, preto e pesado, com forro de seda *bordeaux*, um cordão com a ponta dourada ao pescoço. As máscaras brancas, da comédia e da tragédia, também foram feitas à mão em porcelana, leves como uma pena. O efeito visual foi extraordinário», explica. «Na verdade, o conceito foi do Ned, que adorou a ideia de pegar em pessoas que passam a vida a ser reconhecidas e, por uma noite, torná-las invisíveis.»

Faz um compasso de espera. Esfrega a nuca, pensativo, parecendo um pouco triste.

«Enfim, não estávamos era a contar que no momento em que se dá uma máscara às pessoas, elas revelassem o seu verdadeiro rosto.»

Capítulo Sete

Tarde de Sábado

Annie

Tinham ambos acabado por concordar, é claro.

Se Annie não soubesse qual seria a sua resposta de antemão, nunca teria feito a proposta.

Naturalmente, à semelhança do que se passara com ela, eles precisaram de tempo para se habituarem à ideia. Para espicaçarem e sondarem as respetivas consciências. Para perceberem se podiam ou não confiar nela. Para considerarem as alternativas. Para se aperceberem de que as não havia.

Freddie olhara para Keith. Keith olhara para Freddie. Keith praguejara, cuspira para o chão e passara as mãos pelos cabelos pretos pintados e por lavar. Freddie mudara de posição na sela, suspirara, olhara à sua volta, e depois suspirara outra vez.

— Isto não é correto — disse Freddie.

— Eu alinho — disse Keith.

— Isto não é correto — repetiu Freddie.

— Foda-se, é claro que não é correto! — explodira Keith, suficientemente alto para fazer os três cavalos dar um safanão. — Nós vamos matar o gajo, Freddie.

— Mas também não sofrerão as consequências — lembrou Annie.

— Além disso, foda-se, é o Ned — acrescentou Keith. — O Ned Groom,

que nos agarrou pelos tomates, para o resto da nossa vida. A apertá-los sempre que nos quer ver saltar. A torcê-los sempre que decide que precisa de mais uns milhões.

Freddie esfregou a cara com as mãos e soltou um pequeno gemido.

— Olha — disse Keith. — Eu também não quero matar ninguém, mas se tivesse de matar alguém, seria alguém que não me fizesse sentir muitos remorsos, e se tivesse de escolher a pessoa desta ilha que melhor encaixa nessa categoria, sei quem seria.

— Estamos a falar de matar um homem, sim. Tirar uma vida humana — admitiu Annie. — Mas se pensarmos bem, qual é a alternativa?

Na verdade, não tivera muita dificuldade em convencer-se a si mesma de que Ned Groom merecia morrer. Quando pensava em todas as ofensas, todas as bocas, todos os comentários maldosos que aturara, que tentara não levar a peito ou que fingira levar na brincadeira. Quando pensava em todas as vezes em que tivera uma boa ideia e ele pusera a merda do irmão à frente do projeto, ciente de que Adam nem sequer percebia a ideia, ou sequer o motivo pelo qual era boa e a iriam pôr em prática, ciente que ele iria fazer asneira e estragar tudo. Quando pensava em todas as coisas que ele fizera a outras pessoas. Permitira que outras pessoas fizessem. O Home, não Ned, era o que ela amava, e Annie tinha total confiança na sua capacidade de gerir a empresa e na falta de interesse do irmão em fazê-lo quando Ned estivesse fora do caminho. Ela seria a escolha natural para assumir o comando e não tinha dúvidas de que Adam lho entregaria para não ter de mexer uma palha.

Pensou que seria ainda mais fácil convencer-se a si mesma de que Ned Groom tinha de morrer quando ele possuía o mesmo material sobre ela que possuía sobre Keith Little ou o coitado do Freddie Hunter.

Annie olhou para Keith, o queixo espetado em ar de desafio, depois para Freddie, cujo queixo começava a tremer.

Houvera muitos momentos nas carreiras dos dois homens em que Ned

poderia ter feito isto, mas ele gostava de esperar o momento certo em que o seu alvo tinha tudo a perder. Esperava pelo momento em que um mau comportamento que, outrora, fora facilmente desculpável — aquele tipo de coisa a que um artigo de perfil poderia aludir em jeito de brincadeira, e que uma biografia poderia ignorar —, se tornava uma coisa determinante, fatal para a reputação e absolutamente imperdoável.

— Então, diz lá — pediu Keith. — Que plano vem a ser esse? E como é que conseguiremos não sofrer as consequências?

Annie revelou-lhes o plano, passo a passo.

Em certo sentido, era a obsessão de Ned em observar os espaços mais privados do Home, sem se importar com o resto, que tornava o plano exequível. Poderia haver câmaras ligadas a todas as cabanas para espiar os membros e instaladas a toda a volta da ilha para monitorizar eventuais hóspedes indesejados, mas Annie sabia que não havia outro sistema de videovigilância. Porque, à exceção dos poucos infelizes, a privacidade era o principal argumento de venda do Home.

Era vital para o plano dela que, esta noite, durante a peça itinerante pela ilha, todos os hóspedes estivessem a usar um manto de veludo com capuz e uma máscara branca. Portanto, era evidente o modo como Keith e Freddie conseguiriam cometer o homicídio e não ser apanhados.

O problema era *como* o iriam matar na prática. Ned Groom era um homem grande e, mesmo sendo eles dois, não seria fácil subjugar-lo sem provocar espalhafato.

Era aqui que entrava Keith.

Uma bebida adulterada — uma das pequenas garrafas de Keith do que ela presumia ser GHB^[4] — ajudaria a subjugar Ned o suficiente para o deixar vacilante e o impedir de se defender. A fazer fé no que Ned lhe dissera, Keith tinha muita experiência no que concernia obter a dosagem certa, técnica aperfeiçoada ao longo de décadas a adulterar bebidas.

Sentia um nó na barriga só de pensar.

Annie ficara espantada — e um pouco envergonhada — por nunca ter suspeitado do que ele andava a fazer. Desde que era membro, Keith tivera o hábito de aparecer em clubes Home por todo o mundo, deambulando com as suas calças de couro por debaixo das suas obras expostas no bar ou no átrio, a perguntar às pessoas — jovens bonitas, para ser mais específica — se sabiam quem fora o artista. A perguntar-lhes se sabiam quanto valiam. A selecionar uma mulher. A pagar-lhe bebidas. A mandar vir *whisky* atrás de *whisky*. A mostrar-lhe a dispendiosa *Leica* que trazia ao pescoço. A perguntar se ela alguma vez fora fotografada, se fora a musa de alguém. A pagar-lhe mais bebidas. A ficar mais barulhento, mais arrogante, a explorar a sua imagem de debochado. A dar grandes passadas até à receção, a cambalear, para perguntar se tinham uma suite disponível porque estava bêbedo demais para mandar parar um táxi, convidando a rapariga para mais um copo.

Isso toda a gente que trabalhava nos clubes sabia e se ria: era uma lenda do Home. O que Annie apenas soubera há alguns dias era o que acontecia depois.

Estavam sentados numa banquetta de couro no salão de baile do The Manor quando Ned lhe dissera quem estava a planear extorquir nesse fim de semana. Perguntara-lhe o que ela achava que Keith fazia quando levava uma mulher à sua suite. Annie fingira um encolher de ombros enquanto pensava que ele despia aquelas calças de couro.

— Imagino — dissera. Ned soerguera uma sobrancelha.

— Não sei se imaginas, Annie. O que ele faz — dissera-lhe então Ned — é que lhes mete alguma coisa na bebida. Aquilo demora algum tempo a fazer efeito, é claro. É evidente que ele tem muito cuidado com isso, pois a coisa não resultaria se elas perdessem os sentidos no bar. Elas estão sempre bem quando entram no elevador, mas depois de ele lhes servir um ou dois copos de champanhe na suite, bem, elas não ficam acordadas muito mais tempo.

Annie preparara-se para o que estava prestes a ouvir e, em certa medida, o que ouviu não era tão mau como temera, mas de muitas maneiras era muito pior.

— Ele endireita-se, completamente sóbrio. Keith Little, o debochado, não bebe, sabes? Não tanto quanto finge beber. Não quando anda a fazer das dele. Manda vir as bebidas, sim, anda com o copo na mão, pode até beber um trago ou dois, mas depois despeja-o, deita fora a bebida quando ninguém está a ver. — Annie arregalara os olhos. — Mas ele não lhes toca, às mulheres. Pelo menos, não nesse sentido. Se lhes tocasse, eu teria feito alguma coisa em relação a isso. Não sou um monstro. Não, ele diz-lhes que as quer fotografar e é precisamente isso que faz. Quando elas estão na suite dele, sem sentidos, ele despe-as. Põe-nas em pose, como se fossem bonecas. Depois, pega na máquina fotográfica e *clique*. Depois, move um pouco um braço, um pouco uma perna, afasta-se para apreciar a sua obra. *Clique*. Aproxima-se um pouco. *Clique*. Depois, aproxima-se muito. *Clique*. Nunca lhes toca dessa maneira. Também nunca toca em si mesmo. Os nossos vasos de flores estão seguros, graças a Deus. — Rira com esta sua piada. — Ele só as droga, coloca-as em pose e fotografa. Depois, volta a vesti-las. E depois, vai para casa e deixa-se na suite com um bilhete a dizer que receara que elas não chegassem bem a casa e que por isso as aconchegou e as deixou a dormir tranquilamente, juntando dinheiro suficiente para apanharem um táxi de manhã. Elas saem de lá a pensar que ele é um perfeito cavalheiro.

Ned fizera um sorriso de desdém e apontara com as sobrancelhas para a obra de arte pendurada na parede por cima das suas cabeças — a enorme fotografia de um nu sem cabeça, aquela com as aranhas presas em cima. Ela olhara para cima e ofegara involuntariamente. Depois, lentamente, expirando, abanara a cabeça. A quem pertenceria a nudez furtada que estava quase a ser devorada por aracnídeos empalhados?

Pensara no tecido para os cortinados que Keith criara, encomendado por

Ned, para o The Dining Room no Country Home — aquele padrão com desenhos formado por milhares de nádegas despidas, quando se olhava com mais atenção. E depois pensara na série de fotografias que ele criara, intitulada *Todas as Mulheres com quem Dormi*, em meados da década de 2000, aquelas enormes fotografias de zonas púbicas ampliadas, a preto e branco, sobre as quais rabiscara os seus poemas, várias das quais adornavam as paredes de Homes por todo o mundo.

Sentira-se agoniada.

— Vocês já têm os mantos e as máscaras nas vossas cabanas e todos os homens estarão de fraque hoje, pelo que não conseguirão identificar o Ned. Não se pode falar durante o espetáculo, pelo que também não conseguirão perceber quem é ele dessa maneira. Mas eu reconhecê-lo-ia em qualquer sítio, por isso mantenham-se atrás de mim e, em determinado momento, quando me for possível, passar-lhe-ei para a mão um *Old Fashioned*. Com um ingrediente adicional, oferta aqui do Keith — disse Annie, parando o seu cavalo. — Presumo que tenhas daquilo?

Freddie não compreendeu. Keith fingiu não compreender.

— Keith?

— Sim. Tenho. Na cabana. Trouxe um pouco... força do hábito. Mas não estava a planear...

— Só preciso de saber isso, Keith.

Noutra altura, prometeu a si mesma, ele teria o seu justo castigo. Noutra ocasião, quando não precisasse tanto da ajuda de Keith, ele haveria de as pagar.

— Então, quando é que isto irá acontecer? — perguntou Freddie.

— No fim da noite, regressaremos todos ao The Manor para o grande final. Eu já fiz um reconhecimento do percurso da atuação com o Coup de Théâtre. Eles incentivam ativamente todos os espectadores a vaguear, a explorar e a experienciar os atores e dançarinos sozinhos. Por isso, deve haver um momento em que vão conseguir chamar a atenção do Ned,

chamá-lo de parte e... terei de deixar essa parte do plano ao vosso critério.

Keith anuiu lentamente e virou-se para Freddie, tendo ela feito o mesmo. Ele olhou dela para Keith, depois outra vez para ela. Ela conseguiu vislumbrar nos olhos dele a esperança desesperada de aquilo ser uma piada, uma partida, a esperança de que, de repente, Ned saltasse de trás de um arbusto a rir.

— É contigo, Freddie — disse-lhe, com delicadeza. — Só tu é que sabes o que há naquela *pen*. Só tu é que sabes se podes pagar o que o Ned está a pedir, todos os anos. Todos os anos, durante o resto da tua vida.

— Está bem — concordou Freddie, depressa, com firmeza. — Contem comigo. Eu alinho. Eu também alinho.

[4] Ácido gama-hidroxibutírico. Em doses elevadas, pode provocar desorientação, relaxamento muscular extremo e perda de controlo, pelo que, na década de 1990, se tornou conhecida como a «droga da violação». [N. T.]

Nikki

Quando deu conta, já a gravidez tinha seis meses. Acabara de fazer 16 anos e estava grávida de seis meses.

Simplesmente, nunca lhe ocorrera essa possibilidade. Tal como Ron sugerira, tinha começado a tomar a pílula. Ter-se-ia esquecido de a tomar alguma vez? Nem pensar. Ele perguntava-lho sempre e a resposta fora sempre «sim». Houve vezes até em que ele a obrigou a tomá-la à sua frente.

— Só estou a pensar em ti, querida.

Ela não queria um bebé — não naquele momento. Provavelmente, nunca quereria. Olhando para trás, talvez isso fosse uma parte importante da atração que homens como ele sentiam por raparigas como ela.

Ron atirar-lhe-ia as culpas, foi a primeira coisa que pensou. A segunda coisa foi: como é que ele ficaria a saber? Nunca mais tivera notícias dele desde que as filmagens tinham acabado e ele devolvido a chave da sua suite no Home. Ele dissera-lhe qualquer coisa vaga sobre ela poder procurá-lo, mas, mesmo na sua ingenuidade, Nikki sabia que não era sincero, e que não tinha maneira de o fazer, mesmo que fosse. Ela não tinha telemóvel nem endereço de correio eletrónico. Não poderia pedir esse tipo de coisa a Ned. Era aquele tipo de situação para a qual a mãe a alertara: *Não fudas a tua vida aos 15 anos como eu fiz. Os filhos estragam-nos a vida.*

Mas, seis meses? Magra como era naqueles tempos, persistente como era nos seus esforços para se manter assim, os períodos tinham sido irregulares. Talvez estivesse a ficar com uma barriguinha — dois diretores de *casting* até lho tinham dito e o seu agente ligara a transmitir esse *feedback* «útil»

—, mas ela pensara que era apenas resultado dos hidratos de carbono — mãos-cheias de batatas fritas, grandes fatias de pão com manteiga — que ela surripiava das cozinhas no Home.

A primeira ida de Nikki ao médico — no Soho, numa clínica sem marcação — fora por se sentir letárgica, com cefaleias, inchada. O médico perguntara-lhe se ela poderia estar — se haveria alguma possibilidade de ela estar — grávida. Ela respondera que não, que usava os contraceptivos que lhe tinham dado naquela mesma clínica, pelo que colheram uma amostra de sangue para fazer análises e ver o que poderia ser. Contudo, só para ter a certeza, fizera um teste de gravidez ao chegar ao apartamento da amiga onde estava a pernoitar. *Não pode ser*. As palavras que não parou de repetir a si mesma. *Simplesmente, não pode ser*. Não sentira náuseas ou desejos. Excetuando o sentir-se um pouco esgotada, não havia nada em si diferente do habitual.

Regressou ao médico, completamente incrédula.

— Sofreu alguma intoxicação alimentar? — perguntou ele. — Se vomitar logo depois de tomar a pílula, o organismo pode não ter tempo de a absorver.

Ela tentou lembrar-se das noites em que bebera demais na suite de Ron — nunca conseguira aguentar muito álcool na barriga —, forçando o vômito para deixar de ter tonturas e usando de seguida uma daquelas escovas de dentes dobráveis para esconder o mau hálito.

— Está a ter aquilo a que chamamos de gravidez críptica — explicara o médico. — Algumas mulheres só se apercebem do que está a acontecer quando entram em trabalho de parto. Pelo menos, agora já sabemos. É mais frequente do que se possa pensar, embora a menina seja o meu primeiro caso.

Perguntou-lhe se ela tinha dúvidas. Ela tinha tantas que não sabia por onde começar. De seguida, foi encaminhada para o serviço de obstetrícia do hospital local. Lembrava-se de que, a determinada altura, o médico se tinha

rido, como se achasse muita piada, uma curiosidade clínica. Lembrava-se distintamente de pensar: ele vai contar esta história aos amigos. Até conseguia imaginar as palavras que utilizaria: *Coitadita, só tinha 16 anos. Não fazia ideia do que estava a acontecer. Eu tenho pena é da criança.*

Um daqueles momentos em que todo um futuro imaginado colapsa. Ela ainda andava a dormir em sofás e quartos vagos. Naquela fase, não poderia contar o que se passava a ninguém. Havia alguém que se importasse? Ron, claro que não. E o que diria ela, mesmo que fizesse ideia de como o fazer? *Aquele bebé que tu tanto quiseste que não fizéssemos... Olha, vou tê-lo! Agora, não há nada a fazer.* Só a ideia de passar pelos três meses seguintes — quanto mais o que viria depois, sobre o qual se recusava resolutamente a pensar — deixava-a em pânico. Rezava para que o problema acabasse por se resolver sozinho.

A única coisa que nunca lhe passou pela cabeça foi voltar para a mãe.

Uma semana mais tarde, Ned encontrou-a num dos arrumos do Home, a chorar, sem conseguir falar, mal capaz sequer de respirar. Sentia como que punhais a espetarem-se-lhe na garganta sempre que tentava falar. De início, ele pareceu assustado, como se não soubesse bem o que fazer. Depois, provavelmente percebendo que ela não iria parar, disse:

— Chega aqui.

E de repente, ela estava a soluçar encostada ao peito dele, a manchar-lhe a camisa com ranho e maquilhagem enquanto ele lhe dava palmadinhas delicadas nas costas, como um tio desajeitado.

Foi então que ela confessou a gravidez, o choque que era, todos os seus medos, todo o seu pânico; sobre ser demasiado tarde para fazer alguma coisa. Que aquilo seria o fim da sua carreira de modelo e que, além de ser magra e bonita, não tinha outras qualificações. Confessou não saber se deveria tentar contactar o pai do bebé — calara-se precisamente antes de revelar quem era, murmurando qualquer coisa sobre um encontro de uma noite — e que sabia não ter maneira de o fazer, que estava completamente

só. Depois, balbuciou que acabara de fazer 16 anos e, ao ouvir-se a proferir essas palavras, chorou ainda mais, ciente de que Ned não poderia fazer outra coisa que não expulsá-la do edifício naquele preciso momento por ter mentido.

Em vez disso, ele fez uma coisa que a chocou tanto, que as lágrimas cessaram instantaneamente e ela limitou-se a fixá-lo, soluçando pateticamente.

— Está tudo bem — disse-lhe ele, ainda a dar-lhe palmadinhas nas costas. — Vai ficar tudo bem. Estamos no Home — dissera. — Aqui, cuidamos dos nossos.

Ned disse-lhe para ela tirar a semana de folga, com salário por inteiro. Ele pagar-lhe-ia mais algum por fora para compensar a perda das gorjetas. Quando regressou, no primeiro dia, Ned chamara-a ao seu gabinete.

— Vamos a Nova Iorque — disse num tom neutro. — Vamos a Manhattan e tu vais ajudar-me no lançamento do Home de lá. Tive uma ideia. Uma ideia que pode fazer com que tudo isso — indicara vagamente a barriga dela — desapareça, se é isso que queres.

Era demasiada informação para assimilar de um momento para o outro.

— Queres que eu me mude para Manhattan? E trabalhe no teu clube de lá?

— Não, não, não — dissera ele, desculpando-se por não se explicar melhor. — Bem, sim e não. — A propósito, ela precisava de um lugar sentado?

O que Ned propôs foi uma mudança para um emprego de escritório, para que não tivesse de estar de pé. Uma promoção a assistente de administração, algo do género. Assim, disse ele, ela poderia trabalhar até o bebé nascer. Só mais tarde lhe ocorreu que ele poderia estar a ser impelido por interesses próprios. Será que uma rapariga de 15 anos a trabalhar no clube dele teria sido um escândalo? Sendo advogado, Ned deveria antever dessa possibilidade. Desconfiaria de que toda a situação poderia estar

relacionada com o Home?

Naquele momento, contudo, ela ficara simplesmente grata por alguém se preocupar. Era difícil compreender a bondade do homem, a sua amabilidade inesperada, a sua generosidade. Ela nem sequer conseguira dizer «sim», apenas anuíra em silêncio, os olhos alagados de lágrimas.

— Ah, é verdade. Quando o bebé nascer, tens a nossa ajuda. Se vais querer ser mãe ou não, isso depende de ti.

Ela lembrava-se de ter ficado em choque ao ouvir essa palavra. Com a gravidez talvez já estivesse a ficar mentalizada. Ter um bebé? Pois, esse era o resultado óbvio do seu erro, caso se permitisse pensar no assunto durante muito tempo — coisa que tinha evitado a todo o custo. Mas ser mãe? Isso era impossível. Afastara a ideia imediatamente.

Manhattan foi empolgante. Mesmo grávida de sete meses, foi empolgante. Antes de lá chegar, nem sequer sabia bem qual a relação entre Nova Iorque e Manhattan, se eram o mesmo sítio, como encaixavam uma na outra. Agora ali estava ela, espantada por ser tão parecido com o que vira nos filmes, suficientemente jovem para ficar agradada consigo mesma por esse discernimento. Nunca soube exatamente como conseguiu ele arranjar-lhe um visto de trabalho em tão pouco tempo, mas Ned arranjava sempre maneira de conseguir aquilo que queria.

Passou-se uma quinzena, uma quinzena de longas reuniões e almoços rápidos — sanduíches enormes, de fatias grossas, deixadas nas suas secretárias bamba — e viagens em táxis amarelos.

E então, num final de tarde, ao sair do escritório (só estava ela, Adam e Ned naquele primeiro andar sem elevador) para regressar ao apartamento que Ned arrendara para ela, ele chamou-a, olhou outra vez para a sua barriga e perguntou:

— Então, Nikki, estás a pensar em ficar com o bebé?

Naquele instante, como se alguém tivesse ligado um interruptor, ela apercebeu-se do horror absoluto da situação em que se encontrava e a

futilidade da sua estratégia para enfrentar o problema. Não, aquilo não iria desaparecer como que por milagre e, sim, aquele bebê acabaria por sair. E ser uma pessoa. Uma pessoa que acabaria por querer saber quem era o pai.

Não, ela não estava a pensar ficar com o bebê. Simplesmente, não podia fazê-lo. Não.

Ned tratou de tudo.

Arrendando-lhe uma pequena casa no norte de Nova Iorque, faltando poucas semanas para o parto, e reservando o carro que a levaria ao hospital. Enviando-lhe flores, aqueles enormes lírios brancos, quando teve alta. Tentara sentar-se com ela e tratar de toda a burocracia. A agência era privada. Nos EUA, era assim que funcionava; ele mostrara-lhe as brochuras — eles prometiam entregar a criança a uma família afetuosa que lhe proporcionaria um lar seguro e confortável, um ambiente carinhoso e estimulante. Ele lera as páginas sobre os procedimentos de exame, os seus critérios. Fotografias de casas bonitas, bebês felizes, em todas as páginas de papel de lustro. Ao percorrer as páginas, doía-lhe a garganta. Ao pensar no assunto, doía-lhe o coração. Na sua barriga, o bebê esperneara, soluçara, contorcera-se.

Uma adoção sob anonimato, foi o pedido dela, depois de lhe explicarem as opções. Seria por Ned ter dado a entender que era a decisão mais sensata para os dois, para Nikki e para o seu bebê, ainda um feto? Depois, apesar de ficar dorida durante cerca de uma semana e de chorar e dormir a horas estranhas do dia e da noite, tudo começou a parecer-lhe indistinto, como se tivesse acontecido a outra pessoa. Pediu a Ned para regressar ao trabalho e sentiu-se reconfortada por ter alguma coisa para onde regressar, uma coisa em que ela parecia ser boa.

Nenhum deles voltou a falar do assunto.

Ela pensava em Ron. Inclusive, vira-o uma ou duas vezes, na outra ponta de uma sala apinhada, num dos clubes, numa festa de inauguração, na televisão em alguma estreia, ou deparara-se com um dos seus filmes na

televisão e sentira uma curiosa amálgama de emoções.

Também pensava no filho, o seu menino, sabe-se lá onde estaria, imaginava com quem seria parecido. E depois convenceu-se de que seria melhor ele não saber de nada. Mas às vezes, apenas às vezes, via alguém pelo canto do olho, um menino, um adolescente, um jovem, e pensava que poderia ser ele, que as probabilidades eram ínfimas, mas que não era *impossível* ser mesmo o filho dela. E que mesmo que esse menino, adolescente, jovem não fosse o seu filho, ele *estava* por aí, algures. Uma pessoa com a sua vida, as suas esperanças, os seus sonhos e, quiçá, a sua própria família agora. Uma pessoa que ela quase de certeza nunca conheceria e que quase de certeza nunca a conheceria a ela. Era uma sensação estranha.

Era ainda mais estranho pensar que não tinha qualquer fotografia dele, nunca lhe dera um nome, mal se recordava como ele era — apenas um peso nos seus braços, no hospital, uma coisa vermelha a uivar, nascido com uma enorme cabeça com cabelos escuros colados ao couro cabeludo, umas perninhas rechonchudas. Lembrava-se de a enfermeira lhe dizer para não se preocupar com aquela pequena marca vermelha na pálpebra, e com aquelas manchas — as duas manchas escuras, uma numa barriga da perna e a outra num ombro —, que provavelmente diminuiriam com o passar do tempo. E lembrava-se de pensar porque é que a enfermeira achava que isso lhe importava, percebendo depois que importava, que isso era importante, e perguntando-se depois qual seria o significado disso. E lembrava-se de estar exausta e de dormir. De acordar e de o bebé não estar lá.

Ela nunca tinha tido outra escolha. Como poderia ela educar aquela criança? Que histórias lhe poderia contar sobre quem ele era, sobre as suas origens? Era uma dádiva não saber como a sua mãe era estúpida ou como o seu pai deveria ter tido mais bom-senso. Era uma oportunidade de ele se inventar, de escrever a sua própria história. Ter uma boa vida com pessoas que o amavam.

Isso era o melhor que ela achava ser capaz de lhe oferecer.

Adam

Desde o pequeno-almoço que Adam procurava um sítio para estar sozinho.

Em determinados momentos do dia, sentira estar à beira de um ataque de pânico. Aquela pressão por detrás dos olhos. Aquela efervescência horrível e esquisita nas veias. Aquela sensação terrível como se, de repente, tivesse deixado de saber respirar. Todo o dia o seu telemóvel zunira e sofrera convulsões no seu bolso, além de que fora constantemente seguido por um ou outro colaborador ansioso do Home a querer o seu acordo para os últimos pormenores da festa desta noite, todos mandados falar com ele por Nikki. O seu estado de espírito não melhorara depois de ser confundido com Ned por três pessoas — de longe, de costas, mas mesmo assim, isso não era propriamente elogioso, olhando à diferença de idades e a quão mais atarracado o seu irmão mais velho sempre fora. A meio da tarde, mais ou menos pela décima quinta vez que alguém lhe perguntara se ele estava autorizado a aprovar uma ou outra coisa (a cor das coberturas das espreguiçadeiras para o terraço do Manhattan Home, para ser exato — e dava para perceber como era paralisante para toda a gente, para a empresa, a insistência de Ned em ter sempre a última palavra em relação a tudo), Adam perdera as estribeiras de forma bastante espetacular, perguntara se sabiam há quanto tempo trabalhava naquela empresa, gritara que não, ele não precisava de consultar o irmão para aprovar 5000 dólares de tecido calicó, com quem é que eles pensavam que estavam a falar? Uma hora mais tarde, telefonara a pedir desculpa e a sugerir que, depois de ver as duas opções, talvez fosse melhor não decidir já.

Fora então que lhe ocorrera que poderia ser boa ideia encontrar um sítio sossegado e escuro para estar sozinho algum tempo com os seus pensamentos.

Havia duas salas de cinema na ilha, ambas localizadas na mesma cabana multiusos, ambas equipadas com equipamento de som e projeção topo de gama e lugares espaçosos e confortáveis como cadeirões. Este fim de semana, uma sala exibia um programa de filmes deliberadamente modernistas e psicadélicos (*El Topo*, *Szindbád*, *Stalker*, *A Field in England*). A outra, de forma bastante obsequiosa, exibia as obras completas de Jackson Crane por ordem cronológica e, Adam vira no quadro negro no bar do átrio, já chegara ao *Capitão Aquático* de 1997. É claro que não havia na porta um aviso para desligar os telemóveis, pois esta era a ilha sem telemóveis. Quando a porta se fechou com um baque nas suas costas, Adam desligou o seu e sentou-se na última fila.

Capitão Aquático. Isso fê-lo recuar no tempo. Caramba, que miséria de filme. De todos os filmes feitos por Ron Cox ou Jackson Crane, este era sem dúvida o pior. A epítome de um mau filme de super-heróis dos anos 90. Todo o conceito subjacente pouco prometededor logo à partida (surfista mordido por golfinho geneticamente modificado ganha força, capacidades de nadador e sonar, além de um maior sentido de responsabilidade ambiental da humanidade). Jackson Crane com aquele horrível cabelo pintado de louro, a desferir golpes de karaté em capangas, a correr por cima de telhados, a saltar de lanchas antes de estas explodirem, a ter diálogos grotescos num estranho tom monocórdico. As intermináveis cenas de lutas em becos fumarentos, pontapés circulares em câmara lenta. Os terríveis efeitos especiais do princípio ao fim. A cómica plasticidade do golfinho. A absoluta ironia opressiva de tudo, o cinismo barato, a falta de alegria. Se calhar era isso que acontecia quando se pegava numa banda desenhada engraçada, revigorante e despreocupada, e se tentava utilizá-la para vender um milhão de brinquedos de plástico. Se calhar estava relacionado com a

famosa tensão no *plateau* entre Jackson e Ron, com a latente aversão mútua. O *Capitão Aquático* fora um daqueles filmes que uma pessoa pensava sempre ser capaz de apreciar se desligasse metade do cérebro, mas que, mesmo nessa circunstância, parecia estranhamente deprimente.

Era evidente que essa era também a conclusão a que dois membros na fila da frente tinham chegado, pois abandonaram a sala ruidosamente logo depois de Adam chegar, tropeçando pelos degraus acima até à saída às escuras. Agora, além de Adam, só havia duas pessoas na sala. Adam não conseguia ver a pessoa na terceira fila, mas conseguia perceber que estava lá alguém pelo ressonar suave e ritmado. A terceira pessoa, ao fundo da fila à frente dele, era Georgia Crane. Tê-lo-ia visto a entrar? Achava que não. Ela parecia absorta na perseguição de automóveis que se desenrolava à sua frente, Jackson Crane (ou mais provavelmente o seu duplo), de látex, a balançar agarrado ao espelho de um caminhão pesado, o motorista a tentar debruçar-se pela janela e bater nos dedos dele com um ferro. Era sempre estranho ver alguém que conhecemos pessoalmente no grande ecrã, tão maior do que na vida real, ao mesmo tempo sendo e não sendo quem são. Deveria ser ainda mais estranho ver a pessoa com quem se estava casado. Que idade teria Georgia quando este filme estreou? Ainda deveria andar a estudar. Talvez o tenha ido ver ao cinema com os amigos da universidade. Também era bastante estranho fazer este raciocínio.

Jackson Crane sofreu um golpe com um ferro na cara e tombou para trás dando um grito. Georgia não se mexeu. Agora, eram apenas as pontas dos dedos agarradas ao caixilho da janela que impediam Crane de cair, de tombar para debaixo das rodas do caminhão. Tinha sangue no canto da boca. O seu fato tinha um rasgo no ombro.

Em determinados momentos, Adam questionara-se se Georgia fizera ideia daquilo em que se estava a meter quando casara com Jackson Crane. Também não se referia apenas à sua fama, embora não fosse difícil interpretar a relação em termos cínicos, elencar as formas como ser vista de

braço dado com a grande estrela impulsionara a sua visibilidade, como ser a noiva dele fizera as atenções recair sobre ela. O seu casamento ajudara uma jovem atriz inteligente e ambiciosa a lançar a sua carreira, e o estilo de vida, a plataforma e as oportunidades que granjeara em troca eram inegáveis. Também era fácil imaginar a frequência com que ele estava em filmagens longe de casa, ou ela; o pouco tempo que passavam mesmo juntos.

Ao que ele se referia era até que ponto ela conhecera realmente Jackson Crane quando concordara em passar o resto da vida com ele. A verdade é que ele era muito bom a apresentar-se exatamente como a pessoa que estava com ele queria que ele fosse. Adam conseguia imaginar facilmente Jackson a pedir a Georgia recomendações de livros, a franzir o cenho com uns óculos de aros grossos para um romance de Beckett, sentado com ela (envergando um casaco com a gola virada para cima) numa leitura de poesia *avant-garde*.

E Georgia era jovem, muito mais nova do que ele, tinha apenas 22 anos quando se conheceram, 24 quando casaram. Como é que alguém podia imaginar como seria ser casado com alguém como Jackson Crane, naquela idade? A implacável atenção da imprensa aonde quer que fossem. A intensidade com que pessoas de todo o mundo os conheciam, ou pensavam conhecer, e tinham uma opinião sobre a relação deles, as roupas que usavam, aquilo que faziam. Todas as coisas na vida que ela poderia fazer — as portas que a fama recém-encontrada poderia abrir — e, porém, ao mesmo tempo, todas as coisas que nunca poderia voltar a fazer, ou pelo menos, não sem alguém à espreita para a fotografar, na esperança de a apanhar com uma roupa que não lhe assentasse bem ou de um ângulo pouco favorável. O número de pessoas com um interesse financeiro nas vidas deles, em todos os aspetos da vida deles. O que tudo aquilo poderia fazer à mente dela. À mente de ambos.

Lembrava-se de Ned convencer Jackson a adiar o casamento (isso deve ter sido no verão de 2000) no Highland Home, que ainda não fora

inaugurado, uma brilhante manobra de RP, olhando à lista de convidados. Ainda conseguia sentir o pânico de tentar e não conseguir ter o espaço (acima do orçamento e com um atraso, como de costume) pronto a tempo do casamento deles, tendo de encomendar 500 sebes para esconder betoneiras e pilhas de tijolos, plantando hectares de urze por um montante astronómico, porque esta secara devido a uma inesperada vaga de calor. Assegurar-se de que estava tudo perfeito. Como eles pareciam felizes naquele dia. Uma felicidade arrebatadora. Como era difícil imaginar que Georgia fizesse ideia do que o homem com quem estava a casar era capaz de fazer.

Naquela época, Adam também não fazia.

Ele nunca compreenderia, aquela noite terrível, apenas um ano e meio mais tarde, aquele telefonema.

Ned a atender o telefone discretamente, a franzir o cenho, a tapar o ouvido livre com a mão, à procura de um canto sossegado no bar no *rooftop* do Covent Garden Home, onde ele e Adam tinham estado a jantar, sem encontrar um, saindo para a noite fria de dezembro para atender a chamada. Ned a caminhar de um lado para o outro em toda a extensão da piscina, a mão livre a abanar enquanto berrava para o telefone, depois a gesticular pela janela a chamar Adam. *Fizeste o quê? Por que raios fizeste isso? Onde estás agora? Dá-me um segundo que eu ligo-te já.*

Os dois a descer as escadas de emergência a correr rumo à suite de Ned enquanto o irmão explicava a situação: Jackson, bêbedo como um cacho, em contramão, a conduzir aquele verdadeiro tanque de guerra de tração integral da merda ao dobro da velocidade permitida por lei, tivera uma colisão frontal com um carrinho qualquer e depois abandonara o local.

Na suite de Ned, ligaram a Jackson Crane com o telefone em alta-voz. No portátil de Ned, através das câmaras na casa de Jackson no Country Home, viram-no encolher-se quando o telefone tocou de repente, cambalear até lá, pegar nele, ficar ali de pé a ouvir e, ocasionalmente, a beber um trago

impaciente do copo com alguma coisa que tinha na mão enquanto Ned lhe pedia para relatar outra vez o que acontecera, para ter a certeza de que compreendia a situação. E ele esclarecera exatamente o que acontecera, exatamente onde, e Ned acalmara-o, todo falinhas mansas, mantendo-se tranquilizadamente calmo.

E que maldita confissão fora. Não apenas nas palavras de Jackson — a confissão balbuciada de que nem sequer se atrevia a tentar adivinhar quanto bebera desde o almoço, a frequência com que se repetira, os factos nus e crus da situação —, mas também o tom com que as proferira. Os lampejos de irritação por ter de explicar outra vez o sucedido e como sucedera. A frustração cada vez mais óbvia por, *ainda assim*, ser ele a ter de tratar de tudo aquilo: afinal de contas, não era para isso que ele pagava às pessoas? A sua absoluta ausência de preocupação, ou até mesmo de curiosidade, ao que parecia, para com as pessoas que seguiam na outra viatura. A sua impertinência sempre que uma voz feminina conhecida — ansiosa, tensa — do outro lado da sala o lembrava de alguma coisa, corrigia alguma coisa que estava a dizer ou simplesmente fazia uma pergunta.

Oh, Deus, Adam pensara, ela também ia no carro? Talvez fosse por isso que Jackson ia fora de mão, a exibir-se, a fazer brincadeiras estúpidas, a tentar impressioná-la ou assustá-la. Era capaz de a imaginar a gritar para ele ir mais devagar, Jackson a rir, Jackson a abanar o guiador, a roçar as sebes, Jackson a acelerar.

Quando isto chegar à imprensa, pensara Adam, é que vai ser bonito. O fim. Não só da carreira de Jackson Crane, da carreira dela, mas o fim de tudo, de tudo isto, do próprio Home. A marca irremediavelmente manchada. E mesmo quando dera por si a pensar isto, reconhecera que era uma coisa terrível para ser a sua preocupação, e sentira uma feroz pontada de repugnância consigo mesmo.

Fora então que Adam reparara no semblante do irmão, o ténue sorriso a aflorar-lhe os lábios. E fora quando percebera que Ned *não* estava a tentar

esclarecer a situação, ou perceber o que acontecera, ou decidir qual o melhor passo a dar. Ele estava a assegurar-se de que tinham toda a confissão registada em vídeo, obrigando-os a descrever tudo em voz alta para ter a certeza de que o microfone apanhara tudo. Era sempre a esse momento que Adam dava por si a regressar, o momento em que percebera. Porque ele poderia ter chamado a polícia naquele preciso instante, mas não chamara, com a esperança de que não fosse preciso, que alguém fizesse a participação do acidente, que localizassem o veículo e que tudo se resolvesse. Porque até àquele momento, ainda conseguia convencer-se a si mesmo de que esta coisa toda da chantagem era algo que Ned e a empresa deixariam de fazer, que assim que o Home estivesse numa situação financeira estável, chegaria o momento em que poderiam deixar tudo isso para trás. Fora isso que Adam dissera para consigo mesmo. Afinal de contas, eles apenas faziam aquilo uma ou duas vezes por ano — chantageando maridos que enganavam as mulheres, extorquindo cocainómanos, espremendo importunadores. Ele nunca antevira uma coisa assim. Nenhum deles alguma vez poderia antever uma coisa assim tão terrível, assustadora e trágica.

Depois percebera a expressão no rosto de Ned, reparara naquele pequeno sorriso, e fora quando compreendera. O plano era este. Este sempre fora o plano. Isto ou alguma coisa do género — um acidente, um incidente, um crime — era precisamente aquilo que Ned sempre esperara que acontecesse.

Fora naquele mesmo instante que Adam compreendera como também ele estava profunda e irremediavelmente metido em tudo aquilo.

Então, a voz de Ned mudara, deixara de os reconfortar e assumira o comando da situação, dando instruções.

E Adam ouviu-o dizer:

— Ela está aí? Ela ainda está aí? Está bem, está bem, passa-lhe o telefone.

E ouviu o irmão dizer:

— Muito bem, estás a ouvir? Tens de o manter no quarto. Tranca-o na casa de banho, mete-o na cama, qualquer coisa. Eu posso resolver isto, nós podemos resolver isto, mas tu tens de fazer *exatamente* o que eu disser.

Talvez, de maneiras diferentes, nessa noite, todos tenham ficado a saber do que ele era capaz.

Jess

Uma coisa era certa: este fim de semana confirmara tudo o que Jess ouvira dizer sobre Jackson e Georgia Crane terem vidas separadas. Desde a noite de quinta-feira, de acordo com o sistema, Georgia fizera três horas de ioga, quatro horas de ginásio, fora várias vezes assistir a filmes sozinha, fizera pelo menos três corridas de uma hora, e três tratamentos faciais. Aparentemente, não se dera ao trabalho de saber do marido uma única vez.

Isto não passara despercebido à equipa de Jess. Amiúde, quando consultavam a lista de tarefas, Ella observava — esboçando um sorriso, soerguendo uma sobrancelha — que as instruções de «Não Incomodar» ainda constavam dos apontamentos para a cabana de Jackson, fazia um comentário sardónico sobre isso, e Jess fingia verificar se as instruções estavam corretas. Amiúde, Bex exprimia o seu espanto por Jackson não comparecer outra vez a algum evento ou atividade a que Georgia comparecera obsequiosamente, questionando em voz alta o que ela pensaria disso.

— O mais certo é ser um alívio para ela — alguém comentara.

Ao longo dos últimos dois dias, Jess ouvira muitas outras histórias sobre os Cranes, da boca dos seus novos colegas, de pessoas que já trabalhavam no Home há algum tempo. Sobre alguém que batera à porta e entrara para mudar os lençóis e encontrara Georgia enfiada numa cama, ao telefone, a soluçar. Sobre acesas discussões por detrás de portas fechadas, objetos arremessados, objetos partidos, acusações vociferadas. Ella descrevera uma noite em que estivera a trabalhar no Covent Garden Home quando Georgia

estivera uma eternidade à espera no átrio para Jackson descer e a levar a uma estreia qualquer na Leicester Square, mas que ele não descera, até que ela acabara por desistir e lhe fora bater à porta, tendo-se seguido uma enorme discussão, um vaso partido, uma ambulância discretamente chamada, e vários pontos suturados num golpe que cruzava a parte lateral da cabeça dele.

Iriam as pessoas acreditar que Georgia Crane assassinara o marido? A polícia? Assim que esses rumores comesçassem a andar nas bocas do mundo, Jess tinha todos os motivos para pensar que sim. Não tardaria a descobrir.

Antes disso, porém, ainda tinha de tratar de uns últimos pormenores. Há vários minutos, consoante o final de tarde dava lugar à noite, que estava de pé, hesitante, no caminho que conduzia pelo meio das árvores à cabana número 10. «Muito bem», disse com os seus botões. «Vamos a isto.» Mas não se mexeu. Na realidade, não queria entrar na cabana. Ver o corpo.

Os chuviscos que tinham começado sob a forma de uma neblina fina estavam agora a transformar-se em chuva, tamborilando nos bosques escuros que ladeavam o caminho, e a luz no horizonte ganhava um escuro tom alaranjado. Ao longe, viu os faróis de um carrinho de golfe — provavelmente, alguém a ir jantar ou a ir arranjar o cabelo à última hora. Mais adiante, pelo meio dos arbustos, conseguia vez a luz do alpendre da cabana.

Demoraria um minuto a confirmar que ele estava morto. Desde o fundo do caminho eram cinco ou seis passos até chegar à porta, onde as bicicletas permaneciam arrumadas nos seus descansos, e as *scooters* elétricas no mesmo sítio onde as vira antes. Parecia-lhe pouco provável que alguém ali tivesse estado desde que ela fechara a porta depois de sair, estando a equipa da arrumação e todos os outros com rigorosas instruções para não incomodarem. Bateu devagar à porta, destrancou-a com a chave-mestra e abriu-a sem fazer barulho.

— Está aí alguém? — sussurrou. Depois, mais arrojadamente: — Serviço de quartos.

Nenhuma resposta.

Jess avançou devagar pelo corredor, reparando que, aparentemente, ninguém mexera em nada na casa de banho, que o monte de toalhas na beira do lavatório continuava intacto, que tudo o que havia pendurado nos cabides no corredor — os impermeáveis, os guarda-chuvas e as galochas com o símbolo do Home — continuava exatamente onde o deixara. Depois, enfiou a cabeça pela porta do quarto.

No meio da cama, deitado de costas, estava Jackson Crane. Os cobertores e o edredão faziam um monte aos seus pés. Uma almofada tapava-lhe a cara. A garrafa vazia jazia na dobra do seu braço. O outro braço, pendurado sobre a dobra do colchão. Jess aclarou a garganta. O corpo na cama não se mexeu. Depois de o observar durante algum tempo, contando mentalmente os segundos e os minutos que passavam sem qualquer barulho ou sinal de movimento na cama, avançou dois passos para o interior do quarto, com cuidado. O corpo na cama não se mexeu. O corpo na cama, Jess sentiu-se confiante em afirmar, nunca mais se iria mexer.

Tinha esperado sentir algum tipo de sensação triunfante naquele momento, diante da morte mais do que merecida do homem que matara os seus pais. Não se sentiu triunfante. Não sentiu qualquer tipo de felicidade ou algum tipo de paz. Pelo contrário, tudo o que sentia era uma tristeza avassaladora, um sentimento esmagador de arrependimento, de proporções universais, por tudo e em nome de toda a gente. Pelos seus pais. Por si mesma. Por um instante aterrador, deu por si a imaginar o que, se estivessem vivos, os seus pais, que a tinham amado e conhecido como criança, uma menina doce, sossegada e inocente, pensariam se a vissem agora. E deu por si a sem saber sequer como começar a explicar-lhes o que a levava a este ponto. Por um momento, ao olhar uma última vez para o corpo na cama, apesar de tudo e contra a sua vontade, quase sentia

compaixão por Jackson Crane.

Depois, lembrou-se outra vez dos últimos momentos de vida do pai, dos últimos anos da mãe.

Foi então que reparou numa amolgadela na parede que não tinham conseguido eliminar, um retalho de tinta que ainda não secara completamente.

E lembrou-se da *pen*.

Todas as muitas televisões de ecrã plano montadas na parede da cabina tinham uma entrada USB na lateral onde era possível inserir a *pen*. Considerando que se localizava na divisão mais afastada do quarto no rés-do-chão, foi no televisor da sala de estar que ela a inseriu. O que poderia conter? Jess não sabia. Só sabia que, desde que a encontrara, no chão desta cabana, lhe parecera estar no sítio errado. Se não fosse nada, alguns filmes que ele transferira para ver no voo de regresso a casa, alguns clipes de audições de atrizes desconhecidas para o seu próximo projeto, então ela poderia tão-só enfiá-la no bolso de um casaco no corredor e ir embora. As suas impressões digitais não fariam diferença. Ela era a encarregada da limpeza, é claro que as impressões dela estavam por toda a parte. Além disso, se não fosse nada, não fazia sentido tê-la na sua posse, não fosse dar-se o caso de, depois de encontrarem o corpo e a polícia fazer uma inevitável busca à ilha, vasculharem também o alojamento do pessoal.

Jess ligou a televisão e percebeu que, o que quer que havia na *pen*, já começara a ser reproduzido automaticamente. Puxou um banco de apoio para os pés para a beira do ecrã e apoiou o queixo nas mãos com os dedos entrelaçados. Apenas cinco minutos, disse com os seus botões, consultando o relógio de pulso. Afinal de contas, era esse o tempo que lhe restava até darem pela sua falta.

De início, não percebeu bem o que estava a ver e a ouvir. A filmagem, embora parecesse ter sido editada em moldes bastante profissionais, fora feita a partir de um ângulo estranho e sob condições de iluminação muito

más. Começou de forma abrupta, sem os créditos de abertura, apenas um ecrã negro com alguns números a um canto, o ranger de um carro a parar sobre gravilha, alguns ruídos vagos como passos abafados, vozes distantes. Depois, via-se uma porta a abrir. Depois, uma luz a acender. Depois, dois vultos a entrar naquilo que era agora evidentemente uma sala de estar, num hotel, talvez, ou num dos outros Homes, deitou-se Jess a adivinhar, embora não houvesse muitas pistas definitivas. Uma parede. Uma carpete. Umas cortinas. Uma mesa. Uma garrafeira. Um telefone.

A mulher — magra, lívida, alta, de cabelos escuros, estranhamente familiar — foi a primeira a entrar na sala, abraçando o tronco com os dois braços, caminhando a passos largos até às janelas para fechar as cortinas. O homem espreitou pela porta, como que a assegurar-se de que não eram seguidos. Acendeu outra luz, atravessou a sala sobre pernas vacilantes até à garrafeira, acocorou-se desajeitadamente e começou a remexer nas garrafas. A mulher via-se agora apenas de forma intermitente, caminhando de um lado para o outro pela sala, ainda abraçada a si mesma, de rosto escondido pelos compridos cabelos negros. Era jovem — 20 e tal anos? Seria essa a aposta de Jess, a julgar pela roupa que tinha vestida: toda de preto, impossível de classificar. Ele parecia pelo menos uma boa dúzia de anos mais velho. Depois, em resposta a uma pergunta que o microfone não apanhara bem, ainda de cócoras à frente da garrafeira, agora com um copo alto na mão, ele olhou por cima do ombro.

Foi quando Jess percebeu que estava a olhar para Jackson Crane. Podiam ser imagens antigas e pouco nítidas, mas não havia como enganar. Foi nesse momento, com um palpitar no coração, as mãos instintivamente lançadas à cara e a boca escancarada de espanto, que Jess percebeu que os números no canto do ecrã representavam uma data, um ano e uma hora, que ela não estava a ver um filme, mas uma filmagem real. Com outro espanto, percebeu exatamente que data e hora eram.

Quantas vezes, apesar da reação desdenhosa da polícia, tentara dizer às

peessoas o que acontecera naquela noite, aquilo que vira, *quem* vira? Há muito que Jess perdera a conta. A tia. O tio. Os enfermeiros no hospital. Os amigos. Os professores. Sempre que o vira na televisão, na capa de uma revista, na lateral de um autocarro. «Foi ele», tinha dito às pessoas. «Foi aquele homem. O homem que ia a conduzir o carro.» Era então que lhe falavam de choque e de como isso afetava o cérebro, a memória. Diziam-lhe que ele era uma estrela de Hollywood que vivia na América. E ela via a troca de olhares entre o tio e a tia, o modo como, quando o dizia a outras pessoas, estas ficavam inexpressivas e tentavam mudar de assunto. E, passado algum tempo, os tios sugeriram que era um assunto sobre o qual ela não deveria estar sempre a falar na escola, ou pelo menos quando conhecia alguém pela primeira vez.

O que faz a uma pessoa dizerem-lhe repetidamente que é mentira algo que ela sabe ser verdade? Como é que isso muda a forma como essa pessoa se relaciona com o mundo, com as outras pessoas? Como é que essa pessoa processa a sua dor, como carrega ela a sua raiva? Toda a dor, todo o ódio — ela conseguia senti-lo, como um peso sobre o coração, sobre os pulmões.

Jess teria talvez 8 anos da primeira vez que viu uma fotografia de Jackson e Georgia Crane juntos, nas fotografias do casamento deles, na capa de um exemplar antigo e bastante manuseado da *Hello!* na cabeleireira. Soubera, sem sombra de dúvida, que aquela mulher esbelta com o vestido de cetim ebúrneo, o véu diáfano a afagar-lhe as maçãs do rosto salientes, fora quem estivera dentro do carro naquela noite. Ela quisera ir à polícia e o tio prometera-lhe que lhes escreveria. Uma das fantasias de Jess fora conseguir fazer uma carta chegar à própria Georgia, que a deixaria com um peso na consciência e que ela confessaria à polícia. E quanto mais velha Jess ficara, mais intensa e arrebatadora se tornara essa fantasia, de certas formas. Porque ela tinha, certamente, um peso na consciência — esta mulher que estava sempre a aparecer como embaixadora de causas nobres, a dar entrevistas em revistas e na televisão

sobre tentar utilizar a sua plataforma para o bem, para destacar a injustiça, a opressão ou a desigualdade. Mas se ela tinha consciência, porque é que ainda não o fizera? Porque é que não fizera *nada* na época? A hipócrita. A maldita hipócrita. Quando se permitira ponderar sobre o assunto, a raiva de Jess em relação a Georgia Crane corroera-a quase tanto como a raiva que sentia em relação ao próprio Jackson Crane.

Ela tinha 10 anos quando tiveram Internet em casa, *dial-up*, e a primeira coisa que fez foi ir a todos os sites de fãs de Jackson Crane, comparar as datas e tentar perceber onde ele estava quando o acidente se dera. Demorara muito tempo. E o tio e a tia não pararam de lhe perguntar o que estava ela a fazer, ao que ela respondera sempre: «Trabalhos de casa». As datas *coincidiam*. Uma noite foi tudo o que precisou uma menina de 10 anos para descobrir; algo que a polícia obviamente nunca se dera ao trabalho de verificar. Que Jackson Crane *estivera* em Inglaterra aquando do acidente, nas rodagens de um filme horrível sobre o Natal.

Ela descera as escadas a correr tão depressa que embatera na parede ao dobrar a esquina entre os dois andares, entrara para a cozinha numa derrapagem tão rápida que a tia e o tio saltaram nas cadeiras. Ela estava tão ofegante que mal conseguira falar. E na sua mente, o tempo todo, embora fosse tudo tão real e ainda tão doloroso, talvez uma das maneiras como lidara com aquilo fora pensar em si mesma como uma espécie de detetive — Nancy Drew, a resolver o mistério do homicídio dos pais, como num dos seus livros — e agora essa fantasia parecia estar a tornar-se realidade. Só que os tios não pareceram entusiasmados. Nenhum deles empurrara de imediato a cadeira para trás e corra para o telefone na parede a informar a polícia. Em vez disso, trocaram um olhar eloquente com um suspiro, o tio fora para a outra divisão sem dizer uma palavra, e a tia mandara-a sentar-se para terem uma conversa séria sobre como aquilo estava a perturbar toda a gente e como ela já era uma mulherzinha para estar com essas coisas. A tia pousara uma mão na mão de Jess e, olhando-a nos olhos, com seriedade,

preocupada, disse:

— Compreendes o que eu digo, Jess? Isto tem de parar agora. Não é bom para o teu tio, toda esta tensão. Faz-lhe mal ao coração. Não é bom para nenhum de nós. Não é saudável para *ti*, querida. — E depois disso, sempre que ela ia à Internet, ao fim de cinco minutos, um ou o outro lembrava-se de que precisava de alguma coisa do armário que havia na sala do primeiro andar onde o computador estava, ou aparecia para ver se ela queria um sumo de frutas ou uma bolacha.

Quando Jess foi para a secundária, já se habituara à forma como a expressão das pessoas mudava quando ela começava a falar «daquilo tudo», à forma como os seus semblantes se tornavam rígidos, à certeza absoluta de saber o que elas estavam a pensar; ela já ouvira todos os motivos que alguém poderia apresentar para não poder ter sido Jackson Crane ao volante daquele carro, por que a passageira não poderia ser Georgia. Porque, naquela data, ela estivera a filmar noutro sítio, do outro lado do planeta. Se estivesse a filmar em Pinewood, que ficava perto de Londres, porque é que Jackson Crane andaria a alta velocidade numa estrada rural em Northamptonshire? O que acontecera ao carro que ele ia a conduzir? Por que carga de água uma pessoa famosa como Jackson Crane conseguiria escapar de uma coisa assim, sem que a imprensa descobrisse, sem que o mundo inteiro soubesse?

E assim, farta da reação das pessoas, sem saber como responder a essas perguntas, Jess deixara de aludir a Jackson Crane, deixara de falar de Georgia Crane, mesmo aos amigos mais íntimos. Um condutor não identificado que provocara o acidente e abandonara o local, era isso que ela dizia às pessoas, quando dizia alguma coisa sobre os pais. Porque era capaz de adivinhar o que diriam, como reagiriam, todas aquelas raparigas da escola que adoravam Jackson Crane, que tinham um póster dele no cacifo, a fotografia dele colada nas capas encadernadas, se ela lhes dissesse a verdade sobre ele, que ele matara os seus pais e que Georgia Crane nada

fizera para o impedir ou denunciar. Chamar-lhe-iam louca. Diriam que só queria chamar as atenções.

Fora então, talvez, que as suas fantasias tinham começado a ensombrar. Fora então que as suas visões pueris de levar Jackson e Georgia à justiça — todos os seus planos inteligentes e absurdos para os confrontar e levar Jackson a uma confissão gravada ou espicaçar a consciência de Georgia — tinham começado a esmorecer, e outras fantasias começaram a ocupar o seu lugar. De vinganças mais cruéis. De represálias mais selvagens. Não importava porquê, ou como, ou mesmo se ela tinha alguma influência nisso, tudo o que queria era vê-los sofrer. Que os seus filmes fossem um fracasso. Que o seu casamento fosse por água abaixo. Mas não. Nada disso aconteceu. E nenhuma das piores coisas que ela por vezes lhes desejara acontecera. Pelo contrário, tinha de ler e ouvir sobre como eram felizes e bem-sucedidos. Quanto os seus últimos filmes tinham rendido. Como toda a gente estava empolgada com a produtora que eles estavam a lançar. E ela tentara perdoar-lhes, a Jackson e Georgia. Lera com fascínio sobre aquelas mães que eram capazes de perdoar, de trocar correspondência com os assassinos dos filhos. Ela desejara ser capaz de lhes perdoar, aos Cranes. Conseguira sentir o que toda aquela raiva lhe estava a fazer por dentro. E talvez fosse capaz de lhes perdoar, de começar a seguir em frente, se eles fossem apenas pessoas normais que ela poderia fazer de conta que não existiam, se um ou o outro, ou os dois, não estivessem sempre presentes, sempre que ela se sentava na paragem do autocarro, ia ao cinema, abria uma revista, ou ligava a Internet. Era como ser picada, queimada. Uma e outra vez. Sempre que via um deles a rir, numa passadeira vermelha, por exemplo, era como se estivessem a rir dela. A rir do que tinham feito. A rir daquilo de que tinham escapado sem sofrer as consequências.

Mesmo que ainda não conseguisse explicar como Georgia Crane poderia estar naquele carro naquela noite com Jackson.

Tanto quanto Jess conseguira apurar, no momento do acidente, Georgia

estava a rodar no Taiti, durante semanas antes e semanas depois. Era possível encontrar vídeos online de Georgia no *plateau*, a dizer que estava com muitas saudades do marido, que era difícil passarem o Natal separados. Era possível vê-la, em material que, presumivelmente se destinara às cenas extras do DVD, a ser entrevistada na praia com as outras estrelas que com ela contracenavam, a visitar o Pearl Museum em Papeete, a aprender a andar de *jet ski*. Fizera uma tatuagem de um padrão tradicional no tornozelo — falara sobre isso no programa de Freddie Hunter, puxara a perna das calças para cima e mostrara-a ao público — para nunca esquecer o tempo que passara na ilha. Não obstante, Jess sabia o que vira naquela noite.

Ocasionalmente, quando Jess se sentia tentada a levar a história à imprensa ou a publicar alguma coisa na Internet, pensava na maneira como aqueles que mais a amavam tinham feito um esforço para acreditar nela. Não era difícil imaginar o que aconteceria à pessoa que denunciasse em público uma alegação dessas, a avalanche de ridicularização que a demoliria, antes mesmo de começar a pensar nas implicações legais de fazer essa acusação na praça pública contra um homem tão rico, tão poderoso, tão amado, sem provas para a sustentar.

Agora, a desenrolar-se no ecrã diante dos seus olhos, ali estava. Jackson Crane e uma mulher que só podia ser a sua, Georgia, a discutir num quarto de hotel na fatídica noite. Um quarto que agora, olhando ao contexto, ela não duvidava ser uma das suítes do Country Home, mesmo ao fundo da rua onde o acidente se dera, a gritar um com o outro sobre um acidente rodoviário. Sobre de quem fora a culpa. Sobre o que fazer a seguir. Sobre se deveriam ou não chamar a polícia ou uma ambulância, informar um advogado ou Ned. Provas. Eram provas. Precisamente o tipo de provas concretas e irrefutáveis com que Jess sonhara e mal se atrevera a aspirar toda a vida.

Meia hora de filme. Depois de assistir à totalidade, com os olhos cheios de lágrimas, trémula, Jess voltou imediatamente ao início e começou a ver

outra vez. E depois voltou ao início e viu outra vez.

CONTINUAÇÃO DAQUI

«Fui a Londres».

Essas três palavras, enviadas por e-mail por Ned Groom à sua assistente pessoal, Nikki Hayes, às 2h36m de sábado, 30 de outubro, talvez tenham desencadeado mais especulação do que qualquer outro aspeto dos acontecimentos no Island Home. De acordo com o inspetor superintendente Neil Forsyte, agente de investigação principal nomeado pela polícia de Essex para a investigação, numa declaração aparentemente destinada a acalmar algumas das teorias mais absurdas a circular, não havia outra coisa na caixa de correio ou nas mensagens enviadas de Ned Groom capaz de dar alguma pista para o motivo por que poderia querer abandonar a ilha tão subitamente, com quem se poderia ir encontrar ou onde poderia ser esse encontro, ou até mesmo como pretendia chegar ao continente.

Essa noite de sexta-feira foi desanuviada e calma. A festa correu sem incidentes. Segundo testemunhas, Ned não estava visivelmente embriagado quando foi visto pela última vez. Nas palavras de um *barman* do Island Home, em jeito de confidência: «Nós servimos-lhe algumas bebidas — ele esteve na festa —, mas eu sempre vi o Ned completamente controlado».

O Home Group e respetivos advogados não tardaram a responder aos rumores segundo os quais a empresa está a atravessar dificuldades financeiras ou de que, desde então, se descobriu que somas avultadas

desapareceram de contas da empresa.

Não há motivos para se pensar que Ned Groom poderia desejar atentar contra a própria vida, tão-pouco alguém reportou tê-lo visto perturbado ou com comportamentos inusitados nos dias que antecederam o desaparecimento. «Ele era», escreveu Annie Spark no breve comunicado que ainda consta do Instagram oficial do Home, «um homem brilhante no auge da carreira. Um inovador, um disruptor, um visionário. Um lançador de tendências, um rebelde. Um homem com os olhos sempre postos no futuro, no desafio seguinte, na aventura seguinte.»

O seu corpo foi recuperado do mar 13 milhas a leste da ilha, 7 dias depois do seu desaparecimento. Segundo a tripulação do pesqueiro que içou a macabra descoberta para o convés, aquilo que avistaram foi a sua camisa, enfundada à superfície da água — segundo um membro da tripulação, de início pensaram tratar-se de «um velho saco de plástico».

É provável que a temperatura do Mar do Norte tenha impedido o cadáver de vir à tona mais cedo. É provável que tenha passado algum tempo no fundo antes de inchar e subir, andando à deriva com as marés e as correntes até ao local onde foi encontrado. Embora os corpos recuperados da água geralmente não se apresentem, ao fim de uma semana, num avançado estado de decomposição, muitas vezes não é possível confirmar a causa de morte exata com algum grau de certeza. Na autópsia, apurou-se que não havia sinais evidentes de lesões físicas, à exceção das provocadas pelas redes de pesca utilizadas para içar o corpo. Sem apresentar fraturas ósseas, é extremamente improvável, apesar dos persistentes rumores na Internet, que tenha sido em qualquer momento atirado ou alijado para o mar de um helicóptero. A posterior investigação redundou num veredicto em aberto.

Quer estivesse vivo ou morto, consciente ou de algum modo incapacitado aquando do sucedido, as revelações da autópsia sugerem a probabilidade de Ned Groom ter entrado nas águas do Mar do Norte algures durante as primeiras horas da manhã de sábado. O conteúdo do seu estômago revelou

o bife do lombo que foi servido na noite de sexta-feira, sugerindo que morreu depois da festa, mas antes de ingerir uma refeição substancial (o seu pequeno-almoço habitual era ovos à Florentine) no dia seguinte. Tudo isso torna esse único e-mail ainda mais enigmático. Afinal de contas, o tempo verbal sugere que o remetente já tinha abandonado a ilha. Se Ned Groom o fez, ainda ninguém apresentou uma explicação completamente plausível para como, tão-pouco, se pretendia convencer o irmão e a assistente pessoal de que abandonara a ilha quando não o fizera, vá-se lá saber porquê.

É fácil, tal como diz Freddie Hunter, fazer com que os acontecimentos no Island Home nos transformem em detetives de trazer por casa. Esmiuçar persistentemente os longos artigos dos jornais, ouvir *podcasts* com todos os prolixos clichés das reais diegeses de crimes, e permitir que tais logros baratos de familiaridade nos levem a tratar todo o caso como se fosse entretenimento ligeiro. Talvez seja mais difícil colocarmo-nos na pele dos pais idosos de Ned Groom, de 79 e 84 anos, conduzidos da sua residência em Wiltshire até uma morgue em Maldon para identificar o cadáver do seu primogénito depois de passar uma semana na água, alertados de antemão para os tipos de efeitos sobre a pele e a carne que determinado período de tempo debaixo de água salgada tem, informados sobre as lesões provocadas por caranguejos, peixes e piolhos do mar em qualquer objeto comestível que tenha estado no fundo oceânico. Confirmando que, sim, mesmo assim o queriam ver, mesmo naquele terrível estado. Sendo-lhes mostrado o *Rolex* que ainda estava no corpo e perguntado se o objeto lhes era familiar. Tendo-lhes sido dado um momento para se prepararem, um momento passado já a imaginar o que haveria por detrás da cortina, apertando a mão do companheiro com força. Sendo-lhes mostrado um objeto inerte, mosqueado e ceroso deitado numa maca e sendo-lhes perguntado: «É o vosso filho?», ao que responderam com um assentir da cabeça.

Então, imagine-se ter de passar por esse processo duas vezes.

Capítulo Oito

Noite de Sábado

Nikki

A sensação pouco comum do seu telemóvel mudo e quieto no bolso incomodou Nikki.

Em qualquer outro dia, estaria num frémito com os constantes pedidos de Ned e de todos os outros a solicitar cinco minutos com o patrão. Porém, com toda a atenção concentrada nos membros, a ausência de Ned passara quase despercebida entre os funcionários.

Não obstante, por força do hábito, a cerca de cada cem metros, Nikki tirou-o do bolso para ver se tinha mensagens.

17h32m. Nada. 17h52m. Ainda nada. Não tardaria a ficar de noite e ela deveria voltar à sua cabana para se vestir para o jantar. Nikki escolhera o lado mais sossegado da ilha para dar um passeio, onde ficava o alojamento do pessoal ao lado do horrível cais de desembarque onde se faziam as entregas de provisões por barco. Com os pés a afundar a cada passo por cima dos seixos, e o capuz sobre a cabeça para se proteger dos chuviscos, sentiu uma espécie de calma estranha ao contemplar o mar. Mais adiante, havia um aglomerado de barracões de praia que já existiam antes do Home e que Ned não se dera ao trabalho de mandar demolir, porque ninguém importante os veria, e maciços de erva alta que estremecia com o vento que soprava do mar.

Agora, a ausência de Ned começava a parecer um pouco estranha. Afinal de contas, na noite anterior, estivera muito ativo: a inspecionar *espresso martinis* e a mandar bandejas inteiras para trás se a espuma estivesse irregular, a atormentar empregados para manterem um fluxo constante de pratos pequenos a vir da cozinha. A sua constante interferência era necessária? É discutível. Era útil? Não. Uma utilização sensata do tempo valioso de um CEO? Decididamente não. Mas lembrava a todos quem é que mandava, de quem era a festa, a quem pertenciam o clube e a empresa.

Já andava a caminhar assim há meia hora, contra o vento, absorta, enquanto as cores da paisagem se esbatiam à sua volta, ainda longe de conseguir pôr as ideias em ordem. Era estranho como a nossa perspectiva das coisas mudava com o passar do tempo, gradualmente. Mesmo depois de tudo o que acontecera, ainda sentia um orgulho secreto na sua relação com Ron, uma certa autossatisfação por ele a escolher a *ela*. Ainda sentia um arrepio quando pensava em alguns dos seus elogios. Ele elogiara a sofisticação dela, ela dissera em jeito trocista que era apenas do seu sotaque britânico. Ele dissera várias vezes que a achava inteligente, pese embora ela não estar numa sala de aula desde os 14 anos.

— A vida não é o que vem nos livros — dissera ele, refutando a modéstia dela. Eram coisas que ela aceitara como verdades, coisas que tinham passado a fazer parte da noção que tinha de si mesma, uma espécie de presente que ele lhe havia oferecido, pensara. E depois, tornara-se um pouco mais sensata, um pouco mais experiente e sofisticada.

Ao pensar em algumas das coisas que fizera, percebeu que talvez tenha tentado parecer mais velha, mas sofisticada não era a palavra certa. Lembrou-se de algumas coisas que dissera e encolheu-se, cerrou os punhos de embaraço, porque inteligente não era, *decididamente*, a palavra apropriada.

O que sentia em relação a ele não mudara num grande lampejo de revelação, mas, gradualmente, passara a encarar os seus sentimentos por

uma perspectiva mais desconfortável. Na casa dos 20 anos, namorara de modo mais adequado, homens da sua idade, nunca nada de sério, mas ela nunca se descaíra — nada de nomes, nenhuma alusão ao bebê, claro — e sempre ficara chocada com as reações deles às coisas que Ron gostava que ela fizesse. E agora, quando via fotografias suas de então, ficava assombrada não só com o quão magra era e com a sua beleza, mas também ao perceber que ninguém poderia *acreditar* que ela tinha a idade que dizia ter.

Pensou nas coisas que Ron dissera — como era condescendente repetir como ela era inteligente, como ele deveria rir consigo mesmo ao ver aquela criança a explodir de orgulho com o elogio. Como ele nunca faria isso a alguém que pensasse ter metade de um cérebro na sua cabeça tonta. Como as coisas que então lhe pareceram sofisticadas — como estar deitada na cama da suite dele, a beber champanhe, a pedir o serviço de quartos e a ver filmes a preto e branco — deixaram de o parecer tanto quando pensava que eles nunca tinham saído do edifício juntos, que ele a obrigava a esgueirar-se do quarto dele e a correr para o elevador depois de se pôr à escuta para ter a certeza de que não estava ninguém no corredor; que quando o serviço de quartos chegava, ela tinha de se esconder na casa de banho, e quando ele atendia um telefonema, ela tinha de jurar não dar nem um pio.

E, muitas vezes, pensava nele, no bebê, e na decisão que tomara pelos dois. E questionava-se, com angústia, onde ele estaria e o que estaria a fazer, pensando em todas aquelas famílias felizes, todas aquelas crianças sorridentes das brochuras. Às vezes, tinha a perfeita convicção de que tomara a decisão certa para todos, mas, outras, interrogava-se se fora a decisão certa para si mesma. Porém, com o passar do tempo, de uma coisa passara a ter a certeza: que o seu filho, quem quer que ele viesse a ser, estava melhor sem saber quem era o pai, sem nunca vir a saber o tipo de pessoa que ele era.

Depois levantou a cabeça e viu-o.

O filho dela.

Um vulto solitário, vestido para ir correr, auscultadores ao pescoço, a atirar pedras com fúria para a água, com toda a sua força e o mais longe que conseguia para as ondas.

Só quando se baixou para apanhar outra mão-cheia de pedras é que percebeu que ela estava ali.

— Olá, Kurt — disse ela.

Ele arremessou outra pedra, esfregou o nariz com a parte de trás da manga. Por instantes, pensou que ele a iria ignorar.

Então, ele olhou para ela e depois falou.

— Tu não sabias, pois não? Da filmagem?

Nikki fez um esforço para não enrugar a cara. Abanou a cabeça.

— Nunca suspeitei — disse ela. — Só soube este fim de semana. Só depois de me questionares sobre o pacote e me dizeres o que aconteceu ontem. Não fazia ideia. Sinceramente, não fazia ideia. Pensei que conhecia bem o Ned porque assim tinha de ser, por motivos profissionais, para fazer o meu trabalho. Eu respeitava-o, confiava nele. E depois tu descobriste... — Não concluiu a frase.

Kurt olhou para ela.

— Sei exatamente aquilo que sentes.

— Então tu... também viste? — indagou.

— Não vi tudo. Mas vi o suficiente, para ficar com uma ideia. Ouvi quanto basta. As mesmas frases feitas, a lengalenga, as mesmas piadas. O pai a servir-se de uma bebida, a servir-lhes uma bebida, sentado na cama ao lado delas. E depois um corte e uma passagem para a rapariga seguinte, para o quarto do Home seguinte... — Kurt respirou fundo, abanou a cabeça. Ela sondou os olhos dele, tentando perceber se o seu próprio rosto de 15 anos contracenaria no filme, se ele a reconheceria.

— E calculo que o Ned pense que me fez um favor com isso, ao poupar-me a ter de assistir ao que aconteceu a seguir. — Kurt esfregou com dois

dedos um ponto entre as sobrancelhas. — Mas só que agora fico a imaginar...

— Lamento — disse Nikki.

— Sabes, tem piada, crescer na família em que cresci, ser criado da forma como os meus pais nos criaram a todos. Era suposto sermos todos iguais e nunca falamos sobre quais de nós eram os filhos biológicos deles, quais de nós foram adotados. Toda a nossa vida nos disseram para nem sequer pensarmos nisso, que não importava. Nós fazíamos parte de uma tribo, o Ron era o pai, a Marianne era mãe, e mais nada. E as nossas certidões de nascimento têm os nomes deles. Mesmo que quiséssemos, nunca saberíamos, sem um teste de ADN, e eu duvido que o pai fosse sequer capaz de nos dizer agora. Não me importava, mas acho que houve sempre uma parte de mim que esperava que eles fossem os meus pais biológicos, que ele fosse o meu pai. Não por achar que isso faria de mim melhor do que os outros, não por achar que ele me amaria mais. Apenas porque o admirava muito, sabes? Apenas porque parte de mim acreditava que tinha essa ligação com ele e que por isso tinha mais probabilidades de herdar a sua magia. Agora, só peço a Deus para não ter uma gota do sangue dele.

Nikki engoliu as palavras que estavam a fervilhar-lhe na garganta.

— Quem tu és não tem nada que ver com quem o teu pai foi nem com o que aconteceu naquelas suites do Home.

Kurt olhou para a palma da mão para escolher a pedra que iria arremessar a seguir, parecendo depois arrepender-se.

— Passei a vida inteira a tentar ser como aquele homem. A idolatrá-lo. Mas deveria ter adivinhado, deveria ter previsto — continuou. — Simplesmente, era uma daquelas coisas que temos como um dado adquirido, coisas que o pai e os amigos dele costumavam dizer, que faziam a mãe revirar os olhos. Que se fôssemos um homem de sucesso, haveria sempre estas mulheres, este estilo de mulher em particular, que se atirariam

aos nossos pés. Que era um dos problemas do sucesso, uma das desvantagens. Creio que, simplesmente, acreditei nele.

Fez um compasso de espera.

— Mas não foi isso que eu vi aqui. Muito pelo contrário. — Tirou a *pen* do bolso.

Uma onda rebentou e varreu os seixos, recuando depois. Agora, estava a ficar mesmo escuro. Por toda a ilha, as pessoas estariam a envergar os mantos e as máscaras que tinham sido entregues nas suas cabanas, questionando-se se haveria algum significado associado à máscara da comédia ou da tragédia que lhe tinha sido entregue. Nikki gostaria de ter alguma coisa por debaixo da qual se esconder.

— Tenho-me interrogado acerca da certeza do Ned em como vou pagar. Quero dizer, ele sabe que eu tenho o dinheiro, sabe que terei ainda mais quando o pai morrer, o que já não falta muito para acontecer. Também já não pode prejudicar a mãe, pois ela faleceu. Mas ele está a pedir *muito* dinheiro e deve perceber que, depois de eu ver isto, não vou pensar que o pai merece o seu legado. O Ned pensa que eu vou pagar para proteger os meus irmãos e irmãs, não é? Que se eu recusar agora, estarei a tomar uma decisão por iniciativa própria que nos prejudicará a todos. Mas sabes que mais? Eu não tenho culpa disto e não tenho obrigação de guardar este segredo. Devolve isto ao Ned e diz-lhe que não. Diz-lhe que vou abandonar a ilha neste preciso instante.

Kurt devolveu-lhe a *pen*, rodou sobre os calcanhares e desapareceu na escuridão. Ela recebeu-a e apertou-a com força nas mãos.

Quando regressou à sua cabana, Nikki abriu o portátil e inseriu a *pen* na entrada USB. As imagens foram reproduzidas automaticamente. Vinte e sete minutos de imagens, todas filmadas de uma maneira, de tal ângulo, que as suites nunca poderiam ser identificadas como pertencendo ao Home. Imagens mais tremidas e com mais grão do que imaginaria, mas era indiscutivelmente Ron. Parado no tempo, exatamente como ela se lembrava

dele. O cabelo ainda preto, vincos nos cantos dos olhos, sem serem ainda rugas, as raparigas ao lado dele no sofá, na cama, a comportar-se da mesma maneira que ela se imaginava naquela suite há 25 anos. Contudo, nenhuma delas *era* ela. Além dos pormenores gráficos, Ned poupou Kurt também a isso — com a ameaça subentendida de que existia algures a versão não editada, uma versão alargada que seria divulgada caso Kurt não pagasse.

— Meu Deus, eu nunca faço isto, mas tu és tão bonita, sabias? E tão inteligente, meu Deus. Tão sofisticada... — Aquela fala arrastada confiante. Aquelas palavras conhecidas. — Chega aqui, querida.

Nikki correu para a casa de banho para vomitar.

Jess

Desde a cabana número 42, Jess seguira o carrinho de golfe de Georgia no seu próprio carrinho, sem nunca se aproximar muito, praguejando entredentes quando outro carrinho se metia de permeio, furiosa quando esse mesmo carrinho parava num cruzamento para dar prioridade a outro. E radiante quando o seu pequeno cortejo chegou ao caminho circular defronte do The Manor, onde todos os convidados tinham recebido instruções para se reunirem para o início do espetáculo da noite, e avistou Georgia (e era inconfundivelmente Georgia, com aquele pescoço comprido e pálido, aquelas clavículas, aqueles cabelos negros acetinados), com a máscara posta, mas o capuz para trás, enquanto o motorista a ajudava a descer para a gravilha.

Jess hesitou a alguns metros de Georgia, com apenas algumas pessoas entre elas, à beira do fontanário que havia ao centro do caminho circular, enquanto todos aguardavam expectantes que acontecesse alguma coisa. Jess apertou o manto mais junto ao peito — era tão comprido que receava tropeçar e rasgá-lo, denunciando-se de imediato — e puxou o capuz de forma a cobrir-lhe o cabelo quase até à máscara.

Por fim, o espetáculo começou com o súbito gemido de um violino, uma proclamação, o assomar de uma trupe de lacaios e damas de honor à entrada do The Manor, que depois desceram os degraus e dispersaram em várias direções, informando grupos de pessoas para os seguir conforme passavam, e Jess teve de ser rápida para não perder Georgia de vista, enquanto esta e as três ou quatro pessoas que estavam à beira dela foram encaminhadas — «Por aqui!» — por um arco de tijolo para o antigo jardim botânico. Por todo

o jardim, até ao caminho pelo meio do arvoredado (as árvores iluminadas por fantasmagóricas luzes brancas), Jess não desviou os olhos do capuz de Georgia, estugando o passo quando lhe parecia que ela estava a afastar-se, deixando-se ficar para trás quando esta fazia um compasso de espera ou abrandava.

Tinha de admitir que era um espetáculo e peras. Os mantos. As máscaras. A solene procissão iluminada por archotes pelo meio dos jardins, as velas nas janelas do The Manor, as fogueiras a lançar faíscas no relvado principal. A mulher que os chamava com um vestido branco adejante, segurando uma candeia, que assomara de súbito à entrada de um dos caminhos que conduziam ao bosque. O homem de bigode envergando um fato de caça antigo de três peças, um relógio de bolso na mão, com passos largos, cabeça baixa, pelo meio dos hóspedes reunidos, atento ao relógio, a murmurar com os seus botões. As vozes sussurradas nas sebes, os vislumbres de rostos no meio das árvores. O súbito grito num arvoredado que se iluminava de repente.

Por detrás da máscara, Jess não desviava os olhos da mulher à sua frente.

Este plano não lhe ocorrera de um momento para o outro. Durante muito tempo, quando imaginava vingar-se de Jackson Crane — e Jackson Crane sempre fora o alvo das suas fantasias — era uma vingança simples e sangrenta que lobrigara. Em quantos veículos diferentes se imaginara a atropelar aquele homem? Quantas vezes, nos seus sonhos, se ideara a servi-lo num restaurante, quiçá a churrasqueira do The Grange, e percebera que, ao olhar para a toalha de mesa branca à frente dele, tinha nas mãos uma faca de trinchar, um saca-rolhas. E era sempre no momento daquela primeira facada que acordava, ou no momento em que o carro que ia a conduzir embatia contra ele, que a fantasia se esbatia, porque não passavam disso mesmo: de sonhos, fantasias. Fora quando o seu cérebro começara a dedicar-se a formas detalhadas e específicas de matar Jackson sem ser apanhada que percebera que aquilo se estava a transformar em algo mais.

A ideia da overdose fora a primeira a ganhar forma, a ideia de lhe

adulterar a bebida. Depois a ideia de, de alguma forma, colocar o frasco dos comprimidos na posse de Georgia. E isso parecera-lhe o castigo adequado, a recompensa apropriada, para Georgia Crane.

Este toque final só lhe ocorrera quando já estava na ilha. Só depois de ver aquelas imagens. Só depois de ver, uma e outra vez, Jackson, com a fala arrastada, assumir a sua culpa, enquanto em segundo plano, Georgia Crane — a mulher que ela sempre imaginara coagida pelo marido a manter o silêncio e a ser sua cúmplice — recebia telefonemas, fazia telefonemas, assumia as rédeas da situação. Se Jackson fora responsável pelo crime, era evidente quem fora responsável pelo encobrimento.

Não tivera dificuldade em conseguir uma máscara e um manto nessa tarde. Jess apenas se apresentara e pedira uma máscara e um manto para um membro que dissera estar atrasado e que teria de se juntar ao espetáculo no relvado. Todos os tipos de pormenores em que pensara para o caso de lhe perguntarem quem autorizara isso, quem era o membro. O fulano apenas lhe perguntara o tamanho do manto e que tipo de máscara queria.

Era evidente que Jess ficara inexpressiva. Depois, pela primeira vez, o sujeito olhara para ela.

— A máscara. Comédia ou tragédia. Qual deseja?

— Qualquer uma — respondera Jess.

Um pouco adiante no bosque, Jess tentou abeirar-se mais de Georgia, assim que o seu grupo se juntou a outro mais numeroso e as pessoas se cumprimentavam com um menear da cabeça, a chamar por entre as árvores. Que sensação estranha deveria ser para algumas andar pelo mundo sem serem reconhecidas. Como era conveniente para ela.

Jess estava tão concentrada em Georgia que mal percebeu a maior parte do espetáculo. Quanto custaria? Quanto trabalho teria dado a criar? Em determinado momento, um homem jovem com a cara pintada de branco, de collants, calções e um uniforme cheio de botões, dobrou a esquina de uma estufa e passou para a mão de Jess um envelope lacrado. Pouco depois, uma

rapariga com uma peruca branca e alta apareceu nas suas costas e começou a perguntar se alguém tinha uma mensagem para ela; Jess demorara algum tempo a perceber porque é que, de repente, estava toda a gente a olhar para ela. A páginas tantas, numa clareira — nesta fase, ela já não sabia em que ponto da ilha se encontravam —, assistiram a um duelo entre dois homens que usavam tricórnios, vendo um de repente enterrar a lâmina no outro, e esse a soltar um convincente grunhido de dor, caindo, destroçado. Num canto do roseiral encovado, cruzaram-se com um homem com as mãos amarradas e um saco na cabeça, de pé, em cima das tábuas de uma plataforma subida, de corda à volta do pescoço; ouviram outro homem, de pergaminho na mão, ler a sentença; viram a corda ser arremessada — à segunda tentativa — por cima do ramo de um carvalho sobranceiro no jardim. Depois, foram conduzidos à pressa para longe.

Apenas uma vez, e apenas por um instante, Jess quase se afastou de Georgia, quando se aproximavam do The Manor para o grande final, e alguém saiu do meio de um arbusto («Depressa! Por aqui! Temos de nos apressar!»), agarrou Jess pelo braço e a tentou conduzir, com mais duas ou três pessoas do seu grupo, noutra direção, a direção *errada*. Jess só conseguiu libertar-se e juntar-se aos outros, ignorando o membro da trupe, dando um puxão com o braço, recusando os chamamentos enquanto seguia no encalço dos outros, atrás de Georgia, que se afastava.

E agora ali estavam todos, reunidos outra vez no relvado principal, archotes a cintilar no meio das árvores, enquanto, grupo após grupo, o público foi conduzido para o ponto de partida, com o vento a fazer as chamas das fogueiras saltarem e volutearem. As máscaras de tragédia pareciam mais desoladas do que nunca. Os esgares das máscaras de comédia pareciam alienados e sardónicos.

Pelas janelas do salão de baile, via-se o brilho difuso de velas; pelas portas abertas do salão de baile, chegava o som de instrumentos a serem afinados. Depois, foram todos conduzidos pelas escadas, desde o relvado

até ao amplo terraço com balaustradas, e daí para o salão, onde uma dúzia de músicos trajados a rigor ocupavam um canto, e um grupo de dançarinos com camisas de algodão ou em mangas de camisa, todos eles descalços, todos inexpressivos, aguardava, imóvel, no meio do salão, dando ela por si (finalmente) mesmo ao lado de Georgia Crane. Tão perto que poderia esticar o braço e tocar-lhe. Tão perto que quando murmurou uma coisa, apenas Georgia se virou.

— O quê?

Entreolharam-se. Era impossível saber qual a expressão de Georgia por debaixo da máscara sorridente. A voz dela — aquela voz familiar e inconfundível — soou genuinamente espantada, aturdida.

— Assassinos — repetiu Jess.

Sem dúvida de que, noutras circunstâncias, Georgia ter-se-ia afastado, feito um escarcéu. Sem dúvidas que, por instantes, ficou a pensar se aquilo faria parte do espetáculo. Quando, discretamente, se afastou um passo de Jess, recuando, chocou logo com a pessoa nas suas costas, que mudou o peso de um pé para o outro e fez um pouco de força com o ombro contra ela.

Jess aproximou-se ainda mais — até as testas das máscaras quase se tocarem — e repetiu a palavra uma terceira vez. Era a verdade. Georgia e Jackson Crane tinham assassinado os seus pais. Um deles com morte imediata, o outro com morte lenta. Tinham assassinado os pais dela e depois tinham regressado ao Country Home, e ele chorara e gritara e bebera até ficar entorpecido, enquanto ela fizera e recebera telefonemas e andara de um lado para o outro pelo quarto, com os seus cabelos escuros a oscilar. A telefonar a quem? A receber telefonemas de quem? Dos seus advogados? Dos seus agentes? De algum tipo de pessoa que resolve problemas?

Porque nenhum deles telefonara à polícia. Nenhum deles chamara uma ambulância. Nenhum deles se dera sequer ao trabalho de ver se havia mais alguém no carro. Uma menina praticamente sem nenhum arranhão, como

que por milagre, dependurada de cabeça para baixo, presa pelo cinto de segurança durante horas e horas, a falar para os pais e sem ter uma resposta, com um frio terrível, a gritar, a chorar, aterrorizada, angustiada. E quando se via aquelas imagens da *pen*, havia uma hora inteira, mais de uma hora — podia ver-se o relógio ao fundo do ecrã passar das 02h15m para as 03h21m —, em que a mulher naquele quarto desaparecera para fazer alguma coisa, ou tomar um duche, mudar de roupa, pois trazia uma roupa diferente quando voltou a aparecer. E Jess deu por si a pensar que mesmo que ela — Georgia — tivesse alertado as autoridades, tivesse dito a alguém o que acontecera, mesmo sob anonimato, talvez tivessem conseguido fazer alguma coisa para salvar o pai e a mãe poderia não ter passado o resto da vida em coma. Enquanto crescia, Jess tivera momentos em que dera por si a pensar se Georgia teria também sido uma vítima. Aquilo que vira esta tarde eliminara de vez essa dúvida. De cada vez que assistira ao vídeo, tornara-se mais frustrante o modo como Georgia aparecia tão pouco nas imagens, como parecia sempre ser apanhada de costas ou a falar fora do enquadramento, como nunca se conseguia ter uma perspetiva clara da cara dela ou da sua expressão. Mas mesmo assim, mesmo em todas aquelas imagens, não havia um único momento em que ela pudesse ser vista ou ouvida a demonstrar qualquer preocupação com as pessoas que iam no carro, qualquer remorso pelo que ela e Jackson tinham provocado, qualquer preocupação com outra pessoa a não ser eles os dois.

Apesar de a dança já ter começado, apesar de a música estar ao rubro e os dançarinos estarem, lentamente, a desenrolar-se das poses em que tinham estado estáticos, Jess tinha toda a atenção de Georgia.

— Olha — disse Georgia. — Não sei o que vem a ser isto, mas se faz parte do espetáculo, acho que é de muito mau gosto. E se não faz parte...

Avançou um passo para Jess, mas esta adivinhou a tentativa de lhe arrancar a máscara para saber com quem estava a falar. Quando Georgia levantou a mão, Jess agarrou-lhe o pulso, apertou-o com força, e torceu-o

um pouco, como era costume fazer-se na escola, mas com mais força, os dedos a enterrar-se na parte mole do antebraço de Georgia, e continuou a torcer.

De dentro da máscara de Georgia, ouviu-se um arfar, uma aguda inalação.

— Dia 12 de dezembro de 2001. Essa data não te diz nada?

Os olhos de Georgia estreitaram-se nas ranhuras dos olhos da máscara. Pensou ou fingiu pensar por instantes. Depois abanou a cabeça.

Duas semanas antes do Natal. Fora quando aconteceu. Tinham passado a tarde em casa da tia, ao fundo da rua na aldeia vizinha. Era uma viagem rápida àquela hora da noite. Jess discutira com eles porque queria comer outra torta doce quando chegassem a casa e ficar acordada mais um pouco a ajudá-los a enfeitar o pinheiro.

— Pensa melhor — disse Jess. — Puxa pela cabeça.

Não torceu o pulso de Georgia outra vez, mas apertou com mais força durante um minuto, para mostrar que não estava a brincar, para deixar claro que não fazia parte do espetáculo, que não se importava se, pela manhã, Georgia tinha nódoas negras no seu braço branco como a cal ou quanto custaria e quanto tempo demoraria a apagá-las digitalmente do filme que estivesse a rodar ou fosse rodar.

— Estava no Taiti — acabou por dizer Georgia, hesitante, depois de pensar um pouco e de mais alguma pressão no braço. Depois, com mais confiança, resoluta, disse:

— No Natal de 2001, eu estava a filmar no Taiti.

— Estavas num todo-o-terreno preto, conduzido pelo teu marido, em excesso de velocidade. Numa estrada rural escura, numa noite escura.

E a piada, a terrível piada, era que, se tivessem assumido a responsabilidade e dito a verdade, provavelmente isto já seria coisa do passado. Eles teriam contratado aquele tipo de advogados que apenas pessoas como os Cranes podiam pagar, a acusação ter-se-ia contentado com

a menor pena que achavam que seria possível e, ao fim de alguns anos, já ninguém falaria do assunto. Ou sobre o quanto ele bebera naquela noite. Ou que drogas teria, de certeza, no organismo. Ou sobre como tinha abandonado o local.

Georgia abanou outra vez a cabeça, fingindo não saber do que ela estava a falar.

— Eu estava do outro lado do planeta — disse, espaçando as palavras com cuidado, enfatizando cada sílaba. — Passámos a quadra a filmar. Lembro-me porque a equipa estava sempre a vedar o acesso à praia e estavam sempre a receber reclamações. Tivemos um grande jantar de Natal no hotel, uma festa de fim de ano. E só viemos embora — podes confirmar isto, essa informação é pública —, sei lá, a 10 ou 11 de janeiro. E o Jackson também estava a rodar um filme lá, em Pinewood. — Era imaginação de Jess ou a voz dela estava a tremer um pouco, quando chegou a esta última parte?

— Mentirosa. — É evidente que Jess verificara o paradeiro de Georgia naquela noite, tal como verificara o de Jackson, mas também sabia aquilo que vira, sempre soubera o que vira. E agora, também tinha a *pen*.

A música estava a ficar tão alta que, mesmo estando tão perto uma da outra, Jess teve de gritar por detrás da máscara para se fazer ouvir e, enquanto conversavam, os dançarinos rodopiavam pelo salão.

Georgia tentou libertar o pulso da mão de Jess, mas esta apertou com mais força. Depois, Georgia gritou, pediu ajuda, continuou a tentar libertar o braço e puxou, mas com a música — aqueles violinos estridentes, os pés a bater no chão —, os seus gritos mal se ouviram mesmo onde Jess estava e ninguém conseguia ver a expressão de Georgia por detrás da máscara. A música ficou ainda mais barulhenta e os bailarinos rodopiaram ainda mais depressa. E continuaram inexpressivos, os seus esgares impassíveis como os esgares das máscaras à volta da pista de dança.

Foi quando Jess percebeu que Georgia estava a gritar o nome de Jackson,

que estava a olhar pelo salão, a perscrutar os rostos, a perscrutar os olhos, a chamar o nome dele e ainda a tentar libertar-se e a tentar afastar Jess com a outra mão.

Ele está morto. Era isso que Jess queria dizer a Georgia. Jackson Crane estava morto e, assim que Jess retirasse o aviso de «Não Incomodar» das notas da cabana dele e alguém encontrasse o corpo, chamariam a polícia, que faria uma busca à cabana número 10 e à cabana número 42. E assim que descobrissem o que havia na cabana de Georgia e o comparassem com o que havia no organismo de Jackson, seria evidente que conclusões tirariam. Jess dir-lhe-ia isso, em breve, mas ainda não — não enquanto não tivesse algum tipo de confissão, não enquanto não encontrasse alguma coisa nos olhos de Georgia que revelasse que ela sabia exatamente do que Jess estava a falar.

— Eu vi-te com os meus próprios olhos naquela noite, no carro. Eu vi-te no carro.

Fez um esforço para manter a voz firme, mas, contra a sua vontade, Jess conseguiu sentir uma nota de desespero, conseguiu sentir o primeiro indício de que isto não estava a correr conforme o plano, que o controlo da situação lhe estava a escapar. Como pareciam longínquos aqueles sonhos de infância em que confrontava Georgia e esta confessava, indo-se abaixo de imediato e pedindo perdão.

— Existe uma filmagem, sabes? Está gravado. No Country Home. Era para lá que vocês iam naquela noite, não era? Para onde vocês regressaram, tu e o Jackson.

A música continuou, os bailarinos a escorrer suor, os seus esgares dolorosos só de olhar, um dos violinistas a repetir a mesma nota alta.

Jess sentiu uma pressão no antebraço, olhou para abaixo e viu que Georgia estava a *agarrá-lo* com a mesma força com que Jess estava a agarrar o *dela*. Então, Georgia encostou a sua máscara à máscara de Jess, tão perto que estavam a fitar os olhos uma da outra, tão perto que Jess

conseguiu lobrigar cada veia, cada minúsculo capilar; conseguiu vislumbrar cada aglomerado individual de rímel naquelas famosas pestanas, tão perto que, mesmo com todo o chinfrim, conseguiu ouvir distintamente a voz de Georgia.

— Não faço ideia do que estás a falar — disse ela, com uma ênfase idêntica em cada palavra.

Por instantes, houve uma chispa de dúvida na mente de Jess, mas depois lembrou-se de que estava a falar com uma atriz galardoada — esta pessoa com quem estava praticamente a lutar em público enquanto os bailarinos rodopiavam, se precipitavam e saltavam, enquanto a música turbilhonava, enquanto a turba se apinhava, gritava e ovacionava.

Jess tentou libertar-se, mas Georgia não a largou. Jess baixou o olhar para o braço.

— Olha, eu não sei nada sobre acidente de carro algum. Nunca *ouvi* falar de qualquer acidente de carro. Não sei que filmagem é essa ou como tu a conseguiste. E não sei quem diabo tu és, mas tenho de te dizer uma coisa. Está bem? Estás a ouvir? *A ouvir?*

Agora, a voz de Georgia era firme. O seu olhar penetrante. As máscaras estavam praticamente a tocar-se.

— Há um motivo para eu e o meu marido ficarmos sempre em quartos separados nos hotéis. Há um motivo para eu nunca o visitar durante as filmagens quando ele está a rodar alguma coisa em algum sítio e vice-versa. Nós não temos uma vida normal. Não é um casamento normal. Como poderia ser? Tu não fazes ideia — *eu* não fazia ideia — do que é viver como ele vive. Como nós vivemos. A pressão. A tentação. A adulação. O escrutínio. Compreendes o que estou a dizer?

Jess ficou em silêncio.

— Compreendes? — perguntou Georgia outra vez. — O Jackson fode com outras pessoas. Sempre fodeu com outras pessoas. E eu sempre soube. Dos romances. Dos casos de uma noite. Não é propriamente o segredo mais

bem guardado do ramo. Mas há regras. Há limites.

Jess tentou dizer várias coisas ao mesmo tempo e acabou por não dizer coisa alguma. Consequia sentir os dedos de Georgia a subir-lhe pelo braço.

Ela não tinha acabado.

— Eu amo o meu marido. É uma pessoa com defeitos e o nosso casamento não é perfeito. Discutimos, temos desavenças, mas eu amo-o e é um casamento. Já passámos por muito. Já fizemos o outro passar por muito. Já nos ajudámos a passar por muito. Eu não quero acreditar no que estás a dizer — é evidente que não —, mas se for verdade e o puderes provar...

Georgia não terminou a frase, ficou com um nó na garganta e desviou o olhar. Mais uma vez, por instantes, Jess acreditou realmente que isto era novidade para ela, que ela não sabia de nada sobre o acidente. O que queria dizer... Meu Deus, o que é que queria dizer?

O aperto de Georgia no pulso de Jess era inabalável. Ela conseguia sentir os dedos de Georgia a enterrar-se com mais força na sua carne.

— Mas antes de desatar a gritar, mas a gritar mesmo, e os seguranças chegarem e te arrancarmos essa máscara para sabermos quem és, e porque me estás a dizer isto, e o que pretendes de mim, de nós, e se uma única palavra do que tu estás a dizer é verdade, tenho de te explicar outra coisa: o meu marido tem um *tipo* de mulher preferido.

Tinha, deu por si Jess a corrigir mentalmente a mulher do ator morto, com a imagem do corpo de Jackson naquela cama a saltar-lhe automaticamente à cabeça. E mesmo ao pensar nisso, estava a tentar assimilar o que Georgia lhe estava a dizer, a tentar juntar as peças daquilo que vira, do que pensava ter visto, o que tudo aquilo significava...

Quando a música atingiu o clímax, quando, num movimento sincronizado, os dançarinos se deixaram cair, espalhados pelo chão, quando o público desatou a aplaudir entusiasticamente, as portas do salão de baile abriram-se com estrondo e alguém gritou, alguém riu. Por instantes, o cérebro de Jess recusou-se, simplesmente, a processar o que estava a ver.

Foi então que começou a sentir uma avassaladora vontade de rir ou também gritar. De pé, à entrada, estava Jackson Crane.

Adam

Foda-se... *O que é isto?*, pensou Adam.

Já vira Jackson Crane em lindos estados, mas nunca assim. Aliás, provavelmente nunca vira ninguém naquele estado. A pele tinha um tom acinzentado, o cabelo, desgrenhado, a camisa, mal abotoada, desfraldada, parte a sair visivelmente pela braguilha aberta. Estava a limpar a boca com a manga. Estava a caminhar como se tivesse os sapatos calçados nos pés errados.

— Onde é que ele está? — berrou Jackson para as pessoas que estavam mais ao pé de si, precipitando-se na sua direção. As pessoas recuaram, levantando as mãos de uma maneira que, esperavam, fosse apaziguadora.

Em redor de Jackson, as pessoas recuavam, afastavam-se discretamente, vendo-o cambalear e arrastar os pés pelo salão de baile.

— Ned Groom! — gritou, com uma voz tão arrastada de fúria e sabe-se lá mais o quê, praticamente irreconhecível. — Onde está ele? Onde estás, Ned?

Fez um compasso de espera, olhou à volta, cambaleou sobre as pernas vacilantes, recompôs-se, e gritou novamente. Adam mal conseguia acreditar que fosse possível, mas quanto mais perto estava de Jackson, pior aspeto ele tinha. O modo estranho como a sua boca se contorcia enquanto esperava uma resposta. O ângulo bizarro em que a cabeça lhe assentava sobre os ombros. As narinas dilatadas. Os pelos da barba hirsutos, a saliva acumulada nos cantos da boca. Os olhos como berlindes raiados de sangue.

Meu Deus, o que estivera ele a fazer naquela cabana?

Ao ver Adam a caminhar na sua direção a passos largos, Jackson estacou,

vacilante.

— Ned! — gritou, estendendo um braço trémulo e abanando um dedo na direção de Adam. — Aqui está ele. Ned!

Antes de ter hipótese de dizer mais alguma coisa, Adam aproximou-se, agarrou-o pelo cotovelo e conseguiu encaminhá-lo para as escadas. A sua prioridade era tentar acalmar os ânimos, levar Jackson para um sítio com privacidade. A sala de estar do andar de cima deveria estar vazia. Era um lugar tão bom como qualquer outro. Revelando uma força surpreendente, Jackson tentou libertar-se, empurrando o ombro de Adam com a mão livre. Adam encheu-se de coragem e resistiu.

— Ele não está aqui — silvou. — Sou eu! Não é o Ned. Sou o Adam, o irmão dele.

— Onde está o Ned?

— Eu já te levo até ele — mentiu Adam. — Anda, vamos sair daqui, Jackson.

— Quero falar com o Ned — disse Jackson, arrastando a voz.

Já somos dois, pensou Adam. Com o passar das horas, Adam alternara entre uma ligeira preocupação e uma intensa irritação com a persistente ausência de Ned — os dois sentimentos sublinhados pela certeza absoluta de que, sem o irmão ali, a responsabilidade de tudo o que não corresse de feição ser-lhe-ia apontada para sempre.

Ao ver dois seguranças ali perto, fez sinal para não se aproximarem.

Libertando-se do braço de Adam com irritação, recusando qualquer tipo de ajuda, quase se desequilibrando por diversas vezes, Jackson subiu as escadas aos tropeções.

Adam indicou-lhe a porta da sala de estar. Evidentemente a pensar que ali encontraria o irmão de Adam, Jackson resmungou e caminhou para lá. Nas suas costas, a algazarra começava a aumentar outra vez.

Risos. Gritos de regozijo e espanto. As máscaras e os capuzes tinham sido um golpe de mestre, pensou. Para onde quer que se olhasse, as pessoas

estavam a tentar adivinhar quem era quem, algumas a levantar as máscaras ocasionalmente por instantes para comprovar ou não uma conjectura, para revelar talvez uma cara conhecida inesperada ou o rosto imediatamente reconhecível de alguém que nunca tinham conhecido.

Pessoalmente, se mais algum membro o confundisse com o irmão e lhe desse uma palmada no ombro para o felicitar pela festa, estava inclinado a não voltar a colocar a máscara. Até Annie, quando seguiam em fila indiana para o salão de baile, deslizara até ele para lhe passar um *Old Fashioned*, sussurrando algo sobre o homem do momento não ter uma bebida numa noite como aquela, ou alguma coisa igualmente elogiosa. Ocorrera-lhe que ela ainda não percebera que não havia sinal de Ned.

Sorveu o resto pela palha, pousou o copo num aparador de carvalho e depois estugou o passo pelo corredor no encalço de Jackson Crane.

Quando entrou na sala, Jackson virou-se para ele.

— Muito bem — disse ele, no que parecia ser uma tentativa de imitar o sotaque britânico. Depois, retomou a sua voz normal — Onde está o Ned?

Adam voltou a pôr a máscara.

— Olha, meu, compreendo que estejas chateado, mas em vez de fazeres uma cena esta noite, acho que é melhor deitares-te um bocado, percebes o que quero dizer?

Adam indicou com um menear da cabeça o sofá de couro no meio da sala.

Jackson esticou um dedo e espetou-o com força no peito de Adam.

— Olha tu, *meu* — disse, outra vez com o tal sotaque. — A mim ninguém me fode, compreendes? Se tentares foder-me, quem se fode és tu, compreendes?

Adam disse que compreendia, metade do seu cérebro a interrogar-se se seria uma fala de algum filme de Jackson ou se ele apenas soara como se estivesse num. Adam suspeitava que uma coisa que sempre jogara a favor de Ned em situações como esta era que raramente alguém como Jackson

Crane se encontrava numa situação em que tinha de lidar com uma coisa destas sozinho — sem uma equipa de pessoas à sua volta para transmitir «o que Jackson pensa» ou «o que Jackson gostaria», sem outra pessoa do outro lado da linha a assegurar que alguma coisa acontece. Por isso, não era de admirar que, sem o apoio dos seus capachos e especialistas em resolver problemas, ele estivesse a adotar a linguagem das personagens que interpretava, tal como não era de admirar que pessoas como ele sempre acabassem por concordar tão docilmente com o que Ned exigia delas — afastadas dos seus telemóveis, dos seus lacaios, perante um ultimato, a enfrentar as consequências de as suas ações virem a público.

Naturalmente, de uma forma geral, primeiro gostavam de esbracejar um pouco.

— Então, onde está o teu irmão? — quis saber Jackson.

— Tanto quanto sei, em Londres. Lamento, mas não sei dizer mais do que isto, sobretudo porque eu próprio não faço ideia.

Jackson semicerrou os olhos, o que não era difícil, pois, logo à partida, estavam bastante inchados.

Adam levantou as mãos.

— A sério, meu, tanto quanto sei, ele não está na ilha. Enviou um e-mail a dizer que tinha de ir a Londres. É tudo o que eu sei.

Jackson avançou dois passos e, de repente, tinha a cara encostada à de Adam. Quando este recuou a cabeça com um safanão, Jackson esboçou um sorriso maldoso, soltou perdigotos ao falar e quase deixava que se conseguisse sentir as vagas de fúria a jorrar dele, gritando ao ouvido de Adam que podia dizer ao irmão que era um homem morto. Foda-se, que *quem quer* que tentasse chantagear Jackson Crane era um homem morto.

Com isto, Jackson rodou sobre os calcanhares e saiu de rompante da sala, dando um encontrão à ombreira da porta ao sair.

Com um enorme suspiro, Adam sentou-se por instantes no cadeirão junto da janela arredondada, fazendo uma pausa apenas para descansar as pernas

em cima da enorme arca *Louis Vuitton* à sua frente, que servia de mesa de apoio, pousando os calcanhares num exemplar da revista interna do Home, a *Home Truths*. Fitou o mar, escuro como breu.

De repente, sentiu-se completamente exausto.

Uma das janelas da sala estava escancarada e, do relvado, lá em baixo, conseguiu ouvir a música, um copo a partir, risos. No cômputo geral, à exceção da ausência de Ned e da cena protagonizada por Jackson, até ao momento, fora uma inauguração típica do Home. Também seria a sua última. Adam estava decidido. Mesmo que isso lhe custasse o casamento, mesmo que despedaçasse o coração de Laura, ele não continuaria a participar nisto. Não esperava ser perdoado. Não por Laura, não por Ned, não por ninguém. Não merecia ser perdoado. Desiludira-se a si mesmo e desiludira a sua mulher, não uma vez, mas reiteradamente. Permitira que se realizassem coisas horríveis no Home e pactuara com elas com o seu silêncio. Ele próprio fizera coisas horríveis.

Incendiara o Home Club original. Deitara fogo àquela merda. Bem, ele e mais dois gajos do clube, os quais tinham sido bem gratificados pelo seu trabalho e silêncio. Adam? Fizera-o de borla. Fizera-o por amor. Todas aquelas memórias de família transformadas em cinza. Todas aquelas antigas fotografias assinaladas ao longo de décadas, feitas em fumo. Toda aquela história. Adam nunca esqueceria como se sentira na manhã seguinte, com Ned a acordá-lo com um telefonema e a dizer-lhe: «Más notícias, meu. Parece que estava um velho, um ator, a dormir ferrado na casa de banho dos homens ontem à noite...» E Adam deixou cair o telefone das mãos, só voltando a pegar nele quando ouviu Ned do outro lado da linha a rir que nem um doido. Nos anos que se seguiram, questionara-se se Ned teria achado tanta piada se isso tivesse acontecido de verdade. Às vezes, com um estremecer, pensava no que mais poderia ter feito, naqueles tempos, se Ned lhe tivesse pedido, ou lhe dissesse que o futuro da empresa dependia disso.

Ela não pretendia ameaçar Ned quando dissera aquilo — fora apenas na

tarde anterior? — sobre tudo o que fizera pelo clube, embora conseguisse perceber porque Ned o entendera dessa maneira. Tudo o que Adam pretendia fazer fora salientar todos os riscos que correria. O quanto sacrificara. O quanto de si mesmo sujeitara a erosão, a corrosão.

Caramba, sentia-se arrasado. Adam consultou o relógio. Passavam dez minutos da meia-noite. Era horas de arranjar energia para fazer uma última ronda de despedidas discretas e depois regressar ao quarto para telefonar a Laura. Telefonar-lhe uma última vez enquanto ela ainda o amava e o considerava ser basicamente um ser humano bondoso, decente e digno. Quiçá uma das poucas pessoas do mundo que realmente pensava isso. Por enquanto.

Com algum esforço, Adam levantou as mãos e ajeitou a máscara na cara. Os seus braços pareciam de chumbo, as mãos davam a sensação de estar soltas e pesadas nos pulsos. Parecia-lhe que tinha não só uma perna ou um braço entorpecidos, mas todo o corpo; sentia um formigueiro no tronco, o couro cabeludo retesado sobre o crânio. Era difícil perceber se as luzes estavam a aumentar ou a diminuir de intensidade, ou se eram apenas os seus olhos cansados a pregar-lhe partidas.

Algures nas suas costas, a porta abriu-se e fechou-se. Ele ia sentar-se direito e virar-se para saudar quem lá vinha, mas, vá-se lá saber porquê, o seu corpo recusou-se a obedecer às suas ordens. Conseguia sentir-se como que a deslizar pelo cadeirão abaixo, a cabeça a tombar para trás, e, quando tentou falar, soltou apenas uma espécie de gemido esquisito.

Sentiu alguém atrás dele. E depois, sentiu alguma coisa à volta do pescoço.

Tentou falar outra vez, levantar as mãos para puxar o que quer que estivesse à volta do pescoço, tirar a máscara, dizer alguma coisa, mas não conseguiu. E o que quer que estivesse à volta do seu pescoço estava a apertar, dando-lhe a sensação de que os olhos já quase lhe saltavam das órbitas, com enormes lampejos de luz a explodirem no seu cérebro.

Foi então que percebeu quem é que essa pessoa atrás de si, tresandando a cigarros e apertando cada vez mais aquilo que tinha à volta do seu pescoço, deveria pensar que ele era.

Foi então que lhe ocorreu que a sensação de morrer deveria ser esta. E só então percebeu com que frequência, sobretudo nos últimos anos, fora Ned quem não parara de pôr a tentação à frente do seu nariz. Com que frequência, quando Adam estava bêbedo, fora Ned a pedir *mais uma rodada*. Com que frequência fora Ned a insistir em convidar uma mulher bonita para se sentar com eles e depois arranjar uma desculpa qualquer para se ausentar. E percebeu que isso não desculpava as coisas que fizera ou as pessoas que magoara. No final de contas, isso nem sequer mudava aquilo que sentia em relação ao irmão; o amor que sentira, que sempre fora incondicional, que persistira apesar de tudo o que sabia sobre ele, havendo um indício de genuína compaixão na fúria que sentia. Viver a vida como Ned vivia, como um jogo estranho que mais ninguém estava a jogar.

Acima de tudo, na sua mente, Adam dizia uma e outra vez a Laura como estava arrependido, mesmo sabendo que ela não o podia ouvir, mesmo sabendo-a a quilómetros de distância, enquanto ele morria. E que desfecho de merda, deu por si a pensar, para a merda da piada em que transformara a sua vida.

Annie

Vinha alguém a correr na direção dela, a respiração entrecortada, a tropeçar ruidosamente nos arbustos e a escorregar na gravilha. Do lado de fora do pomar murado, ouviu essa pessoa dobrar a esquina a correr, a derrapar, a ofegar. Os passos diminuíram de velocidade, hesitaram, depois começaram a caminhar para um lado e para o outro, evidentemente a tentar lembrar-se da visita guiada no primeiro dia onde se situava a pequena porta de madeira, parcialmente encoberta por heras.

Annie consultou o relógio. Tinham passado uns dez ou quinze minutos desde que entregara a bebida a Ned. Esgueirara-se para fora logo de seguida, assegurando-se de que alguém da sua equipa a via a sair, esboçando com a boca a palavra *cigarro* e fazendo o gesto universal de quem vai fumar. O final do espetáculo estava agora ao rubro. Mesmo daqui, conseguia ouvir o gemido dos violinos enquanto a música se tornava estridente e insistente dentro do The Manor. Não sabia para que sala o teriam conseguido levar, ou se alguém percebera.

Ouviu-se o estalido de um trinco.

Recuou para as sombras enquanto um vulto emergia das macieiras ornamentais.

— Annie?

Cala-te, idiota, pensou.

— Annie!

Era Freddie. Freddie Hunter, sem a máscara, acabado de sair do local de um homicídio, a gritar o nome dela. Annie recuou um passo, batendo com o tacão da bota em alguma coisa dura, pesada — uma peça de alvenaria,

percebeu, quando se baixou para ver o que era com os dedos —, presumivelmente deixada por algum construtor em determinado momento.

— Chiu — silvou, acutilante, na direção da silhueta de Freddie. — Fala baixo. Estão pessoas a fumar à beira da lareira a céu aberto do outro lado do muro. Podem ouvir-nos.

— Annie — repetiu, virando-se para ela.

Para de dizer o meu nome, pensou.

— Não o vou fazer. Não consigo. Recuso-me.

Freddie falou com a desobediência trémula de um homem que acabou de descobrir, tardiamente, a sua retidão.

Atrás das costas, com uma mão, Annie levantou o tijolo de betão partido. Jurou a si mesma que só o utilizaria se fosse mesmo necessário. Se fosse absolutamente necessário.

— Onde está o Keith? — indagou.

Ele ignorou-a. Freddie transportava o manto e a máscara no braço, alisando com os dedos da mão livre o cabelo vertiginosamente lustroso, iluminado pelo luar que lhe revelava vagamente o rosto.

— Ele é um ser humano. Não podemos, simplesmente, matar um ser humano só porque nos dá jeito.

Ela olhou à sua volta — nenhum sinal de Keith. Freddie parecia um veado encadeado pelos faróis de um carro, pronto a fugir a qualquer momento. Annie precisava que ele continuasse a falar, para perceber se iria denunciar o plano depois de se pôr de fora, se pelo menos Keith o levara até ao fim.

— Aquilo que estamos mesmo a tentar encobrir aqui foi a merda que tu fizeste, os encontros em quartos de hotel para vender histórias, não é? O teu segredinho imundo — disse, com aversão. — Aquilo que me parece, Freddie, é o seguinte: tu és um homem rico. Tens sucesso. Porquê fazer isso aos teus amigos?

Ele abanou a cabeça, esfregou a cara com as duas mãos.

— Eu não o quis fazer. Nunca o quis fazer. Havia uma... jornalista. Uma amiga, pensei. Uma amante, outrora. Nós fizemos coisas. Juntos. Com outras pessoas. Muitas outras pessoas. Coisas consensuais, mas coisas que acabariam com a minha carreira na televisão num ápice. Deve dar para imaginar. Eles têm as imagens. Imagens captadas com um telemóvel, filmadas em segredo quando eu estava bêbedo. Quando eu... Quando tinha a atenção virada para outro lado. Também têm fotografias. E, de vez em quando, precisam de um furo jornalístico para a primeira página e não se querem dar ao trabalho de procurar um. Por isso, recebo um telefonema. E como agora tenho um medo paranoico de ser gravado, insisto sempre para nos encontrarmos em terreno neutro, num lugar privado, seguro. Num sítio onde não são permitidos telemóveis.

— No Home — disse Annie.

— Sim — concordou Freddie, limpando a boca ao manto, praticamente invisível, não fosse a alvura da camisa por debaixo do *smoking*. — «Home», a casa. Oh, que irónico.

— E o Ned? O que aconteceu agora mesmo com o Ned?

Annie abeirou-se alguns passos de Freddie, apertando o bloco de betão com força entre os dedos atrás das costas. Decidiu que se ele tivesse revelado alguma coisa a Ned, era um homem morto. Se dissesse alguma coisa sobre ir à polícia...

— Eu não vi.

— *Tu não viste?*

— O Jackson apareceu, todo esquisito e com um olhar tresloucado, a exigir ver o Ned. Nós os dois seguimo-los para fora do salão de festas, escadas acima. Eu e o Keith estávamos à espera do lado de fora da sala, enquanto o Jackson estava a gritar com ele, à espera de que ele fizesse o trabalho por nós. Foi então que percebi: não seria capaz de o fazer.

» Eu queria, mas não consegui. Simplesmente, não consegui. Mesmo que se venha a saber de todas as histórias que eu contei, de todas as amizades

que eu traí, mesmo que a Kyra nunca mais volte a falar comigo, prefiro viver com a vergonha disso do que com a culpa de saber que matei um homem.

Naquele instante, isto soou a Annie como a epítome do egoísmo.

Não és só tu que estás em causa, sentiu-se tentada a dizer. Estava em causa a carreira *dela*, a vida *dela*, talvez até a sua liberdade. Conspiração em homicídio. Incitamento à violência. Já conseguia imaginar as manchetes dos jornais. Na sua mente, parecia-lhe que estava a tentar jogar xadrez, muito depressa, um pouco ébria, embora estivesse completamente sóbria. Se Keith conseguisse subjugar Ned, se o GHB tivesse tido efeito, talvez tudo corresse de feição. Se Ned conseguisse subjugar Keith, mesmo que para ter tempo de apenas pedir ajuda, estavam todos fodidos.

Alguém se aproximava, caminhando ruidosamente pelos arbustos, às apalpadelas na ponta do muro errado, que levava à porta do pomar, praguejando entredentes. Freddie estremeceu, levantou a cabeça e, de um momento para o outro, desapareceu pela porta. No escuro, os troncos lívidos das macieiras a toda a volta eram espectrais. Algures nos ramos por cima da cabeça de Annie um pombo estava a arrulhar: *cru cru*.

Por favor, que o Keith não se tenha acobardado, pensou com os seus botões. *Por favor, que o Keith Little não se comece também a dizer que tem consciência*.

Depois de, finalmente, dobrar a esquina e encontrar a porta no muro, Keith entrou a cambalear.

— Estou aqui — silvou ela, em surdina. O vulto parou, virando-se para ela.

— Annie?

— Keith?

— Meu Deus, Annie, mas que merda.

— O que aconteceu?

Com a mão livre, Annie tirou o telemóvel do bolso, acendeu a lanterna e

levantou-o para Keith ver onde punha os pés.

— O que aconteceu? — repetiu.

Em resposta, ele levantou as mãos e, sob a luz austera do telemóvel, conseguiu ver as palmas das mãos dele dilaceradas, os lanhos profundos e ensanguentados nas mãos dele, os rasgos que o cordel do seu manto abrira na sua carne. A sua pele tinha um tom estranhamente esverdeado debaixo da luz, como a pele de um homem no fundo do mar, o sangue completamente preto.

— ConseguiSTE — disse ela.

O semblante dele parecia não só macilento, mas também encovado, enormes sombras escuras nos recortes das maçãs do rosto. Ele fitou-a.

— Ele está morto? — quis saber.

Ele continuou a fitá-la. Teria ela percebido o mais ínfimo menear da cabeça, ou seria apenas uma tremura da mão que segurava a lanterna? O sangue escorria literalmente das mãos de Keith, em gotas pegajosas que lhe pingavam das pontas dos dedos. Ele parecia nem sequer se dar conta disso.

— ConseguiSTE — insistiu. — Keith?

Sentiu-se tentada a estalar os dedos à frente da cara dele, a bater as palmas, a dar-lhe uma bofetada. Alguma coisa, qualquer coisa, para acabar com aquela expressão fixa, trazê-lo de volta à realidade.

— Não era ele.

— O que queres dizer com isso?

— Não era o Ned. Não sei o que aconteceu. Nós seguimo-lo, como tu nos disseste para fazer. O Jackson Crane esteve a chamar o nome dele no salão de baile, porra. E depois, pelas costas, quando entrei na sala no andar de cima depois de o Jackson sair de rompante, ele estava prostrado no cadeirão e, quem visse por trás, só podia ser o Ned, a silhueta dele, as costas, o pescoço e os ombros. Mas não era o Ned.

— Não era o Ned.

— Era o Adam. Tu fizeste-me estrangular o Adam Groom. E como

aquele cobarde da merda do Freddie fugiu pelo corredor, eu tive de esconder o cadáver sozinho. — Keith olhou para as mãos como se estas tivessem agido de forma independente do cérebro.

Oh, foda-se, pensou ela, sentindo as peças da sua partida de xadrez mental a espalharem-se, todo o tabuleiro aos trambolhões pelo ar. *Oh, foda-se*, pensou, enquanto Keith se acercava dela e começava a abaná-la e a perguntar que raio deveria fazer, que raio iria ele fazer. *Não sei*, pensou ela. *Porque é que as pessoas acham sempre que eu vou resolver as cagadas delas? Eu não te mandei matar a pessoa errada, pois não?* O conselho dela seria, talvez, para ele se pôr a milhas dali.

— Olha — disse ela —, vamos acalmar-nos e levar isto por etapas. Não vamos fazer mais nada enquanto não pensarmos bem.

Adam, morto? Adam, morto. Então, onde estava Ned, que porra? E já agora, para aonde é que Freddie fugira, que porra? Deus. E se ele contasse a alguém? Se lhes contasse o que ela lhe pedira para fazer?

— Tenho de me pisgar daqui — disse Keith, olhando por si abaixo, olhando para as mãos, vendo o estado em que estavam. — Tenho de sair desta ilha de merda.

Então, algures ali perto, ouviram o barulho de um helicóptero a preparar-se para levantar voo.

CONTINUAÇÃO DAQUI

Segundo Lyra Highway, foi o helicóptero que a acordou. «Ouvi o barulho mesmo por cima da nossa cabana, mesmo muito baixo. As coisas estremeciam. E pus-me a pensar que se o Freddie estava a ir embora no seu helicóptero, como é que eu e a mamã iríamos para casa? E quando estava deitada na cama a pensar nisso, ouvi a gritaria.»

Uma criança ponderada, Lyra tem semelhanças espantosas com as fotografias de Kyra com a idade dela que constam do livro de memórias da mãe. Ao longo de toda a entrevista de Kyra, ela foi uma presença educada, a perguntar se podia comer uma bolacha, se podia comer outra bolacha, se podia jogar um jogo no seu *iPad*, diminuindo o volume quando lho pediram para o fazer. Do mesmo modo, ao longo da entrevista de Lyra, Kyra esteve presente, assegurando-se de que as perguntas combinadas de antemão — e com as palavras cuidadosamente selecionadas — eram cumpridas, garantindo que a filha não ficava incomodada ou ansiosa, e que, conforme prometido, pudesse relatar a história pelas suas próprias palavras. Tal como fez a Annie Spark naquela manhã de domingo no Island Home. Tal como fez à polícia, naquela tarde, na presença da mãe e de um advogado, numa sala sossegada no The Manor.

«Eram dois homens a gritar», recorda. «Um deles era de certeza o Keith Little, eu conheço a voz dele. Fui à janela — a mamã ainda estava a dormir;

às vezes é difícil acordá-la —, abri as cortinas e vi-o a sair da cabana dele com uma mala debaixo do braço cheia de coisas. Mas a mala não estava fechada e as coisas estavam todas a cair, e ele estava sempre a parar para as apanhar e, sempre que o fazia, deixava cair outra coisa. Parecia que estava com dores nas mãos e alguém que eu não consegui perceber quem era não parava de gritar para ele se despachar. E o Keith não parava de gritar para ele parar de gritar.» Faz uma pausa para pensar, escolhendo as palavras com cuidado. Olha de relance para a mãe, que a incentiva a continuar. «E para fechar a matraca. Foi então que o Keith surgiu por detrás do...»

«Do *Land Rover*», intervém Kyra.

«Do *Land Rover*», continua Lyra. «E abriu a porta de trás e como que atirou as coisas lá para dentro. E depois alguém começou a buzinar. E depois ele gritou outra vez qualquer coisa, entrou para o carro e arrancaram com as rodas a derrapar, como nos filmes, tão depressa que pensei que iriam ter um acidente. Mas não ouvi nenhum acidente.» Tanto quanto se sabe, foi a última vez que alguém viu Keith Little, ou ouviu Jackson Crane, vivos.

Quando lhe perguntamos se a filha achara a experiência traumática, Kyra Highway afirma que, até agora, não revelou sinais disso. Desde então, às custas do Home Group, Lyra tem sido seguida por um dos psiquiatras mais conceituados da Harley Street. É claro que, diz Kyra, elas tiveram várias conversas sobre a morte, sobre morrer, e para aonde as pessoas vão quando morrem. «Ela compreende que houve um acidente e que é por isso que as pessoas nunca devem beber álcool quando vão conduzir, e que nunca devemos entrar num carro com alguém que possa ter bebido. Porém, não está a par de todos os pormenores, *sobre o resto do que aconteceu*», explica, baixando a voz.

O cadáver de Adam Groom foi descoberto dentro de uma arca *Louis Vuitton* numa sala de estar no primeiro andar do The Manor, pelas 11 horas da manhã de domingo, 31 de outubro, exatamente doze horas depois de o homem que o assassinou, Keith Little, morrer afogado num carro submerso

no mar, carro esse conduzido por Jackson Crane, o homem que fora visto pela última vez, desgrenhado e a gritar ameaças incoerentes, a ser conduzido por Groom para fora do salão de baile, algumas horas antes disso.

Trata-se de um homicídio tão selvático que um especialista o descreveu, na autópsia de Adam Groom, como um crime de ódio. Um ataque implacável, insensato, persistente e brutal. Um catálogo de pormenores arrepiantes. O cordel passado de um lado para o outro no pescoço dele tantas vezes, com tanta força, que a traqueia foi esmagada e rompida em certos pontos. As membranas interiores dos olhos rebentadas pela pressão do estrangulamento. As unhas em falta nos seus dedos, arrancadas enquanto se tentava proteger. A descrição da autópsia em relação às mãos de Keith Little também dá que pensar, mostrando os dedos e as mãos lacerados quase até ao osso.

Talvez apenas um homem cujas mãos não lhe permitissem conduzir pudesse concordar em meter-se num veículo naquela noite com Jackson Crane, cuja taxa de alcoolémia estava muito acima do permitido por lei, embora, ao que parece — segundo um relatório toxicológico, fornecido indevidamente à imprensa sensacionalista britânica —, isso não fosse nada em comparação com o cocktail de estupefacientes (*Xanax*, *zaleplon*, *temazepam*, *zolpidem*, *quetamina*, *cocaína*) no sangue. Um cocktail tão potente que é espantoso como conseguiu caminhar ou falar, quanto mais sentar-se ao volante de um veículo motorizado e tentar conduzi-lo.

Enquanto um homem jazia sem vida, dobrado sobre si mesmo dentro de uma arca antiga, enquanto outros dois iam ao encontro do seu destino por afogamento no mar, estando um já a boiar, de barriga para baixo, no estuário de Blackwater, a festa continuou na ilha, a noite inteira.

Capítulo Nove

Manhã de Domingo

Jess

Era impossível.

De início, apesar do que os seus olhos viram e os seus ouvidos escutaram — o seu nariz sentiu quando ele passou por ela —, Jess não conseguiu acreditar. Jackson Crane, o homem a quem servira uma dose de soporíferos capaz de matar um cavalo, que os tinha bebido com pelo menos uma garrafa de *whisky*, cujo corpo acinzentado, inerte, aparentemente sem respirar, ela vira deitado na barafunda da sua cama, ainda estava vivo.

Tinha de reconhecer que estava com melhor aspeto. Georgia, de pé ao lado de Jess, ofegara sonoramente quando o reconhecera, empertigando-se quando ele cambaleara a tresandar pela pista de dança do salão de baile, aos berros.

Durante um ou dois minutos, Jess pensara que ele iria gritar sobre ter sido drogado, envenenado. Depois, percebeu que ele estava a gritar por causa de Ned. Será que ele sabia sequer quanto tempo estivera sem sentidos? Faria ideia de quão perto da morte estivera? Ou será que isto era apenas um fim de semana típico na vida de Jackson Crane, mais ou menos como ele sempre acordava, com aquele aspeto e a sentir-se assim? Chamou outra vez por Ned, desta vez suficientemente alto para se sobrepôr à

algazarra nos lugares mais recônditos do salão.

Algumas pessoas perto de Jess e Georgia deram risadinhas, mas com nervosismo, e calaram-se assim que o olhar furioso dele se virou para elas.

Por instantes, ele olhou diretamente para Jess.

Depois, alguém — presumivelmente, Ned — pegou-lhe pelo braço e levou-o escadas acima, e alguém do outro lado do salão deixou cair uma bandeja com bebidas, desencadeando uma vaga de aplausos espalhados e irônicos.

E mesmo com o estado de espírito em que se encontrava, mesmo com todas as coisas que lhe passavam pela cabeça, Jess achou a reação de Georgia Crane interessante: não fez nada. Uma vez, quando ele tropeçou, Georgia encolheu-se e deu meio passo na direção dele, mas deteve-se depois. As suas mãos, com os punhos cerrados ao longo do corpo, estavam trémulas. Os seus olhos, quando Jess olhou de relance para a cara dela, espelhavam uma fúria glacial. Não, talvez até alguma coisa mais forte do que fúria. Talvez algo mais parecido com ódio.

Jess deu por si a pensar que ela não sabia de nada. Sabia das traições, é claro, mas não do acidente. E Jess tentou imaginar como seria. E, por instantes, sentiu vontade de correr para Georgia, reconfortá-la.

Mesmo antes de ter oportunidade de pensar no que estava a fazer, para aonde estava a ir, Jess deu por si a abrir caminho pelo meio da multidão na direção contrária, acotovelando as pessoas rumo ao extremo oposto da sala, à escadaria por onde Jackson acabara de sair, empurrando algumas pelas costas, chocando de frente com outras. Alguém gritou algo que ela não ouviu. Alguém lhe deu um empurrão, com força.

Depois, começou a correr a toda a brida por um corredor do The Manor, fazendo as pessoas virarem-se para a ver. E, enquanto corria, percebeu que estava a chorar, a soluçar, emitindo sons estranhos atrás da máscara que ainda levava na cara, de manto a adejar nas suas costas e a apertar-lhe a garganta.

Correu por um caminho pelo meio do bosque. Ao longe, através da tela de árvores delgadas, conseguiu ver um grupo de pessoas em volta de uma fogueira. Uma atirou lá para dentro qualquer coisa, produzindo uma nuvem de fagulhas a rodopiar para o céu. Alguém riu. Ela continuou a correr.

Era impossível. Jackson Crane estava vivo.

No meio dos muitos sentimentos que se apinhavam no seu íntimo — a raiva, o medo, o horror, a desilusão — havia um, discreto, mas persistente, que a apanhou desprevenida. Era alívio. Alívio por ter fracassado. Alívio por o seu plano ter fracassado tão retumbantemente. Alívio por não ser uma assassina. Por não ser uma homicida. Porque Jess tinha agora na sua posse provas de que Jackson Crane o era.

Mais adiante, havia um sítio onde o caminho atravessava um pequeno córrego, uma ponte de madeira corcovada por cima da água. Jess parou no ponto mais alto da ponte, tirou a máscara, desapertou o nó que segurava o manto e deixou-os cair nas trevas — o manto como uma sombra mais intensa por instantes à superfície, a alvura da máscara a desaparecer, engolida pela água. Algures mais à frente, num dos caminhos, passou um *Land Rover* com os pneus a chiar, os faróis a fazerem dançar as sombras das árvores, a música no rádio a soar na lonjura. Jess esfregou os olhos. Desejou conseguir chegar às profundezas do cérebro e esfregar também.

Mesmo agora, ao imaginar o rosto ao lado do de Jackson no veículo que ele conduzia naquela noite, era o rosto de Georgia que via. Mesmo agora. O que queria dizer que, todos estes anos, sempre que pensara que estava a relembrar a noite da morte dos pais, recusando aquilo que vira, recusando acreditar que esquecera um único pormenor daquele momento, o seu cérebro estivera a trabalhar, a embelezar, a reordenar.

As luzes dos corredores do alojamento do pessoal estavam apagadas, os corredores, desertos, a luz azul de uma televisão a esgueirar-se por debaixo de uma porta fechada sendo o único sinal de alguém estar acordado. Ainda bem, pois Jess estava toda cheia de lama, incapaz de qualquer interação

humana normal neste momento. Depois de entrar no quarto, trancou a porta, fechou as cortinas, sentou-se na penumbra na beira da cama, e pegou no telemóvel.

Da segunda vez que vira as imagens da *pen* de Jackson Crane, assim que percebera exatamente o que estava a ver, começara a filmar com o telemóvel, segurando-o com a máxima firmeza que conseguiu, utilizando o outro braço para apoio adicional, mantendo o *walkie-talkie* desligado, com pavor de, a qualquer instante, ouvir passos junto à cabana e alguém a bater à porta.

Ao terminar, retirara a *pen* da entrada no televisor, limpou as impressões digitais e pousara-a na mesa de cabeceira de Jackson Crane. Pensara em deixar que a polícia tirasse as suas próprias conclusões. Finalmente, a prova de que o que afirmara há tantos anos era verdade. A prova de que Jackson Crane era um assassino e que a sua mulher fora sua cúmplice.

Ou será que não?

É estranha, a relação entre os olhos e o cérebro.

Agora que sabia que a mulher de cabelos escuros não era Georgia Crane, era espantoso que tivesse alguma vez acreditado que fora. Para começar, esta mulher era muito mais alta do que a mulher de Jackson. Além de que o seu cabelo era muito mais comprido do que ela alguma vez vira Georgia Crane a usar o seu, chegando-lhe às ancas. Não caminhava como Georgia, não se mexia como Georgia, as mãos não tinham aqueles movimentos delicados e adejantes que Georgia usava para dar ênfase. O queixo, quando o seu perfil ficou visível por breves momentos, era, mesmo visto de longe, mais proeminente.

Jess fez pausa na imagem com o polegar. Analisou a imagem mais de perto. Premiu outra vez o botão para reproduzir a imagem.

Mesmo no telemóvel, mesmo nestas imagens em que a mulher estava tantas vezes, de forma tão frustrante, fora do enquadramento ou era visível apenas fugazmente, o que mais lhe saltava à vista eram todas as maneiras

como ela *não* era, de certeza, a mulher de Jackson Crane. Georgia Crane era uma apoiante declarada da PETA. Esta mulher estava a usar o que parecia ser um casaco de peles verdadeiro. Além disso, Georgia Crane também nunca usaria umas argolas tão grandes como aquelas, a não ser para algum papel. Aquela mulher poderia ser a dupla de Georgia Crane num filme, mas não era Georgia Crane.

Queria isto dizer que, todo este tempo, Jess focara o seu ódio na mulher errada.

Um tipo de mulher, dissera Georgia. *O meu marido tem um tipo de mulher preferido.*

A filmagem chegou ao fim. Jess reproduziu as imagens outra vez. O casal voltou a entrar no quarto, primeiro Jackson, a mulher depois. Uma vez mais, Jackson foi direto à garrafeira, preparou uma bebida e não se ofereceu para lhe preparar uma. Uma vez mais, Jess observou-a a caminhar, a atirar o cabelo para trás, a ignorar Jackson enquanto ele arengava, resmungava e rosnava, deixando-se afundar cada vez mais no cadeirão, despejando cada vez mais bebida pelo queixo.

— Quem és tu? — murmurou Jess em surdina.

O cérebro de Jess não parava de lhe dizer que o comportamento daquela mulher tinha algo de familiar. Havia alguma coisa conhecida na maneira como ela, quando falava com ele, apanhava a farta cabeleira com uma mão, a virava e depois a deixava cair pelas costas. Os trejeitos. Os meneares da cabeça. A peculiar conjugação de subserviência e arrogância dos seus modos. Não eram gestos de Georgia Crane, mas eram gestos que Jess reconhecia de algum sítio. Puxou pela cabeça. Aquela mulher também era alta, espantosamente alta. Seria modelo? Algum tipo de atleta? Outra atriz? Teria sido na televisão que vira aqueles gestos, aquela pessoa? Não lhe parecia. Fez pausa na imagem. Aumentou o volume. Recuou alguns segundos. Premiou outra vez o botão para reproduzir. Jackson Crane disse alguma coisa por cima do ombro. A mulher deu uma risada conhecida,

desconsolada, de uma só nota.

Meu Deus. É claro. Como é que Jess não percebera antes? Ela vira e voltara ao início, revira e voltara outra vez ao início, forçara os ouvidos a apanhar cada comentário abafado, fizera pausa e reiniciara a imagem obsessivamente, voltara atrás e vira outra vez. Mas vira apenas aquilo que esperara ver, aquilo que queria ver. Uma e outra vez, o seu cérebro recusara-se a processar as evidências diante dos seus olhos e ouvidos, recusara-se a reconhecer o que era agora tão flagrante, o que era agora tão óbvio.

A mulher da filmagem, a mulher que estivera no carro naquela noite, que estivera no quarto com Jackson Crane, era Annie Spark.

Nikki

Tinham passado agora quase 24 horas desde que Ned desaparecera na água. Esta noite, as ondas estavam tão agrestes como tinham estado quando Nikki estivera neste mesmo lugar há tão pouco tempo — só tinha passado um dia? — a ver Ned Groom a esbracejar, impotente, na água.

É uma coisa bastante difícil de processar, ver alguém a morrer.

Ficar passivamente a ver um homem que, sabia ela, não era capaz de nadar, cair de costas na escuridão. Ver o telemóvel que ele tivera na mão bater na plataforma de madeira, ver friamente o charuto dele desenhar uma espiral e apagar-se nas ondas. Ouvi-lo gemer ao entrar em contacto com a água. Esperar até vir à tona. Perguntar-se se ele viria à tona. Dar um pequeno salto quando a cabeça dele assomasse à superfície, a cuspir água. Hesitar por instantes, interrogando-se porque não pedia ele socorro — será que perceberia que ela não o iria ajudar? Vê-lo ofegar, debater-se, praguejar, ali, na água, a tentar agarrar-se a um dos pilares, húmidos e escorregadios, arranhando-os, a ser puxado pelo vaivém das ondas, a ser empurrado com força contra eles. A ir ao fundo. A vir ao de cima. A ir ao fundo. A amaldiçoá-la. A ir ao fundo. A cuspir e a praguejar. A ficar no fundo. A ficar no fundo.

Será que Nikki pretendia matar Ned, quando se propusera a falar com ele naquela noite? Não. Pretendia empurrá-lo para as ondas? Achava que não. Porém, tivera a presença de espírito — talvez a cocaína tivesse ajudado — para apanhar o telemóvel que lhe caíra da mão antes de o ecrã bloquear e clicar no pequeno ícone do envelope. Três palavras, enviadas para a sua

assistente pessoal — ela própria — a altas horas da madrugada talvez a pudessem fazer ganhar algum tempo para pensar. *Fui a Londres*. Talvez lhe desse tempo para pensar em respostas que ainda não sabia bem como responder. Dar-lhe um pouco de tempo para aceitar aquilo que fizera.

Talvez Nikki não pretendesse matar Ned, mas fizera-o.

Para chegar ao cais, era preciso atravessar o relvado nas traseiras do The Manor, passar por um portão na sebe que dava para um roseiral, passar por outro portão (onde havia um letreiro a dizer *Privado*) e seguir com cuidado por um comprido caminho de lajes até à praia. Amiúde, durante as últimas semanas, Ned viera para aqui ao fim da noite, admirar o iate que comprara e mandara restaurar por uma boa maquia, para caminhar pelo ancoradouro, contemplar o mar. Amiúde, telefonara-lhe a pedir para ela se juntar a ele, mesmo que ela já estivesse na cama. *Veste o casaco, Nikki — preciso que tomes nota de umas coisas*. Por isso, ela soubera para onde ele ia quando saíra da festa na noite de sexta-feira. Para um último copo e um charuto, dando a noite por encerrada. Para refletir sobre o seu triunfo. Também soubera que ele estaria sozinho.

Quando ouvira os seus passos a aproximar-se pelas tábuas de madeira, olhara para ela com um franzir do cenho irritado. Essa expressão não se esfumara ao ver quem era.

— Já te fartaste da festa, Nikki?

A todo o comprimento dos dois lados do cais havia uma fileira de luzes embutidas que iluminavam os borrifos das ondas. Entre as tábuas, era possível olhar para baixo e ver o redemoinho e a ondulação.

— Quero saber porque fizeste aquilo.

Ele rira com desdém? Na sua mente, ao tentar lembrar-se da sequência dos eventos, decididamente ele rira com desdém.

— Estás com os copos? Isso nem parece teu. Queres saber porque fiz o quê?

— Tu sabias, não sabias? O tempo todo. Sabias a minha idade quando

comecei a trabalhar no bengaleiro. O tipo de raparigas que agradavam ao Ron Cox. O tipo de raparigas que ele namoriscava.

Ele esboçou um menear de reconhecimento, um encolher de ombros quase impercetível.

— Do meu ponto de vista, pareceu-me tudo muito consensual.

— Eu tinha 15 anos, Ned. Há uma palavra para descrever aquilo que ele fez.

Ned levou o charuto à boca e tirou uma baforada.

— Tu orquestraste aquilo tudo, não foi? E depois filmaste para o poderes chantagear: realizador simpático engana a mulher com uma criança. Ele já era membro há algum tempo antes de eu o conhecer, o que quer dizer que já o tinhas filmado a dormir com outras raparigas, mas não podias provar com facilidade que elas *eram* menores. E, presumivelmente, um adúltero só estará disposto a pagar até determinado valor pelo silêncio. Fazê-lo ir para a cama comigo piorou muito as coisas para ele, não foi? E melhorou muito para ti. — Deu uma risada breve e triste. — Deves ter pensado que te saiu a sorte grande quando soubeste que eu estava grávida. Que golpe de sorte! Tornei-me muito mais valiosa. Usaste-me para o obrigares a dar-te o dinheiro para o Manhattan Home, não foi? O teu advogado enviou-me o contrato, assinado e datado pelo Ron, três dias depois de eu te dizer que estava grávida. Eu deveria valer muito, porque o advogado também me disse que o empréstimo foi cancelado alguns meses depois, que tu nunca tiveste de pagar aqueles milhões. É um presente e peras. E ele continuou a dar-te dinheiro de vez em quando, quando tu lhe pedias, não foi? Até a sua demência te impedir de o continuar a espremer. Essa parte eu compreendo.

Ned não respondeu.

— O que eu não compreendo é porque é que tu lhe deste o meu bebé, Ned. De quem foi a ideia? Qual foi o objetivo?

— O objetivo?

— Diz-me, Ned. Porque isso é que me está a custar mesmo. Quero dizer,

há pormenores que já percebi. Por exemplo, sei porque é que tiveste de me levar aos Estados Unidos. Sei que tu precisavas que eu tivesse lá o bebé e o deixasse lá, que assinasse a documentação antes de regressar ao Reino Unido. Não foi só para tornar tudo mais cómodo para o Ron, pois não?

Ned nada disse, esperou que ela continuasse.

— A lei de lá era assim; estava do teu lado, do lado dele — tu sabia-lo, porque eras advogado. A tua especialidade era direito da família, não era? E a adoção fechada significava que, assim que eu concordasse, não havia maneira de, por meios legais, descobrir o Kurt nem de ele me descobrir a mim. Aqui, isso não seria possível. A lei não o permitiria.

Nikki pareceu lóbrigar em Ned um indício de admiração a contragosto.

— É verdade — disse ele. — Tens toda a razão. Essas agências de adoção são um pesadelo em Inglaterra. Todas aquelas verificações, se estão todos de acordo, se todos compreendem. Em comparação, lá é tudo à balda. Nós realizámos todo o processo por intermédio de um antigo sócio, um advogado amigo. Mas *tu* assinaste os documentos. Ninguém te obrigou. Tu disseste que nunca quererias encontrar o teu bebé. E nunca *tentaste* encontrá-lo, pois não? Parece que a ideia de te procurar também nunca lhe ocorreu a ele. Por acaso, a lei em Nova Iorque mudou apenas no ano passado, por isso ele agora tem acesso à sua certidão de nascimento original, aquela em que consta o teu nome, se ele quisesse saber. O Ron foi inteligente ao não revelar aos filhos quais eram biológicos.

Olhou para a ponta do charuto e depois para a água.

— Portanto, a verdade é que, Nikki, sim, eu orquestrei tudo. Nunca faltei à minha palavra, sabes? Prometi que te proporcionaria uma forma de lhe dares uma vida melhor do que tu lhe poderias dar e cumpri. Ele não está nada mal, pois não? Nunca o ouvi queixar-se muito durante os últimos vinte e não sei quantos anos.

— Ainda não compreendo porquê — disse ela. — Primeiro, pensei que fosse uma estranha coincidência, quando ele me disse a data do seu

aniversário. Mas depois vi as marcas de nascença na piscina e percebi que não foi coincidência. O que eu não compreendo é porque é que o Ron queria adotar secretamente o nosso filho, já que era tão paranoico com contração quando eu estava com ele.

Ned balançou sobre os calcanhares, bebeu um trago da sua bebida, levou o charuto aos lábios.

— ADN — disse.

— ADN?

— Para quem levava a vida do Ron Cox, devem ter sido tempos bastante assustadores quando aquela treta dos testes de paternidade apareceu no final dos anos 80. Aquilo tramou alguns dos meus clientes, citados em alguns divórcios *muito* dispendiosos. — Assobiou. — Era uma nova realidade a que homens como o Ron tiveram de se adaptar. Não à possibilidade de pagar a pensão de alimentos. O que estava em causa era o aspeto da reputação. Os danos que um escândalo poderia causar à marca. E uma pessoa não se pode esquecer do valor da nossa marca, quando somos alguém como o Ron Cox. Quando somos um realizador cujo nome as pessoas conhecem, cujos filmes vão ver, aos milhões, um gajo que é conhecido como um criador de filmes para a família, um *homem de família* — há muito dinheiro em jogo. Muito dinheiro. E não é só a marca que está em jogo. A Marianne também tinha as suas atividades, a sua imagem pública a proteger. E eles já tinham aquele esquema montado, o rancho, os filhos — os seus filhos, filhos adotados. Sempre fora o sonho dela ter uma família numerosa...

Com a voz tornada um gemido, ela perguntou se Marianne soubera de Kurt, soubera quem era o seu verdadeiro pai.

Ned bufou com desdém, soprando duas pequenas nuvens de fumo pelo nariz.

— Só se o Ron lhe disse, paz à sua alma. Ou se descobriu sozinha. Meu Deus, o estado do cérebro daquele gajo hoje em dia... O mais certo é nem

ele saber quais são os seus verdadeiros filhos e quais não são.

Nikki lembrou-se de tentar processar isto e de sentir que nunca conseguiria. Lembrou-se do rebentar das ondas, do som de vozes distantes, risos ao longe.

Ned levantou as mãos — o charuto numa, o copo de cristal na outra.

— Olha, a culpa não foi minha. Na realidade, foi um favor que fiz ao Ron. Ele estava a dar-me, a dar ao Home, muito dinheiro para manter tudo em segredo. Ele pediu para eu tratar disso e foi o que fiz. Ele pagou, é claro. E não foi barato, a agência, convencê-los a adaptar os... os seus procedimentos.

— Não compreendo — disse ela. — Porquê fazer um favor ao Ron, se já o tinhas na mão?

Ned sorriu, paciente.

— Porque é assim que funciona. É assim que o esquema funciona. Dar e receber. Às vezes, ajudamos alguém a sair de uma alhada. Outras vezes, pedimos um favor em troca.

— Às vezes, arquitetamos uma situação... — disse Nikki, compreendendo.

— Nem mais.

Talvez não haja uma raiva tão arrebatadora como a que sentimos em nome de outra pessoa — ou que nos convencemos de que estamos a sentir em nome de outra pessoa.

A última gota foi o sorriso dengoso de Ned. Agradavelmente embriagado, numa noite em que concretizara um sonho com toda a glória, não conseguiu esconder aquele sorriso pretensioso, que mostrava como fora inteligente, como tratara de tudo com tanta habilidade. Meu Deus, pensou Nikki com os seus botões, há anos que ele esperava para se gabar desta forma.

— Ele era uma prova — disse Nikki brandamente. — O Kurt. Para o Ron.

— Exatamente — concordou Ned, fazendo o gesto de quem toca uma pequena sineta invisível com o dedo. Acabou a bebida de um trago. — Eu podia ter o gajo à minha mercê, mas isso não queria dizer que não lhe pudesse fazer um favor. Um pequeno gesto de boa-vontade, assim por dizer. O que o Ron não queria era ter-te também à perna, uma miúda histérica, cinco anos depois, dez anos depois, a fazer um escarcéu e com provas físicas de que era tudo verdade.

— E eu, Ned? Porque me mantiveste por perto depois de teres aquilo que querias? — indagou.

Ned soltara uma gargalhada.

— Não é fácil encontrar uma boa assistente pessoal, Nikki. E tu és mesmo uma boa assistente pessoal. És educada, eficiente, bonita, mas tens um ego tão pequeno que é como se te tivesses tornado invisível, ao contrário da besta da Annie Spark. E, mais importante, nunca vi ninguém que fizesse tão poucas perguntas. A certa altura da merda do último quarto de século, seria de esperar que percebesses que andávamos a chantagear os membros quase desde o dia em que herdei o negócio, mas não. Parece que nem sequer entrou nessa tua linda cabecinha. Estúpida ou apenas ingénua? Nunca percebi. Mas sei que não abrirás a boca, porque... quem é que vai acreditar que *tu*, o meu braço-direito, também não está metida nisto?

Fora o riso que ecoara na sua cabeça, o tom das suas palavras, o significado das mesmas. Pensara em tudo o que Ned fizera por ela ao longo das décadas, tudo o que fizera para a manter por perto, para fazer com que ela sentisse que fazia parte de alguma coisa, leal ao Home, leal a ele. Uma figura paternal para a rapariga que não tinha pai. Pensou em tudo o que ela fizera e de que prescindira como paga. Ele continuara com aquele sorriso dengoso e, de súbito, percebeu que ele não conseguia mesmo compreender — nem sequer se importava, minimamente — como tudo isto a fazia sentir-se; que, ao fim de todos estes anos, ele continuava a encará-la apenas pelo valor que ela tinha para ele, para o Home; tal como parecia ter dificuldade

em imaginar que ela poderia opor-se a isso, ou encarar-se a si mesma de maneira diferente. Que era extremamente humilhante saber que ele usara a sua vida e a do seu filho, tal como usara a noção deles mesmos, o sentido de quem eram.

Simplesmente, não havia nada a dizer. Virara-lhe costas e começara a caminhar para a praia, olhando uma vez para trás quando ia a meio do cais, vendo Ned a contemplar a água outra vez, a admirar o seu barco.

Ele era um homem corpulento, mas bebera uns copos, e é claro que não esperara aquilo. Não dela: a sua dócil, estúpida e ingénua assistente pessoal. (Ela própria ficara espantada ao virar-se para trás e arremeter contra ele.) Tivera um impulso de três ou quatro metros para ganhar velocidade. Agora, ao pensar no sucedido, Nikki não se lembrava se dissera ou gritara alguma coisa ao perpetrar o ato, mas nunca esqueceria o momento do impacto, as suas mãos nas costas dele, os dois passos espantados que ele dera. O segundo empurrão, com toda a sua força, antes de ele recuperar o equilíbrio. O passo em falso. O tropeção — o tacão do sapato a ficar preso em alguma coisa, talvez. O longo, demorado período — alguma ilusão da mente, com certeza — que parecera pairar, como que parado no tempo, a cair. O baque do corpo ao cair na água.

Deus me perdoe, pensou Nikki, fitando a ondulação, revendo o sucedido mentalmente: o empurrão, o desespero final que se seguiu. Ela matara-o.

Matara-o e não sentia o menor arrependimento.

Annie

-E stá tudo bem, Annie?
Era o que as pessoas lhe perguntavam, quando passava por elas, estugando o passo. Enquanto caminhava — quase às cegas, aos tropeções, quase em pânico — pelo meio dos bosques, pelos caminhos, rumo ao The Manor.

— Estou a divertir-me como nunca! — respondeu aos berros, esperançada de que ninguém reparasse na tensão na sua voz. Ou apenas:

— Fantástico! — ou:

— Maravilhoso, querida!

Porém, presumivelmente, ela não estaria com bom aspeto, de contrário as pessoas não estariam a perguntar.

Keith matara o homem errado e ela não fazia ideia de onde estava Ned Groom.

Keith matara o homem errado e agora andava à solta pela ilha com as mãos todas fodidas e Freddie Hunter ia a fugir sozinho no seu helicóptero. Iriam inculpá-la, é claro. Se fossem apanhados, se fossem acusados, não hesitariam em tentar incriminá-la. A menos que...

Chegou à lareira a céu aberto no relvado da frente, na qual dois membros estavam a tentar acender um charro, com as máscaras puxadas para os cocurutos das cabeças.

— Como vai isso, Annie?

— Maravilhoso! Fantástico! Cuidado para não entrarem em combustão.

Desataram todos a rir. Um minuto depois, ouviu um dos homens nas suas costas a uivar, a saltitar e a gritar por causa dos nós dos dedos chamuscados.

Com um pouco de sorte, pensou, poderiam deitar fogo à ilha inteira.

Annie obrigou-se a abrandar o passo, enquanto os pés rangiam em cima da gravilha mesmo à entrada do The Manor. Conseguiu ouvir a banda que subira ao palco depois do grande final, e o barulho de dezenas de conversas aos gritos ao mesmo tempo a sair pelas janelas abertas. Estava uma empregada no caminho a recolher copos vazios. Quando se cruzaram, cumprimentaram-se com um menear da cabeça.

O The Manor poderia encontrar-se na direção para aonde Annie seguia, mas não era o seu destino. Olhou em redor para ter a certeza de que ninguém estava a ver e depois virou à esquerda, descendo a encosta que dava para as cabanas.

Praticamente a primeira cabana pela qual passou era a de Freddie Hunter e, quando subiu para o alpendre, reparou que a porta estava entreaberta. Lá dentro, todos os sinais de alguém que fizera as malas à pressa. Annie verificou todas as divisões. No chão da casa de banho, havia um emaranhado de toalhas e roupões. Em cima da cama, a máscara e o manto dele. Não havia produtos de higiene pessoal no lavatório, nem se viam quaisquer roupas. Nenhuma mala. Ele embalara a trouxa e pisgara-se. Annie espreitou para debaixo da cama. Procurou na parte lateral das três televisões de ecrã plano montadas nas paredes da cabana — na sala de estar, no quarto, na casa de banho (um sítio improvável, é verdade, para se assistir ao desenrolar da própria chantagem). Com as mangas a tapar os dedos, abriu e fechou todas as gavetas das duas mesas de cabeceira, todas as gavetas deslizantes na base do guarda-fatos, até mesmo as gavetas da secretária e da mesa de canto com um candeeiro em cima. A *pen* também tinha desaparecido.

— Foda-se — disse Annie.

É claro que a *pen* desaparecera; Freddie Hunter não era burro nenhum. Não obstante, a *pen* não lhe serviria de nada. Ele não sabia, mas o conteúdo apagava-se automaticamente ao fim de 72 horas. Era essa a apólice de

seguro de Ned. Entregara-lhes as suas próprias filmagens de chantagem, sabendo que estas se apagariam assim que eles chegassem ao continente, pelo que mesmo que estivessem tão desesperados ao ponto de envolver a polícia (e eles tinham de estar desesperados, é claro), Ned poderia defender a sua inocência.

Mas se Keith não tivesse escondido bem o corpo — e a julgar pelo estado em que se encontrava, ela não confiaria nele para apertar os próprios atacadores —, alguém certamente soaria o alarme. E se isso acontecesse em breve, a polícia poderia chegar a tempo de ver as imagens (embora talvez, conjecturou Annie, isso pudesse funcionar a seu favor: certamente seria um motivo para Keith se querer vingar dos Grooms). Contudo, encontrar as *pens* e copiar os vídeos para o portátil de Annie era a sua única hipótese de conseguir ter qualquer um dos homens minimamente nas suas mãos.

Merda, merda, merda. Seriam todos interrogados. Provavelmente, toda a gente que estava na ilha. Isto seria uma catástrofe de RP para o Home e para tudo o mais.

Por outro lado, pensou, com uma sonora gargalhada que soou muito mais histérica do que esperara, tinha pena do pobre inspetor a quem fosse incumbida a tarefa de examinar as movimentações de todos os convidados durante o fim de semana. Se lhes perguntassem onde estavam e o que estavam a fazer neste preciso momento, metade não saberia — ou de certeza que teria de pensar muito bem antes de responder.

O vento bateu a porta da frente da cabana com estrondo e Annie deu um grito. Era inútil — era evidente que Freddie a levara com ele.

A cabana de Keith era a paragem seguinte. Bateu à porta, ninguém respondeu, bateu com mais força, nada. Olhou em redor. Ninguém. Rodou a chave-mestra, levou a mão ao puxador e sentiu-o pegajoso.

— Foda-se — disse Annie.

Rodou o puxador, abriu a porta, limpou o puxador com um lenço e fez o mesmo à mão.

Foda-se, foda-se, foda-se.

Além de ele ter chegado antes dela, a julgar pelas aparências, também há muito que fora embora. O quarto? Parecia o local de um homicídio. Havia a marca de uma mão ensanguentada no espelho por cima da cama, sangue nos lençóis, sangue espalhado nas toalhas amontoadas em cima da cama. Havia sangue na máscara que estava no chão, sangue na tira da parte de trás onde a puxara. Um lavatório da casa de banho estava uma bagunça.

Oh, Keith, pensou com os seus botões. Oh, Keith, quando a polícia vir isto, vais ter muito que explicar.

As malas dele tinham desaparecido; a mala com todas as suas câmaras, a mochila com que ele chegara onde guardava todas as roupas.

Inspecionou as laterais do televisor montado na parede do quarto, do da casa de banho, do da sala de estar. Nada. Cobriu os dedos com as mangas e procurou em todas as gavetas. Nada.

Depois, procurou debaixo da cama e avistou, num monte escuro e difícil de ver, empurradas contra a parede, as calças de ganga justas que Keith usara essa tarde. Annie ajoelhou-se e tentou apanhá-las. Estavam fora do seu alcance. Verificou se havia sangue no chão, deitou-se de barriga para baixo e tentou agarrá-las outra vez. Desta vez, conseguiu chegar-lhes com as pontas dos dedos, arrastá-las o suficiente pelo *parquet* para as conseguir agarrar. Outra vez de joelhos, puxou o objeto emaranhado de debaixo da cama. Verificou os bolsos de trás, apalpou o bolso da frente, espreitou para dentro do bolso do relógio.

Estava lá alguma coisa. Agarrando-a entre o polegar e o indicador, com o coração a bater, puxou-a para fora.

Era uma *pen*. Apanhei-te, pensou.

Atirou as calças de ganga outra vez para debaixo da cama e meteu a *pen* ao bolso do casaco. Quando estava a puxar as mangas para as mãos para fechar a porta da frente da cabana de Keith sem lhe tocar, o telemóvel tocou.

Annie pensou que não ter gritado era como que uma homenagem às suas consideráveis reservas de autocontrolo.

— Daqui fala a Annie — disse.

Aclarou a voz. Tossiu para a mão.

— Daqui fala a Annie — repetiu num tom um pouco mais natural.

— Não — disse, abanando a cabeça. — Lamento, mas não vi o Adam. Para ser franca, não o vi a noite inteira.

Agora, estava a afastar-se da cabana de Keith e a regressar à sua. Passou por um carrinho de golfe a fazer uma barulheira, com quatro ocupantes a balouçar violentamente a cada solavanco do veículo. Alguém gritou. Ela acenou com dois dedos da mão que estava a segurar o telefone.

De repente, parou.

— Desculpe, importa-se de repetir?

Consultou o relógio. Passava da meia-noite.

— Há quanto tempo estão aí? Há quanto? *Há quanto?* Quem são eles? Que diabos querem?

Há já uma hora que estava no The Boathouse um grupo de cerca de trinta pessoas locais, irritadas, a insistir que Adam Groom os convidara pessoalmente para beber um copo e assistir ao fogo de artifício, recusando-se a ir embora. Os colaboradores da receção tinham tentado ligar a Adam. Também tinham deixado várias mensagens no telefone de Annie. Nikki dissera que Ned estava incontactável. — Canapés —, ouviu-se alguém dizer em segundo plano. — Diga-lhe que nos prometeram canapés. Isto é uma total falta de respeito.

Foi nesse preciso instante — enquanto Annie fazia um esforço para resistir à histeria que fervilhava dentro de si há já algum tempo, tentando travar o riso caso não conseguisse parar assim que começasse, enquanto a voz do outro lado da linha continuava a perguntar o que deveria fazer — que rebentou o primeiro foguete.

CONTINUAÇÃO DAQUI

Uma das principais dúvidas com que se deparou Annie Spark nos primeiros sete dias no cargo de CEO interina do Home Group foi o que fazer em relação aos clubes Home espalhados por todo o mundo. O Island Home era local de um crime. A própria marca era notícia global, tendo em conta que o seu fundador estava ainda desaparecido. Deveria a empresa encerrar também os outros por uma questão de respeito pelos mortos? No fim, medita Spark, a decisão foi instintiva. «Manter a chama dos clubes Home a arder, assim por dizer», diz ela, «foi o mínimo que poderíamos fazer pelos nossos membros. Eles tinham de saber que, independentemente do que acontecera, nós continuávamos ao seu dispor. Precisávamos de sítios onde os nossos amigos se pudessem reunir, fazer o luto, estar juntos.» A sua decisão também pode ter sido pragmática — de acordo com um elemento subordinado da equipa de Spark que pediu anonimato, receberam mais candidaturas nessa semana do que no ano anterior inteiro.

Sentada num elegante cadeirão brocado, num canto sossegado do bar principal do Manhattan Home, vestida de preto da cabeça aos pés, com os cabelos negros penteados para trás e apanhados num rabo de cavalo aprumado, os lábios pintados com um batom de um tom sóbrio, assume-se uma pessoa bastante menos extravagante, e inquestionavelmente mais séria,

do que outrora. Diz que agora a sua tarefa é manter-se fiel à visão de Ned. «O Ned é insubstituível, é claro, mas não quereria que o Home morresse com ele. Este clube já se ergueu das cinzas. Cabe-me a tarefa de — pelos membros e pelo próprio Ned — o fazer novamente. Acho que ele ficaria orgulhoso.»

Fica pensativa. «Pelo menos, espero que sim», diz, pensando em voz alta. «Desculpe». Faz um compasso de espera, respira fundo. «Ainda me custa falar nisto. Parece-me que muitos de nós ainda estão a aceitar o que aconteceu, a ideia de que ele não voltará. Ainda há momentos — quando estou aqui sentada, por exemplo — em que parte de mim espera que ele entre por aquelas portas, a rir, a contar anedotas. Acho que a questão é mesmo essa: quando somos uma grande personalidade, um ser humano maior do que a própria vida, deixamos um enorme vazio quando partimos.»

A morte de Ned Groom continua a ser o mistério mais angustiante daquele fim de semana. Todos os relatos de testemunhas oculares que viram Ned na festa dão conta de boa disposição, exuberância, embriaguez ligeira, no máximo. Era um homem no apogeu do sucesso, no pico da carreira, de boa saúde, física e mental, financeiramente muito confortável. «Fui a Londres», escreveu num último enigmático e misterioso e-mail, mas todas as provas sugerem que nunca saiu da ilha com vida. Terá acontecido algum tipo de acidente? Terá, por algum motivo, entrado intencionalmente na água, completamente vestido, não sendo um bom nadador? Terá sido assassinado? Poderemos nunca vir a saber. Se Keith Little, Adam Groom ou Jackson Crane estivessem vivos, talvez algum deles pudesse lançar alguma luz sobre a perda. Há certamente quem acredite que um, ou mais do que um, desses homens estavam com Ned no momento da sua morte, ou que foram os responsáveis pela mesma. Não faltam teorias na Internet, tão rebuscadas como engenhosas. Mas a verdade é que a vida é sempre mais e menos complicada do que a ficção.

O mistério de homicídio clássico termina com um metódico conjunto de

motivos, um culpado e um justo castigo. Talvez seja por isso que os lemos. Talvez seja por isso que os adoramos. Porque a vida real nos proporciona tão poucos desses lenitivos, tão poucas dessas satisfações. Talvez um dia se descubra uma pista ou venha à luz alguma confissão que nos proporcione o sentimento de encerramento que os livros e os filmes nos ensinaram a esperar, e a acreditar que merecemos.

Todavia, por ora, continua a haver segredos que o Island Home insiste em guardar.

Epílogo

Um Funeral

Annie

Correra bastante bem, pensou Annie, colocando o exemplar da *Vanity Fair* no bolso atrás do banco do condutor, consultando ao mesmo tempo o relógio no painel de instrumentos e calculando o tempo que ainda faltava para chegarem ao seu destino. Ned estava morto. Adam estava morto. Keith estava morto. Jackson estava morto. Não era de admirar que tantos artigos sobre o Island Home fizessem referências a uma tragédia shakespeariana.

Não era que ela o tivesse reconhecido então, mas durante toda essa primeira semana, antes de encontrarem o corpo de Ned, Annie sentira-se como uma sonâmbula. Afinal de contas, um dos sintomas do choque é a pessoa não perceber que está em choque. Ocupando o cargo de CEO do Home — quem mais o poderia ocupar? —, estava a dar ordens, a gerir a restrição dos estragos. A atender telefonemas da imprensa, a tranquilizar os membros, a dizer repetidamente à polícia quais tinham sido os seus passos, o que vira, o que ouvira. A descrever o comportamento de Ned, a pressão que a inauguração do Island Home, atrasada e acima do orçamento, deveria ter sido para ele. Deitando-se a adivinhar para aonde ele poderia ter ido, se estaria escondido. Ela achava que ele seria capaz de se suicidar? Com toda a franqueza, antes de ser encontrado a boiar sem vida no Mar do Norte, ela

não fizera a menor ideia de onde ele estava ou do que poderia ter acontecido.

A responder a perguntas sobre Keith, sobre o seu estado de espírito nessa noite. A explicar os movimentos de Jackson nesse fim de semana, tanto quanto os compreendia. A descrever Adam, como ele era como pessoa, quem poderia estar ressentido com ele e porquê.

Ao fim de algum tempo, relatara a sua versão dos acontecimentos tantas vezes que lhe começara a parecer que era a verdade. Inclusive, chegara a pensar em introduzir algumas inconsistências para não parecer que estava a reger-se com rigor por algum guião mental cuidadosamente elaborado.

Passada uma semana — quando um deles lhe perguntou se ela achava possível que Jackson Crane ou Keith Little tivessem assassinado Ned e lançado o corpo ao mar —, percebera que a polícia não fazia a mínima ideia por onde começar. Após um fugaz frenesi de interesse com o seu helicóptero, pareceram rejeitar completamente todas as suspeitas que recaíam sobre Freddie Hunter.

Ela tivera muita sorte. Como Keith deixara a *pen* na cabana, em vez de a levar com ele, evitara que a polícia a encontrasse junto ao corpo. Freddie não dera com a língua nos dentes. Ned fora assassinado — ela não acreditava, nem por um segundo, que tivesse sido um acidente — sem uma única gota de sangue a manchar-lhe as mãos.

Parecia-lhe mesmo que, quando uma pessoa queria muito uma coisa, o universo tratava de no-la dar.

Como lhe parecera estranho, de início, entrar no Home, sentir a mudança na atmosfera, e compreender que era ela quem a estava a mudar. Depois de tantos anos a tentar adivinhar os desejos de Ned, a tentar perceber o rumo das coisas, agora era *ela* quem estava ao comando. Assumindo o cargo de CEO do Home Group, à espera apenas de algumas formalidades antes da aprovação final.

Resistiu à tentação de pegar na revista e ler o artigo outra vez. As notícias

são aquilo que alguém, algures, quer suprimir — não é isso que se diz? Tudo o mais são apenas RP. E ela não poderia desejar um artigo melhor, especialmente porque, fora praticamente ela a autora. Ned sempre a gozara por causa disso: «Vocês, escritores», costumava dizer, ao passar os olhos pelos seus recortes de imprensa diários, «devem ser as pessoas mais indolentes do mundo.»

Estava equivocado.

O jornalista da *Vanity Fair*, com a sua camisola de gola em V, o cabelo ralo, os olhos remelosos, cerca de uma década mais velho do que a fotografia de apresentação faria crer, chegara com o ar de um homem determinado em esclarecer toda a história, preparado para investigar e julgar, dissecar e ditar leis. Em vez disso, apenas absorvera todas as palavras dela, acreditara nelas, transcrevera-as e depois parafraseara-as no artigo.

Duas semanas depois da entrevista, enviara um e-mail a indagar sobre a possibilidade de ser membro gratuitamente.

Enquanto observava, melancólico, a paisagem rural que rodeava o carro, questionou-se se lá estariam jornalistas, a pairar morbidamente à porta da igreja. Um bando de corvos levantou voo. Onde é que ficava isto? Quando concordara em ir ao funeral de Adam — depois de ponderar bem sobre a impressão que causaria se não fosse —, Annie soubera que não seria nada à escala do de Ned, mas pelo menos presumira que seria em Londres. Por Deus. Foi aqui que eles cresceram, Ned e Adam? Não é de admirar que nunca falassem sobre isso. O que poderiam dizer? Não havia nada aqui — quilómetros e quilómetros de campos planos e acastanhados. Encheu-se de coragem, ciente de que teria de falar com toda a gente, mostrar-se triste, soar triste. E *era* triste, achava ela, para Laura e para o senhor e a senhora Groom. Mas mais ninguém sentia muito a falta dele — de Adam com os seus gracejos, de Adam com as suas mãos atrevidas, de Adam com o seu sexismo imprevidente e a sua indolência quotidiana. *Era* uma pena estar

morto, achava ela, mas a culpa não era dela. Não propriamente. Não exatamente. E, na generalidade, era melhor para o negócio. Como seria o Home com o irmão de Ned à frente das operações?

— Estamos quase a chegar — informou o motorista, apontando para a sinalização rodoviária pela qual estavam a passar.

Quanto ao Island Home propriamente dito, continuava fechado aos membros, a funcionar com o mínimo de pessoal necessário, todos os outros em regime de *lay-off*. A polícia dera-lhes autorização para reabrir há meses e as reservas tinham atingido máximos históricos quando começaram a aceitá-las outra vez para o ano seguinte. Porém, Annie queria no mínimo dar uma aparência de respeitabilidade e, mais importante, tentar entrar no *bunker* por debaixo da cabana de Ned. Tinha de haver ali milhares de horas de filmagens. Captadas ao longo de décadas. Ned assegurara-se de que a porta estava tão bem camuflada que nem a polícia reparara que existia — porque é que haveriam sequer de procurar? —, tal como se assegurara de que as câmaras ligadas a todas as cabanas passavam completamente despercebidas. Não eram apenas os membros que estavam em risco, caso fossem descobertas.

Porque algures naquele *bunker* havia também imagens dela, do fim de semana em que Jackson Crane a convidara para uma casa de campo no Country Home. Imagens dos dois a foder. Imagens do telefone preto antiquado e lustroso ao lado da cama a tocar e Jackson a interromper o ato para ter uma conversa com Georgia, que estava no Taiti, e Annie deitada muito quieta e sem fazer barulho. Imagens deles a decidir onde ir jantar e Jackson a insistir que queria ir de carro até uma aldeia local e beber uma cerveja num verdadeiro *pub* inglês. Imagens deles a beber outra garrafa de vinho na cama. Dele a emborcar um copo de *whisky*. Imagens de Jackson indignado com a ideia de deverem cancelar a saída, ou então chamar um táxi. Imagens deles a chegar mais tarde nessa noite, a cambalear, o horror completo da situação a começar a assentar. Imagens dela ao telefone, a

concordar com a cabeça enquanto Ned lhe dizia o que fazer — até onde levar o todo-o-terreno de Jackson, que parte do lago no recinto do Country Home era suficientemente profunda para o deixar lá, que caminho seguir para lá chegar, o que fazer com o travão de mão e os vidros, como prender o pedal do acelerador com um tijolo, imagens que, naquela altura, ela não sabia que estavam a ser captadas, imagens que, assim que ficara a saber, passara anos a desejar que ele as apagasse. Imagens que destruiriam o que sobejava da reputação do falecido Jackson Crane e tudo aquilo por que ela trabalhara de uma assentada só.

O problema era que apenas Ned sabia a combinação da porta. Ela tentara os aniversários deles, os aniversários dos pais. Experimentara a data da reinauguração do Covent Garden Home e a data em que Inglaterra vencera o Campeonato Mundial pela última vez. Tentara «000 000». Tentara «007 007». O mecanismo rodara, mas as trancas não se abriram. As paredes da caixa-forte tinham mais de três metros de espessura. A própria porta também. Não era possível entrar lá com uma broca. Não era possível entrar lá com um buldózer. Aquele sítio fora desenvolvido para resistir ao detonar de uma bomba nuclear. Ponderara, por um fugaz momento, a possibilidade de pedir algum tipo de ajuda, mas onde a encontraria e como poderia ter a certeza de ser de confiança?

Era isso que fazia o seu coração disparar, que a obrigava a respirar fundo várias vezes. Não as memórias daquela noite com Jackson e das suas ações — há muito que desenvolvera técnicas para nem sequer pensar nisso. Não o sentimento de culpa pela morte de Adam. Não a mágoa pela de Ned. Era a compreensão, que apenas se abatera lentamente sobre ela nos dias, nas semanas depois de eles morrerem, de que, salvo raras exceções, ela não sabia exatamente que membros Ned andara a chantagear, por que motivos, ou há quanto tempo. De alguns suspeitava, é claro. De alguns era capaz de adivinhar. Mas para o Home sobreviver, para o Home florescer, a verdade era que teriam de receber toda uma nova geração de membros abastados.

Teriam de permitir o acesso a esses monstros — milionários das tecnologias, gestores de *hedge funds*, putos *influencers* e gurus do bem-estar — e acumular um catálogo totalmente novo de segredos obscuros, registados em pequenos aparelhos de aspeto comum, escondidos em todos os clubes, os quais, felizmente, tinham sido mais fáceis de aceder e compreender. Provavelmente, um *tipo* de segredo completamente novo, considerando o tipo de pessoas que ela esperava atrair para o Home. Demoraria meses, anos.

Foi esse pensamento que despertara Annie de noite, na cama de Ned, numa das suítes deste, as únicas divisões que não estavam fortemente sob vigilância, e a obrigara a lavar a cara com água num lavatório de Ned e ver o seu reflexo no espelho de Ned e perguntar-se se seria capaz de fazer isto, se era suficientemente forte para fazer isto. Se era suficientemente corajosa para fazer isto, se era suficientemente implacável para fazer isto. E, para solidificar a sua determinação, pensara neles, em todos aqueles membros, em todos aqueles membros repugnantes, em todas as coisas que eles faziam quando pensavam que ninguém estava a ver, em todas as coisas pelas quais pensavam que nunca sofreriam as consequências. E disse para consigo que sim, que era capaz de fazer isto. Inclusive, gostaria de o fazer porque, como Ned costumava dizer, basta apresentar-lhes uma coisa à qual sabemos que eles não conseguem resistir, num sítio onde pensam que não sofrerão as consequências.

Annie só tinha de lhes dar corda de veludo suficiente para se enforcarem.

Laura

Seria um funeral muito diferente do de Ned, isso era certo. Sem imprensa, celebridades, praticamente ninguém do Home. Apenas alguns velhos amigos dos tempos de escola, dois ou três colegas, alguns compinchas da universidade, um ou dois amigos de Laura, para dar apoio — e os pais de Adam, é claro. O seu segundo funeral num mês. Estava um tempo típico de início de março: chuva oblíqua e a atmosfera húmida e fria. À entrada da capela, o pai de Adam, Richard, estava a receber os enlutados à chegada. Estava com um ar mais velho, mais macilento. Quando se estavam a cumprimentar com um aperto de mão, Laura inclinou-se para o abraçar e conseguiu sentir os ossos dos ombros dele por debaixo do casaco. Percebendo que ele não sabia o que fazer ao braço livre, se o deveria passar à volta dela ou deixá-lo a balouçar ao lado do corpo, acabou por encontrar um meio-termo, pousando-o por breves instantes, desajeitado, na zona lombar dela.

— Como estás? — perguntou-lhe ele, com a voz embargada.

Ela respondeu-lhe o melhor que conseguiu.

Quatro meses e meio. Fora o tempo que a polícia e o médico legista tinham retido os cadáveres. Primeiro para as autópsias, depois para as averiguações. O processo demorara quatro meses e meio a ser concluído. Se é que se podia chamar conclusão àquilo a que chegaram, no que ao marido dela dizia respeito. Quanto às marcas à volta do pescoço de Adam — discretamente dissimuladas quando ela fora a Essex identificar o corpo —, era óbvio que tinham sido provocadas pela extensão de cordel encontrado à sua volta, mais tarde identificado como o cinto do manto de Keith Little. Já

os ferimentos profundos e lívidos exibidos no relatório da autópsia do marido correspondiam, na perfeição, aos encontrados nas mãos do falecido artista quando os mergulhadores da polícia o retiraram do carro. No que dizia respeito ao assassinato de Adam, parecia não haver dúvidas. O que ninguém parecia capaz de explicar era *porque é que* Keith o fizera. Nenhum dos presentes na festa naquele fim de semana os vira a discutir ou notara qualquer desavença. Ninguém era capaz de explicar porque é que o relatório toxicológico revelara todo o GHB no organismo do marido. Ninguém era capaz de explicar porque é que Keith conseguira sequer reconhecê-lo, estando todos de máscara e com os mantos. Por vezes, tinha a certeza de haver alguma enorme conspiração em curso, sendo Keith o bode expiatório, ou Adam, ou ambos. Amiúde, amaldiçoava-se por não ter estado lá, por ter dito a Adam, há anos, que não estava interessada em acompanhá-lo às inaugurações e festas do Home, em deambular por lá enquanto ele trabalhava, sentindo-se pouco à-vontade. Nos seus sonhos, Adam estaria sentado na sala de estar ou à mesa da cozinha, e ela perguntava-lhe o que tinha acontecido, limitando-se ele a sorrir ou a encolher os ombros, como quem diz: *Não sabes que isto não passa de um sonho, o teu sonho, que eu não te posso dizer nada que tu já não saibas*, e ela compreendia com um choque, mesmo no sonho, que era uma miragem e que ela nunca o iria ver daquela maneira e nunca poderia voltar a ter uma conversa com ele a não ser na sua cabeça.

Em vez de bancos corridos de madeira, havia filas de cadeiras de plástico coloridas, daquelas de empilhar que faziam sempre Laura lembrar-se das reuniões da escola. Cerca de metade das cadeiras estava ocupada.

A mãe dele, corcovada com o seu casaco quente, estava sozinha perto da primeira fila e Laura foi-lhe dar os sentimentos. Parecia ter mirrado desde a última vez que Laura a vira: Laura não era alta, mas quando passou os braços à volta de Jan, a mãe de Adam mal lhe dava pelo peito. Depois, Jan recuou um passo para a mirar dos pés à cabeça.

— Estás com bom aspeto, Laura — disse à nora, parecendo pensativa. — Mesmo bom.

Como sempre acontecia com Jan, Laura ficou sem saber se estava a ser paranoica ou se a ligeira sugestão de crítica que percebera no tom dela fora intencional. Não o conseguia evitar. Simplesmente, havia alguma coisa na mãe de Adam que Laura sempre achava assustadora. Quando se conheceram, da primeira vez que Adam a levava a casa deles para passar o fim de semana, Jan recebera-a com um abraço rígido, segurara-a à distância dos braços esticados, inspecionara com aparente admiração o casaco *Whistles* por estrear que Laura comprara para a ocasião, e depois dissera alegremente a Adam que se esta namorada estava a pensar em ir à igreja no domingo de manhã, teriam de lhe arranjar uma papoila do Dia do Armistício. Se Jan gostava mesmo dela, como Adam sempre afirmara, Laura nem queria pensar como teria sido o comportamento da mãe dele com as namoradas que não aprovara. Mesmo agora, mesmo aqui, assim que Laura começou a falar com Jan percebeu a sua voz a assumir um tom falso e demasiado entusiástico. Percebeu a sua expressão a transformar-se num esgar fixo e adulator.

Fazia-a lembrar-se da maneira como se sentia tantas vezes à beira de Ned. Meu Deus, como se esforçara para fazer Ned gostar dela, quando ela e Adam se juntaram? O tempo que passara a tentar fingir que gostava dele. Ned, com o seu permanente sorriso dengoso e vigilante. Ned, com aquelas suas piadas, que serviam sempre para lembrar às pessoas qual era o seu lugar na hierarquia. Ned, que, em todas as conversas que ela tivera com ele arranjava maneira de deixar bem claro como era mais importante aquilo que ele fazia do que aquilo que ela fazia; que, sempre que ela, ele e Adam estavam a conversar, arranjava maneira de dizer alguma piada privada que ela não percebia, ou iniciava — sem explicação ou pedido de desculpas — uma conversa sobre alguém que ela não conhecia. E que, depois, caso ela aludisse ao assunto, Adam acorria em defesa do irmão, pelo que, ao fim de

algum tempo, se deixara disso.

Uma coisa que a deixara fora de si, no seu luto, fora o modo como as pessoas só falavam de Adam fugazmente. O modo como os artigos dos jornais e das revistas sempre concentraram as atenções em Keith («O Que Levou um Artista ao Homicídio?») ou em Jackson Crane, ou em Ned e nos clubes. *Então e o Adam?*, sempre lhes quisera perguntar. Então e Adam, o seu marido, com as suas pequenas excentricidades, as suas pequenas gentilezas? A sua obsequiosidade quando outra pessoa estava a falar. A sua desenvoltura a falar com as pessoas, a arranjar maneira de criar uma ligação com elas, em qualquer situação. A sua capacidade de ver o lado engraçado das coisas. De a fazer rir, mesmo quando ela não queria.

Controla-te, disse com os seus botões, apertando as mãos sobre o regaço. Fungou com força e sentiu uma dor acutilante na garganta.

De todas as pessoas com quem trabalhara no Home, de todos os membros com os quais passava tanto tempo, apenas Nikki, Freddie Hunter e Annie Spark a tinham contactado depois da morte de Adam, feito alguma coisa para reconhecer a morte dele. Nikki com um enorme ramo de lírios, um cartão atencioso e uma longa e comovente mensagem esta manhã a pedir desculpa por não estar presente. Freddie Hunter com uma adorável menção no seu monólogo de abertura, na noite do seu regresso aos ecrãs de televisão depois do incidente. Annie com uma simpática oferta para fazer o que estivesse ao seu alcance para manter a imprensa longe de Laura e deste funeral.

Freddie e Annie estavam presentes, sentados em lados opostos da capela, nos lugares do fundo. Quando ela entrara, Freddie gesticulara com a cabeça e sorrira. Annie acenara-lhe fugazmente.

Em momento algum da elegia se aludiu à forma como Adam perdera a vida. Era compreensível. Em vez disso, o pároco aplicou palavras vagas e genéricas, como «inesperado», «trágico» e «desolador». É possível que também tenha dito «inexplicável» e «incompreensível». Todo o discurso

fora impossível de descortinar. Deixara Laura sem fôlego, quiçá para sempre. Havia experiências que ela e Adam haviam partilhado e que, agora, ela era a única pessoa que se lembrava (aquela noite em Roma, aquele restaurante horrível, o empregado com o nariz a pingar; aquela manhã de verão em que tinham nadado no mar em Cape Cod; a primeira vez que fizeram amor), piadas privadas que apenas ela conhecia a conclusão. Agora e então, após todos estes meses, ela ainda dava por si a tomar uma nota mental de alguma coisa para dizer a Adam, dava por si a pensar em alguma coisa que lhe queria perguntar, percebendo depois com um sobressalto que não o poderia fazer. Por duas vezes, deparara-se com um marcador num livro ou alguma coisa numa gaveta que ele fora a última pessoa a tocar e a utilizar, e parecia-lhe que sentia o coração a partir-se de novo.

Durante o primeiro quarto da cerimónia, sentiu-se constantemente à beira das lágrimas, com uma dor crua no esófago e um lenço retorcido na mão. Então, o pároco começou a dizer a toda a gente o que a Bíblia tinha para dizer sobre as coisas e ela deixou de prestar atenção. Foi o pai de Adam a fazer a primeira parte do encómio, a sua voz branda quase inaudível por causa do tamborilar da chuva no telhado da capela, o vento a chocalhar as janelas. Quando chegou o momento de falar sobre a infância de Adam, a voz de Richard embargou-se-lhe completamente e ele ficou ali a engolir em seco e a esfregar a garganta, tentando recompor-se e lembrar-se do sítio onde ficara. Quando Laura olhou para a mãe de Adam, reparou que ela tinha a cabeça baixa e os ombros a tremer.

Laura fez a segunda parte do encómio. A meio, o telefone de Annie começou a tocar.

Jess

As vezes, a meio da noite, Jess acordava e, por instantes, imaginava que estava na ilha. Com um calafrio, sentava-se na cama, procurava o candeeiro da mesa de cabeceira no sítio errado, tateava debaixo da almofada à procura do telefone, entrava em pânico, o coração batia desenfreado, a garganta apertava-se. Depois, apercebia-se do erro, o pânico começava a diminuir, virava-se para o lado certo da cama e acendia a luz, dando por si na sua cama, no seu quarto, em casa.

Parecia-lhe que tudo não passara de um sonho — ou de um pesadelo persistente.

Tinham sido extraordinariamente compreensivos no The Grange quando ela pedira para regressar ao seu antigo emprego, ou melhor, escrevera um e-mail inseguro a perguntar se precisavam da ajuda dela para dar formação à nova funcionária ou para trabalhar na íntegra o seu período de aviso prévio, informando-os de que ficara inesperadamente disponível. Vai-se a ver e ainda nem sequer tinham publicado um anúncio à procura de uma substituta, mostrando-se encantados ao saber que ela mudara de ideias em relação a deixá-los, lamentando que se tivesse ido embora de forma tão abrupta. É claro que, estar de volta, fora um pouco estranho no início. Naturalmente, com todas aquelas histórias nos jornais, era previsível que as pessoas lhe fizessem perguntas. Era normal que quisessem falar sobre o assunto. A verdade era que ela não tinha nada para lhes dizer que eles já não tivessem lido. Ela não vira Jackson Crane a entrar no carro naquela noite. Nunca se cruzara com Keith Little. Nunca fora formalmente apresentada a Ned Groom. Apenas se encontrara com Adam Groom duas

vezes. Quanto a uma data prevista para a reinauguração do Island Home, se é que isso alguma vez viria a acontecer, ela sabia tanto como eles.

Todos os elementos da equipa de Jess no Island tinham recebido um e-mail de Annie Spark, CEO interina do Home Group enquanto se decidia a respetiva gestão e propriedade, a agradecer-lhes o trabalho fantástico, em especial tudo o que fizeram para manter as pessoas calmas, e a explicar que, embora fossem encontrar um bónus no salário, esse seria o último. Sem membros hospedados na ilha num futuro próximo, não haveria necessidade de empregadas de quarto, nem de chefes, *barmen*, empregados de mesa ou motoristas. Na realidade, tinham mantido apenas alguns seguranças e jardineiros. O e-mail começara e terminara a lembrar que toda a documentação que os colaboradores do Home tinham assinado sobre falar com a imprensa continuava em vigor. A equipa teria, com certeza, muito para dizer. O início desse domingo fora um autêntico massacre. A equipa de empregadas de quarto trabalhara arduamente numa rotação ininterrupta, varrendo copos de champanhe partidos, tentando remover canapés pisados dos tapetes. Sempre que começava um novo turno, o anterior contava histórias sobre o que estava a acontecer, sobre as coisas a que tinham assistido. Um membro, ainda de máscara e completamente despido, a dormir no jacúzi. Um membro ainda a vaguear pelo perímetro do lago à procura de um sapato, a resmungar sozinho. A porta de uma cabana arrancada das dobradiças com um pontapé, por alguém que, às 5 da manhã, não encontrava a chave. O sistema anti-incêndio de outra cabana ativado quando um cigarro caído ao chão pegou fogo ao tapete de borlas marroquino.

Para onde quer que se olhasse no The Manor, havia convidados a dormir, a ressonar, espriados, embrulhados nos seus casacos. De madrugada, um pequeno grupo decidira ir nadar no lago, tendo depois regressado aos gritos, enlameados e cheios de frio. Às 6 da manhã, fizera-se um porco assado no relvado. As pessoas de cócoras para ver o nascer do sol. Às 8, os seguranças

anunciaram que um *Land Rover* do Home desaparecera. Às 9, os primeiros membros sentaram-se no Poseidon para o pequeno-almoço. Às 9h30, começara a gritaria.

Fora Bex quem tinha encontrado o corpo de Adam. Estava a arrumar na sala de estar de cima do The Manor, com outra rapariga, quando reparou no tapete encorilhado e tentou levantar a arca *Louis Vuitton* que fazia de mesa de apoio. Intrigada por ser tão pesada, removera vários copos que estavam em cima, encontrara o fecho, destrancara-o, levantara a tampa e lá estava ele. Ainda com o manto da noite anterior. Ainda com o cordel à volta do pescoço.

Às 10 horas, quando chegou o primeiro barco da polícia, pelo menos uma hora e meia antes de o caminho ficar outra vez transitável, as pessoas já estavam a fazer fila no The Boathouse para saírem da ilha, a berrar com o pessoal da receção, exigindo — nas palavras de uma mulher — sair dali.

Só por volta das 11 horas é que as pessoas começaram a falar de Ned Groom como se ele não estivesse apenas ausente, mas sim desaparecido. Pelo menos, foi quando Jess se apercebeu do pessoal a especular sobre onde ele poderia estar, vários telefonemas a ser feitos e recebidos entre os diferentes Homes. Annie a gritar com pessoas para encontrarem Ned e pô-lo ao telefone. Annie de súbito a assumir as rédeas das operações. A pessoa a quem todos pareciam prestar vassalagem. Annie Spark, a mulher que estivera no carro com Jackson Crane naquela noite, há tantos anos. Annie Spark que entrara de rompante pelo gabinete de Jess antes de o corpo dele ser formalmente identificado, enquanto os serviços de emergência ainda estavam a tentar perceber como iriam tirar o *Land Rover* do mar, e exigira a chave da cabana de Jackson.

Não era difícil perceber porquê.

Quatro *pens*. Deveria ser esse o número de *pens*. Uma para cada um dos quatro membros convidados para aquele jantar especial na primeira noite da festa de inauguração: uma para Kurt Cox, uma para Jackson Crane, uma

para Freddie Hunter e uma para Keith Little. Não era de admirar que ficassem tão preocupados quando Kyra Highway aparecera sem ser convidada.

Jess entregara-lhe, é claro, a chave da cabana. Oferecera-se para a acompanhar, para a levar lá num carrinho. Annie recusara a oferta com um menear da mão, um sorriso fugaz, glacial e condescendente.

O que Annie não sabia, é claro, era que as imagens que estava tão ansiosa por deitar a mão antes da polícia, ou de qualquer outra pessoa, também estavam agora registadas no telemóvel de Jess.

O que Annie deve ter pensado, quando chegou à cabana de Jackson e viu a *pen* na mesa de cabeceira onde Jess a deixara, foi que, mais uma vez, conseguira escapar incólume, do homicídio dos pais de Jess. Que deitara a mão à única prova concreta que a ligava às suas mortes. Era difícil imaginar o alívio que ela deve ter sentido. Como é que poderia adivinhar que ainda corria tanto perigo?

Há meses que Jess estava dividida entre ir imediatamente à polícia ou dar alguma dica à imprensa antes disso. Teria sido bastante fácil fazê-lo, a julgar pelo número de jornalistas que a tinham tentado contactar no rescaldo do sucedido. O *Sun* deixara-lhe mensagens de voz, o *Daily Express*, o *Mail*, todos eles. Mais tarde, um jornalista da *Vanity Fair* enviara-lhe uma série de longos e-mails.

Não era vingança que ela queria. Já sentira o sabor da vingança na ilha.

De algumas maneiras, parecera-lhe o castigo perfeito e apropriado, deixar Annie prosseguir com a sua vida, deixá-la continuar a gerir o Home, a dar entrevistas, sabendo que, a qualquer momento, com o premir de um botão, ela poderia fazer desmoronar a sua vida, a empresa inteira.

Jess esperara muito tempo por justiça. Agora, podia esperar mais um pouco.

Porque uma coisa que não queria era que a sua história — a história dos seus pais, a verdade sobre Jackson e Annie e o que tinham feito — se

perdesse na cacofonia da imprensa sobre as mortes na ilha, se tornasse uma espécie de nota de rodapé das mortes de Ned Groom, Jackson Crane e Keith Little, do homicídio de Adam Groom, parte de toda aquela macabra algazarra.

Mas mesmo uma notícia importante como as mortes no Island Home não conseguiria sustentar a atenção do público para sempre. Não na era do ciclo noticioso de 24 horas. Não num mundo turbulento como o nosso.

No fim do mês, Freddie Hunter estava de volta aos ecrãs de televisão, vídeos do seu regresso a circular no YouTube, o seu solene e choroso panegírico a Ned muito elogiado, o seu sorriso largo como sempre — apesar de parecer ter deixado de fazer as sessões de karaoke no helicóptero. O seu primeiro convidado? Kyra Highway, «uma velha amiga», como a apresentou, promovendo o seu novo álbum de cantigas de Natal, incluindo um dueto com a filha e, no fim do programa, a própria Lyra fora chamada ao palco e tinham todos cantado juntos, com chapéus de Pai Natal, sorridentes, desatando numa gargalhada enquanto passava a ficha técnica.

Portanto, à primeira vista, o que quer que ele tivesse feito, quaisquer que fossem as filmagens que o Home tinha dele, Freddie escapara incólume.

Porém, houvera apenas um momento no seu programa em que a conversa se tornara um pouco séria, quando falaram sobre a ilha e Kyra mencionara o nome de Adam e, por um segundo, apenas um segundo, o sorriso de Freddie se tornara forçado. Quem pusesse a imagem em pausa naquele preciso instante, poderia ver nos seus olhos, a adejar para a esquerda, o que pareceu a Jess um terror genuíno — e uma pessoa perguntava-se o que saberia ele exatamente sobre a morte de Adam, e o que saberia, ainda que sem o mencionar, no muito elogiado panegírico de Ned.

Deu por si a pensar em Georgia Crane, em tudo o que ela passara, nas decisões que, evidentemente, tomara — e no preço que teria de pagar por isso. Dizerem-lhe que o marido era um assassino e depois ficar a saber que ele morrera no espaço de poucas horas. Ser obrigada a simular o luto em

público. Ser obrigada a defender o falecido marido assassino de acusações de cumplicidade na morte de Adam e de Ned. Georgia Crane era agora, é claro, uma mulher muito rica. Mesmo com todo o dinheiro que doara a instituições de beneficência, a causas merecedoras. Mesmo com todo o dinheiro que custaria candidatar-se a um cargo político, conforme sugerira recentemente estar a pensar fazer.

— Podem ligar. Sintam-se à vontade para ligar — dissera-lhes Annie. — Lamento não podermos manter todos os empregos, mas eu estou aqui caso precisem de mim. Têm o meu número.

De facto, tinham. Jess tinha. Quantas vezes pensara em ligar-lhe? Sempre que estava sozinha num quarto do The Grange, sempre que saía para beber um copo e alguém deixava o telemóvel em cima da mesa. Imaginara como seria ligar para o número de Annie e dizer qualquer coisa misteriosa, qualquer coisa incriminatória, talvez não dizer coisa alguma, limitando-se a ouvir o pânico na voz dela, ameaçando e suplicando e rogando.

Só no dia do aniversário do pai — o dia em que o seu pai faria anos — é que o fez. Jess meteu a tarde de folga, como era habitual, visitou o jazigo do pai, deixou também algumas flores na campa da mãe, atravessou a rua até uma cabina telefónica, inseriu umas moedas e marcou o número de Annie.

Annie atendeu ao terceiro ou quarto toque, mas não disse nada de imediato. Estaria em alguma reunião ou em algum tipo de inauguração? Jess conseguiu ouvi-la a pedir desculpa às pessoas, pessoas a murmurar, e o que pareceram sapatos de tacão alto a bater em lajes.

— Está lá? — disse, alegremente. Jess continuou em silêncio. — Posso ajudar? — perguntou Annie, ainda com simpatia. Jess nada disse. — Quem fala? — Jess não respondeu. — Está aí alguém? Não consigo ouvir. Está lá? Ouça, pode ser uma falha de rede.

— Eu vi — disse Jess, lentamente. — Eu vi o que tu fizeste. — Seguiu-se uma longa pausa.

Quando acabou por falar outra vez, a voz de Annie foi quase um

murmúrio:

— O que queres de mim?

Mas a verdade era que já não havia nada que Jess quisesse de Annie, tão pouco havia maneira de desfazer o que ela fizera. As imagens, já as carregara para o YouTube, antes de sair de casa, e tinha-las enviado num e-mail para a polícia. O que aconteceria de seguida estava nas mãos da lei e da imprensa. O que que aconteceria de seguida era o resto da vida de Jess.

— Acabou — disse, e desligou.

Nikki

E assim, sem mais nem menos, acabou. Sem um agradecimento ou um pedido de desculpas. Depois de 25 anos. Apenas um telefonema rápido e brusco de Annie a dizer que, «obviamente», dadas as circunstâncias, não precisariam mais dos serviços de Nikki. Um telefonema. Um pagamento de um valor extraordinariamente avultado que caíra, sem alarido, na sua conta bancária.

Nikki não poderia ficar mais aliviada. Sempre que pensava no Home, sempre que pensava em Ned, sentia uma espécie de arrepio existencial a atravessar-lhe o corpo.

Algumas pessoas perguntaram-lhe o que iria fazer de seguida. Deveria estar, certamente, a receber propostas de emprego — os membros tinham passado anos a tentar caçá-la. Estava, certamente, apenas a fazer-se difícil e a ponderar as propostas. E era verdade. Uma ou duas pessoas tinham-na sondado com delicadeza, à saída do funeral de Ned — evento a que se obrigara a ir para manter as aparências, tal como se obrigara a manter um semblante neutro ao longo de todos os calorosos elogios que lhe haviam sido feitos.

O que Nikki lhes dizia, a essas pessoas com as suas perguntas, as suas propostas, era que, tão-só, não tinha a certeza de estar preparada para se lançar noutra cargo como aquele de momento. E as propostas não pararam de aumentar de valor, as condições tornaram-se cada vez mais vantajosas. E, mesmo assim, Nikki recusou educadamente ou adiou a decisão. E as pessoas continuaram a perguntar o que iria ela fazer e se tudo não lhe parecia terrivelmente monótono, depois da sua vida glamorosa com Ned. A

verdade era que ela fazia o que tinha de fazer em casa ou no jardim, encontrava-se com pessoas ao jantar, lia, e pensava em Kurt.

O seu filho.

Às vezes, quando estava sentada a ver televisão à noite, a preparar o jantar ou a correr no parque, consultava o relógio, fazia as contas para saber que horas eram em Nova Iorque, e tentava imaginar o que estaria ele a fazer, Kurt, como estaria a processar aquilo que ficara a saber na ilha. E passava-lhe pela cabeça telefonar-lhe, revelar-lhe a verdade, toda a verdade. Dava por si a perguntar-se se isso seria um gesto de gentileza ou de puro egoísmo, se, no lugar dele, queria saber, e se poderia realmente confiar nos sinais do seu próprio coração. As propostas de emprego continuaram a cair. De Londres. De Nova Iorque. De Los Angeles.

É difícil encontrar uma boa assistente pessoal.

No Home, sempre fora tradição organizar uma festa para assistir às cerimónias de entrega de prémios. Os Óscares. Os Emmys. Os Grammys. Os Brits. Toda a gente metida numa sala de cinema, com pipocas, afundadas num daqueles enormes sofás de couro, a aplaudir ou a rir dos cliques, a vaiar, a bater os pés no chão e a ovacionar quando era referido algum dos presentes, todas a atirar as pipocas contra o ecrã e a apupar sempre que ganhava a pessoa errada. Era divertido, e engraçado, ver as pessoas que conhecia ali, a fingir sorrir, a fingir aplaudir com sinceridade sempre que outra pessoa lhe roubava um prémio, e saber exatamente o que estavam a pensar e o que diriam da próxima vez que estivesse com elas. Era divertido e engraçado ver se algum dos vencedores fazia alguma alusão a Ned, ao Home, e vê-lo resmungar para dentro e fingir amuar quando não o faziam.

Este ano, não tencionava assistir a prémios alguns. Porque o faria? Já não se movimentava nesse meio. Porém, certa noite depois de um banho, enquanto se preparava para ir para a cama, acendeu a televisão e era precisamente um desses programas que estava a dar, mesmo no fim de uma

montagem de tributo a Jackson Crane, e via-se Georgia Crane na primeira fila a enxugar uma única lágrima, o ator sentado ao lado dela a pousar uma mão reconfortante no seu ombro despido. Depois, o apresentador disse qualquer coisa sobre Ron Cox. Se o comando estivesse mais perto, Nikki teria desligado a televisão antes sequer de reconhecer o homem de *smoking* que se aproximava do palco, que subia os degraus dois a dois, que caminhava para o pódio, dando uma palmadinha nas costas do apresentador.

Kurt Cox.

Fez-se silêncio, entrecortado por duas tossidelas disfarçadas, enquanto ele desdobrava a folha de papel e tirava do bolso do casaco uns óculos de leitura e ironizava o uso dos mesmos. Depois, com uma expressão séria, começou a falar do pai:

— Um homem que muitos de vocês conheceram em pessoa e milhões conheceram através dos seus filmes.

Tinha morrido. Ron Cox tinha morrido e Nikki nem sequer se apercebera, a notícia passara-lhe ao lado. Que estranha era a sua ausência no mundo, o homem que, outrora, ela julgara amar.

Agora, Kurt falava emotivamente sobre a gentileza que o pai revelara durante a sua infância, sobre as filmagens a que o pai os levava, todos aqueles adorados e maravilhosos filmes, sendo Kurt, por vezes, o primeiro a vê-los, e o pai reparava nas suas reações, pedia-lhe a opinião. Falou da generosidade do pai, das suas ações de beneficência, do amor que nutria pela família — ultrapassado apenas pelo seu amor ao golfe. Gargalhadas pela sala. Esse era o pai que ele conhecia, disse.

Mas havia também o homem que alguns *deles* conheceram. Que alguns deles ajudaram a capacitar. Acusações que tinham sido silenciadas e silenciadas e silenciadas outra vez, mas de que todos os presentes, em Hollywood, estavam a par. Sobre as raparigas, raparigas jovens, ameaçadas ou subornadas para manterem a boca fechada, sobre o vasto mecanismo de medo, manipulação e exploração sobre o qual a carreira do seu pai se

alicerçara.

De início, as câmaras alternavam entre o rosto dele e os rostos do público. Rostos zangados. Rostos assustados. Podia ver-se o anfitrião a um canto, sem saber o que fazer ou dizer, escutando, garantidamente, as vozes dos produtores a gritar-lhe ao ouvido.

Kurt a aumentava a cadência do discurso, chegando mesmo a afirmar que tinha de dizer aquilo antes que lhe cortassem o discurso com um intervalo. E agora falava de como as mulheres que tinham tentado dizer a verdade haviam sido destruídas, manipuladas. Como os apresentadores de *talk shows* faziam piadas sobre elas, como a imprensa havia procurado informações que lhes eram prejudiciais, como tinham sido aconselhadas a não recorrer aos tribunais. E tudo isso era errado. Aquilo que o pai fizera era errado — aproveitar-se da sua riqueza e do seu poder, primeiro para pressionar raparigas, e depois para as silenciar. E era isso que queria dizer sobre o pai e outros homens como ele que estavam sentados naquela sala. Que agora ele sabia, apesar de ter amado esse homem do fundo do coração, que não podia subir àquele palco e permitir que a memória do seu pai fosse polida e lustrada como uma estatueta de ouro.

Foi quando finalmente aumentaram o volume da música para abafar o microfone de Kurt e começaram a passar o vídeo pré-planeado de todos os momentos emotivos de todos os filmes emotivos de Ron Cox.

Muito tempo depois de desligar a televisão, Nikki permaneceu sentada, enxugando ocasionalmente a cara com a manga da camisola, ocasionalmente tirando um lenço de papel amarrotado do bolso do pijama para assoar o nariz. Não precisava de ir à Internet ver sobre o que as pessoas estariam a discutir ou a dizer sobre Ron Cox, sobre Kurt. Era capaz de prever que haveria quem defendesse Ron e acusasse Kurt, e que todas as pessoas cheias de opiniões estariam em pulgas para serem as primeiras a fazer um comentário provocatório e incorreto. Que as fileiras de soldados já estariam a formar-se.

Nikki pousou o telefone, foi até à janela e contemplou a penumbra, a árvores despidas ao fundo do relvado recortadas contra o céu iluminado em tons de laranja, a Lua por detrás das nuvens.

E assim permaneceu muito tempo, a pensar. Em Ron. Em Ned. Em todas as coisas que fizera na vida e em todas as coisas que ainda tinha de fazer. Sobre todas as maneiras como as pessoas moldam, retorcem e magoam as outras. Sobre as dificuldades, talvez até a impossibilidade, de conseguir corrigir alguns erros. Sobre o passado, o presente e o futuro. Sobre uma decisão, e um telefonema, devidos ao jovem que se orgulhava de ter dado à luz, uma decisão que, finalmente, chegara a hora de tomar.

Agradecimentos

Os dois últimos anos não foram os mais fáceis para quem quer que tenha tentado fazer alguma coisa e certamente não foram os mais fáceis para escrever um livro. Conseguirmos fazê-lo deve-se ao apoio dos nossos amigos, de familiares e um do outro — bem como das fabulosas equipas dos dois lados do Atlântico.

Gostaríamos ambos de agradecer aos nossos superinteligentes, sempre amáveis e compreensivos agentes Emma Finn da C&W e Hillary Jacobson da ICM — não temos palavras para exprimir o quanto agradecemos a vossa sabedoria e entusiasmo. Luke Speed (obrigado por responderes às nossas infinitas perguntas sobre todos os assuntos: és incrível!) e Anna Weguelin da Curtis Brown; Kate Burton, Jake Smith-Bosanquet, Matilda Ayris e a adorável equipa de direitos da C&W.

Na Harper, o nosso agradecimento a Doug Jones, à nossa editora Sarah Stein (um dia, iremos provar essas panquecas!), Hayley Salmon e Katherine Beitner; as equipas de vendas, produção, publicidade e marketing; e a equipa de artes gráficas que criou uma brilhante capa que capta a atmosfera da obra *O Clube*.

Na Mantle, o nosso editor Sam Humphries, Samantha Fletcher, Alice Gray e as equipas de vendas, produção, marketing e publicidade. Obrigado aos nossos primeiros criadores dos textos promocionais — Harriet Tyce, Cesca Major, Holly Watt, Charlotte Philby, Eliza-Jane Brazier. Estamos muito gratos!

À equipa da Book of the Month e às verdadeiras lendas que são Richard Madeley e Judy Finnigan e a equipa da WHSmith, por escolherem o nosso romance de estreia, *People Like Her*. A Collette gostaria de agradecer: às prolixas mulheres do outro lado do WhatsApp durante sucessivos confinamentos e não só — Holly Watt, Rebecca Thornton, Alice Wignall, Celia Walden; Sebastian Isaac, Richard Acton e Robert Boon, pelo seu profissionalismo e competência; Catherine Jarvie e Karolyn Fairs, por serem as nossas primeiras leitoras de confiança, como sempre; Lesley McGuire, Sagar Shah, Eleanor O’Carroll e Tanya Petsa, por tudo no geral; Amy Little (sobrevivemos!), Graham Banton e a tribo de rapazes de Banton, pelas caminhadas de domingo que permitiram manter a sanidade; as maravilhosas mulheres da Churchill & Partners — Beverley Churchill, Shelley Landale-Down; e Jo Lee e Dan Henshaw.

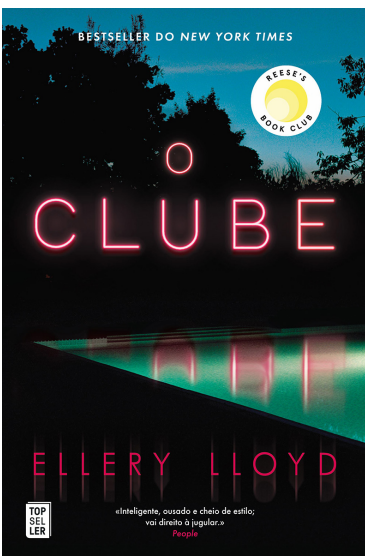
Pela sua ajuda, conselhos, apoio e incentivo ao longo dos anos, o Paul gostaria de agradecer: a Cara Harvey, Sarah Jackson, Julia Jordan, Louise Joy, Eric Langley, David McAllister, Adrian Poole, Peter Robinson, Claire Sargent, Oli Seares, Katy Stewart-Moore, Jane Vlitos e John Vlitos, bem como aos amigos e colegas da School of English Literature, Film and Creative Writing da Universidade de Surrey.

E, é claro, à nossa filha, que já está a ensaiar para se juntar à banda da família.

Sobre este livro

Toda a gente morre de vontade de pertencer a este Clube...

Mas se o seu nome estiver na lista, nunca mais dele conseguirá sair.



O Grupo Home tornou-se célebre pela sua coleção glamorosa de clubes privados espalhados por todo o mundo, onde os ricos e famosos podem divertir-se longe dos olhares curiosos dos fãs e dos *media*. O último investimento é o espetacular Island Home — um *resort* ultraluxuoso e bem guardado, ao largo da costa inglesa —, e a sua festa de lançamento, ao longo de três dias meticulosamente planeados, é o acontecimento mais cobiçado da década.

Mas, nos bastidores, as tensões acumulam-se perigosamente: o projeto, ambicioso e extraordinariamente dispendioso, levou o diretor executivo do grupo, bem como a sua equipa, ao limite, e em pouco tempo se torna óbvio que toda a gente tem algo a esconder — incluindo as celebridades com vidas aparentemente perfeitas que chegam à ilha.

À medida que os conflitos surgem e o ambiente se degrada, aquilo que

prometia ser um refúgio idílico rapidamente se transforma numa festa exclusiva para a qual os membros do Island Home começam a desejar nunca terem sido convidados...

«Magistral. Ellery Lloyd faz com que o leitor se interesse até por personagens incrivelmente desagradáveis.»

Publishers Weekly

Sobre Ellery Lloyd

ELLERY LLOYD é o pseudónimo do casal e equipa de escritores, Collette Lyons e Paul Vlitos.

Collette é jornalista e editora, tendo trabalhado como diretora de conteúdos na *Elle* (Reino Unido) e diretora editorial do grupo Soho House, de onde retirou inspiração para este livro. Tem escrito artigos para o *Guardian*, o *Telegraph* e o *Sunday Times*.

Paul é autor de dois romances, *Welcome to the Working Week* e *Every Day is Like Sunday*, e trabalha na Universidade de Surrey como coordenador do curso de Literatura Inglesa e Escrita Criativa.

Vivem em Londres.

SAIBA MAIS SOBRE OS AUTORES:

www.ellerylloyd.com